



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

VINICIUS DA SILVA VIEIRA

**UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO
PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA-CE**



C A P E S

FORTALEZA – CEARÁ

2020

VINICIUS DA SILVA VIEIRA

UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO
PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Vieira, Vinicius da Silva.

Uma análise variacionista das estratégias de relativização no português popular de Fortaleza-CE [recurso eletrônico] / Vinicius da Silva Vieira. - 2020.

186 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Programa de Pós-graduação Em Linguística Aplicada - Mestrado Acadêmico, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araujo.

1. Estratégias de relativização. 2. Sociolinguística Variacionista. 3. falar popular. 4. NORPOFOR. 5. Fortaleza-CE. I. Título.

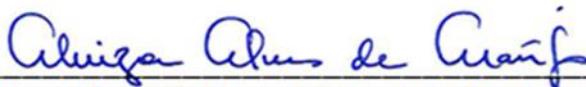
VINICIUS DA SILVA VIEIRA

UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO
PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 10 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Hebe Macêdo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao Pai Misericordioso.

“Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são inescrutáveis os Seus juízos e impenetráveis os Seus caminhos! De fato, quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi o Seu conselheiro? Ou quem se antecipou em dar-Lhe alguma coisa, de maneira a ter direito a uma retribuição? Na verdade, tudo é D’Ele, por Ele e para Ele. A Ele, a glória para sempre. Amém! ”

(Romanos 11, 33-36)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo, por me haver permitido, dentro de Sua Santa Vontade, vivenciar o Mestrado, dando-me a graça e o vigor para conciliá-lo com a Vida Religiosa.

À Virgem Maria, minha mãezinha do céu, por ter me protegido e intercedido por mim em todos os momentos, junto com o Meu Anjo da Guarda, com São José, com Santa Teresinha, com São Filipe Apóstolo, com Leônia Martin e toda a *família Martin*.

Ao meu pai espiritual e Fundador, Pai João Mariano, por seu exemplo de dedicação às coisas de Deus e por conceder-me a autorização de cursar o Mestrado, tendo-me apoiado ternamente em todos os momentos, ajudando-me a enxergar espiritualmente a vivência desse tempo e a vê-lo também como Vontade de Deus. Gratidão por você me ensinar a amar a Deus!

À minha mãezinha terrena, Carmem Sílvia (nome que significa *poesia*), que nunca mediu esforços para me dar bons valores e uma boa educação. Gratidão, mamãe! Amo você!

Ao meu pai, Sérgio José, por também ter se esforçado para me educar e, à sua maneira, apoiado-me no que fosse preciso. Gratidão, papai!

Aos meus irmãos biológicos — Thamires, Sérgio Vitor, Antônio Carlos e Thiago — por fazerem parte da minha história e apoiarem a minha trajetória!

Aos meus sobrinhos — Jhonatan, Douglas e Dávila — que os vi nascer e crescer, a vocês também pertence esta conquista!

Aos meus irmãos em Cristo na vida religiosa do Instituto — Ir. Bento, Ir. José Pio, Ir. Inácio, Ir. Tomás e Ir. Gabriel — pelas vezes que compreenderam minha ausência nas missões e nos trabalhos por conta dos estudos! Gratidão a esses irmãos que, junto com nosso Pai Fundador, são minha família!

Às minhas irmãs religiosas misericordianas, pela intercessão de sempre!

Aos irmãos leigos do Instituto que apoiaram e acompanharam de perto essa jornada.

À minha orientadora, Professora Aluiza Alves de Araújo, por ter acreditado em mim desde a graduação em Letras e se dedicado de forma tão humana, paciente e alegre à orientação de minha pesquisa, sabendo amenizar o fardo das exigências com a leveza dos sorrisos. Aluiza, você é um exemplo de humildade e simplicidade no meio acadêmico, tantas vezes embotado pela vanglória. Os meios acadêmicos precisam de pessoas como você! Gratidão!

À Rakel Viana, um ser humano incrível que encontrei no PosLA desde a seleção, por ser uma grande colega da sociolinguística e uma “irmã acadêmica” que me socorreu tantas vezes com

seus conhecimentos e experiência de vida, mostrando-se prestativa em todos os momentos com a sua exímia inteligência e senso de humanidade! Rakel, Deus te recompense por tudo!

À querida Pricila, que formatou com tanto zelo esta dissertação.

À diletta Aline, uma das únicas pessoas da minha turma com quem criei vínculo, pela sua doçura e humanidade, por conversar comigo sobre as realidades da fé e por ter se permitido ser amadrinhada por Santa Teresinha do Menino Jesus.

A todos os meus colegas da Turma de Mestrado 2019, aos que foram acolhedores comigo e também aos que não foram. Deus abençoe a todos!

Aos professores do PosLA, que contribuíram para a minha formação.

Aos professores Wilson Júnior e Valdecy Pontes, pelas valiosas contribuições dadas à minha pesquisa no Exame de Qualificação.

Ao Coordenador do PosLA, Prof. Dr. Lucineudo, pela sua constante dedicação aos alunos e às causas do Programa.

Aos secretários Jamille e Ismael, que sempre foram acolhedores, prestativos e pacientes comigo.

Ao Sr. Heleno, da limpeza, por sua simpatia e simplicidade.

Aos informantes do NORPOFOR, sem os quais eu não teria desenvolvido minha pesquisa, por colocarem suas falas e suas vidas ao dispor da ciência linguística.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, que foi fundamental para que eu desenvolvesse minha pesquisa.

RESUMO

Esta investigação teve como objetivo geral analisar a influência dos condicionadores linguísticos e sociais sobre a variação das estratégias de relativização na fala popular fortalezense, com base teórico-metodológica nos postulados da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008). Os dados analisados foram extraídos da fala de 54 informantes, todos selecionados de entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), pertencentes ao banco de dados Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Os grupos de fatores linguísticos que controlamos foram *traços semânticos ± humano, ± definido e ± singular do antecedente, função sintática do pronome relativo, distância entre o pronome relativo e o termo relativizado, estado de ativação do antecedente, preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo, posição da relativa em relação à principal, tipo de oração relativa, preposição regida pelo verbo/nome*; já as variáveis sociais testadas foram *sexo, faixa etária e escolaridade*. Nos dados de nossa amostra, encontramos um total de 883 ocorrências de orações relativas, confirmando nossa hipótese inicial de que a estratégia de relativização *cortadora* apresentaria frequência percentual superior às demais estratégias, com 82,2% dos dados, contra 12% para a *padrão* e 5,8% para a *copiadora*. Realizamos três análises binárias: a primeira rodada foi com dados de orações *relativas não padrão (cortadoras e copiadoras) x relativas padrão*; a segunda, de orações *relativas cortadoras x relativas padrão*; e a terceira, de orações *relativas copiadoras x relativas padrão*. Nossos resultados mostraram como aliados às relativas *não padrão* (junção *cortadoras + copiadoras*) os grupos de fatores *preposição regida pelo verbo/nome (de e com), tipo de oração relativa (restritiva), função sintática do pronome relativo (complemento relativo e adjunto adverbial), traço semântico ± definido do antecedente (-definido) e faixa etária (II e III)*. Para a estratégia *cortadora*, as variáveis beneficiadoras foram *função sintática do pronome relativo (complemento relativo e adjunto adverbial), tipo de oração relativa (restritiva), preposição regida pelo verbo/nome (de e com) e traço semântico ± definido do antecedente (-definido)*. Já a estratégia *copiadora* foi relevantemente favorecida pelos grupos *traço semântico ± humano do antecedente (+humano), preposição regida pelo verbo/nome (de e com), faixa etária (II e III), traço semântico ± definido do antecedente (-definido) e função sintática do pronome relativo (complemento circunstancial e complemento relativo)*. Concluímos que o comportamento variável das estratégias de relativização revelou-se altamente sistêmico, ou seja, condicionado preponderantemente por fatores linguísticos, uma vez que a *faixa etária* foi

o único grupo de fatores extralinguísticos sinalizado como estatisticamente relevante em duas das três rodadas estatísticas, indicando as relativas como um caso de variação estável no falar popular fortalezense.

Palavras-chave: Estratégias de relativização. Sociolinguística Variacionista. Falar popular. NORPOFOR. Fortaleza-CE.

ABSTRACT

This investigation had as general objective to analyze the influence of linguistic and social conditioners on the variation of the relativization strategies in popular speech of Fortaleza-CE, with theoretical and methodological basis in the postulates of Variationist Sociolinguistics (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2001, 2008). The data analyzed were extracted from the speech of 54 informants, all selected from sociolinguistic interviews of the type DID (Dialogue between Informant and Documenter), belonging to the database of the Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). The groups of linguistic factors that we controlled were *semantic traits ± human, ± defined and ± singular of the antecedent, syntactic function of the relative pronoun, distance between the relative pronoun and the relative term, state of activation of the antecedent, preposition used by the antecedent and the pronoun relative, relative position in relation to the main clause, type of relative clause, preposition ruled by the verb/name*; and the social variables tested were *sex, age and schooling*. In the data of our sample, we found a total of 883 occurrences of relative clauses, confirming our initial hypothesis that the cut relativization strategy *cutter* would present a percentage frequency higher than the other strategies, with 82.2% of the data, against 12% for the *standard* and 5.8% for the *copier*. We performed three binary analyzes: the first round was with data on *non-standard relative clauses (cutters and copiers) x standard relative*; the second, of *cutter relative x standard relative clauses*; and the third, of *clauses relative copiers x relative to standard*. Our results showed as groups of *preposition rules by the verb/name (of and with), type of relative sentence (restrictive), syntactic function of the relative pronoun (relative complement and adverbial adjunct), semantic feature ± defined of the antecedent (-defined) and age group (II and III)*. For the *cutter* strategy, the beneficiary variables were *syntactic function of the relative pronoun (relative complement and adverbial adjunct), type of relative clause (restrictive), preposition ruled by the verb/name (of and with) and semantic feature ± defined from the antecedent (-defined)*. The *copier* strategy was relevantly favored by the groups of *semantic traits ± human of the antecedent (+human), preposition ruled by the verb/name (of and with), age group (II and III), semantic trait ± defined of the antecedent (-defined) and syntactic function of the relative pronoun (circumstantial complement and relative complement)*. We conclude that the variable behavior of the relativization strategies proved to be highly systemic, that is, conditioned mainly by linguistic factors, since the *age group* was the only group of extralinguistic factors signaled as statistically relevant in two of

the three statistical rounds, indicating the relative as a case of stable variation in Fortaleza popular speech.

Keywords: Relativization strategies. Variationist Sociolinguistics. Popular speech. NORPOFOR. Fortaleza-CE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	–	Processo de relativização em contexto preposicionado.....	24
Quadro 2	–	Esquema da relativização proposta por Lees (1966).....	42
Quadro 3	–	Transformação da cláusula relativa proposta por Jacobs e Rosenbaum (1970)	42
Quadro 4	–	Pronomes no latim clássico.....	45
Quadro 5	–	Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB.....	70
Quadro 6	–	Enquadramento dos estudos variacionistas sobre as estratégias de relativização quanto à variação e mudança linguística.....	81
Quadro 7	–	Distribuição dos informantes do NORPOFOR por <i>sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro</i>.....	86
Quadro 8	–	Amostra de análise com a estratificação dos informantes por variáveis sociais controladas em nosso estudo.....	88
Quadro 9	–	Distribuição dos informantes de nossa amostra por nº de inquérito/atividade ou profissão/sexo/escolaridade/faixa etária/bairro e regionais.....	88
Quadro 10	–	Síntese dos fatores favorecedores de cada variante em nossa investigação.....	166
Quadro 11	–	Checagem das hipóteses iniciais sobre as variáveis relevantes nas 3 rodadas.....	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Retenção pronominal em três funções sintáticas através de quatro períodos de tempo.....	48
Gráfico 2	–	Uso das três estratégias de relativização em quatro períodos de tempo.....	49
Gráfico 3	–	Uso das três estratégias de relativização comparado à retenção pronominal em função de complemento verbal preposicionado em quatro períodos de tempo.....	50
Gráfico 4	–	Frequências das variantes <i>cortadora</i> , <i>copiadora</i> e <i>padrão</i> em nossa amostra.....	116
Gráfico 5	–	Frequências das variantes <i>cortadora</i> , <i>copiadora</i> e <i>padrão</i> em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo.....	117
Gráfico 6	–	Frequências gerais do estudo de Pinheiro (1998) e do nosso estudo.....	118
Gráfico 7	–	Frequências da rodada <i>relativas padrão vs. relativas não padrão</i> ..	120
Gráfico 8	–	Frequências das variantes <i>padrão</i> e <i>não padrão</i> em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo.....	120
Gráfico 9	–	Frequências da rodada <i>relativas cortadoras vs. relativas padrão</i>	132
Gráfico 10	–	Frequências das variantes <i>cortadora</i> e <i>padrão</i> em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo.....	133
Gráfico 11	–	Frequências da rodada <i>relativas copiadoras vs. relativas padrão</i> ...	149
Gráfico 12	–	Frequências gerais dos estudos que tomaram a variante <i>copiadora</i> como aplicação da regra.....	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Atuação da variável <i>preposição regida pelo verbo/nome</i> sobre as relativas <i>não padrão (não padrão vs. padrão)</i>	122
Tabela 2	– Atuação da variável <i>tipo de oração relativa</i> sobre as relativas <i>não padrão (não padrão vs. padrão)</i>	124
Tabela 3	– Atuação da variável <i>função sintática do pronome relativo</i> sobre as relativas <i>não padrão (não padrão vs. padrão)</i>	126
Tabela 4	– Atuação da variável <i>traço semântico ± definido do antecedente</i> sobre as relativas <i>não padrão (não padrão vs. padrão)</i>	128
Tabela 5	– Atuação da variável <i>faixa etária</i> sobre as relativas <i>não padrão (não padrão vs. padrão)</i>	130
Tabela 6	– Atuação da variável <i>função sintática do pronome relativo</i> sobre as relativas <i>cortadoras (cortadoras vs. padrão)</i>	136
Tabela 7	– Atuação da variável <i>tipo de oração relativa</i> sobre as relativas <i>cortadoras (cortadoras vs. padrão)</i>	141
Tabela 8	– Atuação da variável <i>preposição regida pelo verbo/nome</i> sobre as relativas <i>cortadoras (cortadoras vs. padrão)</i>	144
Tabela 9	– Atuação da variável <i>traço semântico ± definido do antecedente</i> sobre as relativas <i>cortadoras (cortadoras vs. padrão)</i>	147
Tabela 10	– Atuação da variável <i>traço semântico ± humano do antecedente</i> sobre as relativas <i>copiadoras (copiadoras vs. padrão)</i>	153
Tabela 11	– Atuação da variável <i>preposição regida pelo verbo/nome</i> sobre as relativas <i>copiadoras (copiadoras vs. padrão)</i>	155
Tabela 12	– Atuação da variável <i>faixa etária</i> sobre as relativas <i>copiadoras (copiadoras vs. padrão)</i>	157
Tabela 13	– Atuação da variável <i>traço semântico ± definido do antecedente</i> sobre as relativas <i>copiadoras (copiadoras vs. padrão)</i>	158
Tabela 14	– Atuação da variável <i>função sintática do pronome relativo</i> sobre as relativas <i>copiadoras (copiadoras vs. padrão)</i>	160

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	27
3	O FENÔMENO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	41
3.1	Apresentação do fenômeno.....	41
3.2	Breve percurso histórico da variação das estratégias de relativização.....	45
3.3	As estratégias de relativização na visão dos gramáticos normativos e descritivos.....	51
3.3.1	O fenômeno sob o viés das gramáticas normativas.....	51
3.3.2	O fenômeno sob o viés das gramáticas descritivas.....	53
3.4	Estudos variacionistas sobre as estratégias de relativização no Português Brasileiro.....	58
4	METODOLOGIA.....	83
4.1	Tipo de pesquisa.....	83
4.2	Comitê de Ética.....	84
4.3	O <i>corpus</i>, os informantes e a amostra.....	85
4.4	A comunidade de fala fortalezense.....	90
4.5	Variáveis.....	93
4.5.1	Variável dependente.....	94
4.5.2	Variáveis independentes.....	97
4.5.2.1	<i>Variáveis linguísticas.....</i>	98
4.5.2.1.1	<i>Traço semântico ±humano do antecedente.....</i>	98
4.5.2.1.2	<i>Traço semântico ±definido do antecedente.....</i>	99
4.5.2.1.3	<i>Traço mórfico ±singular do antecedente.....</i>	99
4.5.2.1.4	<i>Função sintática do pronome relativo.....</i>	99
4.5.2.1.5	<i>Distância entre o pronome relativo e o termo relativizado.....</i>	101
4.5.2.1.6	<i>Status informacional do antecedente.....</i>	102
4.5.2.1.7	<i>Preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo.....</i>	102
4.5.2.1.8	<i>Posição da relativa em relação à oração principal.....</i>	103
4.5.2.1.9	<i>Tipo de oração relativa.....</i>	103

4.5.2.1.10	<i>Preposição regida pelo verbo/nome</i>	104
4.5.2.2	<i>Variáveis sociais</i>	105
4.5.2.2.1	<i>Sexo</i>	106
4.5.2.2.2	<i>Faixa etária</i>	107
4.5.2.2.3	<i>Escolaridade</i>	107
4.6	Levantamento de dados	108
4.7	Codificação dos fatores	109
4.8	O programa computacional	110
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	115
5.1	Frequências gerais das estratégias de relativização	116
5.2	Primeira rodada: relativas não padrão vs. relativas padrão	119
5.2.1	<i>Preposição regida pelo verbo/nome</i>	122
5.2.2	<i>Tipo de oração relativa</i>	124
5.2.3	<i>Função sintática do pronome relativo</i>	126
5.2.4	<i>Traço semântico ± definido do antecedente</i>	128
5.2.5	<i>Faixa etária</i>	129
5.2.6	<i>Súmula dos resultados da rodada não padrão vs. padrão</i>	131
5.3	Segunda rodada: relativas cortadoras vs. relativas padrão	132
5.3.1	<i>Função sintática do pronome relativo</i>	135
5.3.2	<i>Tipo de oração relativa</i>	141
5.3.3	<i>Preposição regida pelo verbo/nome</i>	143
5.3.4	<i>Traço semântico ± definido do antecedente</i>	147
5.3.5	<i>Súmula dos resultados da rodada cortadoras vs. padrão</i>	148
5.4	Terceira rodada: relativas copiadoras vs. relativas padrão	149
5.4.1	<i>Traço semântico ± humano do antecedente</i>	153
5.4.2	<i>Preposição regida pelo verbo/nome</i>	155
5.4.3	<i>Faixa etária</i>	156
5.4.4	<i>Traço semântico ± definido do antecedente</i>	158
5.4.5	<i>Função sintática do pronome relativo</i>	159

5.4.6	Súmula dos resultados da rodada <i>copiadoras vs. padrão</i>	163
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS	172
	APÊNDICE A – CHAVE DE CODIFICAÇÃO PARA AS	
	ORAÇÕES RELATIVAS NO NORPOFOR	181
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UECE...	183

1 INTRODUÇÃO

Com base nos estudos sociolinguísticos, que não concebem a língua como estrutura pronta, acabada e impassível de mudanças, é de extrema importância analisar como se dá o caráter de variação linguística. Assim como diversos aspectos na vida do ser humano estão sujeitos a variações e modificações por motivos diversos, com a língua(gem) não acontece de forma diferente. Nesse âmbito, a atenção à instância da variação linguística deve-se ao fato de que diversos fatores influenciam a maneira de falar dos usuários de uma língua e também no modo como os falantes avaliam e percebem a língua em seus usos. Tais fatores (os mais clássicos) são *origem, idade, sexo, escolaridade*, entre outros, os quais permitem o estudo da relação entre língua e sociedade, ou seja, o estudo da Sociolinguística Variacionista, que, concebendo a língua como inerentemente social, apresenta um arcabouço teórico-metodológico que explica como os condicionadores linguísticos e principalmente os sociais interferem no seu uso.

Vale ressaltar que a variação e a mudança linguística se inserem no rol da linguagem como prática social por trazer reflexões sobre os falares de diversas comunidades, as avaliações que os falantes fazem acerca da língua que usam, os paradigmas estabelecidos na sociedade frente a esse uso, os fenômenos variáveis que ocorrem e vão constituindo uma gramática de língua falada, entre outras.

Assim, perante essas considerações, é preciso ater-se à natureza heterogênea da língua, e isso não faz dela um objeto de estudo sem solidez, uma vez que a língua é um sistema bastante organizado, e o é de tal maneira que todos os falantes de uma determinada comunidade linguística conseguem estabelecer comunicação entre si. Não obstante o seu caráter organizado e sistematizável, a língua não está isenta de variações, haja vista os fatores mencionados interferirem no seu uso, até porque as próprias variações devem ser estudadas e também podem ser sistematizadas no âmbito da pesquisa científica. Essa possibilidade é respaldada pela Teoria da Variação e Mudança Linguística instaurada por Labov, um dos linguistas responsáveis pelos postulados concernentes à concepção social de língua.

Na vasta seara dos usos linguísticos, encontramos inúmeros fenômenos variáveis, que abarcam todos os níveis de análise linguística: lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. As variações linguísticas podem ainda acontecer com alguns desses níveis em interface, como são os casos morfofonológicos e morfossintáticos. Para a presente investigação, elegemos como tema as estratégias de relativização (orações

relativas) sob a perspectiva variacionista, delimitando-o para as ocorrências desse fenômeno, de natureza sintática, no português popular de Fortaleza-CE.

O fenômeno da relativização é bastante frequente nas línguas naturais, uma vez que está diretamente ligado ao fato de, em nossas interações humanas, estarmos recorrentemente fazendo a reativação dos referentes que construímos na fala e na escrita, isto é, fazendo menção aos termos que já empregamos em uma dada comunicação, a fim de evitarmos repetições e sermos efetivos nos sentidos que queremos expressar. Essa capacidade de fazermos remissões a termos que já enunciamos nas cadeias comunicativas que empreendemos denomina-se *referenciação* e está inserida na nossa competência comunicativa, a qual consiste na capacidade de o indivíduo lançar mão de sua língua-alvo de maneira adequada/apropriada, norteando-se pelos distintos e variados contextos da comunicação humana (HYMES, 1995). Em outras palavras, a competência comunicativa é a capacidade de conseguir adequar os recursos comunicativos aos mais variados contextos de uso. Logo, a referenciação é um desses recursos, que se manifesta por meio de mecanismos “[...] de ordem ‘gramatical’ – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos)” (KOCH, 2016, p. 46), além de outros mecanismos linguísticos. Como podemos notar pelo que diz Koch (2016), a referenciação pode ser construída com os pronomes relativos, ou seja, as orações relativas também são um meio de fazer remissões na comunicação.

No que se refere à variação linguística dessas orações, o português brasileiro (doravante, PB) dispõe de três estratégias de relativização, ilustradas a seguir:

- I. O seguro de saúde deveria incluir até o remédio *de que a pessoa precisa*.
- II. O seguro de saúde deveria incluir até o remédio *que a pessoa precisa dele*.
- III. O seguro de saúde deveria incluir até o remédio *que a pessoa precisa*.¹

O caso de variação em tela se explica pelo fato de termos três formas diferentes de dizer uma mesma coisa, com o mesmo valor de verdade num mesmo contexto, conforme preconiza Labov (2008). No caso das ocorrências² acima, temos três maneiras de estruturar a oração relativa para transmitir uma mesma informação: em I, temos a estratégia *padrão*,

¹ Essa ocorrência de oração relativa *cortadora* foi retirada do inquérito nº 62 do NORPOFOR. Os outros dois exemplos foram elaborados a partir deste, a fim de explicarmos a variação do fenômeno com uma mesma sentença relativa.

² No capítulo de Metodologia, detalharemos os tipos de ocorrências que consideramos como dados em nossa análise.

evidenciada pelos gramáticos normativos, conforme podemos visualizar a regência verbal, sendo obedecida a partir do uso da preposição; em II, temos a estratégia não padrão denominada de *copiadora*, que, segundo a literatura do tema, é estigmatizada (MOLLICA, 1977; CORREA, 1998; BARROS, 2000; SILVA, 2011; RAMOS, 2015), justamente pelo fato de o termo já relativizado (*remédio*) pelo pronome relativo (*que*) ser copiado na oração subordinada por um termo correferencial (*dele*), chamado de *lembrete* ou *cópia*, que geralmente é um pronome, mas também pode ser um advérbio locativo, um quantificador pronominal neutro ou até um sintagma nominal (RAPOSO *et al.*, 2013); e, em III, temos a estratégia não padrão conhecida por *cortadora*, amplamente utilizada no PB, na qual há a omissão da preposição regida pelo verbo, sem acréscimo de *elemento cópia*.

Portanto, os tipos de estratégias relativas de ambiência preposicionada, mostradas em I, II e III, constituem um fenômeno variável de natureza sintática que se manifesta em múltiplas variedades geográficas do PB. Segundo Bispo (2007), o emprego das orações adjetivas em desacordo com as gramáticas prescritivas é bastante frequente nas falas espontâneas e ocorre, sobretudo, quando os pronomes relativos assumem funções preposicionadas, como objeto indireto, complemento nominal, complemento relativo, adjunto adverbial, entre outras.

No que tange ao estado da arte, o estudo de Mollica (1977) foi o ponto de partida para a compreensão do fenômeno das estratégias de relativização no PB, tendo sido continuado de uma forma mais ampla pela investigação empreendida por Tarallo (1983), que abordou o fenômeno sob o aparato diacrônico, gerativista e variacionista. Mollica (1977) focou sua investigação na estratégia *copiadora*, enquanto Tarallo (1983), além de também trazer reflexões sobre essa estratégia não padrão, evidenciou uma outra, a relativa *cortadora*, que, segundo o autor, adentrou ao PB no século XIX por ocasião de bruscas mudanças no quadro pronominal da língua portuguesa falada no Brasil. A partir do pioneirismo desses autores, outras investigações foram surgindo e evocando mais discussões acerca desse tema, instigante até hoje.

A partir das várias reflexões que a temática suscita, muitos estudos são empreendidos acerca das orações relativas sob diferentes perspectivas: formalismo (LONGO, SOUZA; MICHELIN, 1994; SOUZA, 2007; KENEDY, 2008; KENEDY, 2014); funcionalismo (BISPO, 2007; BISPO, 2009; SOUZA, 2009; AMORIM, 2011; CAMACHO, 2013; BISPO, 2014; CÂMARA, 2015); aquisição da linguagem (MATTA, 1999; PERRONI, 2001; LESSA DE OLIVEIRA, 2008; ABREU, 2013); e variacionismo (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; KATO *et al.*, 1996; CORRÊA, 1998; PINHEIRO, 1998; BARROS, 2000;

BURGOS, 2003; SILVA, 2011; AVELHEDA, 2014; RAMOS, 2015; SANTOS, 2015; MACHADO, 2015; SILVA; FIGUEIREDO; ARAÚJO, 2016; COAN; CARVALHO, 2016; SILVA, 2018). Desse modo, percebemos que a relativização se configura como um campo fértil para as investigações linguísticas. Contudo, não faz parte de nossos objetivos esgotar toda essa gama de vertentes acerca da temática, portanto nosso foco será apenas nos estudos que, como o nosso, investigaram o fenômeno à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008).

Em nossas pesquisas prévias, além de identificarmos um número considerável de trabalhos que exploraram o assunto no Brasil, tomamos o conhecimento de que já existe um estudo realizado em Fortaleza-CE sobre o tema. Trata-se da pesquisa de Pinheiro (1998), que investigou as orações relativas na fala dos fortalezenses cultos, elucidando os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a variação dos processos de relativização nessa comunidade de fala. Frisamos que, mais adiante, na revisão de literatura, descreveremos os detalhes acerca desse trabalho e de outros que exploraram o tema no PB.

Tendo-nos deparado com o fenômeno variável das estratégias de relativização, escolhemos estudá-las sob o viés sociolinguístico, a fim de conhecermos como elas se manifestam na comunidade de fala fortalezense, com base em ocorrências de amostra do banco de dados Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza (ARAÚJO, 2011), doravante NORPOFOR³, compreendendo tanto as marcas linguísticas quanto os contextos sociais que condicionam a referida variação. O tom diferencial deste estudo está em ele se debruçar sobre uma temática que não é abordada há mais de 20 anos em Fortaleza-CE e que ainda não foi estudada no português popular da referida capital, tendo em vista que o estudo já realizado se deu com a análise da fala culta. Dessa forma, esta investigação se unirá aos demais estudos que contemplam outros fenômenos variáveis, numa busca de contribuir para o conhecimento das especificidades do português falado em Fortaleza-CE.

Não obstante o respaldo desse fenômeno tenha sido evidenciado por várias pesquisas no Brasil que o tomaram por objeto de estudo, inclusive na mencionada investigação com a variedade culta de Fortaleza, identificamos uma lacuna a ser preenchida: nenhum estudo foi realizado acerca das estratégias de relativização na variedade popular da capital cearense. Isso nos direciona a apontar que o quadro sociolinguístico do fenômeno em questão ainda não foi completamente investigado, uma vez que Fortaleza possui diferentes variedades linguísticas, e, destas, a pesquisa já realizada só abrangeu a dos informantes cultos

³ Explanaremos mais detalhes acerca desse *corpus* no capítulo de Metodologia.

(graduados); logo, precisamos analisar as estratégias de relativização também na norma falada popular.

Nesse ínterim, tendo em vista que o termo *norma* apresenta um vasto espraiamento conceitual, adotamos o conceito de *norma* enquanto um conjunto de formas linguísticas associadas aos valores socioculturais que caracterizam o modo como falam as pessoas de um determinado grupo (FARACO, 2008); afunilando, afirmamos que entendemos por *norma popular* a que emerge no uso de falantes não graduados (VIEIRA, 2013), que possuem escolaridade inexistente ou de nível básico (incompleta ou completa) (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018); essa visão aponta como inoperante o critério defendido por Lucchesi (2006) de que a norma popular define-se como aquela que é usada por maiorias populacionais desprovidas de educação formal.

Posto tudo isso, no início desta empreitada científica, levantamos nossa questão geral de pesquisa, a saber: como se manifesta o comportamento variável das estratégias de relativização no português popular de Fortaleza quanto aos condicionadores linguísticos, aos condicionadores sociais e aos aspectos da mudança linguística? Essa questão geral desdobra-se nas seguintes específicas:

- a) Quais variáveis linguísticas (*traços semânticos do antecedente ± humano, ± definido e ± singular, função sintática do pronome relativo, distância entre o pronome relativo e o termo relativizado, estado de ativação do antecedente, preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo, posição da relativa em relação à principal, tipo de oração relativa, preposição regida pelo verbo/nome*) condicionam as estratégias de relativização *padrão, cortadora e copiadora* no português popular fortalezense?
- b) Quais variáveis sociais (*sexo, faixa etária e escolaridade*) condicionam as estratégias de relativização *padrão, cortadora e copiadora* no falar popular fortalezense?
- c) O comportamento variável das estratégias de relativização *não padrão* recebe o enquadramento de uma possível mudança em curso ou de um processo de variação estável no português popular da comunidade de fala em análise?

Formuladas nossas questões e com o intuito de traçar um caminho para responder a elas, formulamos o nosso objetivo geral, que é: analisar a influência dos condicionadores linguísticos e sociais sobre a variação das estratégias de relativização *padrão, copiadora e*

cortadora na fala popular fortalezense, com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista. Tal objetivo ramificou-se nos seguintes específicos:

- a) Investigar a influência que as variáveis linguísticas (traços semânticos do antecedente \pm *humano*, \pm *definido* e \pm *singular*, função sintática do pronome relativo, distância entre o pronome relativo e o termo relativizado, estado de ativação do antecedente, preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo, posição da relativa em relação à principal, tipo de oração relativa, preposição regida pelo verbo/nome) exercem sobre a variação nas estratégias de relativização *padrão*, *cortadora* e *copiadora* no português popular fortalezense;
- b) Analisar a influência que as variáveis sociais (*sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*) exercem sobre a variação nas estratégias de relativização *padrão*, *cortadora* e *copiadora* no falar popular fortalezense;
- c) Averiguar se as estratégias de relativização *não padrão*, na comunidade de fala popular fortalezense, enquadram-se como uma possível mudança em curso ou como um processo de variação estável.

Após termos estabelecido nossos objetivos, fiamo-nos em levantar as hipóteses para a nossa pesquisa, a partir dos estudos variacionistas que identificamos e lemos acerca do fenômeno das estratégias de relativização no PB, bem como de observações prévias que fizemos no *corpus*. Para fins de maior clareza, achamos por bem, nesta dissertação, distribuir as 12 hipóteses constantes em nosso projeto de pesquisa para cada uma das variantes do fenômeno (*cortadora*, *copiadora* e *padrão*). Para a realização da estratégia *cortadora*, hipotetizamos que são favorecedores os seguintes fatores: os traços semânticos $-$ *humano*, $+$ *definido* e $-$ *singular* do antecedente; a função sintática de *objeto indireto* para o pronome relativo; a *ausência* de elementos intervenientes entre a oração relativa e o termo relativizado; a *informação dada* para o *status* informacional do antecedente; o requerimento de preposições *iguais* por parte do antecedente e do pronome relativo; a posição da oração relativa *encaixada* em relação à oração principal; a oração do tipo *restritiva*; as preposições *por*, *de*, *com* e a regidas pelo verbo/nome; o sexo *feminino*; todas as faixas etárias, sobretudo os mais *jovens*; os informantes *menos* escolarizados.

Já para o privilegiamento da relativa *copiadora*, levantamos hipóteses em relação a estes fatores: os traços semânticos $+$ *humano*, $-$ *definido* e $+$ *singular* para o antecedente; a

função sintática de *adjunto adverbial* para o pronome relativo; a *presença* de elementos intervenientes entre a oração relativa e o termo relativizado; a *informação dada* para o *status* informacional do antecedente; o requerimento de preposições *iguais* por parte do antecedente e do pronome relativo; a posição da oração relativa *à direita* em relação à oração principal; a oração do tipo *explicativa*; as preposições *por, de, com* e *a* regidas pelo verbo/nome; o sexo *feminino*; os informantes *menos* escolarizados.

Para a realização da oração relativa *padrão*, por sua vez, hipotetizamos que os seguintes fatores a beneficiam: a função sintática de *adjunto adverbial* para o pronome relativo; a *informação nova* para o *status* informacional do antecedente; o requerimento de preposições *diferentes* por parte do antecedente e do pronome relativo; a posição da oração relativa *à direita* em relação à oração principal; a oração do tipo *restritiva*; a preposição *em* regida pelo verbo/nome; o sexo *masculino*; os informantes *mais* escolarizados.

Levantamos, ainda, três hipóteses de ordem panorâmica para o fenômeno, quais sejam: as variáveis linguísticas condicionam mais a variação das estratégias relativas do que as variáveis sociais; o uso das relativas *cortadoras* é majoritário em relação às demais variantes; e as estratégias de relativização enquadram-se como um caso de variação estável no falar popular fortalezense.

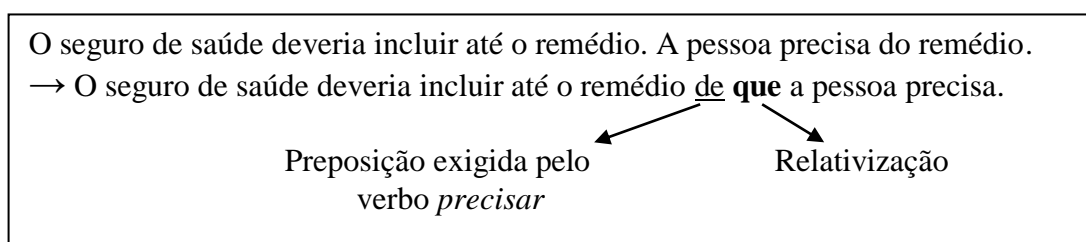
Após termos elucidado nossas questões, objetivos e hipóteses, reforçamos que o nosso estudo se faz necessário porque lançará um olhar analítico sobre as estratégias de relativização na norma popular fortalezense, acreditando que essa comunidade de fala também apresenta suas particularidades sociolinguísticas ante o fenômeno. Dessa forma, conheceremos mais sobre os fortalezenses a partir do que a sua gramática de fala popular tem a fornecer para o vasto quadro de reflexões acerca da variação e mudança linguística no cenário sociolinguístico do PB, principalmente no que concerne ao fenômeno das orações relativas.

Salientamos também que nossa investigação se filia a um projeto de pesquisa maior, intitulado *Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE*, vinculado ao Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE e coordenado pela Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo. Tal projeto tem a finalidade de descrever e analisar os fenômenos que se mostram variáveis, e até mesmo em processo de mudança, no português falado de Fortaleza. Logo, a investigação que empreenderemos virá para somar-se aos estudos já existentes no escopo desse importante projeto de pesquisa.

Não podemos deixar de considerar que analisar as estratégias de relativização sob um viés variacionista também traz implicações e contribuições para o ensino de língua portuguesa, fornecendo subsídios descritivos e analíticos para materiais didáticos e gramáticas, bem como para a abordagem em sala de aula, auxiliando o professor de língua portuguesa na formação da consciência linguística dos alunos. No âmbito da variação linguística, para forjar essa consciência linguística em seus alunos, segundo Bortoni-Ricardo (2004), o professor pode utilizar-se de duas atitudes em seu fazer pedagógico, às quais deve recorrer ao notar a realização de uma forma variável usada por seus alunos: a *detecção* da diferença, que ocorre quando possui uma atenção aguçada mediante as variantes de qualquer fenômeno que os alunos venham a utilizar; e a *conscientização* dessa diferença, em que o professor leva o aluno a conscientizar-se das variantes que produz, para que possa monitorar seus estilos de acordo com os contextos comunicativos que o circundam.

Especificamente, no que diz respeito às orações relativas, em termos de norma padrão, além de haver a relativização de um termo por meio do pronome relativo, deve-se ter a atenção também para a regência do verbo que exige preposição, conforme o esquema disposto no quadro 1, a seguir, construído a partir de uma ocorrência de oração relativa retirada da nossa amostra (Inquérito DID nº 62 do NORPOFOR):

Quadro 1 – Processo de relativização em contexto preposicionado



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, a articulação ilustrada nem sempre é obedecida, e são frequentes construções, principalmente no vernáculo, que preservam o conteúdo semântico que seriam veiculados em uma estratégia *padrão*, mas o relativizam de outras formas, como em “O seguro de saúde deveria incluir até o remédio que a pessoa precisa dele.” e “O seguro de saúde deveria incluir até o remédio que a pessoa precisa.”, nas quais o termo relativizado é copiado por outro pronome e a preposição é omitida, respectivamente. Assim, entendemos melhor o fato de Mollica (1977), em seu trabalho pioneiro no tema, ter evidenciado que a variação é maior quando o antecedente (ou termo relativizado) é um sintagma preposicionado. Isso explica nosso recorte para as relativas de contexto sintático preposicionado. Não obstante

estruturas como essas parecerem difíceis aos alunos, ressaltamos que a investigação sociolinguística acerca das estratégias de relativização contribui para o ensino não por refletir a facilidade ou dificuldade da estruturação da sentença adjetiva, mas por ser capaz de explicar empiricamente fatores de ordem linguística e social que condicionam essa variação. Nesse ponto, devemos entender que

apresentar os tipos de estratégias de relativização aos alunos requer do professor uma postura não discriminatória, sem nenhum tipo de juízo de valor em relação aos usos de qualquer das formas de organização das orações relativas. Isso implica evidenciar as várias possibilidades de recursos que a língua oferece ao usuário. (SOUZA; RODRIGUES, 2014).

O que as autoras ponderam faz com que o professor de língua portuguesa possa repensar o ensino de gramática. Em convergência com elas, Bispo (2007) defende que, nesse repensar, o ensino seria algo produtivo, no qual as formas linguísticas emergentes dos contextos reais de uso poderiam se tornar objeto de reflexão em sala de aula, compreendendo-se a modalidade padrão como uma das possibilidades de emprego, e não a única. Dessa forma, desenvolve-se a competência comunicativa dos alunos, que diz respeito aos contextos cotidianos e propósitos comunicativos a partir dos quais uma ou outra forma é utilizada por eles. Além do mais, reconhecendo-se os contextos linguísticos reais desses alunos, caminhos se abrem para aprender e até mesmo sistematizar usos variáveis na língua.

Acreditamos que nossa proposta de investigação se justifica fortemente pelas considerações levantadas sobre a importância do fenômeno das estratégias de relativização, bem como pelas contribuições que a investigação desse tema tem a oferecer para os estudos sociolinguísticos e o ensino de língua portuguesa. Tudo isso serve de motivação e impulso para cumprirmos a nossa finalidade com este estudo: apresentar uma fotografia variacionista do fenômeno em questão no português popular fortalezense.

Quanto à composição retórica, a presente dissertação é constituída de seis seções (capítulos), afora as referências bibliográficas, os anexos e os apêndices dos quais nos utilizamos. Em seguida a esta introdução, na segunda seção, trazemos os postulados da Teoria da Variação e Mudança Linguística que embasam nosso estudo. Na terceira, fazemos uma apresentação panorâmica das estratégias de relativização, traçamos um breve histórico de sua variação, explanamos a visão dos gramáticos normativos e descritivos acerca desse fenômeno e descrevemos a revisão de literatura dos estudos variacionistas que já o contemplaram. Na quarta seção, apresentamos os aspectos metodológicos de nossa pesquisa. Na quinta,

discutimos e analisamos os nossos resultados. Na sexta e última seção, tecemos as nossas considerações finais.

2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

É identitário das línguas naturais o fato de elas serem passíveis de variação e mudança, pois, assim como os demais aspectos da natureza humana — características físicas, estruturas emocionais, rotinas, círculos de convivência, entre outros —, a faculdade humana da língua(gem) está sujeita a modificações e variações. Essa concepção, embora bastante presente e difundida atualmente, nem sempre foi aceita no universo dos estudos linguísticos, principalmente pelas correntes estruturalistas da linguística.

O fato é que, com a instauração da linguística moderna, inaugurada por Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* (1916), os estudos linguísticos passaram a ter um estatuto científico. Contudo, no início da linguística moderna, não obstante a vertente saussuriana reconhecesse o caráter social da língua, não o priorizaram, e, desse modo, os estudos na área voltaram-se eminentemente para as estruturas internas e imanentes da língua, conforme podemos notar assertivamente na própria obra seminal de Saussure: “Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘linguística externa’.” (SAUSSURE, 2006, p. 29). Logo, na vertente estruturalista, a língua é preconizada como uma estrutura autônoma e homogênea, ou seja, não dependente de fatores externos e analisada apenas em sua natureza intrinsecamente linguística. Esse postulado ratificou-se com a implementação das dicotomias saussurianas, mormente a da *langue (língua) versus parole (discurso ou fala)*, dicotomia que resultou no *paradoxo saussuriano*, uma vez que, “partindo-se de um único indivíduo, seria possível analisar-se o lado social da linguagem, mas somente pela interação de duas ou mais pessoas se poderia estudar o aspecto individual” (MONTEIRO, 2000, p. 14), não dando conta das ocorrências na fala pelo teor multiforme que esta abarca.

Vale ressaltar que esse estudo de caráter homogêneo perdurou no decorrer do século XX, e uma outra teoria que apregoava a importância somente do aspecto imanente da língua foi o gerativismo, cujo linguista emblemático foi Noam Chomsky, que preconizou a língua como sistema de princípios universais baseada na faculdade humana da linguagem (conhecimento da língua que o falante possui em sua mente). Ou seja, para os princípios gerativistas, os comportamentos linguísticos são determinados por estados da mente/cérebro (BORGES NETO, 2011).

De encontro às concepções estruturalista e gerativista de língua, ganharam saliência, a partir da década de 1960, os estudos de William Labov, cuja marca central é a

presença dos fatores sociais na análise linguística e a consideração do aspecto heterogêneo da língua, isto é, a análise da relação entre língua e sociedade. Com esse respaldo teórico, o estatuto da sociolinguística passa a ser mais bem delineado, apresentando solidez, para que o caráter variável e mutável das línguas possa ser investigado de maneira sistemática e empírica. Dessa forma, Labov é o responsável pela instauração da Sociolinguística Variacionista, modelo teórico-metodológico que até hoje é um profícuo aporte para as pesquisas acerca dos fenômenos variáveis das línguas naturais em várias partes do mundo.

Antes de explorarmos mais as contribuições de Labov, abramos um parêntese para ponderarmos que, já desde o início do século XX, eram existentes as reflexões centradas no imbricamento entre os fatores língua e sociedade, referendadas por autores como Meillet (1866-1936), que definia a língua como fato social; Marr (1865-1934), que propunha a língua como parte de uma superestrutura, por isso reflexo de estágios da sociedade; e Bakhtin (1895-1975), que concebia a língua como elemento de interação verbal motivado por contextos diversos, sobretudo o social (CALVET, 2002). Desses três linguistas, em quem Labov mais se inspirou foi Meillet, cujos estudos tomou como legado para o desenvolvimento da ciência sociolinguística. Labov inspirou-se principalmente nesse linguista por este ter, não obstante fosse discípulo de Saussure, distanciado-se dos pressupostos estruturalistas orientados pelo viés saussuriano. Tal distanciamento explica-se pelo fato de Meillet afirmar que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável.” (MEILLET, [1921?], p. 166 *apud* CALVET, 2002, p. 14).

Essa discussão em torno da relação língua(gem) e sociedade permeou as concepções de outros teóricos: Bernstein, sociólogo da educação, que foi o primeiro a levar em conta as produções linguísticas reais e o contexto social dos falantes, defendendo que este influencia diretamente no comportamento linguístico dos sujeitos; Bright, para quem “uma das principais tarefas da sociolinguística é mostrar que essa variação ou diversidade não é de fato livre, mas está correlacionada com diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1971, p. 11, tradução nossa)⁴. Esse último linguista, contemporâneo de Labov, foi o organizador do congresso no qual surgiu e fixou-se o termo *Sociolinguística* enquanto área da Linguística. Esse evento, realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), congregou

⁴ No original: “One of the major tasks of sociolinguistics is to show that such variation or diversity is not in fact ‘free’ but is correlated with systematic social differences.” Disponível em: <https://archive.org/details/sociolinguistics0000ucla/page/10>.

vários estudiosos da relação entre linguagem e sociedade (dentre eles, Labov), que depois viriam a ser referências na seara sociolinguística (ALKMIM, 2012).

Contudo, Bright pensava a sociolinguística somente como uma abordagem interdisciplinar, atrelada aos campos da sociologia ou antropologia, o que foi divergente do pensamento de Labov, que, aos poucos, foi abolindo essa dependência, uma vez que, para ele, a linguística em si mesma é eminentemente social, defesa que o leva a dizer: “Por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p. 13). Ou seja, Labov, recuperando o que outrora postulava Meillet, alegava a impossibilidade de distinção entre uma linguística geral que estudasse a imanência das línguas e uma sociolinguística que se responsabilizava por investigar o âmbito social dessas línguas (CALVET, 2002). Portanto, é somente com Labov que se aborda o “exame da linguagem no contexto social como solução de problemas próprios da teoria da linguagem” (CAMACHO, 2012, p. 53), e não como um mero recurso interdisciplinar, começando a ganharem resolução as inconsistências teórico-metodológicas anteriores.

Assim, os estudos de Labov (2008) e Herzog, Labov e Weinreich (2006) implementaram a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, como também é conhecida a Sociolinguística Variacionista, a partir da qual vêm sendo desenvolvidos trabalhos até a atualidade. É da competência dessa teoria mostrar e explicar os fenômenos que estão em variação na língua, evidenciando o quanto esta é dinâmica e motivada não só por fatores que lhe são intrínsecos (estruturais), mas também externos (sociais). No caso do Brasil, conforme aponta Coelho *et al.* (2015), pesquisas sociolinguísticas baseadas nessa teoria tiveram início na Universidade do Rio de Janeiro, na década de 70, sob a orientação do professor Anthony Julius Naro.

É fundamental considerarmos que Labov desenhou o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista por meio das pesquisas que ele próprio desenvolveu. Um dos seus primeiros estudos foi realizado em 1963 na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, nos Estados Unidos, com a investigação da variação fonética entre os ditongos /ay/ e /aw/, com base em estratificação por regiões, faixas etárias, grupos profissionais e etnias desse espaço peninsular norte-americano, visando à reconstrução histórica desse caso de mudança sonora. Na medida em que viveu, por muito tempo, isolada da Nova Inglaterra, a comunidade peninsular vineyardense passou por bruscas mudanças sociais resultantes das invasões dos veranistas, que empregavam a forma inovadora e de prestígio, diferentemente dos nativos da ilha, que usavam as formas conservadoras e

estigmatizadas. Logo, segundo Labov (2008), não era de causar surpresa que a alta centralização dos ditongos empregada pelos nativos estivesse diretamente ligada à luta que travavam para resistirem às incursões dos veranistas e, assim, manterem sua identidade. Os resultados dessa investigação empreendida por Labov indicaram que a zona rural, os pescadores e a faixa etária jovem favoreciam a centralização do ditongo (forma não padrão).

Outro importante estudo laboviano versou sobre a estratificação do /r/ pós-vocálico nas lojas de departamentos em Nova York. Labov observou duas formas de pronúncia desse segmento fonológico: realização ou apagamento em contextos fonológicos idênticos, seja em posição final (*car*) ou interior (*cart*) à palavra. Para esse estudo, os resultados aos quais Labov chegou mostraram que a ausência do $\backslash r \backslash$ era estigmatizada na sociedade nova-iorquina, enquanto a presença era considerada uma forma de prestígio (LABOV, 2008). A começar desses trabalhos, Labov foi comprovando empiricamente o seu argumento de que “correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008, p. 19).

Um dos primeiros postulados da Teoria da Variação e Mudança Linguística — e um pré-requisito para a compreensão dos demais — é o da *heterogeneidade ordenada* (LABOV, 2008). Esse axioma rompe com as considerações, durante muito tempo defendidas pelos estruturalistas e gerativistas, de que a língua é um sistema homogêneo, o qual deixa em segundo plano o caráter variável e mutável da língua. Faraco (2006), ao fazer as notas introdutórias dos *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, um dos clássicos de Labov, pontua bem sobre esse rompimento:

Propõem, então, que o axioma da homogeneidade seja abandonado, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada. Buscam-se caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (língua como uma realidade inerentemente ordenada) (FARACO, 2006, p. 13).

Com a instauração desse axioma da *heterogeneidade ordenada*, o caráter sistemático da língua deixa de ser atribuído somente para o que nela é categórico, aplicando-se também ao que é variável. Destarte, quebra-se o paradigma de que sistematicidade diz respeito somente ao que é homogêneo, uma vez que construções heterogêneas na língua têm o seu teor de estruturalidade. Isso implica deixar de considerar que variabilidade e sistematicidade são aspectos linguísticos excludentes entre si. Para atestar e ancorar essas rupturas com as ideias estruturalistas, Labov propõe um modelo teórico-metodológico que

trata sistematicamente a variação e a mudança, as quais podem ser detectadas na fala ou vernáculo das pessoas. O instrumental de reflexão e análise laboviano escolhe como objeto os fenômenos variáveis e mutáveis, por considerá-los manifestações linguísticas naturais, uma vez que, provenientes do vernáculo, refletem a língua em uso, em seu caráter vivo.

Desse modo, Labov (2008) aponta para um alargamento da gramática, por esta passar a abordar, em seu escopo de descrição, o domínio da fala. Logo, podemos negar a existência de um caos linguístico atribuído à fala perante seu caráter de variação; pois esta, após ser detectada no emprego de um determinado fenômeno gramatical, apresenta condicionadores linguísticos e sociais, os quais podem ser sistematizados, quantificados, explicados e até mesmo previstos (PINHEIRO; ARAÚJO, 2014). Foi somente a partir de Labov que a natureza variável da língua não mais passou a ser deixada em segundo plano e considerada como *variação livre* ou *esporádica*, porquanto esse teórico criou e indicou o modo sistemático mais consistente de desbravar o caminho investigativo que levasse a descobrir os padrões sociolinguísticos que governam a variação (LABOV, 2008).

Para a análise desses padrões, cabe lançarmos mão de alguns conceitos que acompanham o aparato de descrição linguística proposto por Labov (2008), a saber: *variação*, *variantes*, *variável* e *variedade*. A *variação* concerne ao processo de uma língua apresentar formas alternativas ou concorrentes de dizer uma mesma coisa com mesmo significado representacional; essas formas são denominadas de *variantes*, que consistem em “expressões que se referem ao mesmo estado de coisas, [apresentando] o mesmo valor de verdade”⁵ (LABOV, 1978, p. 7, tradução nossa). A *variável*, por seu turno, corresponde a um aspecto da estrutura linguística que sofre variação ordenada dentro do sistema linguístico (LABOV, 2006; HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006); em outras palavras, a variável é o fenômeno gramatical no qual ocorre variação. Além dessa acepção, o termo *variável* concerne aos fatores linguísticos e sociais que determinam a variação e mudança linguística, conferindo-lhes sistematicidade (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006). Por último, a *variedade* corresponde ao vernáculo específico de um determinado grupo de falantes (LABOV, 2006), podendo ser definida por critérios sociais, regionais, culturais, ocupacionais, entre outros.

Aproveitamos o ensejo dessa definição de *variedade* para pontuarmos que a Sociolinguística Variacionista, por tomar como objeto de estudo o vernáculo, explora não o que é falado ou intuído por indivíduos isoladamente, o que Labov define como *idioleto*, mas sim as *comunidades de fala*, que detêm dialetos ou variedades. Logo, as comunidades de fala

⁵ No original: “[...] utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value [...]”

constituem o *locus* para a investigação de fenômenos linguísticos variáveis e definem-se como grupos de falantes que “compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008, p. 225). Nessa definição, encontramos mais uma constatação de que a variação é sim passível de sistematização. Nesse sentido, Labov toma nota de que os “indivíduos não são as unidades finais da análise linguística, mas os componentes que são usados para construir modelos de nosso objeto de interesse primário, a comunidade de fala” (LABOV, 1994, p. 72, tradução nossa)⁶. Isso justifica o fato de Labov afirmar, ainda, que a “análise linguística não pode reconhecer gramáticas ou fonologias individuais. As regras ou restrições individuais não teriam interpretação e não contribuiriam em nada aos atos comunicativos” (LABOV, 1994, p. 72, tradução nossa)⁷, já que estes só acontecem efetivamente na comunidade de fala. Ressaltamos, além do mais, que a comunidade de fala, além de apresentar as mesmas normas e atitudes ante a linguagem, pode ser identificada com base em mais dois outros critérios: compartilhamento de traços linguísticos distintos de outros grupos por parte dos falantes; elevada frequência de comunicação entre os membros da comunidade (GUY, 2000).

Em termos de exemplos para esses conceitos que explanamos, tomemos o que aborda a proposta de nosso estudo: as estratégias de relativização constituem a nossa *variável*, cujas *variantes* são as orações relativas *padrão*, *cortadora* e *copiadora*, a serem investigadas na *variedade* do português popular de Fortaleza.

Após termos explicitado conceitos caros à variação linguística e exemplificações para os mesmos, é também fundamental colocarmos como se desdobra o fato de que, para essa variação, há fatores condicionadores, os quais consistem nas pressões ou forças que agem sobre a língua em uso. Tais fatores partem tanto do próprio sistema linguístico quanto de instâncias extralinguísticas ou sociais, fazendo com que a variação não ocorra aleatoriamente. No que concerne a esse ponto, Paiva e Duarte (2006) ponderam a importância dos fatores intra/extralinguísticos para o modelo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006), a tríade abrangida pela sigla WLH:

Não basta [...] reconhecer a variação. É necessário explicá-la, identificar os fatores que a controlam e inseri-la dentro de um modelo de linguagem. Retomando aqui os termos dos próprios WLH, “certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los a nossas análises da estrutura

⁶ No original: “[...] individuos no son las unidades finales del análisis linguístico, sino los componentes que se emplean para construir modelos de nuestro objeto de interes primário, la comunidad de habla.”

⁷ No original: “El análisis linguístico no puede reconocer gramáticas o fonologías individuales. Las reglas o restricciones individuales no tendrían interpretación y no contribuirían em nada a los atos comunicativos.”

linguística”. Opondo-se à visão da variabilidade como um fato aleatório, WLH insistem na necessidade de um controle sistemático e empírico dos fatores estruturais (internos) e sociais que motivam o uso de uma ou outra variante (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 136).

Como podemos notar, a consistência da sistematização e da empiria nos estudos sociolinguísticos se dá por meio do controle dos condicionadores ou fatores internos e externos à língua. Em relação aos fatores linguísticos, Duarte e Paiva (2011) questionam até que ponto os efeitos deles podem ser generalizados na variação de um fenômeno de uma comunidade de fala para outra; as próprias autoras afirmam que uma resposta para essa questão “[...] decorre, em grande parte, da própria dinâmica do trabalho sociolinguístico, que permite, através do acúmulo de observações de diferentes comunidades de fala, proceder a inferências e testar hipóteses” (DUARTE; PAIVA, 2011, p. 93). Já que, mais adiante, no capítulo de Metodologia, detalharemos os fatores linguísticos ligados à variação das estratégias de relativização, cabe colocarmos, nesse momento, como se desdobram, na teoria variacionista, os fatores extralinguísticos ou sociais, a saber: *classe social*, *escolaridade*, *sexo*, *faixa etária*, entre outros.

No que diz respeito ao fator *classe social*, é sabido que o “bom uso” da língua por parte das elites sociais, pautado pelo que prescreve a variedade padrão da língua portuguesa, espelha, muitas vezes, o prestígio social que esses falantes detêm. Em contrapartida, a forma como pessoas desprovidas desse prestígio se comunicam é tida como estigmatizada, muitas vezes sendo alvo de rejeição na comunidade de fala. Isso pode ser respaldado por Labov (2008, p. 65-66), ao eliciar a relevância da ocupação social de um falante ante o uso da língua: “Evidencia-se que a ocupação de uma pessoa está mais intimamente relacionada a seu comportamento linguístico”. Então, aqui fica claro que as diferenças de cunho socioeconômico podem ser sinalizadas nas formas variantes de um fenômeno linguístico, fazendo com que estas sejam categorizadas em prestigiadas ou estigmatizadas, conforme o maior ou menor grau de consciência linguística de um fenômeno em variação por parte do falante.

Diretamente ligado ao aspecto socioeconômico, encontramos o fator extralinguístico *escolaridade*. Nesse âmbito, Votre (2003, p. 51) afirma que a “observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas”. Segundo esse autor, as expressões prestigiadas da língua e preconizadas pelas gramáticas normativas e os materiais didáticos assumem o enquadramento de formas corretas, sendo ensinadas, aprendidas e internalizadas justamente

ao longo do processo escolar. Logo, podemos dizer que as variantes padrão tendem a ser bem mais empregadas pelos falantes que frequentaram por bastante tempo os bancos escolares.

Nesse ínterim, frisamos que Labov (2008) preconiza dois tipos de *status*, o adquirido e o atribuído. Este, segundo o autor, responde à pergunta “Quem é você?”, abrangendo etnia, religião, sexo, família, entre outros; aquele responde ao questionamento “O que você faz?”, englobando educação, renda e profissão. Embora a relação entre *classe social* e *escolaridade* apresente tendências óbvias ao controlarem a variação linguística, é preciso entendermos um contraponto:

De qualquer forma, ninguém duvida de que a classe social a que pertence o indivíduo exerce fortes influências em seu modo de falar. É bastante fácil apontar exemplos de variantes linguísticas usadas preferencialmente numa determinada classe [...] O problema é que há variáveis intervenientes que dificultam às vezes saber o que de fato é devido à influência da classe social por si mesma. Um fator que pode sobrepor-se é, por exemplo, a escolaridade. As classes mais desfavorecidas no Brasil são aquelas em que o índice de analfabetismo é mais alarmante. O que não significa que, inversamente, toda pessoa com instrução superior pertença aos estratos mais elevados da sociedade (MONTEIRO, 2000, p. 77).

O pensamento de Monteiro (2000) expresso anteriormente está em consonância com o que defende Mollica (2003), ao ponderar que “não necessariamente os movimentos dos indivíduos na direção de ascensão social redundam na apropriação de recursos linguístico-discursivos monitorados” (MOLLICA, 2003, p. 30). Portanto, essa correlação sociolinguística é bastante complexa e exige sempre cautela, uma vez que, embora considerando as tendências que foram confirmadas muitas vezes, é preciso entendermos que são passíveis de não serem atendidas, pois cada comunidade de fala tem suas especificidades. Em relação ao nosso fenômeno das estratégias de relativização, o estudo de Pinheiro (1998) apontou que o emprego da relativa padrão foi considerado baixo na variedade culta fortalezense, o que atesta o contraponto levantado.

Outro fator social de grande importância controlado na análise de fenômenos em variação é o *sexo* dos falantes. Segundo Monteiro (2000, p. 71), é um “ponto pacífico que as mulheres e os homens não falam da mesma maneira”, corroborando o que muito antes afirmou Labov:

Ninguém pode negar que maridos e mulheres, irmãos e irmãs, estão envolvidos em comunicação íntima na vida diária. No entanto, os papéis sexuais são um poderoso

fator de diferenciação em quase todos os casos de estratificação social estável e de mudança em curso que foram estudados (LABOV, 1994, p. 401, tradução nossa).⁸

Como podemos notar, a discussão acerca dos papéis sexuais correlacionados à variação e mudança linguística esteve presente de forma substantiva no processo de instauração do modelo teórico-metodológico formulado por Labov. Acerca desse ponto, o autor faz, ainda, as seguintes considerações:

Todos concordam que o papel sexual é um fator social, a linguagem não é diferenciada pelos aspectos biológicos das diferenças sexuais. No entanto, a atribuição do papel sexual é bastante simples no trabalho de campo. Embora esteja acordado que os fatores causais envolvidos são a atribuição social de papéis sexuais, e não o sexo biológico, todas as análises de diferenciação de papéis sexuais começam dividindo a população em homens e mulheres, em vez de uma medida de grau socialmente definido de masculinidade ou feminilidade. A menos que haja informação específica contra eles, os exploradores registram a atribuição do papel sexual como um fator social óbvio e dado, sem investigar explicitamente a sexualidade de uma pessoa (LABOV, 1994, p. 402, tradução nossa).⁹

Como Labov propõe, o fator *sexo* é controlado na investigação sociolinguística não pelas especificidades biológicas da sexualidade humana por si mesmas, mas pela atribuição de papéis sexuais aos seres humanos com base num contexto social e cultural. Em outras palavras, a correlação entre a variação linguística e o sexo dos falantes perpassa distinções biológicas, pairando na organização sociocultural de uma dada comunidade de fala, isto é, nos papéis que cada comunidade linguística outorga a homens e mulheres (PAIVA, 2003).

Em termos empíricos, um dos primeiros estudos que verificou que o fator *sexo* condicionava a variação linguística foi o de Fischer (1958), o qual averiguou a variação na pronúncia do sufixo gerundial inglês (-*ing*), verificando que a pronúncia velar era bem mais frequente do que a dental no vernáculo feminino. Então, o autor frisou que tal preferência não é motivada por uma escolha aleatória, mas decorrente de diferenças na valoração social entre

⁸ No original: “Nadie puede negar que maridos e mujeres, hermanos e hermanas, andan envueltos en íntima comunicación en la vida cotidiana. Sin embargo, los papeles sexuales son un poderoso factor diferenciador en casi cualquier caso de estratificación social estable y cambio en curso que se la haya estudiado”.

⁹ No original: “Todo el mundo está de acuerdo en que el papel sexual es un factor social, el lenguaje no se diferencia por los aspectos biológicos de las diferencias de sexo. Sin embargo, la atribución de papel sexual es bastante simple y sencilla en el trabajo de campo. Aunque se esté de acuerdo en que los factores causales involucrados son la asignación social de papeles sexuales, y no el sexo biológico, todos los análisis de la diferenciación por papeles sexuales empiezan dividiendo la población en hombres y mujeres, en vez de con una medida del grado socialmente definido de masculinidad o feminilidad. A menos que haya una información específica en contra, los exploradores registran la asignación de papel sexual como un factor social dado y obvio, sin investigar de manera explícita la sexualidad de la persona”.

formas prestigiadas e estigmatizadas; constatou, portanto, que variantes de prestígio tendem a predominar na fala das mulheres.

É possível justificarmos essa tendência à questão do papel sexual feminino estabelecido tradicionalmente nas sociedades, e até mesmo relacioná-la a outros fatores. Nesse contexto, Paiva (2003) indica alguns motivos socioculturais que explicam uma maior consciência feminina em relação ao *status* social das formas linguísticas, fazendo com que, na fala das mulheres, ocorram mais variantes prestigiadas: maior exposição à linguagem veiculada pela mídia; caráter mais receptivo à ação normativa da escola; posição menos assegurada do que a do homem; manifestação de comportamentos linguísticos que garantam sua aceitação social; maior responsabilidade pela educação dos filhos, tomando para si a incumbência de transmitir comportamentos para os filhos, dentre eles o linguístico. Em se tratando de as mulheres assegurarem sua aceitação social por meio da linguagem que empregam, é comum, na sociedade ocidental, os homens serem avaliados mais sobre o que fazem, e as mulheres mais sobre como aparecem; assim, é preciso que elas se utilizem de artefatos simbólicos nas vestimentas, na estética e, inclusive, na fala, a fim de marcar sua posição na sociedade (MEYERHOFF, 2006).

Entretanto, é importante ressaltarmos com Paiva (2003) que tais causas para que as mulheres empreguem mais as variantes de prestígio não são genéricas, mas ponderadas de estudos reveladores dessa tendência; não devem, assim, ser interpretadas como padrões fixos e inteiramente consistentes, uma vez que podem ser relativos, dependendo das peculiaridades de uma comunidade de fala para outra.

Por último, finalizando o rol dos fatores sociais que decidimos explicar nesta seção, cabe elucidarmos que a diversidade linguística pode ser justificada também com base na *faixa etária* dos informantes. Quanto a esse ponto, Monteiro (2000) afirma que as diferenças mais evidentes se manifestam no período de aquisição da linguagem por parte das crianças, quando ainda não conseguem articular bem todos os sons da fala; mas tais diferenças manifestam-se também marcadamente na fala de adolescentes e idosos. Isso se justifica por uma clássica posição teórica — aceita por um grande número de linguistas, desde gerativistas até sociolinguistas — segundo a qual o processo de aquisição da linguagem termina, mais ou menos, no início da puberdade, sendo que, a partir dessa fase, a língua do indivíduo torna-se essencialmente estabilizada, e eventuais mudanças são esporádicas (NARO, 2003). Sob essa hipótese, “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade” (NARO, 2003, p. 44). É por esse motivo que, muitas vezes, falantes mais velhos costumam empregar mais as variantes antigas,

conservadoras, ou até manterem certas construções léxicas e sintáticas que soam estranhas ao público juvenil (MONTEIRO, 2000). A relevância do fator *faixa etária* justifica-se principalmente pelo fato de ele denunciar e conduzir um processo que assume estreita relação com a variação nas línguas: a *mudança linguística*, sobre a qual discorreremos mais à frente, ainda neste capítulo.

É mister pontuarmos, haja vista termos tratado anteriormente que fatores linguísticos e sociais condicionam a variação linguística, o fato de que os postulados labovianos não deixaram de sofrer críticas e apontamentos de outros teóricos, inclusive de sociolinguistas, como foi o caso de Lavandera (1978), discípula do próprio Labov. Essa pesquisadora questionou a teoria laboviana acerca da existência de variação linguística além do nível fonológico, isto é, ela defendia que não se podia falar em fenômenos variáveis nos níveis sintático e semântico da língua. Nesse mesmo eixo questionador, Lavandera (1978) problematiza a definição de Labov para *variantes* como maneiras distintas de se dizer a mesma coisa em termo de idêntica referência e valor de verdade, porém opostas em relação aos aspectos sociais e/ou ao significado estilístico. Quanto a esse ponto, a linguista explica sua problematização ao colocar que formas fonológicas — como os gerúndios *laughing* (*rindo*) e *laughin* (*rino*) — podem ser mais convincentes, ao se mostrar que são usadas para dizer referencialmente a mesma coisa, do que estruturas sintáticas — como as cláusulas passivas, como “*The liquor closet was broken.*” (“O armário de bebidas estava quebrado.”), e ativas, como “*They broke the liquor closet.*” (“Eles quebraram o armário de bebidas.”). Desse modo, Lavandera afirma que “é inadequada ao estado atual das pesquisas sociolinguísticas estender, para outros níveis de análises de variação, a noção de variável linguística originalmente desenvolvida com base em dados fonológicos”¹⁰ (1978, p. 171, tradução nossa).

As críticas da estudiosa também se direcionaram a um estudo realizado por Weiner e Labov ([1978], 1983), em que investigaram pioneiramente a variação entre sentenças ativas e passivas no inglês; os autores identificaram que tal fenômeno era influenciado apenas por variáveis linguísticas. Essa conclusão, de certa maneira, fortalecia o argumento de Lavandera (1978), para quem os estudos variacionistas cujos condicionadores sociais não fossem apontados como relevantes não deveriam ser considerados sociolinguísticos, pois, dessa forma, não se distinguiriam dos estudos estruturalistas.

¹⁰ No original: “...it is inadequate at the current state of sociolinguistic research to extend to other levels of analysis of variation the notion of socio-linguistic variable originally developed on the basis of phonological data.”

Em contrapartida, no artigo em que responde à Lavandera, Labov (1978) especifica sua definição para o que outrora chamou de *mesmo valor de verdade*: ter referência ao mesmo estado de coisas, não deixando margens para várias interpretações. No que atine ao que Lavandera (1978) apontara contra os estudos considerados sociolinguísticos sem conter variáveis sociais como relevantes, Labov (1978) advoga que pesquisas variacionistas não têm o foco unilateral de indicar apenas o condicionamento de fatores sociais sobre os fenômenos variáveis, mas também a influência de fatores linguísticos, uma vez que, para ele, não há uma linguística que não seja social.

No que se refere à mudança linguística, ressaltamos que, assim como é inerente o caráter variável das línguas naturais, também é próprio delas evoluírem, mudarem. Segundo Herzog, Labov e Weinreich (2006, p. 87), “a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”. É válido ressaltarmos que a mudança linguística, por apresentar uma estreita relação com a variação linguística, também tem caráter altamente sistemático, assumindo, portanto, o referido axioma da *heterogeneidade ordenada* (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006). A relação entre variação e mudança pode ser resumida pela seguinte afirmação: “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação.” (TARALLO, 2007, p. 63). Nessa instância, Labov (2008) justifica o fato de toda mudança implicar variação por esta consistir na primeira fase do processo de mudança linguística, o qual é explicado a seguir:

O processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios. Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes (LABOV, 2008, p. 152, grifos do autor).

Como podemos notar, a variação linguística enquadra-se como o primeiro estágio do processo de mudança. Ou seja, quando empregamos continuamente formas diferentes de dizer a mesma coisa num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, seja qual for o fenômeno linguístico, percebemos um caso de variação; se essas formas variantes coexistirem durante muito tempo, sem que haja sobreposição e substituição de uma pela outra, temos um caso de *variação estável* (LABOV, 2008). Já quando as variantes inovadoras e conservadoras

entram em contraste num vasto espectro de usos na comunidade de fala, deparamo-nos com o que Labov chama de *mudança em curso*, *mudança em progresso* ou *mudança em andamento*.

No tocante aos modos de investigar a mudança em curso, Labov (2008) orienta a observação da mudança em *tempo aparente* e em *tempo real*. O primeiro modo consiste em analisar, num determinado período do tempo, “o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias” (LABOV, 2008, p. 318); esse tipo de análise se dá quando comparamos sincronicamente o vernáculo de pessoas mais jovens com o de mais idosas, e tomamos as diferenças identificadas como o resultado de uma mudança linguística. A título de um entendimento mais claro, consideremos que, “se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos, tudo indica que se trata de uma situação de mudança em progresso” (MONTEIRO, 2000, p. 131). Já a observação em *tempo real* diz respeito à análise da mudança linguística abrangendo mais de um período em uma mesma comunidade de fala, numa perspectiva comparativo-diacrônica, a fim de perceber que direções essa mudança está tomando.

A fim de assentar bem a investigação da mudança linguística, é preciso atermo-nos aos cinco problemas empíricos de uma mudança em andamento levantados por Labov, cujas resoluções permitem entender o processo no qual a variação de um determinado fenômeno chega a tornar-se uma mudança na língua (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006; LABOV, 2008). O primeiro problema é o da *restrição*, que diz respeito a detectar, além das mudanças possíveis numa dada comunidade, os fatores condicionantes para essa mudança. Já o problema da *transição* consiste em “encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior” (LABOV, 2008, p. 193), isto é, o estágio interveniente em que uma estrutura A evoluiu para uma B. Por sua vez, o problema do *encaixamento* concerne a correlacionarmos um fenômeno em mudança com outros fenômenos do sistema linguístico, no intuito de “encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo” (LABOV, 2008, p. 193). O problema da *avaliação*, por seu turno, requer a busca pelos correlatos subjetivos, que são os juízos que os falantes fazem acerca dos fenômenos variáveis e em mudança, pois “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente” (HERZOG; LABOV; WEINREICH, 2006, p. 124). Por fim, o problema da *implementação* envolve o avanço da mudança linguística rumo à sua completude, na qual uma das variantes em competição ganha total sobressaliência, concedendo ao fenômeno — que antes era variável — o *status* de uma

constante, ao passo que a(s) outra(s) variante(s) em concorrência destitui(em)-se de qualquer significação social.

Não podemos deixar de mencionar que Labov afirma também que podemos perfeitamente “classificar os diversos elementos envolvidos na mudança linguística segundo o tipo de avaliação social que eles recebem” (LABOV, 2008. p. 360): *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Os *indicadores* são formas linguísticas que apresentam distribuição regular pelos grupos socioeconômicos e etários, porém não são suscetíveis à variação de cunho estilístico e têm baixa força avaliativa em meio aos falantes. Já os *marcadores* concernem aos traços linguísticos que têm tanto estratificação social quanto estilística, estando mais sujeitos ao julgamento social, embora nem sempre sejam conscientes. Por fim, os *estereótipos* consistem em formas socialmente marcadas e fortemente rotuladas, o que indica alto teor de consciência por parte dos falantes de uma comunidade linguística.

Quanto à avaliação sobre o fenômeno das estratégias de relativização, verificamos que alguns trabalhos da área discorrem, de forma breve, sobre os valores atribuídos às estratégias de relativização. Nesse rol, percebemos uma certa consonância dos estudos variacionistas acerca do fenômeno em classificar a variante *copiadora* como estigmatizada (MOLLICA, 1977; CORREA, 1998; BARROS, 2000; SILVA, 2011; RAMOS, 2015) e a variante *cortadora* como inovadora (BURGOS, 2003; SILVA, 2011; MACHADO, 2015; SILVA, 2018).

Após termos discorrido sobre os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, partamos para o capítulo a seguir, onde apresentaremos mais detalhadamente o fenômeno linguístico variável elegido como nosso objeto de estudo.

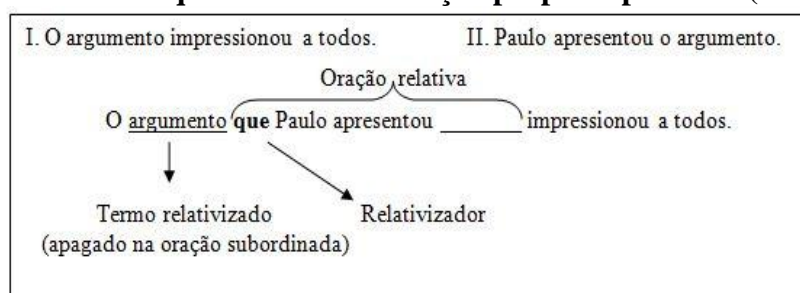
3 O FENÔMENO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentaremos o fenômeno linguístico das estratégias de relativização em linhas gerais, bem como traçaremos uma breve incursão histórica da variação nesse fenômeno, para melhor entendermos o seu desdobramento. Por último, faremos uma exposição dos posicionamentos de alguns gramáticos normativos e descritivos acerca das orações relativas.

3.1 Apresentação do fenômeno

Como outrora mencionamos, diversos estudos vêm tomando as estratégias de relativização como objeto de investigação sob diferentes perspectivas de abordagem. Por isso, urge conhecermos brevemente a natureza do fenômeno, sua definição e estruturação, bem como explicitarmos qual abordagem adotaremos em nossa pesquisa.

Na literatura sintática dos estudos gramaticais, deparamo-nos com o fato de que as sentenças, ao fazerem conexão entre si, estabelecem, umas com as outras, relações de dependência ou independência. A estas nomeamos de *parataxe*, que concerne aos períodos compostos por coordenação; aquelas denominamos de *hipotaxe*, que corresponde aos períodos compostos por subordinação (TARALLO, 1990). É no rol das construções hipotáticas que se encaixam as orações relativas, as quais são sentenças subordinadas modificadoras de um nome ou sintagma nominal presente na oração principal a que se associa (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009). Justamente por apresentar a função prototípica de modificar uma expressão nominal qualquer no período (KENEDY, 2014), também conhecemos as orações relativas como adjetivas. Lees (1966) descreveu que uma oração relativa deriva de duas orações não relativas que compartilham uma mesma expressão nominal. Assim, para esse autor, a relativização acontece quando o sintagma nominal em comum é apagado dentro da segunda oração, que é, portanto, adjungida à primeira, passando a ser uma oração relativa. No quadro 2 a seguir, utilizamos exemplos extraídos de Kenedy (2014, p. 14) para esquematizarmos essa explicação.

Quadro 2 – Esquema da relativização proposta por Lees (1966)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Kenedy (2014, p. 14).

No esquema do quadro 2, podemos perceber claramente o processo de relativização: temos as orações I e II, que apresentam um termo nominal em comum (*argumento*), que, no processo de adjunção, é apagado na segunda oração, sendo relativizado pelo pronome *que* (relativizador). Nesse processo, observamos que o objeto do verbo *apresentar* não se encontra realizado na ordenação da sentença, estando sua posição marcada por uma lacuna ou vestígio (_____) no esquema, para indicar que o objeto direto, nesse caso, realiza-se no começo da sentença relativa e é, simultaneamente, o termo relativizado, conhecido também como *cabeça da relativa*.

De maneira similar, porém mais encorpada, essa questão da estrutura formal da relativa também foi discutida por Jacobs e Rosenbaum (1970), que mostraram o que, na terminologia, ficou conhecido por *transformação da cláusula relativa*. Segundo os autores, nessa transformação, uma segunda oração não relativa é acoplada ao sintagma nominal da primeira oração, o alvo da relativização; a adjunção finaliza-se com a aplicação de duas regras: a inserção de um pronome relativo com os traços mórficos do sintagma-alvo (gênero, número e pessoa) e o apagamento desse sintagma no interior da relativa. No esquema do quadro 3 a seguir, podemos observar a ilustração da transformação descrita.

Quadro 3 – Transformação da cláusula relativa proposta por Jacobs e Rosenbaum (1970)

- a) Oração não relativa 1: [O livro é raro.]
- b) Oração não relativa 2: [Eu uso o livro.]
- c) Adjunção ao sintagma-alvo: [O livro [eu uso o livro] é raro].
- d) Inserção do pronome relativo: [O livro [[que] eu uso o livro] é raro].
- e) apagamento do sintagma nominal no interior da relativa: [O livro [que eu uso] é raro].

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Kenedy (2014, p. 14).

Cabe mencionarmos que esse processo de relativização sistematizado no quadro 3 é descrito também de forma parecida por Chomsky (1977), que enquadra as orações relativas como ocorrências concretas do mecanismo geral das *regras de movimento de qu* (*wh-movement*, do inglês), também conhecida como *Regra do Mover QU*¹¹. Esse mecanismo diz respeito ao movimento de um constituinte de uma posição para outra na sentença, deixando na sua posição original uma lacuna, chamada de *vestígio* do constituinte movido, que, por seu turno, passa a ser também o antecedente do vestígio, isto é, a cabeça da relativa.

Após termos traçado uma breve exposição sobre o estatuto formal das orações relativas, partamos para o que realmente constituirá o foco de nossa pesquisa, que é o teor variacionista desse fenômeno linguístico. Justificamos que foi importante entendermos um pouco acerca dos aspectos estruturais justamente porque identificamos o quadro variável quando consideramos distintas maneiras de construir as relativas na língua portuguesa. Em outras palavras, quando constatamos que há diferentes estratégias de relativização.

A evidenciação desse fenômeno de forma mais ampla é devida ao estudo de Tarallo (1983), no qual investigou a relativização no português falado em São Paulo, classificando as orações relativas em três tipos.

O primeiro tipo corresponde às relativas com lacuna (*gap-leavin variant*), as que passaram pelo movimento QU-, deixando o vazio na posição original do termo relativizado e movido; na literatura, são conhecidas como as *relativas padrão de sujeito e objeto direto*, por ocorrerem apenas nos casos em que os termos relativizados assumem essas funções sintáticas, tidas como não preposicionadas (exemplo a, página 44). Abramos um parêntese para tratarmos das relativas *padrão* de contexto preposicionado, conhecidas como *pied-piping*, nas quais as preposições regentes são deslocadas junto com os termos regidos e relativizados no processo de movimento QU- (exemplo c, página 44). Quanto ao segundo tipo, este corresponde às relativas com pronome lembrete ou *copiadoras*, nas quais as posições deixadas vazias pelos constituintes movidos são preenchidas por partículas correferentes (cópias, lembretes ou resumptivos)¹² aos termos já relativizados; essas estratégias se manifestam em todas as funções sintáticas, isto é, em ambiência sintática não preposicionada (exemplo b, página 43) e preposicionada (exemplo d, página 44). O terceiro tipo, por sua vez, corresponde às relativas *cortadoras*, nas quais estão ausentes as preposições regentes e não

¹¹ As partículas QU- são os pronomes relativos.

¹² As cópias ou resumptivos são geralmente pronomes (pessoais ou possessivos), mas não se restringem a eles, podendo ser, ainda, sintagmas nominais ou advérbios locativos (CORRÊA, 1998; RAPOSO *et al.*, 2013).

existem termos copiando os referentes dos pronomes relativos (exemplo e, em seguida). A título de maior clareza, vejamos os exemplos¹³ indicados:

- a. A estudante *que venceu o concurso* já viajou para a Europa.
- b. A estudante *que **ela** venceu o concurso* já viajou para a Europa.
- c. A moça *com quem falei ontem* está aqui.
- d. A moça *que eu falei com **ela** ontem* está aqui.
- e. A moça *que eu falei ontem* está aqui.

Em termos de sumarização, as relativas que variam em contexto não preposicionado — quando os termos relativizados têm a função de sujeito e objeto direto — são a *padrão com lacuna* e a *copiadora*. Já em contexto sintático preposicionado, manifestam-se as três estratégias: *padrão preposicionada*, *copiadora* e *cortadora*.

Uma vez que Mollica (1977) e Tarallo (1983), investigadores pioneiros do tema, identificaram que os índices de variação são maiores no contexto de sintagmas preposicionados, decidimos eleger essa ambiência sintática como nosso recorte de análise para esta pesquisa e, no ensejo, anunciamos que, no capítulo de Metodologia, trataremos ocorrências de nossa amostra para esse recorte do fenômeno. Ainda nesse ínterim do recorte analítico, é preciso deixarmos claro, desde já, que não farão parte do nosso escopo investigativo as seguintes construções sintáticas: as *orações relativas livres*, pelo fato de não estarem em dependência de um nome antecedente, que, se estiver presente torna a sentença agramatical (MARCHESAN; MIOTO, 2014), daí o porquê de serem conhecidas também como *relativas sem cabeça* (exemplo f, a seguir); as relativas reduzidas, por serem estruturadas com formas nominais de gerúndio e participio (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009), não apresentando o relativizador (exemplo g, na página 45); as *orações clivadas*, porque, segundo Kato *et al.* (1996), salientam um constituinte como foco sentencial por meio de partículas QU- (exemplo h, na página 45), falseando a adjunção de duas proposições que, na verdade, figuram como uma só frase, daí serem conhecidas também como *pseudorrelativas* (DUBOIS *et al.*, 1998). Vejamos os exemplos¹⁴ indicados:

- f. João conhece *quem ganhou na loteria*.

¹³ Os exemplos *a* e *b* foram retirados de Bispo (2014, p. 131), enquanto os exemplos *c*, *d* e *e* foram extraídos de Kato (1996, p. 223).

¹⁴ Os exemplos *f*, *g* e *h* foram extraídos, respectivamente, de Marchesan e Miotto (2014, p. 47), Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 214) e Dubois *et al.* (1998, p. 494).

g. O homem *sentado na poltrona* é o palestrante.

h. *O que Pedro come* é chocolate.

Tendo apresentado brevemente as estratégias de relativização em si, passemos a uma rápida explicação histórica acerca da variação do fenômeno, na próxima seção.

3.2 Breve percurso histórico da variação das estratégias de relativização

As orações relativas já eram explicitadas e descritas no latim clássico, conforme aponta a gramática de Said Ali (TARALLO, 1990), ao afirmar que construções hipotáticas carregam sempre complementizadores (conectores), uma vez que denotam relações de dependência entre orações. Então, as orações relativas, no latim clássico, eram encabeçadas por um complementizador preenchido que concordava em gênero e em número com o antecedente da oração principal, o termo relativizado. Os pronomes relativos que preenchiam essa posição conectora tinham os mesmos aspectos morfológicos das partículas indefinidas e interrogativas, conforme aponta o quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Pronomes no latim clássico

Demonstrativo	Relativo	Interrogativo	Indefinido	Indefinido-relativo
<i>is</i>	<i>qui</i>	<i>quis?</i>	<i>aliquis</i>	<i>quisquis</i>
aquele	o qual	quem?	alguém	aquele que

Fonte: Tarallo (1990).

Dentre as características da sintaxe das orações adjetivas, no latim clássico, é importante destacarmos algumas: i) os verbos poderiam vir na forma flexionada (indicativo e/ou subjuntivo) e não flexionada; ii) a posição de complementizador deveria ser obrigatoriamente preenchida; iii) o nome antecedente da oração principal podia aparecer recopiado dentro da oração subordinada adjetiva, sendo, dessa forma, referenciado duas vezes na oração, conforme o exemplo (1) a seguir retirado de Tarallo (1990, p. 165), seguido da tradução para o português no exemplo (2).

(1) *Ultra eum locum, quo in loco Germani consederant.*

(2) Para além daquele lugar, no qual lugar os alemães haviam acampado.

Podemos observar, no exemplo apontado por Tarallo, que o termo *locum* (lugar) aparece duas vezes: relativizado na posição de complementizador pelo pronome relativo *quo* (o qual) e referenciado novamente pela cópia *loco* (lugar). Esse exemplo atesta que a relativa *copiadora* já era usada no latim clássico. A existência dessa estratégia de relativização, logicamente, estendeu-se ao latim vulgar, instaurado para as classes populares românicas, já que o latim clássico era entendido e usado somente pelas pessoas de classes sociais elevadas. Conforme Ilari (1999), nessa modalidade de latim, a perda quase total das declinações dos pronomes relativos fez com que surgisse um modo de construção até hoje recorrente no português falado no Brasil, que “consiste em retomar o relativo por meio de um pronome pessoal, antepondo a ele e não ao relativo, a preposição exigida pelo verbo da subordinada, [como em] ‘o menino que falei com ele’” (ILARI, 1999, p. 113).

Também em termos históricos, a partir de uma investigação diacrônica acerca da estratégia relativa *copiadora*, feita com materiais escritos dos séculos XVIII e XIX, Tarallo (1983) verificou que, desde a segunda metade do século XIX, passou a haver uma substituição da estratégia *padrão* pela estratégia *cortadora*. O autor advoga que a origem das relativas *cortadoras* é decorrente do próprio processo de apagamento do pronome cópia das relativas *copiadoras*, acompanhado pela queda da preposição, e esse processo está profundamente ligado às grandes mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB no século XIX. Explicaremos mais detidamente essa relação nos próximos parágrafos.

No âmbito dessa relação, Tarallo (1983) corrobora a hipótese levantada por Kato (1981) de que a relativa *cortadora* estaria ligada às elipses que os falantes realizam na fala em outros contextos anafóricos, como o das orações coordenadas (parataxe), conforme os seguintes exemplos, retirados de Kato (1981):

a. Eu descasquei as laranjas, e Pedro *as* comeu.

b. Encontrei a revista *cuja capa estava rasgada*.

a'. Eu descasquei as laranjas, e Pedro comeu *elas*.

b'. Encontrei a revista *que a capa dela estava rasgada*.

a". Eu descasquei as laranjas, e Pedro comeu \emptyset .

b". Encontrei a revista *que a capa estava rasgada*.

Nos três pares de períodos da página anterior, podemos observar orações coordenadas com anáforas e subordinadas relativas de contexto preposicionado. No primeiro par (a e b), encontramos essas construções consoante a gramática normativa: o anafórico clítico *as* e o pronome relativo *cujó* (equivalente a *de que*), de função genitiva. Já no segundo par (a' e b'), essas estruturas são substituídas, respectivamente, pelo pronome lexical *elas* e pelo pronome cópia *dela*. No terceiro par (a" e b"), por sua vez, há o apagamento tanto da partícula anafórica na oração coordenada quanto do pronome que copia o termo relativizado na construção adjetiva.

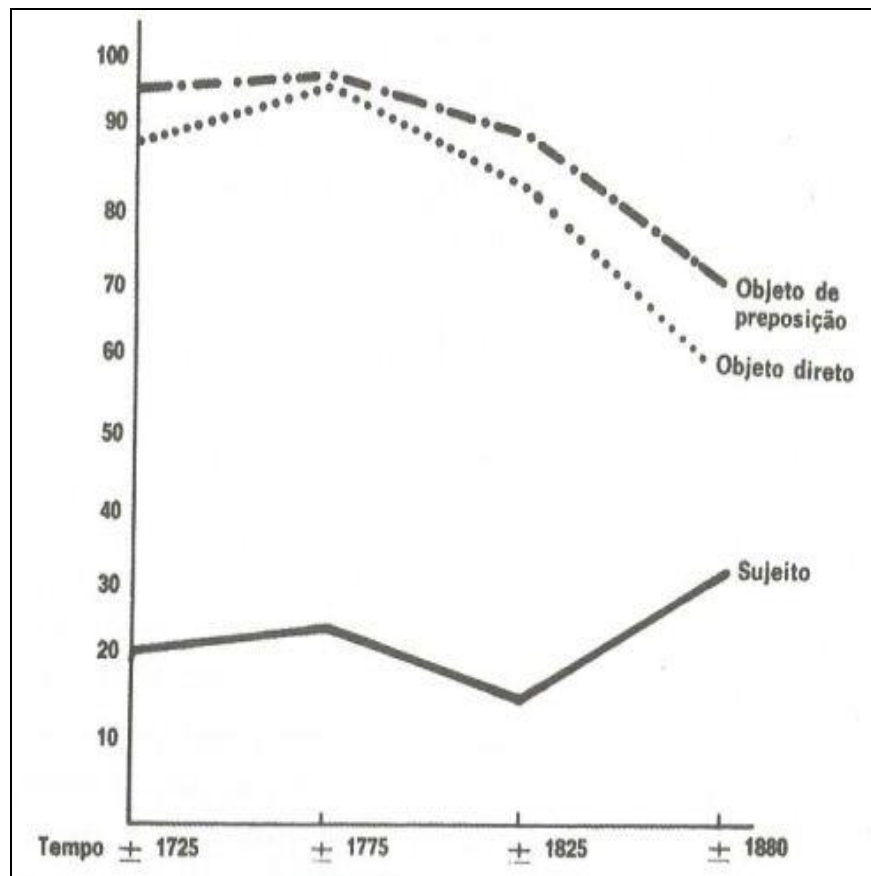
Podemos perceber, portanto, que as mudanças nas orações relativas acompanham as modificações por que passaram os processos anafóricos, corroborando o fato, verificado por Tarallo (1983), de que o apagamento dos pronomes lembretes (cópias) nas orações *copiadoras* é decorrente do aparecimento dos pronomes nulos em outros tipos de construção, como as orações coordenadas; esses casos de apagamento pronominal contemplam tanto as posições altas na sentença (sujeito, objeto direto) como as posições baixas (objeto indireto, complementos oblíquos, genitivo).

Ressaltamos que esse comportamento sintático se iniciou com o sistema de pronominalização nos períodos compostos por coordenação e depois se expandiu para os compostos por subordinação, interferindo, portanto, nas estratégias de relativização. Logo, é nesse ínterim da correlação entre a relativização e os processos anafóricos que se origina, em contextos de sintagmas preposicionais, a relativa *cortadora*, resultante do apagamento do pronome lembrete nas relativas *copiadoras* seguido da queda também da preposição. Em outras palavras, podemos afirmar com Tarallo (1983) que a relativa *cortadora* emergiu no sistema por causa de outra mudança sintática, que foi a dos processos pronominais na língua.

No que diz respeito à relativa *padrão*, Bagno (2004) afirma que essa estratégia, ante sua natureza normativa, corresponde evidentemente ao período de formação da norma padrão clássica do português.

Tendo descrito um pouco das particularidades das relativas, convém mostrarmos e analisarmos panoramicamente os gráficos nos quais Tarallo (1983) apresenta o comportamento histórico da relativização atrelado às referidas mudanças que ocorreram também no sistema pronominal do PB nos séculos XVIII e XIX. Vejamos primeiramente o gráfico 1:

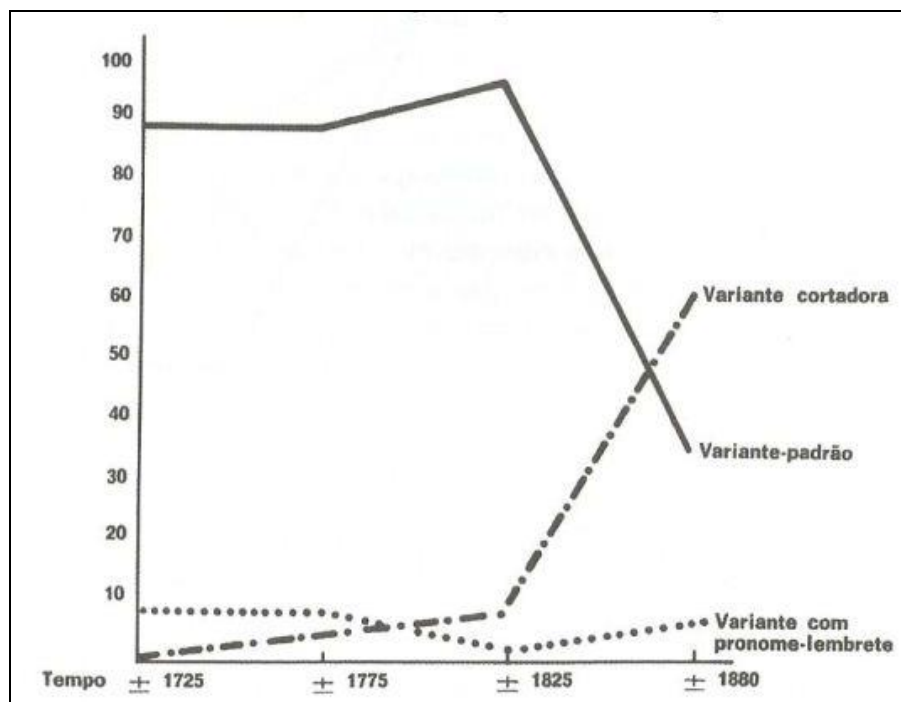
Gráfico 1 – Retenção pronominal em três funções sintáticas através de quatro períodos de tempo



Fonte: Tarallo (1983, p. 196).

No gráfico 1, Tarallo mostra o comportamento das estratégias de pronominalização nos quatro períodos investigados (primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX). Como podemos observar, a retenção pronominal nas funções de complementos é semicategórica nos dois primeiros períodos, começando a declinar no segundo e terceiro períodos e decrescendo decisivamente no quarto período, o que aponta para o referido surgimento de anáforas pronominais nulas no PB. Essa ocorrência de apagamentos anafóricos alcançou outros fenômenos sintáticos durante o mesmo período analisado, como é o caso das orações relativas, exposto no gráfico 2.

Gráfico 2 – Uso das três estratégias de relativização em quatro períodos de tempo



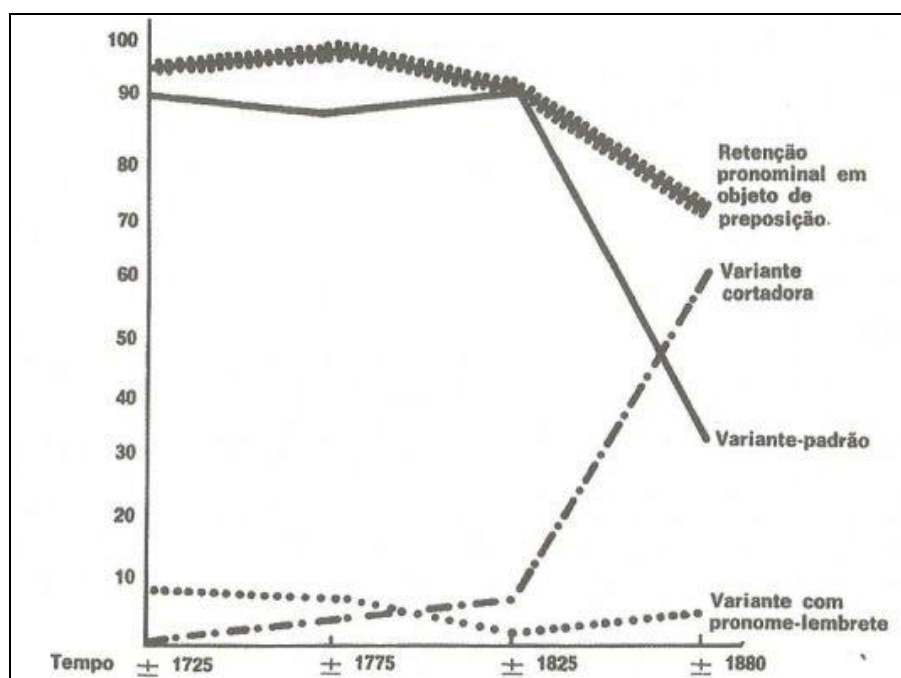
Fonte: Tarallo (1983, p. 208).

Nesse segundo gráfico, podemos perceber que a relativa *copiadora* apresenta-se marginalmente durante os dois séculos, o que atesta o seu valor estigmatizado. Já a variante *padrão*, de caráter semicategórico até o ano de 1825, mais ou menos, vai decrescendo e, por volta do ano 1880, começa a ser preterida em relação à concorrente *cortadora*, conforme é possível notarmos pelo cruzamento das retas que representam essas variantes no gráfico 2.

Interpretando com outros termos, podemos inferir que, no início do século XIX, as duas variantes não padrão começam a competir em busca de substituir a padrão, já havendo, no decorrer da primeira metade do século XIX, uma sobreposição em relação à *copiadora* por parte da *cortadora*, a qual, no final do mesmo século, mostra-se como a alternativa de relativização mais empregada, superando, inclusive, a variante *padrão*, considerando os dados de Tarallo (1983).

Para arrematarmos essa explicação histórica em torno da variação nas estratégias de relativização relacionada às mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB, é preciso observarmos o gráfico 3.

Gráfico 3 – Uso das três estratégias de relativização comparado à retenção pronominal em função de complemento verbal preposicionado em quatro períodos de tempo



Fonte: Tarallo (1983, p. 210).

O gráfico 3 permite-nos visualizar demonstrativamente a relação entre os processos variáveis da pronominalização e da relativização emergentes no PB. À medida que, no início do século XIX, a retenção pronominal em contexto de complemento verbal preposicionado começa a cair acentuadamente, o emprego das relativas *cortadoras* cresce vultuosamente. Em outras palavras, os apagamentos pronominais ocorridos nos contextos de sintagmas preposicionados (no gráfico, encapsulados por “objeto de preposição”) influenciam o apagamento do pronome lembrete nas relativas *copiadoras* e, conseqüentemente, a queda de preposição, já que há a restrição das preposições órfãs na língua portuguesa. Isso, portanto, justifica o surgimento e o expressivo aumento do uso da relativa *cortadora* a partir do início do século XIX.

Após a breve explicitação dos aspectos históricos atinentes aos três tipos de relativa, podemos afirmar que o trabalho de Tarallo (1983), além de fornecer uma base variacionista acerca da relativização, abordou-a sob um viés diacrônico, permitindo-nos entender melhor esse fenômeno no PB a partir de uma investigação histórica em materiais escritos (cartas pessoais, diários e textos teatrais) nos séculos XVIII e XIX.

Dando continuidade à nossa construção teórica, abordamos, na próxima seção, o que os gramáticos normativos e descritivos têm a nos dizer acerca das relativas.

3.3 As estratégias de relativização na visão dos gramáticos normativos e descritivos

Quando o assunto é *gramática*, é preciso ponderarmos, principalmente no universo investigativo acerca das línguas naturais, que esse termo apresenta variadas acepções (DUBOIS *et al.*, 1998). Gramática, em um sentido mais popular do termo, pode ser entendida como o livro das regras de português usado pelos alunos na educação básica, ou ainda como um conjunto de regras que precisamos aprender para saber bem o português. Afora as definições de senso comum, afirmamos com Dubois *et al.* (1998, p. 313) que a gramática “é a descrição completa da língua, isto é, dos princípios de organização da língua”. Ao elencar esses princípios organizacionais, uma gramática explica os níveis de análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, lexicologia) sob diferentes abordagens (tradicional, formalista, funcionalista, variacionista, entre outras). Para fins de maior compreensão, geralmente os gramáticos abordam os conteúdos e fenômenos linguísticos a partir de duas perspectivas: a normativa e a descritiva.

Quanto à primeira perspectiva, salientamos ao leitor que foge aos objetivos desta dissertação aprofundar aspectos relativos à gramática normativa, uma vez que empreendemos uma investigação de caráter variacionista. Contudo, nesta seção, julgamos pertinente discorrer sobre alguns desses aspectos, especificamente no que tange às orações relativas, para uma compreensão mais acurada do fenômeno. Além disso, justificamos a elucidação de elementos do escopo prescritivo nesta seção pelo fato de, na seara sociolinguística, identificarmos uma variação a partir de um comportamento variável relacionado ao que na língua é padrão, sendo importante conhecer deste as propriedades prescritivas, inclusive para questioná-las e problematizá-las.

Quanto à segunda perspectiva, convém explicitarmos que o termo *descritivo* por nós usado encapsula as gramáticas que não intentam ressaltar o cunho prescritivo, mas os fatos, usos reais e variações inerentes ao sistema linguístico, independentemente da vertente (funcionalista, de usos, variacionista etc.).

3.3.1 O fenômeno sob o viés das gramáticas normativas

É de extrema importância conhecermos o que os gramáticos normativos têm a dizer a respeito das orações relativas. Nesse sentido, cabe considerarmos primeiramente que as gramáticas normativas ou tradicionais têm uma finalidade prescritiva sobre os fenômenos linguísticos, estabelecendo regras para a escrita e a fala dos usuários da língua, tomando como

parâmetro apenas sua variedade padrão e instaurando sempre a máxima do certo *versus* errado. Nesse ínterim, Bechara (2009) afirma que a gramática normativa não possui uma finalidade científica, e sim pedagógica, daí o fato de ser largamente usada na educação básica.

Segundo Rocha Lima (2011), Luft (1987), Infante (1995) e Bechara (2009), as orações adjetivas têm o valor de adjetivos, funcionando como adjuntos adnominais do núcleo da oração principal chamado de *antecedente*, que pode ser substantivo ou pronome. Vejamos os exemplos de Bechara (2009, p. 465):

- (1) O aluno *estudioso* vence na vida.
- (2) O aluno *que estuda* vence na vida.

Como podemos perceber, o adjetivo *estudioso*, com função sintática de adjunto adnominal do substantivo *aluno*, pode também ser representado por uma oração relativa com o mesmo estatuto sintático, daí ser conhecida como adjetiva. Isso é corroborado por Rocha Lima (2011), segundo o qual, quando desenvolvidas, essas orações são introduzidas por pronomes relativos — *que, o/a(s) qual(is), cujo/a(s), quem, quanto/a(s), onde, quando* e *como* — os quais, além de funcionarem como elos oracionais, desempenham funções sintáticas nas orações relativas. Quanto a esse ponto, esse gramático assinala que “a função sintática do relativo nada tem que ver com a função sintática do seu antecedente” (ROCHA LIMA, 2011, p. 334), não obstante reproduza sua significação. Vejamos o exemplo que o autor coloca acerca dessa questão:

- (3) Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem *que era ateu*.

No exemplo apontado pelo autor, notamos que a expressão *um homem* é o objeto direto do verbo da oração principal (*havia*), sendo relativizado na oração adjetiva pelo relativizador *que*, assumindo este a função de sujeito do verbo da oração subordinada (*era*). Logo, ao desempenhar sua função, o pronome relativo assume o papel que seria exercido pelo termo que o antecede (INFANTE, 1995). Nesse sentido, ainda consoante Rocha Lima (2011), o relativo *que* pode assumir as funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, predicativo, adjunto adnominal, agente da passiva e adjunto adverbial; já o relativo *cujo* assume sempre função de adjunto adnominal, e *onde, quando* e *como*, de adjuntos adverbiais.

Quanto à natureza semântica das orações adjetivas, os gramáticos normativos são consensuais em classificá-las em dois tipos: restritivas e explicativas (ROCHA LIMA, 2011; LUFT, 1987; INFANTE, 1995; BECHARA, 2009). As orações adjetivas restritivas são aquelas que delimitam o antecedente, restringindo-lhe o sentido, não podendo, portanto, serem suprimidas, sob o risco de a oração matriz vir a ter sua compreensão prejudicada; essa ideia de restrição é marcada pela ausência de vírgula na escrita e de pausa na fala. As adjetivas explicativas, por sua vez, tomam o referente em sentido amplo e trazem uma informação a mais acerca dele, a que se deve o fato de também serem conhecidas como adjetivas apositivas (função de aposto), sendo, portanto, dispensáveis à compreensão do período; esse tipo de relativa é marcado entre vírgulas na escrita e com pausa na fala. Vejamos os exemplos explicitados por Bechara (2009, p. 467):

(4) O homem *que vinha a cavalo* parou defronte da Igreja.

(5) O homem, *que vinha a cavalo*, parou defronte da Igreja.

A oração subordinada adjetiva do primeiro período indica semanticamente que há mais de um homem no contexto frasal, mas apenas o que vinha a cavalo parou em frente à Igreja; a ausência de vírgulas demarca graficamente essa delimitação. Já na oração relativa presente no segundo período apontado pelo autor, o significado é de que há só um homem no contexto frasal, e o fato de ele vir a cavalo é uma informação a mais a seu respeito, que pode ser suprimida sem prejuízo à compreensão da mensagem frásica.

Sumarizando, os gramáticos normativos tendem a ser unânimes em relação à definição e classificação semântica das orações adjetivas, porém percebemos que a unanimidade entre eles se manifesta também em nem sequer mencionarem a possibilidade de variação das orações relativas, o que já era esperado ante a alta finalidade prescritiva dessa vertente gramatical.

Na subseção a seguir, explanamos um pouco a maneira como os gramáticos descritivos abordam as orações relativas.

3.3.2 O fenômeno sob o viés das gramáticas descritivas

Apresentado um breve panorama acerca do fenômeno das relativas em gramáticas normativas, não podemos deixar de mencionar como ele é abordado também na perspectiva das gramáticas descritivas. Conforme Bechara (2009), estas se diferenciam daquelas por

apresentarem um teor científico e, por isso, não estão interessadas em estabelecer o que é certo ou errado na língua, mas registrar as ocorrências e possibilidades do sistema linguístico em todos os seus níveis de análise (fonético-fonológico, morfossintático, semântico-discursivo e léxico). Devido à sua finalidade, a gramática descritiva apresenta-se de diversas formas, consoante enumera Bechara (2009): estrutural, funcional, gerativa, transformacional, contrastiva, variacionista, de usos, entre outras.

Em sua obra *Nova Gramática do Português Brasileiro*, que inova os estudos gramaticais ao tratar da língua falada, Castilho (2012) aborda de maneira ampla a relativização. Primeiramente, o autor utiliza as duas denominações – *adjetivas* e *relativas* –, diferentemente das gramáticas tradicionais que traz geralmente a nomenclatura *adjetivas*. Depois, ele define o processo de relativização como sendo “o relacionamento de dois sintagmas nominais correferenciais” (CASTILHO, 2012, p. 366), exemplificando-o da seguinte forma:

- a) [*O aluno atento*] *passa de ano.*
- b) [*O aluno estudioso*] *passa de ano.*
- c) → [*O aluno atento **que é estudioso***] *passa de ano.*

No exemplo, os sintagmas nominais entre colchetes, *aluno atento* e *aluno estudioso*, são correferenciais, remetendo ao mesmo indivíduo, o que permite o processo de relativização indicado no terceiro período. O autor afirma que as orações relativas são introduzidas por pronomes relativos (que, qual, cujo, quanto, onde), definindo o *que* como um relativo universal, por vir ocupando o lugar dos outros no PB. Quando trata especificamente da sintaxe das adjetivas, Castilho (2012) menciona as estratégias de relativização, explicando primeiro sobre a hierarquia de acessibilidade dos sintagmas nominais à relativização: já que as orações adjetivas se ligam a sintagmas nominais no período, se faz necessário averiguar que funções sintáticas desses sintagmas favorecem um ou outro processo de relativização. Nesse âmbito, o gramático aponta que as línguas naturais também variam em relação “ao número de posições que são passíveis de relativização, sendo mais acessíveis os sintagmas nominais de sujeito, em seguida os que funcionam como objeto direto, objeto indireto, oblíquo e genitivo” (CASTILHO, 2012, p. 366). Logo, as estratégias de relativização obedecem a essa hierarquia, ou seja, se um objeto indireto é relativizado em uma determinada língua, obrigatoriamente as posições argumentais de sujeito e objeto direto também devem ter sido relativizadas antes.

Em seguida, Castilho (2012) discorre sobre as três estratégias de relativização do PB (*padrão*, *cortadora* e *copiadora*). Para ele, nas sentenças relativas *copiadoras*, há uma

despronominalização do relativo, que se configura em uma espécie de conjunção e perde sua propriedade fórica, a qual é preenchida por uma expressão ou pronome cópia, preposicionado ou não; o gramático expõe, ainda, que o *cujo* tem se tornado uma partícula cada vez mais rara no português contemporâneo, até mesmo na variedade padrão culta, onde é substituído por *de que*. Ao falar sobre a *cortadora*, Castilho (2012) afirma que sua estrutura é decorrente do apagamento do pronome cópia na relativa *copiadora*, o que aponta para a correlação entre as alterações pronominais e os processos de relativização no quadro linguístico do PB (já explorada na seção sobre o histórico do fenômeno), pois esses dois fenômenos linguísticos compartilham o estatuto fórico.

Em um último momento sobre o assunto da subordinação relativa, Castilho (2012) faz uma breve exposição acerca da classificação semântica das adjetivas em restritivas (ou determinativas) e explicativas (ou apositivas), assim como mencionam as gramáticas normativas.

Perini (1999), em sua *Gramática Descritiva do Português*, além de tecer explicações sobre a canônica divisão das adjetivas em restritivas (não apositivas) e explicativas (apositivas), diz que a construção relativa apresenta as seguintes características: presença de um relativo, precedido às vezes de uma preposição; presença de uma estrutura oracional aparentemente incompleta, após o relativo; e articulação de um elemento nominal (antecedente) com o relativizador e a estrutura aparentemente incompleta. Afora essas considerações, Perini (1999) não aborda a manifestação variável das relativas, como o faz Castilho (2012).

No que atine à perspectiva gramatical dos usos linguísticos, Neves (2011) aborda o conteúdo das adjetivas também explicando inicialmente a canônica categorização semântica em restritivas e explicativas, bem como as particularidades do antecedente dos pronomes relativos e as funções que estes podem exercer em contextos não preposicionados e preposicionados. A respeito do que a autora expõe acerca do antecedente, este pode ser: um sintagma nominal, o que é mais comum; um pronome demonstrativo, como em “*Aquilo* que eu te disse foi na hora da raiva.” (NEVES, 2011, p. 378, grifo nosso); ou um pronome indefinido, como em “Não tinha *nada* que fazer ali.” (NEVES, 2011, p. 378, grifo nosso). Assim como outros gramáticos, Neves (2011) explica as funções que os pronomes relativos assumem, tanto não precedidos de preposições (sujeito e objeto direto) quanto precedidos (objeto indireto, complemento nominal e complemento ou adjunto adverbial).

É quando aborda as funções de sintagmas preposicionais que Neves (2011) pontua alguns aspectos variáveis das relativas, a saber: a omissão da preposição *de* antes do relativo

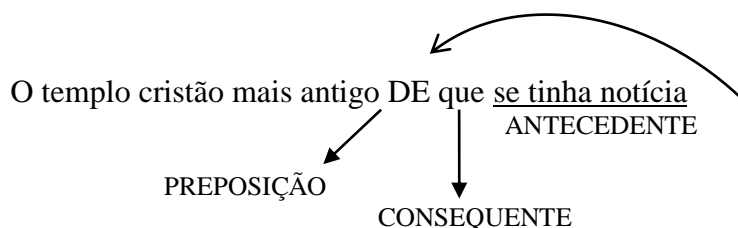
com função de objeto indireto, especialmente com o verbo *gostar*, como em “Coloquei a roupa Ø QUE eu mais gostava.” (NEVES, 2011, p. 381); as estruturas adverbiais espaciais e temporais, em que ocorrem duas preposições locativas (iguais ou diferentes), uma precedendo o antecedente, e outra, o pronome relativo, tendo esta última a tendência ao apagamento, ocorrendo, assim, um caso variável como em “Mais ou menos na época que cheguei de Minas” (NEVES, 2011, p. 383). Como pudemos perceber, embora a gramática de usos não expresse as denominações das variantes relativas não canônicas (*cortadora* e *copiadora*), elucida-as — principalmente a *cortadora* — por meio de exemplos, mormente da ambiência sintática preposicionada.

Dentre os gramáticos descritivos que escolhemos citar, o que explora de maneira mais completa as estratégias de relativização é Bagno (2011) com sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de teor descritivo-variacionista e pedagógico. Nessa gramática, o sociolinguista deixa bem claro que “as estratégias de relativização *copiadora* e, principalmente, a *cortadora* já se tornaram regras da gramática do PB, o que significa que é impossível fazê-las desaparecer” (BAGNO, 2011, p. 910). O autor salienta que tais estruturas são recorrentes inclusive entre os falantes mais letrados, dentre eles pesquisadores, redatores da esfera jornalística e até professores de língua materna; Bagno (2011) ancora esse argumento ao apresentar trechos de escritas monitoradas em que há as formas não padrão das relativas.

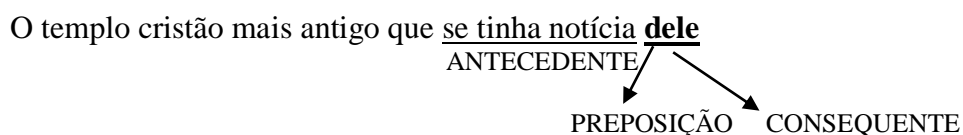
Bagno (2011) advoga, ainda, que, na língua portuguesa, não há mais a existência de pronomes relativos preposicionados, e, se estes existem, encontram-se em rápido processo de extinção. Para o autor, as regras que normatizam o emprego dos pronomes relativos constituem um caso pertencente ao que ele chama de *gramática invisível*, uma vez que até existem prescrições acerca dos pronomes relativos ditadas pela tradição gramatical, mas que não fazem nenhum sentido nas práticas languageiras dos falantes. Perante essa constatação, a abordagem das sentenças adjetivas constitui um grande desafio para a educação linguística (BAGNO, 2011).

Afunilando sua discussão para as relativas *padrão* preposicionadas, Bagno (2011) afirma que essa estratégia tem uma ordem estranha (PREPOSIÇÃO + PRONOME RELATIVO), uma vez que as partículas prepositivas são deslocadas a posições que normalmente não ocupam na maioria de suas ocorrências na língua (antes dos complementos). O autor respalda seu argumento recorrendo à definição de *preposição* como a palavra invariável que relaciona dois termos na oração, sendo o primeiro (antecedente) completado pelo segundo (consequente), estabelecendo-se a ordem *antecedente-preposição-consequente*

(CUNHA; CINTRA, 2013). A partir dessa definição, Bagno (2011) explica que a relativa *padrão* altera essa ordem, que passa a ser *preposição-consequente-antecedente*, conforme a ilustração seguinte, dada pelo autor:



A partir do exemplo anterior, em que há uma estruturação diferente da que comumente o falante emprega, Bagno (2011) coloca que o falante tende geralmente a seguir a ordem conhecida. Logo, o autor afirma que, no caso desse fenômeno, quando o falante produz uma relativa *copiadora*, na verdade, está tentando seguir a sintaxe habitual de seu idioma, pondo as coisas em seus devidos lugares, como no seguinte exemplo¹⁵ esquemático, também indicado pelo autor.



Com esse exemplo, Bagno (2011) explica que, quando busca pôr cada coisa em seu lugar, o falante intui de seus conhecimentos linguísticos internalizados que a preposição não pode ocorrer desvinculada de seu termo consequente, o que é agramatical e inaceitável nos usos da língua (*O tempo cristão mais antigo que se tinha notícia de*); logo, para resolver esse problema, no PB, o falante preenche a posição do termo consequente com um pronome cópia.

As considerações feitas nos permitem afirmar que há uma preocupação e atenção dos compêndios descritivos em mostrar aos falantes o caráter variável das línguas em seus mais variados fenômenos, diferentemente dos normativos, que possuem finalidades eminentemente prescritivistas.

Conhecidas, panoramicamente, as visões dos gramáticos normativos e descritivos acerca das estratégias de relativização, apresentamos, em seguida, nossa revisão de literatura,

¹⁵ Exemplos retirados de Bagno (2011, p. 913).

onde resenharemos as pesquisas que investigaram o fenômeno das relativas a partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

3.4 Estudos variacionistas sobre as estratégias de relativização no Português Brasileiro

Identificamos um número considerável de estudos sociolinguísticos acerca das estratégias de relativização no PB, os quais explanaremos nesta seção, evidenciando, assim, o estado da arte do fenômeno que nos propusemos a investigar.

O pioneirismo na investigação desse fenômeno no Brasil deve-se à Mollica (1977), que pesquisou as orações relativas escolhendo como variantes da variável dependente a manutenção ou o apagamento do pronome cópia, fazendo essa análise nos três contextos sintáticos em que essa alternância foi identificada, a saber: construções de sintagmas de sujeito (onde ocorrem relativas *padrão* e *copiadoras*); construções com sintagmas de complementos não preposicionados (nas quais também ocorrem relativas *padrão* e *copiadoras*); e construções com sintagma de complementos preposicionados (onde ocorrem as relativas *padrão*, *cortadoras* e *copiadoras*)¹⁶. Portanto, o apagamento da cópia, por ser uma variante comum aos três contextos, foi tomado como a aplicação da regra. Os quatro informantes dessa pesquisa eram cariocas nativos, de classe social baixa e semiescolarizados, participantes do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). O *corpus* constituiu-se de dados extraídos de sete entrevistas (com duração média de uma hora) realizadas com 4 informantes (um homem e três mulheres), perfazendo um total de 28 horas gravadas, aproximadamente. Sendo assim, Mollica (1977) não investigou variáveis sociais, devido à impossibilidade de estratificação em *gênero*, *faixa etária* e *grau de escolaridade*. Logo, as variáveis independentes testadas foram apenas linguísticas, sendo três ligadas a aspectos semânticos do antecedente (\pm *humano*, \pm *especificado* e \pm *coletivo*) e uma ligada à estruturação da sentença (*ausência* e *presença* de elementos intervenientes entre a oração relativa e o seu termo antecedente). Em termos gerais, Mollica (1977) identificou 1299 ocorrências de cláusulas relativas, das quais 1195 (92%) aplicaram a regra do apagamento da cópia, ou seja, correspondiam às orações do tipo *padrão* de sujeito e objeto direto e às não

¹⁶ Devemos entender que os três contextos dizem respeito ao fato de haver a concorrência manutenção X apagamento da cópia. A manutenção diz respeito às relativas *copiadoras* que se manifestam nas construções de sujeito e de complementos preposicionados e não preposicionados. Já o apagamento consiste nas relativas do tipo *padrão* dos contextos de sujeito e complemento não preposicionado, bem como nas relativas *cortadoras* do contexto de complemento preposicionado.

padrão *cortadoras*¹⁷. Para a rodada com as relativas de sintagmas de sujeito, os resultados gerados pelo programa para as variáveis testadas no favorecimento do apagamento da cópia foram: *traço não humano do antecedente* (99,1% e PR 0.77); *traço +especificado do antecedente* (98,6% e PR 0.70); *traço +coletivo do antecedente* (97,8% e PR 0.68); e *ausência* de elementos intervenientes (99,2% e PR 0.81). Já para a rodada com as relativas de sintagmas de complemento não preposicionado, os resultados foram: *traço não humano do antecedente* (93,1% e PR 0.62); *traço +especificado do antecedente* (98,3% e PR 0.71); *traço +coletivo do antecedente* (95,3% e PR 0.64); e *ausência* de elementos intervenientes (95,4% e PR 0.71). Quanto à rodada com as relativas de sintagmas de complementos preposicionados, os resultados favorecedores da regra foram: *traço não humano do antecedente* (81,6% e PR 0.69); *traço +especificado do antecedente* (69,2% e PR 0.56); *traço +coletivo do antecedente* (66,7% e PR 0.53) e *presença* de elementos intervenientes (44,4% e PR 0.61). Cabe, ainda, elucidar os resultados da última rodada de caráter geral, em que a autora uniu os três contextos: *ausência* de elementos intervenientes (96,3% e PR 0.72); *traço não humano do antecedente* (94,5% e PR 0.68); *traço +especificado do antecedente* (96,4% e PR 0.65); *traço +coletivo do antecedente* (95,8% e PR 0.65). A autora concluiu que, proeminentemente, a *ausência* de elementos intervenientes entre o relativizador e seu antecedente é o que mais favorece o emprego das relativas *cortadoras*, além das características semânticas [*-humano*], [*+específico*] e [*+coletivo*] do antecedente ao pronome relativo.

Um outro estudo pioneiro no tema é o de Tarallo (1983), que deu prosseguimento ao que Mollica (1977) iniciou, estendendo a investigação para os três tipos de estratégias de relativização (*padrão*, *cortadora* e *copiadora*), lançando mão de dados sincrônicos e dados diacrônicos. A investigação sincrônica foi feita com dois tipos de material: entrevistas sociolinguísticas de 40 informantes da cidade de São Paulo estratificados por *sexo*, (masculino e feminino), *faixa etária* (menor e maior que 35 anos), *escolaridade* (baixa, média e superior) e *classe social* (baixa, média e alta); e dados das mídias televisivas de cinco gêneros (novelas, documentários, programas esportivos, mesas-redondas e entrevistas) analisados a partir do *grau de formalidade* (mais ou menos formal). O *corpus* diacrônico, por sua vez, constitui-se de cartas e textos teatrais escritos por brasileiros ao longo dos séculos XVIII e XIX. Tarallo (1983) coletou 2750 ocorrências de orações relativas na investigação sincrônica (1700 das entrevistas sociolinguísticas e 1050 dos gêneros midiáticos orais) e 1579 dados na

¹⁷ Em seu estudo, Mollica (1977), para configurar o apagamento do pronome cópia, uniu as relativas *padrão* de sujeito e objeto direto (não preposicionadas) e as não *padrão cortadoras* (preposicionadas) com a etiqueta de “cortadoras”, o que não permite separá-las no percentual de apagamento.

investigação diacrônica, perfazendo um total de 4.329 orações relativas coletadas e submetidas ao tratamento do programa estatístico VARBRUL. Como no trabalho de Mollica (1977), a variável dependente adotada por Tarallo (1983) foi a presença/ausência do pronome cópia, sendo as três estratégias de relativização as variantes (*copiadora*, *cortadora*, *padrão*). As variáveis independentes testadas foram: *função sintática do termo relativizado* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, genitivo, complemento oblíquo); o *traço semântico ± humano do termo antecedente*, o *traço semântico ± definido do antecedente*, o *traço mórfico ± singular do antecedente*, a *posição da oração adjetiva em relação à oração principal* (à direita ou encaixada), a *presença/ausência de material interveniente entre o SN relativizado e a relativa*, o *tipo de oração relativa* quanto à natureza semântica (restritiva ou explicativa). Em termos gerais, os resultados forneceram as frequências de 9,5% para a relativa *resumptiva*, 14,9% para a relativa *cortadora* e 75,6% para as relativas *padrão*; Tarallo (1983) afirma que a *copiadora* é menos frequente que a *cortadora* por carregar um maior grau de estigmatização. Os resultados específicos apontaram que a relativa *copiadora* é favorecida pelos *traços semânticos +humano* (13,9% e PR 0.66), *+indefinido* (11,3% e PR 0.51) e *+singular* (11,2% e PR 0.66) *do termo antecedente*, pelas *funções sintáticas de objeto indireto* (21,1% e PR 0.65) e *genitivo* (52,9% e PR 0.81) *do termo relativizado*, pela *posição à direita* (10,5% e PR 0.53) em relação à oração principal, pela *presença de elementos intervenientes* (41,7% e PR 0.83) entre a oração relativa e a principal e pelo *tipo de oração não restritiva* (16,4% e PR 0.70). Em relação à hierarquia das classes sociais e de estilo, os dados indicaram que as três classes usam as relativas não padrão, numa hierarquia coerente: há um decréscimo no uso da *copiadora* da classe alta para a classe baixa, e o seu uso é mais frequente nas falas informais. Quanto aos dados de programas midiáticos, o uso das relativas não padrão vai crescendo dos gêneros mais formais ao menos formais. Vale ressaltarmos que foi com este estudo que Tarallo (1983) apontou, a partir da análise de dados diacrônicos, quando as duas variantes não padrão começaram a competir a fim de substituir a *padrão* (ano de 1825). O autor chegou à conclusão de que a estratégia *cortadora* vem aumentando na preferência linguística dos brasileiros quando estes empregam a relativização, o que indicou um caso de mudança sintática em andamento.

O terceiro estudo em torno da temática foi o de Kato *et al.* (1996), que investigou, em dados do projeto Norma Urbana Culta (NURC), a presença ou ausência de preposição seguindo o pronome relativo de sintagmas com ambiência preposicionada. As variáveis independentes testadas foram *função do pronome relativo* (genitivo, objeto indireto, complemento nominal, complemento adverbial e adjunto adverbial), *animacidade do*

antecedente (\pm humano), *tipo de oração relativa* (restritiva ou explicativa), *preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo* (iguais ou diferentes), *tipo de preposição requerida pela oração relativa* (em, de, a, com, por) e o *tipo de entrevista sociolinguística* (formal ou informal). Uma vez que abordou apenas a presença ou não da preposição nas relativas em contexto de sintagmas preposicionados, as autoras constataram apenas 43 orações com preposição num universo de 123 oportunidades de uso, o que consideraram como baixo perante o fato de todos os informantes do *corpus* serem graduados. Os grupos de fatores considerados relevantes e favorecedores do uso da preposição foram *função sintática de adjunto adverbial* para o pronome relativo (49% e PR 0.69), *tipo de entrevista formal* (56% e PR 0.70) e ocorrência de *preposições diferentes para o antecedente e para a oração relativa* (50% e PR 0.75). Assim, nesse estudo, os condicionadores linguísticos foram mais importantes que os extralinguísticos.

Pinheiro (1998), a partir de dados do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), analisou as orações relativas em contextos de sintagmas preposicionados. Adotando as estratégias de relativização como a variável dependente, o autor optou por trabalhar com as variantes relativa *padrão* e relativa *cortadora*, deixando de lado a relativa *copiadora* pelo baixo número de ocorrências e escolhendo a variante *padrão* como aplicação da regra. As variáveis independentes de natureza linguística testadas foram: *função sintática do constituinte relativizado* (complemento verbal, complemento nominal, adjunto adnominal e adjunto adverbial); *preposição requerida pelo verbo ou pelo nome* (a, de, em, com, para, por, sobre); *tipo de verbo quanto à estrutura do complemento* (apenas um complemento, sem complemento, mais de um complemento); *posição da relativa em relação à oração principal* (à direita, encaixada); *distância da relativa em relação à principal* (com material interveniente, sem material interveniente); *posição do vazio na relativa* (interior, periférico); *traço semântico do antecedente* (\pm animado, \pm definido); *traço mórfico do antecedente* (singular, plural); *estado de ativação do antecedente* (dado, novo). Já os grupos de fatores sociais testados foram *sexo* (masculino, feminino), *faixa etária* (I- 25 a 35 anos, II- 36 a 55 anos, III- 56 anos em diante) e *tipo de registro* (DID, D2, EF). Os resultados revelaram que, de um total de 325 ocorrências de orações relativas de sintagmas preposicionais, 40% foram *padrão*, e 60%, *cortadoras*; além disso, os grupos de fatores considerados relevantes para o fenômeno nesse estudo foram, nessa ordem, *função do constituinte relativizado*, *tipo de registro*, *sexo* e *estado de ativação do antecedente*. Esses resultados evidenciaram que a função de *adjunto adverbial* (52% e PR 0.64), as *elocuições formais* (67% e PR 0.76), o *sexo masculino* (47% e PR 0.58) e a *informação nova* (46% e PR 0.57) são os fatores que

favorecem o uso da relativa *padrão*. O autor apontou que o fenômeno no falar culto de Fortaleza é um caso de variação estável.

Corrêa (1998) foi outra pesquisadora que abordou as estratégias de relativização, conjugando as teorias variacionista, gerativista e da aquisição da linguagem, a partir das quais buscou investigar a interferência gradativa da escolarização no uso dessas estratégias. Para isso, lançou mão de três *corpora* – narrativas de escolares do 1º grau, exercícios de alunos do 2º grau aplicados após estudo sistemático das orações adjetivas e dados do NURC para os informantes cultos em cinco capitais brasileiras e depois apenas para São Paulo. Interessaram ao nosso estudo somente os dados do último *corpus*, cuja investigação foi balizada pela escolha da variável dependente orações relativas em contexto preposicionado (com preposição e sem preposição, as quais a autora denominou de *padrão* e *vernacular*). Para as cinco capitais brasileiras, o *corpus* constituiu-se de 15 inquéritos (3 para cada região, 1 EF, 1 D2 e 1 DID), e os grupos de fatores testados foram: *função sintática do termo relativizado* (objeto indireto, adjunto adverbial e complemento nominal); *animacidade do antecedente* (+animado e –animado); *preposição do termo relativizado* (em, de, a, por, com); *preposição usada pelo antecedente (quando requerida) e pelo pronome relativo* (iguais, diferentes); *tipo de inquérito* (DID, D2 e EF); *sexo* (masculino, feminino); *local da entrevista* (Recife, Porto Alegre, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro). Para as cinco capitais, foram identificadas 123 ocorrências de relativas de contexto preposicionado (35% do tipo *padrão* e 65% do tipo *vernacular*), e os grupos de fatores apontados como relevantes pelo programa estatístico para o favorecimento da relativa *padrão* foram: *função sintática do termo relativizado*, com ênfase no *adjunto adverbial* (49% e PR 0.81); *preposições diferentes requeridas pelo antecedente e pelo pronome relativo* (57% e PR 0.75); *local da entrevista*, sobretudo *Recife* (69% e PR 0.97); *tipo de inquérito elocução formal* (56% e PR 0.76). Averiguando apenas a fala culta de São Paulo, numa amostra de 21 inquéritos (6 EF, 9 DID e 6 D2), a autora testou as variáveis independentes que foram relevantes para as cinco capitais, acrescidas dos grupos de fatores *faixa etária* (25-35 anos, 36-55 anos, mais de 55 anos), *profissões* (grupos 1, 2 e 3), *sexo* (masculino e feminino) e *tipo de pronome relativo* (que, o qual, cujo, quem); nessa análise, foram identificadas 255 cláusulas relativas de contexto preposicionado (55% do tipo *padrão* e 45% do tipo *vernacular*), e os grupos de fatores considerados relevantes no favorecimento da relativa *padrão* foram: *função sintática do termo relativizado*, mormente o *adjunto adverbial* (61% e PR 0.63); *preposições diferentes para a relativa e para o antecedente* (58% e PR 0.57); *faixa etária* dos informantes com *mais de 55 anos* (79% e PR 0.85); as *profissões do grupo 1*, que engloba advogados, professores e escriturários (68% e PR 0.63); *sexo masculino*

(57% e PR 0.60); e *tipo de inquérito elocução formal* (80% e PR 0.66). A autora concluiu que o fenômeno se trata de uma variação estável.

O trabalho de Barros (2000) também versou sobre as orações relativas no português falado por nativos em João Pessoa, a partir de dados de uma amostra do projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), composta por 60 informantes estratificados por *sexo*, *idade* e *escolaridade*. A autora adotou como variável dependente o apagamento e a manutenção do pronome cópia e decidiu analisar as estratégias de relativização nos contextos de sintagmas preposicionados e não preposicionados. As variáveis independentes testadas nessa pesquisa foram: *animacidade do antecedente* (traço +humano e –humano); *especificidade do antecedente* (+ específico e – específico); *distância entre o antecedente e o relativizador* (ausência ou presença de elementos intervenientes); *função sintática do termo relativizado* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal, predicativo e agente da passiva); *faixa etária* (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, mais de 50 anos); *anos de escolaridade* (nenhum ano, 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos, acima de 11 anos); e *sexo* (masculino, feminino). Após a definição dessas variáveis, Barros (2000) realizou duas rodadas no programa estatístico, uma ternária para os três tipos de relativa e uma binária para as estratégias não padrão (*cortadora* e *copiadora*), sendo esta usada para evidenciar os condicionadores relevantes para o favorecimento da aplicação da regra (o apagamento do pronome cópia). Os resultados gerais indicaram um total de 413 orações relativas, sendo 52 (12,6%) *copiadoras*, 164 (39,7%) estratégias *padrão* e 197 (47,7%) *cortadoras*. Na segunda rodada, por considerar apenas as orações relativas não padrão em contexto preposicionado, a autora constatou 215 estratégias relativas (193 *cortadoras* e 22 *copiadoras*). Os grupos de fatores considerados relevantes para a aplicação da regra foram: *animacidade do antecedente*, com o traço –humano (99% e PR 0.81); *especificidade do antecedente*, com o traço +específico (92% e PR 0.58); e *distância zero* entre o termo relativizado e o relativizador (95% e PR 0.70). Mesmo não tendo sido selecionadas como relevantes pelo programa estatístico, a autora discutiu os resultados das seguintes variáveis, por considerá-las como influenciadoras discretas para a aplicação da regra na variação investigada: a *função sintática de objeto indireto* para o termo relativizado (87% e PR 0.52); *faixa etária dos 15 aos 25 anos* (92% e PR 0.52); os informantes com *1-4 anos de escolarização* (96% e PR 0.65) e os com *11 anos de escolarização* (89% e PR 0.64); e o *sexo masculino* (94% e PR 0.58). A pesquisa sinalizou um caso de variação estável.

Em seguida, Burgos (2003) empreendeu uma investigação acerca das estratégias de relativização em Helvécia, uma comunidade rural situada no extremo sul da Bahia

composta por descendentes afro-brasileiros. Para isso, o autor lançou mão de dados do projeto Vertentes do Português rural da Região da Bahia e Sergipe, extraído deste uma amostra de 18 informantes, estratificados por *faixa etária* e por *sexo*. A variável dependente foram as estratégias de relativização, com as variantes *padrão*, *cortadora* e *copiadora*. As variáveis independentes testadas foram: *tipo de oração relativa* (restritiva e não restritiva); *função sintática do antecedente* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, objeto locativo, genitivo, predicativo, adjunto adverbial); *distância entre o antecedente e a relativa* (nenhum vocábulo, um vocábulo, dois vocábulos, três ou mais vocábulos); *traços semânticos do antecedente* (\pm humano, \pm plural, \pm definido); *função sintática do pronome relativo* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, objeto locativo, genitivo, adjunto adverbial); *posição da relativa em relação à oração principal* (encaixada, à direita); *pronome relativo* (que, onde); *idade* (faixas I, II e III); *sexo* (masculino e feminino); *escolaridade* (informantes não alfabetizados e semialfabetizados); *estada na comunidade* (saída, permanência). Os resultados gerais indicaram um total de 569 orações relativas, divididas em 366 do tipo *padrão*, 185 do tipo *cortadora* e 18 do tipo *copiadora*. Na primeira rodada, os fatores considerados como relevantes no favorecimento da relativa *copiadora* foram o tipo de oração *não restritiva* (10% e PR 0.78) e a *presença de elementos intervenientes* entre a relativa e o termo antecedente (6% e PR 0.68). Já na segunda rodada, as variáveis apontadas pelo programa como relevantes no favorecimento da *copiadora* foram a *função sintática de genitivo* para o pronome relativo (13% e PR 0.61) e o *traço semântico +humano* do antecedente (50% e PR 0.89). O estudo sinalizou um caso de variação estável.

Silva (2011) analisou as estratégias de relativização em uma amostra com 21 informantes extraída do projeto Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte. Os grupos de fatores testados foram: *função sintática do termo relativizado* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo, genitivo, termo de sentença com verbo de ligação); *função sintática do pronome relativo* (sujeito, objeto direto e indireto, oblíquo, genitivo); *posição da relativa em relação à oração principal* (à direita, interior); *distância entre o termo antecedente e a relativa* (nenhuma intervenção, alguma intervenção); *posição da lacuna na relativa* (interior e periférica); *existencialidade da oração principal* (oração existencial, oração não existencial); *traço \pm humano do antecedente*; *traço singular/plural do antecedente*; *traço definido/indefinido do antecedente*; *traço animado/inanimado do antecedente*; *traço genérico/específico do antecedente*; *restritivismo* (oração restritiva, oração não restritiva); *gênero do informante* (masculino, feminino); *faixa etária* (até 25 anos, 26-49 anos, 50 anos em diante); *escolaridade* (ensino fundamental/médio, ensino superior); *classe social* (classe

trabalhadora, classe média); *estilo* (formal, informal). Na rodada *padrão X não padrão*, os resultados gerais foram 284 ocorrências para a variante *padrão* (82%), 49 para as *cortadoras* (14%) e 13 para as *copiadoras* (4%). Os fatores apontados como relevantes para o favorecimento da relativa *padrão* nessa rodada foram: *função sintática dos oblíquos* (85% e PR 0.58); *função sintática de sujeito para o pronome relativo* (94% e PR 0.75); a *não existencialidade* da oração principal (83% e PR 0.55); e o *traço plural* do antecedente (94% e PR 0.72). Na rodada *padrão X cortadora*, os fatores considerados relevantes para o favorecimento da *cortadora* foram: as funções sintáticas *não oblíquas* (21% e PR 0.79); a *posição periférica* da lacuna na relativa (39% e PR 0.97); a *existencialidade* da oração principal (19% e PR 0.76); e o *traço singular* do termo antecedente (18% e PR 0.59). Na última rodada, *padrão X copiadora*, as variáveis consideradas relevantes para o favorecimento da *copiadora* foram: *função sintática oblíqua* (PR 0.80); *existencialidade da oração principal* (PR 0.79); e *gênero feminino* (PR 0.69).

A pesquisa empreendida por Avelheda (2014) observou o comportamento das estratégias de relativização na escrita culta padrão em jornais e revistas. A variável dependente constituiu-se pelas orações relativas em contextos preposicionados (*padrão* e *vernaculares*), e as variáveis independentes testadas foram: *pronome relativo envolvido* (que, quem, onde, cujo); *preposição regida pelo verbo* (de, em, a, por); *função sintática do antecedente* (objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, complemento relativo, complemento circunstancial, adjunto adnominal); *função sintática do pronome relativo* (as mesmas testadas para o termo antecedente); *animacidade do antecedente* (+ animado, –animado); *gênero textual* (notícia, matéria, artigo acadêmico, editorial); *veículo de informação* (revista acadêmica *Diadorim*, revista acadêmica *Matéria*, revista *Superinteressante*, jornal *O Globo*); *tipo de trecho retirado*. Os totais gerais apontados foram de 417 construções relativas de ambiência preposicionada, predominando as do tipo *padrão* (96,6%). As variáveis apontadas como relevantes pelo programa estatístico para o favorecimento das relativas vernaculares foram: pronome relativo *que* (7,6% e PR 0.703); revistas *Matéria* (7,8% e PR 0.912) e *Superinteressante* (4,4% e PR 0.643); e as preposições *por* (10% e PR 0.975), *de* (23,1% e PR 0.954) e *a* (8,3% e PR 0.843) regidas pelos verbos.

O trabalho de Ramos (2015) descreveu as estratégias de relativização no português de Belo Horizonte, a partir de dados do projeto Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte. A amostra foi composta por 24 informantes. A aplicação da regra adotada foi para as estratégias *não padrão*. Os grupos de fatores testados foram: *função sintática do termo relativizado* (sujeito, objeto direto e objeto indireto,

adjuntos/complementos, relativa com verbo de ligação); *função sintática do pronome relativo* (mesmas funções para o termo relativizado); *animacidade do antecedente* (animado, inanimado); *definitude do antecedente* (traço definido, traço indefinido); *traço humano do antecedente* (humano, não humano); *faixa etária* (até 22 anos, 23-59 anos, 60 anos em diante); *gênero* (homem, mulher); *escolaridade* (ensino básico, ensino superior); *estilo de fala* (monitorado, casual). Os resultados gerais apontaram 394 ocorrências de relativas, sendo 21% *não padrão* e 79% *padrão*. O cálculo para identificar as regras variáveis foi evidenciado em 3 rodadas. Na primeira rodada, *padrão X não padrão*, o programa indicou as seguintes variáveis como relevantes para o favorecimento das estratégias *não padrão*: a *função sintática do pronome relativo*, com ênfase para o *objeto indireto* (96% e PR 0.99) e para os *complementos/adjuntos* (65% e PR 0.95). Embora não apontados como relevantes nessa rodada, a autora discutiu as probabilidades das seguintes variáveis: *escolaridade básica* (26% e PR 0.67), *faixas etárias dos 23 aos 59 anos* (24% e PR 0.64) e *até os 22 anos* (24% e PR 0.61). Na segunda rodada, *padrão X cortadora*, foram relevantes os seguintes fatores para o favorecimento da *cortadora*: funções de *objeto indireto* (96% e PR 0.99) e de *complementos/adjuntos* (62% e PR 0.99) para o pronome relativo; faixas etárias dos *23 aos 59 anos* (19% e PR 0.77) e *até os 22 anos* (21% e PR 0.72); *escolaridade básica* (22% e PR 0.71). Na última rodada, *padrão X copiadora*, os fatores apontados como relevantes para a realização da variante *copiadora* foram: funções de *objeto indireto* (80% e PR 0.99) e de *complementos/adjuntos* (33% e PR 0.96) para o pronome relativo; e o *traço semântico humano* do antecedente (8% e PR 0.70).

O estudo de Santos (2015) investigou as estratégias de relativização na escrita jornalística culta, com dados de 150 textos do jornal *O Globo* publicados de junho a dezembro de 2012. A variável dependente constituiu-se das variantes *padrão* e das *não padrão* (*cortadora* e *copiadora*), e os grupos de fatores escolhidos foram: *função sintática do termo antecedente* (sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, função oblíqua, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, expressão nominal); *referencialidade do antecedente* (+humano/+específico, +humano/-específico, -humano/+específico, -humano/-específico); *distância entre o termo antecedente e o pronome relativo* (nível zero, nível 1, nível 2, nível 3); *função sintática do relativizador* (complemento nominal, função oblíqua, adjunto adnominal, adjunto adverbial); *tipo de preposição que rege o relativizador* (em, de, com, a, por, para, outras); *tipo de relativizador* (que, o/a qual, onde, cujo); *tipo do verbo da oração relativa* (transitivo direto, transitivo relativo, bitransitivo, intransitivo, inacusativo, copulativo, suporte); e *gênero textual*

(editorial, artigo de opinião, crônica, notícia, carta de leitor, anúncio). Os resultados gerais apresentaram um total de 253 ocorrências de relativas, 102 preposicionadas e 151 não preposicionadas; porém, estas tiveram comportamento categórico, havendo somente estratégias *padrão*, então o foco da pesquisa voltou-se somente para as preposicionadas, que se subdividiram em 97 (95,1%) do tipo *padrão* e 5 (4,9%) do tipo *cortadora*, o que já apontou para um comportamento semicategórico. Assim, a autora discutiu apenas as frequências dos grupos de fatores que mais favorecem a *cortadora*, das quais elencamos aqui apenas as maiores: *função sintática de adjunto adverbial para o termo antecedente* (10,7%); *referencialidade [-humano/+específico]* para o antecedente (6%); *distância zero* entre o relativizador e seu antecedente (12,5%); *função sintática de adjunto adverbial para o relativizador* (7,8%); *preposição em* a reger o relativizador (12,5%); *pronome relativo que* (10,9%); *verbo transitivo direto* (8,9%); e *gênero textual anúncio* (35,7%). A autora identificou um caso de variação estável.

Machado (2015) fez uma investigação sociolinguística das orações relativas preposicionadas em 24 atas de audiências públicas da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG), ocorridas entre os anos de 2001 e 2012. A autora encontrou 615 ocorrências, sendo 143 do tipo *padrão* (23%) e 472 do tipo *não padrão* (77%); destas, 459 eram *cortadoras* (75%) e 13 *copiadoras* (2%). Os grupos de fatores linguísticos testados foram: *natureza semântica do antecedente* (tempo, lugar, coisas e seres em geral, ações, publicações e outros); *classe gramatical do antecedente* (substantivo, advérbio, numeral e pronome indefinido); *preposição requerida pelo pronome relativo* (de, em, outras); *função sintática do pronome relativo* (adjunto adverbial, objeto indireto, complemento nominal); *especificidade do antecedente* (traço especificado, traço não especificado); *traço semântico humano do antecedente* (humano, não humano); *distância entre o relativizador e a cópia*; *verbos principais mais recorrentes nas orações relativas*. Já as variáveis extralinguísticas foram estabelecidas levando-se em consideração os autores das atas das audiências, e não dos participantes delas: *gênero* (masculino, feminino); *faixa etária* (18 a 30 anos, 31 a 59 anos, a partir de 60 anos); *escolaridade* (ensino médio completo, ensino técnico, graduação em Letras, demais graduações); *tempo de serviço na Câmara Municipal* (até 5 anos, de 6 a 10 anos, de 11 a 15 anos, de 16 a 20 anos); *tempo de serviço na Seção de Atas* (nunca trabalhou no setor, até 2 anos, até 4 anos); *cargo na Câmara Municipal*; *profissão*; *modalidade* (efetivo; contratado); *colaborador* (sim, não). O programa estatístico apontou os seguintes fatores relevantes a propiciar o uso das relativas do tipo *não padrão*, nesta ordem: *escolaridade*, principalmente os informantes com *ensino médio completo* (87% e PR 0.631) e com *ensino*

técnico (85% e PR 0.552); o *tempo de serviço na Câmara Municipal compreendido entre 6 e 10 anos* (82% e PR 0.672); *função sintática de objeto indireto* (88% e PR 0.777) para o pronome relativo; *outras preposições requeridas pelo pronome*, como *sobre*, *a* e *com* (89% e PR 0.757); o *tempo de serviço por até 2 anos na Seção de Atas* (85% e PR 0.706); *natureza semântica do antecedente*, com ênfase nas *coisas e seres em geral* (95% e PR 0.797), *lugar* (81% e PR 0.622) e *tempo* (77% e PR 0.547).

Silva, Figueiredo e Araújo (2016) realizaram um estudo sobre as relativas apenas com 4 informantes do projeto A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 3 (amostras da língua falada em Feira de Santana). As autoras consideraram dois grupos de variáveis dependentes, um com as relativas em ambiente não preposicionado, e o outro em ambiente preposicionado; os resultados gerais apontaram 131 ocorrências para o primeiro grupo e 45 para o segundo. Os grupos de fatores analisados foram *função sintática do pronome relativo*, *função sintática do termo antecedente*, *pronome relativo utilizado*, *faixa etária* e *sexo*. Os resultados revelaram caráter categórico para a variante *padrão* do grupo das não preposicionadas; então, o foco investigativo voltou-se para as relativas preposicionadas (96% do tipo *padrão*, 2% do tipo *cortadora* e 2% do tipo *copiadora*). Nesse contexto, as autoras concluíram que a relativa *cortadora* é mais empregada quando a função sintática do pronome é *adjunto adverbial* (24 das 43 ocorrências, 92%); a função sintática mais relativizada é a de *complemento verbal* (34% do total); o uso do relativo *que* é praticamente categórico; os informantes *mais jovens* empregam as estratégias *cortadora* e *padrão* com maior frequência que os *idosos* (74% e 25%); a variável *sexo* não foi relevante para esse estudo. As autoras concluíram que, em relação à mudança linguística, não foi possível fazer projeções.

Coan e Carvalho (2016), por sua vez, investigaram as relativas de contexto preposicionado em 40 textos jurídicos escritos, estabelecendo como variável dependente a relativa *padrão* X relativas em variação (*cortadora*, *copiadora* e usos do *onde* com valores diferentes do que prescreve a gramática normativa). Os grupos de fatores de natureza linguística controlados foram: *função sintática da oração relativa* (complemento nominal/adjunto adnominal, adjunto adverbial, objeto indireto); *posição da oração relativa no período* (primeira oração, meio, última oração) e *distância entre o pronome relativo e o termo antecedente* (presença de material, ausência de material). Já os de natureza extralinguística foram: *tipo de ação judicial* (juizado especial, maior complexidade), *idade do advogado* que a escreveu (-40 anos, +40 anos), bem como o seu *sexo*. O programa estatístico não apontou nenhum dos grupos de fatores como relevantes no favorecimento das orações relativas *não padrão*, e isso se deveu ao baixo número de ocorrências, que foram 64 dados (65,6% para as

relativas *padrão* e 34,4% para as *não padrão*). Então, as autoras levantaram a análise apenas a partir das frequências para cada grupo de fatores em relação às estratégias não padrão: *função sintática de adjunto adverbial* (37,5%); *posição da relativa no meio do período* (35,4%); *presença de material interveniente entre a relativa e seu antecedente* (66,7%); *advogados com menos de 40 anos* (41,9%); *sexo masculino* (43,8%); *ações judiciais de maior complexidade* (50%). As autoras concluíram que, embora as relativas *padrão* tenham predomínio na escrita monitorada, já se verifica a frequência de registros que contrariam a gramática normativa, o que indica uma mudança linguística em processo.

O trabalho mais recente, o de Silva (2018), também analisou as orações relativas no português falado em Feira de Santana (BA), a partir de dados de 24 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID extraídas do projeto A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano (Fase 3). Essas entrevistas se subdividiram em duas amostras: *norma popular* (12 informantes analfabetos ou pouco escolarizados) e *norma culta* (12 informantes graduados). A autora estabeleceu dois grupos de variáveis dependentes para sua análise, uma para as relativas não preposicionadas (cujas variantes foram relativas *padrão com lacuna* e *relativa copiadora*) e outra para as preposicionadas (com as variantes *padrão*, *cortadora* e *cortadora com lembrete*¹⁸). As variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas foram: *função sintática do pronome relativo* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, objeto oblíquo, complemento locativo, adjunto adverbial, genitivo, agente da passiva, adjunto adnominal, complemento nominal, predicativo, aposto, quantificador); *função sintática do antecedente* (as mesmas para os pronomes relativos); *valor semântico do termo antecedente* (lugar, coisa, tempo); *sexo do informante* (homem, mulher); *faixa etária* (I- 25 aos 35 anos, II- 45 aos 55 anos, III- acima dos 65 anos); *escolaridade* (baixa/inexistente, superior completo). Os resultados gerais apontaram 1248 orações relativas, sendo 932 não preposicionadas e 316 preposicionadas; no primeiro grupo, o resultado foi semicategórico para as relativas *padrão* (98%), então a discussão sobre efeitos variáveis voltou-se apenas para as preposicionadas (13% *padrão*, 84% *cortadoras* e 3% *copiadoras*). Os grupos de fatores apontados como relevantes para o beneficiamento da *cortadora* foram: os valores semânticos *lugar* (34% e PR 0.68) e *coisa* (32% e PR 0.67) para o termo antecedente; a *faixa etária dos 25 aos 35 anos* (27%); o *sexo masculino* (22%); e a *escolaridade baixa ou inexistente* (23%). A autora concluiu que, assim como estudos anteriores evidenciaram, há o uso majoritário das relativas

¹⁸ *Cortadora com lembrete* é o que, neste trabalho, chamamos de *relativa copiadora*.

cortadoras no falar popular e culto feirense. A autora apontou que o fenômeno na variedade analisada se enquadra como um caso de mudança em progresso.

Tendo resenhado os trabalhos que compõem o nosso estado da arte, expomos sinteticamente, no quadro 5, os aspectos mais importantes desses trabalhos.

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continua)

Mollica (1977) – Banco de dados: cariocas nativos integrantes do MOBREAL; 1299 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais: não houve</p> <p>Linguísticas (4): traços semânticos ± humano, ± específico e ± coletivo do antecedente; distância entre a oração relativa e o antecedente.</p>	<p>Orações relativas com apagamento do pronome cópia (<i>padrão de sujeito e objeto</i> e não <i>padrão cortadoras</i>) – 92%</p> <p>Orações relativas com manutenção do pronome cópia (<i>copiadoras</i>) – 8%</p>	<p>Aplicação: apagamento do pronome cópia (cortadora)</p> <p>- Distância entre a oração relativa e o antecedente: ausência de elementos intervinientes (96,3% e PR 0.72);</p> <p>- Traços semânticos do antecedente: –humano (94,5% e PR 0.68), +específico (96,4% e PR 0.65) e +coletivo (95,8% e PR 0.65).</p>
Tarallo (1983) – Banco de dados: corpus sincrônico (entrevistas sociolinguísticas e dados orais de gêneros televisivos) e diacrônico (cartas e textos teatrais escritos nos séculos XVIII e XIX); 4329 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (4): sexo, escolaridade, estilo, classe social.</p> <p>Linguísticas (7): função sintática do termo relativizado; traços semânticos</p>	<p><i>Padrão</i> – 75,6%</p> <p><i>Copiadoras</i> – 9,5%</p>	<p>Aplicação: retenção do pronome cópia (copiadora)</p> <p>- Função sintática do termo relativizado: objeto indireto (21,1% e PR 0.65) e genitivo (52,9% e PR 0.81)</p> <p>- Traços semânticos do antecedente: + humano (13,9% e PR 0.66), + indefinido</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Tarallo (1983) – Banco de dados: <i>corpus</i> sincrônico (entrevistas sociolinguísticas e dados orais de gêneros televisivos) e diacrônico (cartas e textos teatrais escritos nos séculos XVIII e XIX); 4329 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
± humano, ± definido e ± singular do antecedente; posição da relativa em relação à principal; distância entre a oração relativa e o antecedente; tipo de oração relativa.	<i>Cortadoras</i> – 14,9%	(11,3% e PR 0.51) e + singular (11,2% e PR 0.66); - Posição da relativa em relação à principal: à direita (10,5% e PR 0.53); - Distância entre a oração relativa e o antecedente: presença de elementos intervenientes (41,7% e PR 0.83); - Tipo de oração relativa: explicativa (16,4% e PR 0.70).
Kato <i>et al.</i> (1996) – Banco de dados: NURC; 123 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
Sociais (1): tipo de entrevista sociolinguística (formal ou informal). Linguísticas (5): função do pronome relativo; traço ± humano do antecedente; tipo de oração relativa; preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo; tipo de preposição requerida pela relativa.	<i>Padrão</i> – 34,9% <i>Cortadoras</i> – 65,1%	Aplicação: realização da preposição (<i>padrão</i>) - Preposições usadas pelo antecedente e pelo pronome relativo: diferentes (50% e PR 0.75); - Tipo de entrevista: formal (56% e PR 0.70); - Função sintática do pronome relativo: adjunto adverbial (49% e PR 0.69).
Pinheiro (1998) – Banco de dados: PORCUFORT; 325 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Pinheiro (1998) – Banco de dados: PORCUFORT; 325 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (3): sexo; faixa etária e tipo de registro.</p> <p>Linguísticas (9): função sintática do constituinte relativizado; preposição requerida pelo verbo ou pelo nome; tipo de verbo quanto à estrutura do complemento; posição da relativa em relação à oração principal; distância da relativa em relação à principal; posição do vazio na relativa; traços semânticos ±animado e ±definido do antecedente; traço mórfico singular/plural do antecedente; estado de ativação do antecedente.</p>	<p><i>Padrão – 40%</i></p> <p><i>Cortadoras – 60%</i></p>	<p>Aplicação: realização da preposição (padrão)</p> <p>- Função do constituinte relativizado: adjunto adverbial (52% e PR 0.64);</p> <p>-Tipo de registro: EF (67% e PR 0.76);</p> <p>-Sexo: masculino (47% e PR 0.58);</p> <p>-Estado de ativação do antecedente: informação nova (46% e PR 0.57).</p>
Corrêa (1998) – Banco de dados: NURC (primeiramente cinco capitais e depois apenas São Paulo); 123 cláusulas relativas de contexto preposicionado para as cinco capitais; 255 cláusulas relativas de contexto preposicionado para São Paulo; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
PARA AS CINCO CAPITAIS		
<p>Sociais (3): tipo de inquérito, sexo e local da entrevista.</p>	<p><i>Padrão – 35%</i></p>	<p>Aplicação: relativa padrão</p> <p>- Função sintática do antecedente: adjunto adverbial (49% e PR 0.81);</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Corrêa (1998) – Banco de dados: NURC (primeiramente cinco capitais e depois apenas São Paulo); 123 cláusulas relativas de contexto preposicionado para as cinco capitais; 255 cláusulas relativas de contexto preposicionado para São Paulo; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
PARA AS CINCO CAPITAIS		
Linguísticas (4): função sintática do antecedente; animacidade do antecedente; preposição do termo relativizado; preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo.	<i>Vernaculares</i> – 65%	- Preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo: preposições diferentes (57% e PR 0.75); - Tipo de inquérito: EF (56% e PR 0.76).
APENAS PARA SÃO PAULO		
Sociais (4): tipo de inquérito, sexo, faixa etária e profissão. Linguísticas (3): função sintática do antecedente; preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo; tipo de pronome relativo.	<i>Padrão</i> – 55% <i>Vernaculares</i> – 45%	Aplicação: relativa padrão - Função sintática do antecedente: adjunto adverbial (61% e PR 0.63); - Preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo: preposições diferentes (58% e PR 0.57); - Faixa etária: informantes com mais de 55 anos (79% e PR 0.85); - Profissão: grupo 1, composto por advogados, professores e escrivães (68% e PR 0.63); - Sexo: masculino (57% e PR 0.60); - Tipo de inquérito: EF (80% e PR 0.66).
Barros (2000) – Banco de dados: VALPB; 215 cláusulas relativas não padrão de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
Sociais (3): faixa etária; escolaridade; sexo.	<i>Cortadoras</i> – 89,8%	Aplicação: relativa cortadora

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Barros (2000) – Banco de dados: VALPB; 215 cláusulas relativas não padrão de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
Linguísticas (4): animacidade do antecedente; especificidade do antecedente; distância entre o antecedente e o relativizador; função sintática do termo relativizado.	<i>Copiadoras</i> – 10,2%	<p>-Animacidade do antecedente: traço –humano (99% e PR 0.81);</p> <p>-Especificidade do antecedente: traço +específico (92% e PR 0.58);</p> <p>-Distância entre o termo relativizado e o relativizador: zero (95% e PR 0.70).</p>
Burgos (2003) – Banco de dados: Vertentes do Português rural da Região da Bahia e Sergipe; 569 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (4): faixa etária; escolaridade; sexo; estada na comunidade.</p> <p>Linguísticas (9): tipo de oração relativa; função sintática do antecedente; distância entre o antecedente e a relativa; traços semânticos ±humano, ±plural, ± definido do antecedente; função sintática do pronome; posição da relativa em relação à oração principal; pronome relativo.</p>	<p><i>Padrão</i> – 64%</p> <p><i>Cortadoras</i> – 32%</p> <p><i>Copiadoras</i> – 3%</p>	<p>Aplicação: <i>relativa copiadora</i></p> <p>-Tipo de oração relativa: não restritiva (10% e PR 0.78);</p> <p>-Distância entre o antecedente e a relativa: presença de elementos intervenientes (6% e PR 0.68);</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: genitivo (13% e PR 0.61);</p> <p>- Animacidade do antecedente: traço +humano (50% e PR 0.89).</p>
Silva (2011) – Banco de dados: Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte; 284 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Silva (2011) – Banco de dados: Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte; 284 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (5): gênero; faixa etária; escolaridade; classe social; estilo.</p> <p>Linguísticas (12): função sintática do termo relativizado; função sintática do pronome; posição da relativa em relação à oração principal; distância entre o termo antecedente e a relativa; posição da lacuna na relativa; existencialidade da oração principal; traço ±humano do antecedente; traço singular/plural do antecedente; traço definido/indefinido do antecedente; traço animado/inanimado do antecedente; traço genérico/específico do antecedente; restritivismo.</p>	<p><i>Padrão</i> – 82%</p> <p><i>Cortadoras</i> – 14%</p> <p><i>Copiadoras</i> – 4%</p>	<p>Rodada Padrão X Não Padrão (aplicação – padrão)</p> <p>-Função sintática do termo relativizado: complementos oblíquos (85% e PR 0.58);</p> <p>-Função sintática do pronome: sujeito (94% e PR 0.75);</p> <p>-Existencialidade da oração principal: não existencial (83% e PR 0.55);</p> <p>- Traço singular/plural do antecedente: plural (94% e PR 0.72).</p> <p>Rodada Padrão X Cortadora (aplicação – cortadora)</p> <p>-Função sintática do termo relativizado: funções não oblíquas (21% e PR 0.79);</p> <p>-Posição da lacuna na relativa: periférica (39% e PR 0.97);</p> <p>- Traço singular/plural do antecedente: singular (18% e PR 0.59).</p> <p>Rodada Padrão X Copiadora (aplicação – copiadora)</p> <p>-Função sintática do termo relativizado: complementos oblíquos (PR 0.80);</p> <p>-Existencialidade da oração principal: existencial (PR 0.79);</p> <p>- Sexo: feminino (PR 0.69).</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Avelheda (2014) – Banco de dados: Jornal <i>O Globo</i> e revistas <i>Diadorim</i> , <i>Matéria</i> e <i>Superinteressante</i> ; 417 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (2): veículo de informação; tipo de trecho retirado.</p> <p>Linguísticas (6): pronome relativo envolvido; preposição regida pelo verbo; função sintática do antecedente; função sintática do pronome relativo; animacidade do antecedente; gênero textual.</p>	<p><i>Padrão</i> – 96,6%</p> <p><i>Vernaculares (cortadoras e copiadoras)</i> – 3,4%</p>	<p>Aplicação: relativas vernaculares (cortadoras e copiadoras)</p> <p>-Pronome relativo: <i>que</i> (7,6% e PR 0.703);</p> <p>-Veículo de informação: revistas <i>Matéria</i> (7,8% e PR 0.912) e <i>Superinteressante</i> (4,4% e PR 0.643);</p> <p>-Preposição regida pelo verbo: <i>por</i> (10% e PR 0.975), <i>de</i> (23,1% e PR 0.954) e <i>a</i> (8,3% e PR 0.643).</p>
Ramos (2015) – Banco de dados: Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte; 394 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (4): faixa etária; gênero; escolaridade; estilo de fala.</p> <p>Linguísticas (5): função sintática do termo relativizado; função sintática do pronome relativo; animacidade do antecedente; definitude do antecedente; traço humano do antecedente.</p>	<p><i>Padrão</i> – 79%</p> <p><i>Não padrão (cortadoras e copiadoras)</i> – 21%</p>	<p>Rodada Padrão X Não Padrão (aplicação – não padrão)</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: objeto indireto (96% e PR 0.99) e complementos/adjuntos (65% e PR 0.95).</p> <p>Rodada Padrão X Cortadora (aplicação – cortadora)</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: objeto indireto (96% e PR 0.99) e complementos/adjuntos (62% e PR 0.95);</p> <p>-Faixa etária: 23 aos 59 anos (19% e PR 0.77) e até 22 anos (21% e PR 0.72);</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Ramos (2015) – Banco de dados: Descrição Sócio-Histórica do Português de Belo Horizonte; 394 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
		<p>- Escolaridade: básica (22% e PR 0.71).</p> <p>Rodada Padrão X Copiadora (aplicação – copiadora)</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: objeto indireto (80% e PR 0.99) e complementos/adjuntos (33% e PR 0.96);</p> <p>-Traço humano do antecedente: humano (8% PR 0.70).</p>
Santos (2015) – Banco de dados: Jornal <i>O Globo</i>; 102 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta apenas porcentagens.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais: Não houve.</p> <p>Linguísticas (8): função sintática do termo antecedente; referencialidade do antecedente; distância entre o termo antecedente e o pronome relativo; função sintática do relativizador; tipo de preposição que rege o relativizador; tipo de relativizador; tipo do verbo da oração relativa; e gênero textual.</p>	<p><i>Padrão – 95,1%</i></p> <p><i>Cortadoras – 4,9%</i></p>	<p>Aplicação: <i>relativa cortadora</i></p> <p>-Função sintática do antecedente: adjunto adverbial (10,7%);</p> <p>-Referencialidade do antecedente: –humano/+específico (6%);</p> <p>- Distância entre o termo antecedente e o pronome relativo: zero (12,5%);</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: adjunto adverbial (7,8%);</p> <p>- Preposição que rege o relativizador: <i>em</i> (12,5%);</p> <p>-Pronome relativo: <i>que</i> (10,9%);</p> <p>-Tipo do verbo da oração relativa: transitivo direto (8,9%);</p> <p>-Gênero textual: anúncio (35,7%).</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

Machado (2015) – Banco de dados: Atas de audiências públicas da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG); 615 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (9): gênero; faixa etária; escolaridade; tempo de serviço na Câmara Municipal; tempo de serviço na Seção de Atas; cargo na Câmara Municipal; profissão; modalidade; colaborador.</p> <p>Linguísticas (8): natureza semântica do antecedente; classe gramatical do antecedente; preposição requerida pelo pronome relativo; função sintática do pronome relativo; especificidade do antecedente; traço semântico humano do antecedente; distância entre o relativizador e a cópia; verbos principais mais recorrentes nas orações relativas.</p>	<p><i>Padrão – 23%</i></p> <p><i>Cortadoras – 75%</i></p> <p><i>Copiadoras – 2%</i></p>	<p>Aplicação: relativas não padrão (cortadoras e copiadoras)</p> <p>-Escaridade: ensino médio completo (87% e PR 0,631) e ensino técnico (85% e PR 0,552);</p> <p>-Tempo de serviço na Câmara Municipal: entre 6 e 10 anos (82% e PR 0,672);</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: objeto indireto (88% e PR 0.777);</p> <p>- Preposição requerida pelo pronome: outras, como <i>sobre, a</i> e <i>com</i> (89% e PR 0,757);</p> <p>-Tempo de serviço na Seção de Atas: até 2 anos (85% e PR 0,706);</p> <p>-Natureza semântica do antecedente: coisas e seres em geral (95% e PR 0.797), lugar (81% e PR 0.622) e tempo (77% e PR 0.547).</p>
Silva, Figueiredo e Araújo (2016) – Banco de dados: A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano; 45 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta apenas porcentagens.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (2): faixa etária; sexo.</p>	<p><i>Padrão – 2%</i></p>	<p>Aplicação: relativa cortadora</p> <p>-Função sintática do pronome relativo: adjunto adverbial (92%);</p>

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(continuação)

<p>Silva, Figueiredo e Araújo (2016) – Banco de dados: A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano; 45 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta apenas porcentagens.</p>		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Linguísticas (3): função sintática do pronome relativo, função sintática do termo antecedente, pronome relativo utilizado.</p>	<p><i>Cortadoras – 96%</i></p> <p><i>Copiadoras – 2%</i></p>	<p>-Função sintática do termo antecedente: complemento verbal (34%);</p> <p>-Faixa etária: Faixa 1, dos jovens (25%).</p>
<p>Coan e Carvalho (2016) – Banco de dados: 40 textos jurídicos escritos; 64 cláusulas relativas de contexto preposicionado; apresenta apenas porcentagens.</p>		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (3): tipo de ação judicial; faixa etária do advogado; sexo do advogado.</p> <p>Linguísticas (3): função sintática da oração relativa; posição da oração relativa no período; distância entre o pronome relativo e o termo antecedente.</p>	<p><i>Padrão – 65,6%</i></p> <p><i>Cortadoras e copiadoras – 34,4%</i></p>	<p>*Não houve variáveis relevantes, mas a autora indicou as frequências para cada grupo.</p> <p>Aplicação: relativas não padrão</p> <p>-Função sintática da oração relativa: adjunto adverbial (37,5%);</p> <p>-Posição da oração relativa no período: meio do período (35,4%);</p> <p>-Distância entre o pronome relativo e o termo antecedente: presença de material (66,7%);</p> <p>- Tipo de ação judicial: maior complexidade (50%);</p> <p>-Faixa etária: menos de 40 anos (41,9%);</p> <p>-Sexo: masculino (43,8%).</p>
<p>Silva (2018) – Banco de dados: A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano; 316 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.</p>		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes

Quadro 5 – Síntese dos estudos variacionistas sobre as relativas no PB

(conclusão)

Silva (2018) – Banco de dados: A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano; 316 cláusulas relativas; apresenta porcentagens e pesos relativos.		
Variáveis testadas	Resultados gerais	Variáveis relevantes
<p>Sociais (3): sexo do informante; faixa etária; escolaridade.</p> <p>Linguísticas (3): função sintática do pronome relativo; função sintática do antecedente; valor semântico do termo antecedente.</p>	<p><i>Cortadoras</i> – 84%</p> <p><i>Copiadoras</i> – 16%</p>	<p>Aplicação: <i>relativa cortadora</i></p> <p>-Valor semântico do termo antecedente: lugar (34% e PR 0.68) e coisa (32% e PR 0.67);</p> <p>-Faixa etária: 25 aos 35 anos (27%);</p> <p>-Sexo: masculino (22%);</p> <p>- Escolaridade: baixa ou inexistente (23%).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos notar no quadro 5, desde o trabalho de Kato *et al.* (1996), predominantemente as relativas *cortadoras* têm uma sobressaliência em relação às demais variantes. Em relação aos trabalhos que tomaram a relativa *cortadora* como aplicação da regra, podemos perceber uma determinada constância em alguns dos fatores relevantes que a favorecem. Por exemplo, quanto à *ausência de elementos intervenientes entre o relativizador e seu antecedente*, como apontam os trabalhos de Mollica (1977), Barros (2000) e Santos (2015). Essas mesmas autoras são convergentes ante o fato de os traços *-humano* e *+específico* do antecedente beneficiarem o emprego da *cortadora*. Quanto às funções sintáticas dos pronomes relativos, Ramos (2015) e Machado (2015) comprovaram que o *objeto indireto* privilegia o uso da *cortadora*; já os estudos de Santos (2015) e Silva, Figueiredo e Araújo (2016) mostraram que também a função de *adjunto adverbial* favorece essa variante. Dentre as variáveis extralinguísticas favorecedoras da relativa *cortadora*, as pesquisas de Ramos (2015) e Silva (2018) mostraram a escolaridade baixa; também Ramos (2015) e Silva (2018), juntamente com Silva, Figueiredo e Araújo (2016) comprovaram que esse tipo de relativa é mais empregado pelas faixas etárias mais jovens.

No que diz respeito à variante *copiadora*, podemos perceber um comportamento contrário de duas variáveis no trabalho de Tarallo (1983) em relação ao estudo de Mollica (1977): enquanto neste os traços [*-humano*, *+específico*, *+coletivo*] do antecedente e a *ausência de elementos intervenientes* entre o relativizador e o termo relativizado foram

favorecedores da variante *cortadora*, no de Tarallo foram favorecedores da variante *copiadora* os traços [+humano, +indefinido, +singular] do antecedente e a *presença de elementos intervenientes* entre o pronome relativo e termo relativizado.

Ainda quanto ao emprego da *copiadora*, há trabalhos que se corroboram quanto aos grupos de fatores relevantes beneficiadores dessa forma variante: Tarallo (1983) e Burgos (2003) constataram o tipo de relativa *não restritiva*, bem como a *presença de elementos intervenientes* entre o pronome relativo e o termo relativizado; esses mesmos autores, juntamente com Ramos (2015), evidenciaram o traço +humano; Tarallo (1983) e Silva (2011) mostraram que as *funções oblíquas* do termo relativizado são as mais favorecedoras.

Já no que concerne às relativas *padrão*, também podemos notar estudos que se confirmaram quanto às variáveis dependentes favorecedoras dessa variante: Kato *et al.* (1996) e Corrêa (1998) indicaram o uso de *preposições diferentes* por parte dos antecedentes (quando este as requeriam) e dos relativizadores. Corrêa (1998) e Pinheiro (1998) apontaram que a função sintática de *adjunto adverbial* do antecedente, o *sexo masculino* e o tipo de registro *elocução formal* (EF) também privilegiam o emprego da relativa *padrão*.

Tendo elucidado essas relações entre os estudos que investigaram as relativas no PB, o que mostra que a variação não é aleatória, frisamos que essas convergências que comentamos não excluem as variáveis que foram consideradas relevantes em um estudo ou outro pontualmente, até mesmo por conta das peculiaridades dos *corpora* pesquisados.

No que se refere à instância da mudança linguística para o fenômeno da relativização no PB, decidimos sistematizar, no quadro 6 seguinte, como os estudos mencionados em nossa revisão de literatura se posicionaram.

Quadro 6 – Enquadramento dos estudos variacionistas sobre as estratégias de relativização quanto à variação e mudança linguística

(continua)

Estudo	Enquadramento quanto à variação e mudança linguística
Mollica (1977)	Autora não se pronuncia
Tarallo (1983)	Mudança em progresso
Kato <i>et al.</i> (1996)	Autores não se pronunciam
Corrêa (1998)	Variação estável
Pinheiro (1998)	Variação estável
Barros (2000)	Variação estável
Burgos (2003)	Variação estável
Silva (2011)	Autora não se pronuncia

Quadro 6 – Enquadramento dos estudos variacionistas sobre as estratégias de relativização quanto à variação e mudança linguística

(conclusão)

Estudo	Enquadramento quanto à variação e mudança linguística
Avelheda (2014)	Autora não se pronuncia
Ramos (2015)	Autora não se pronuncia
Santos (2015)	Variação estável
Machado (2015)	Autora não se pronuncia
Silva, Figueiredo e Araújo (2016)	Autoras não se pronunciam
Coan e Carvalho (2016)	Autoras não se pronunciam
Silva (2018)	Mudança em progresso

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos notar no quadro 6, as estratégias de relativização demonstraram comportamentos diferentes quanto ao enquadramento da variação e mudança linguística. Afora os autores que não se pronunciaram acerca dessa questão, um dos estudos pioneiros, o de Tarallo (1983), e o mais recente, de Silva (2018), mostraram que as estratégias de relativização constituem um caso de mudança em progresso, uma vez que há uma substituição da variante *padrão* pela variante *cortadora* nas variedades que estudaram. Já os estudos de Corrêa (1998), Pinheiro (1998), Barros (2000), Burgos (2003) e Santos (2015) classificaram a situação do fenômeno como variação estável, uma vez que tais estudos não tiveram a variável *faixa etária* indicada como relevante pelos resultados multivariados dos programas estatísticos. Em nosso estudo, também buscamos verificar como se enquadra a relativização em relação à mudança linguística, especificamente no português popular fortalezense, o que explicitaremos no capítulo analítico.

Após termos resenhado panoramicamente os estudos variacionistas acerca das estratégias de relativização, delineamos, no próximo capítulo, a nossa metodologia.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos nossa metodologia, que tem um viés próprio, por pertencer ao escopo da Sociolinguística Quantitativa, na qual teoria e metodologia estão intimamente acopladas. Na primeira seção, tipificaremos a nossa pesquisa. Na segunda, discorreremos sobre os aspectos éticos de nossa pesquisa. Na terceira, exporemos o *corpus* NORPOFOR, a descrição dos seus informantes e a amostra que recortamos para a nossa análise. Na quarta, traçaremos, em linhas gerais, uma contextualização da comunidade de fala fortalezense. Na quinta, detalharemos a nossa variável dependente, bem como os grupos de fatores que controlamos em nossa pesquisa. Na sexta, explicaremos o levantamento de dados. Na sétima seção, abordaremos a codificação dos dados. Por último, descreveremos brevemente o programa computacional ao qual submetemos esses dados, a fim de que procedêssemos com a análise multivariada dos resultados que serão fornecidos.

4.1 Tipo de pesquisa

À medida que diversos fatores vão mudando na sociedade, mudam também as formas de pesquisar, de fazer ciência. E as mudanças na pesquisa são necessárias principalmente quando se exploram objetos que demandam relações e interseções com outros fatores ou até mesmo com outras áreas do conhecimento. Nisso se encaixa a nossa pesquisa, visto que analisa um fenômeno que traz o imbricamento entre dois aspectos: língua e sociedade. Pôr em relevo as motivações que regem a variação e a mudança linguística é o grande fio condutor na pesquisa sociolinguística, daí o fato de caracterizarmos nosso estudo, com base nos objetivos, como *descritivo*, tipo de pesquisa que, envolvendo o emprego de técnicas padronizadas de coleta de dados, “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). Esse intuito encobre a nossa investigação, pois, ancorados na Teoria da Variação e Mudança Linguística, descreveremos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que controlam o uso das estratégias de relativização no português popular de Fortaleza.

Além de descritivo, enquadramos nosso estudo, quanto à forma de abordagem da problemática de pesquisa e quanto à análise de dados, como *quantitativo*, uma vez que procuraremos evidenciar “os atributos mensuráveis da experiência humana” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33). Esse tipo de pesquisa se ocupa em traduzir objetivamente dados

numéricos em informações que serão analisadas e classificadas, a partir de amostra com número considerável de pesquisados, os quais, no caso da Sociolinguística Variacionista, são os informantes, cujos dados de fala são submetidos a tratamento estatístico, a fim de termos o levantamento dos fatores linguísticos e sociais que condicionam os fenômenos variáveis:

Para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência. Logo, parece justo dizer que toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa (GUY; ZILLES, 2007, p. 19).

Destarte, consoante advogam os autores anteriormente, o fato é que o teor quantitativo está profundamente inserido na constituição da pesquisa sociolinguística, daí o motivo de a Sociolinguística Variacionista ou Laboviana ser denominada também de Sociolinguística Quantitativa. É comum ouvirmos que esse campo lança mão de uma metodologia própria, que, resumidamente, consiste na coleta de dados de um fenômeno variável, codificação desses dados a partir das variáveis dependentes e independentes, seguida da submissão dos mesmos ao processamento em programa estatístico, até chegar aos números indicadores de algum comportamento do fenômeno em análise. Aqui não termina a investigação sociolinguística, pois esses resultados são apenas estatísticos, devendo o pesquisador inferi-los e interpretá-los à luz da Teoria da Variação e Mudança linguística, como bem ponderaram Guy e Zilles (2007). Na mesma linha de pensamento, Scherre e Naro (2003, p. 162) afirmam que “os resultados numéricos obtidos pelo programa só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista”.

4.2 Comitê de Ética

Aos estudos acadêmicos, sobretudo aos que envolvem seres humanos, é intrínseca a preocupação com as exigências éticas da pesquisa (SEVERINO, 2007). Nesse âmbito, os critérios de eticidade das pesquisas em ciências humanas e sociais são preconizados pelo Conselho Nacional de Saúde (CSN), por meio da Resolução nº 510/2016. Esse documento, de caráter nacional, define a ética como uma construção humana que contém aspectos históricos, sociais e culturais. Desse modo, “[...] a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres

humanos” (BRASIL, 2016). Portanto, é imprescindível que tais pesquisas preservem plenamente os direitos de seus participantes, evitando qualquer espécie de dano a eles.

É em virtude dessa seriedade que a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), diretamente ligada ao CNS, estabeleceu que as instituições onde se desenvolvem pesquisas com seres humanos, sobretudo as universidades, constituam um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A existência do CEP nas universidades tem em vista receber os projetos de pesquisa obrigatoriamente encaminhados por pesquisadores das áreas de saúde, ciências humanas e ciências sociais, averiguando tais projetos quanto à consistência ética.

Logo, foi com base nessas considerações que submetemos o projeto desta pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (CEP/UECE). Frisamos que recebemos a liberação do CEP/UECE para realizarmos o presente estudo, conforme atesta o nosso Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 27136819.6.0000.5534, sob o parecer consubstanciado de nº 3.798.019 (ver documento no Anexo A, ao final desta dissertação).

Assim, haja vista sua pertinência ética, a presente investigação sociolinguística tem garantida a sua legalidade científica.

4.3 O *corpus*, os informantes e a amostra

Um dos passos iniciais na pesquisa sociolinguística é o pesquisador escolher uma comunidade de fala que tenha os dados linguísticos variáveis acondicionados em um banco de dados. Estes, uma vez que permitem aos estudos sociolinguísticos colher amplas tendências linguísticas em comunidades de fala, constituem uma respaldada fonte para a descrição do português brasileiro (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012). Os bancos de dados de fala podem ser tanto montados pelo pesquisador ou este pode utilizar-se de bancos formulados por outros pesquisadores. Geralmente, a opção mais escolhida é a segunda, pois a primeira é dispendiosa não apenas em termos de recursos pecuniários, mas também de tempo.

No Brasil, o primeiro banco de dados criado foi o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, depois do qual outros foram surgindo, a saber: o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), construído por pesquisadores das universidades federais de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul e pela PUC do Rio Grande do Sul; o Projeto

Norma Urbana Culta (NURC), com dados das capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador; o Projeto Variação Linguística na Paraíba (VALPB), pertencente à Universidade Federal da Paraíba; o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), desenvolvido com o apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE); o *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), também formulado com o apoio da UECE; entre muitos outros.

Após termos elencado alguns exemplos, é preciso deixarmos claro que a construção de um banco de dados, seja pelo pesquisador de um fenômeno específico ou pelo organizador, é conduzida por critérios exigentes, pois uma comunidade de fala é definida por parâmetros rígidos, conforme mencionado anteriormente. Averiguar se os informantes nasceram na comunidade, se saíram ou não dela (e por quanto tempo) e se compartilham as mesmas regras e comportamentos perante a língua são alguns exemplos de critérios a serem estabelecidos pelos organizadores do *corpus*.

Um último aspecto, em geral, a respeito dos bancos de dados que devemos evidenciar é que, na organização deles, é impreterível que os informantes sejam estratificados levando-se em consideração instâncias sociodemográficas, como sexo, escolaridade, idade, tipo de registro, entre outros fatores extralinguísticos que condicionam o vernáculo, conforme a decisão dos pesquisadores e as particularidades da comunidade de fala.

A fim de conhecer como geralmente ocorre a estratificação em um banco de dados depois de constituído, observemos o quadro 7, a seguir, onde se encontra a distribuição dos informantes que compõem o banco de dados Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), que constitui o *corpus* de nosso estudo.

Quadro 7 – Distribuição dos informantes do NORPOFOR por *sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro*

Registro	Sexo																	
	Homem									Mulher								
	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa Etária																		
15 a 25 anos	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
26 a 49 anos	4	5	5	4	4	4	4	2	4	5	5	5	4	5	5	0	5	3
50 em diante	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1
Total	14	15	15	11	11	13	09	06	09	13	15	13	10	15	14	01	06	06
	44			35			24			41			39			13		
	103									93								
	196																	

Fonte: Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 22).

O NORPOFOR, segundo Araújo (2011), é um projeto que foi desenvolvido objetivando construir um banco de dados acerca do falar popular de Fortaleza. Os inquéritos para esse banco foram colhidos de 2003 a 2006, sob a coordenação da professora doutora Aluiza Alves de Araújo, abrangendo informantes de vários bairros de Fortaleza e com diferentes atividades ocupacionais. A justificativa seminal para empreender a construção desse projeto foi o fato de, até aquele momento, não haver nenhum *corpus* representativo da norma (ou variedade) popular da capital cearense (ARAÚJO, 2011).

Uma vez que *norma linguística* se define como um “determinado padrão coletivo de comportamento linguístico dentro de uma mesma comunidade de fala” (LUCCHESI, 2006, p. 89), adotamos a expressão *norma popular* para aludir aos usos linguísticos de uma grande maioria populacional, concentrada na base da pirâmide social e com escolaridade variando de inexistente à básica; no complexo diassistema do PB, essa variedade está em contraposição ao que chamamos de *norma culta*, que diz respeito ao sistema de variantes linguísticas empregadas por elites altamente escolarizadas, que ocupam o topo da pirâmide social e possuem os maiores níveis de escolaridade (LUCCHESI, 2006).

Conforme podemos observar no quadro 7, o NORPOFOR compõe-se por 196 informantes, distribuídos de acordo com o *sexo* (masculino e feminino), a *faixa etária* (I- 15 a 25 anos, II- 26 a 49 anos e III- 50 anos em diante), a *escolaridade* (A- 0 a 4 anos, B- 5 a 8 anos e C- 9 a 11 anos de estudo) e o *tipo de inquérito* (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre dois Informantes – D2 e Elocução Formal – EF). Esse projeto obedece às diretrizes da pesquisa variacionista quantitativa em termo de critérios de seleção dos informantes e de coleta de dados, e trata-se do banco de dados de oralidade popular fortalezense mais atualizado que existe até o momento.

Ressaltamos que, visando não permitir a interferência das variedades de outras regiões (ARAÚJO, 2011), os 196 informantes do NORPOFOR foram selecionados a partir dos seguintes critérios: deveriam ser todos nascidos em Fortaleza ou terem vindo morar nessa cidade com 5 anos de idade, no máximo; deveriam ser filhos de pais cearenses; não poderiam ter se ausentado de Fortaleza por mais de dois anos consecutivos; deveriam possuir moradia fixa em Fortaleza (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

Do *corpus* mostrado no quadro 7, extraímos nossa amostra de análise, que apresenta a distribuição disposta no quadro 8, a seguir:

Quadro 8 – Amostra de análise com a estratificação dos informantes por variáveis sociais controladas em nosso estudo

		Sexo					
		Masculino			Feminino		
Escolaridade	Faixa etária	A	B	C	A	B	C
		0-4 anos	5-8 anos	9-11 anos	0-4 anos	5-8 anos	9-11 anos
	I- 15 a 25 anos	3	3	3	3	3	3
	II- 26 a 49 anos	3	3	3	3	3	3
	III- a partir de 50 anos	3	3	3	3	3	3
	TOTAL	54 informantes					

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos ver no quadro 8, nossa amostra é composta por 54 informantes do tipo de registro DID, em cujas falas investigamos como se comporta a variação do fenômeno linguístico das estratégias de relativização. Descrevendo brevemente nossa amostra, temos 27 informantes do sexo masculino, distribuídos ainda em 9 para a faixa etária I com escolaridade A, 9 para a faixa II com escolaridade B, e 9 para a faixa III com escolaridade C; 27 do sexo feminino, estratificados ainda em 9 para a faixa etária I com escolarização A, 9 para a faixa II com escolarização B e 9 para a faixa III com escolarização C. Além dessa estratificação, convém apresentarmos outras informações acerca dos informantes de nossa amostra, a fim de mais bem os conhecermos. Para isso, observemos o quadro 9, a seguir.

Quadro 9 – Distribuição dos informantes de nossa amostra por nº de inquérito/atividade ou profissão/sexo/escolaridade/faixa etária/bairro e regionais

(continua)

Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
6	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	60 anos	Cristo Redentor/I
9	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	21 anos	Santo Amaro/V
10	Doméstica	Mulher	0-4 anos	34 anos	Bom Jardim/V
11	Mecânico	Homem	9-11 anos	29 anos	Vila Pery/IV
12	Autônoma	Mulher	5-8 anos	23 anos	Barroso/VI
16	Doméstica	Mulher	5-8 anos	37 anos	Mondubim/V
17	Doméstica	Mulher	0-4 anos	27 anos	Santo Amaro/V
18	Estudante	Mulher	0-4 anos	21 anos	Messejana/VI
19	Vigilante	Homem	0-4 anos	59 anos	Messejana/VI
21	Desempregado (vigilante)	Homem	5-8 anos	31 anos	Jardim Iracema/I
23	Serviços Gerais de laboratório	Homem	0-4 anos	21 anos	Vila Bethânia/IV

Quadro 9 – Distribuição dos informantes de nossa amostra por nº de inquérito/atividade ou profissão/sexo/escolaridade/faixa etária/bairro e regionais

(continuação)

Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
29	Técnico em eletrônica	Homem	5-8 anos	34 anos	Vila Pery/IV
32	Estudante	Homem	9-11 anos	16 anos	Aldeota/II
33	Doméstica	Mulher	5-8 anos	23 anos	Cidade dos Funcionários/VI
34	Doméstica	Mulher	9-11 anos	26 anos	Bom Jardim/V
36	Estudante	Homem	0-4 anos	15 anos	Farias Brito/I
38	Auxiliar de soldador	Homem	5-8 anos	16 anos	Granja Portugal/V
39	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	52 anos	Antônio Bezerra/III
44	Estudante	Mulher	5-8 anos	15 anos	Aerolândia/VI
47	Pedreiro	Homem	5-8 anos	23 anos	Pirambu/I
48	Operador de máquina	Mulher	5-8 anos	60 anos	Messejana/VI
55	Desempregada	Mulher	9-11 anos	27 anos	Cristo Redentor/I
56	Estudante	Homem	9-11 anos	15 anos	Aldeota/II
57	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	67 anos	Jockey Clube/III
62	Pequena Empresária	Mulher	9-11 anos	50 anos	Cidade 2000/II
64	Prendas do lar	Mulher	9-11 anos	51 anos	Cidade 2000/II
65	Motorista	Homem	5-8 anos	53 anos	Henrique Jorge/III
67	Desempregada	Mulher	9-11 anos	19 anos	Jockey Clube/III
68	Estudante	Mulher	9-11 anos	17 anos	Henrique Jorge/III
73	Atendente	Mulher	9-11 anos	22 anos	Jockey Clube/III
81	Vigilante	Homem	9-11 anos	32 anos	Antônio Bezerra/III
84	Estofador	Homem	0-4 anos	34 anos	Conjunto Ceará/V
88	Cabeleireira	Mulher	5-8 anos	27 anos	Conjunto Ceará/V
89	Instalador (eletricidade)	Homem	9-11 anos	33 anos	Conjunto Ceará/V
90	Doméstica	Mulher	5-8 anos	31 anos	Mondubim/V
91	Eletricista	Homem	5-8 anos	62 anos	Conjunto Ceará/V
92	Autônomo	Homem	5-8 anos	32 anos	Farias Brito/I
95	Aposentado (vigilante)	Homem	0-4 anos	75 anos	Aerolândia/VI
102	Diarista	Mulher	0-4 anos	25 anos	Barra do Ceará/I
103	Serviços Gerais	Homem	0-4 anos	34 anos	Messejana/VI
104	Pedreiro	Homem	0-4 anos	26 anos	Rodolfo Teófilo/III
105	Secretária Escolar	Mulher	9-11 anos	38 anos	Jardim América/IV
110	Vendedor	Homem	9-11 anos	25 anos	Quintino Cunha/III
112	Estudante	Homem	5-8 anos	15 anos	Maraponga/V
113	Vendedor	Homem	0-4 anos	50 anos	Dionísio Torres/II
115	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	31 anos	Vila Manoel Sátiro/V
126	Costureira	Mulher	0-4 anos	50 anos	Maraponga/V
128	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	69 anos	Barra do Ceará/I
143	Decoradora	Mulher	9-11 anos	53 anos	Parangaba/IV
148	Corretor de modas	Homem	5-8 anos	57 anos	Conjunto Ceará/V
149	Motorista	Homem	9-11 anos	76 anos	Aerolândia/VI

Quadro 9 – Distribuição dos informantes de nossa amostra por nº de inquérito/atividade ou profissão/sexo/escolaridade/faixa etária/bairro e regionais

(conclusão)

Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
150	Garçom	Homem	0-4 anos	23 anos	José Walter/V
158	Aposentado (motorista)	Homem	9-11 anos	58 anos	Parangaba/IV
159	Supervisor de operações	Homem	9-11 anos	59 anos	São Gerardo/I

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 24-32).

Como podemos perceber a partir das informações do quadro 9, é alta a dinamicidade de perfis dos informantes fortalezenses, uma vez que são variadas as profissões/atividades exercidas por eles, bem como as idades e os graus de escolaridade. Além do mais, atestamos esse caráter dinâmico também com base nas localidades em que residiam esses informantes, isto é, na diversidade de bairros distribuídos ao longo das seis regionais, divisões espaciais de Fortaleza já existentes à época da constituição do NORPOFOR. Dos 119 bairros fortalezenses, 70 são abarcados pelo *corpus* NORPOFOR, seguindo a mencionada divisão por regionais que vigorava na época. É mister salientarmos que essas informações sistematizadas no quadro 9 constam nas fichas dos informantes, as quais se encontram sob os cuidados da organizadora do NORPOFOR, a Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo.

No ensejo, explicamos que escolhemos apenas os inquéritos do tipo de registro DID por este se mostrar o mais equilibrado no *corpus*, com a média de 5 informantes por célula, o que indica uma distribuição satisfatória (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018); justificamos nossa opção pelo DID também devido ao seu grau intermediário de formalidade, diferentemente dos inquéritos do D2, que são os menos formais, e dos EF, que são os mais formais e monitorados.

Apresentadas as considerações anteriores a respeito do *corpus* NORPOFOR, bem como a estratificação de seus informantes e a nossa amostra de análise, abordamos, em seguida, a apresentação de aspectos específicos da comunidade de fala fortalezense.

4.4 A comunidade de fala fortalezense

Em nossa fundamentação teórica, discorreremos que o objeto das investigações sociolinguísticas consiste na língua em uso, lidando com dados oriundos de comportamentos e práticas linguísticas de pessoas inseridas em uma determinada comunidade de fala. Para atendermos a esse quesito teórico, escolhemos a comunidade de fala de Fortaleza-CE, que descreveremos brevemente nesta seção, com foco principal no período em que, na capital

cearense, foi constituído o banco de dados NORPOFOR, compreendido entre os anos de 2003 e 2006.

A formação histórico-política do espaço territorial que hoje conhecemos por Fortaleza data de 11 de março de 1725, tendo sido inaugurada oficialmente a 13 de abril de 1726, com o nome de Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Segundo Girão e Martins Filho (2011), essa vila foi elevada à categoria de cidade a 17 de março de 1823, com o título de Fortaleza de Nova Bragança.

A cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, é a quinta maior do Brasil, distando 2.112 quilômetros de Brasília. Segundo dados do *site*¹⁹ oficial da Prefeitura de Fortaleza, esta capital apresenta atualmente uma unidade territorial com 314.930 km² e, consoante o IBGE-Cidades²⁰, a partir de dados do Censo realizado em 2010 (que compreende o período da construção do referido *corpus* sociolinguístico), a capital cearense era composta populacionalmente por 2.452.185 pessoas; essa estimativa, para o tempo atual, é de 2.669.342 pessoas, aproximadamente.

Na primeira década do século XXI, em que se insere o período da constituição do NORPOFOR, Fortaleza crescia paulatinamente e sofria alterações em sua estruturação, acompanhadas de aumento demográfico. Segundo Pequeno (2015), Fortaleza e sua região metropolitana teve aumento populacional de 18%, passando a contar com aproximadamente 3,6 milhões de habitantes. Na referida década, conforme Bomtempo (2015), as mulheres passaram a atuar bem mais em atividades ocupacionais, o que fez com que diminuísse a taxa de fecundidade; além do mais, nesse mesmo período, a taxa de mortalidade infantil caiu e a expectativa de vida da população fortalezense aumentou bastante.

Em termos econômicos, Fortaleza, entre os anos de 2000 e 2010, assentava diversas atividades econômicas, uma vez que o estado do Ceará, como um todo, estava passando por muitas políticas de modernização em seu território, iniciadas desde a década de 1970 (BOMTEMPO, 2015). Tais políticas ocasionaram expressivos fluxos migratórios na primeira década do século XXI, os quais se direcionavam, sobretudo, para a Região Metropolitana de Fortaleza, conforme explica a autora a seguir:

No início do século XXI, depois de São Paulo e Rio de Janeiro, o Ceará, considerado historicamente como um estado de expulsão de sua população, entre outras por conta da sua situação geográfica encravada no semiárido nordestino e, também, pela manutenção de uma elite política conservadora, sobressai entre os

¹⁹Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

²⁰ Todas essas informações estão disponíveis no *site* <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>>, acessado em 19 out. 2019.

estados brasileiros como o terceiro na lista daqueles que recebem migrantes estrangeiros, seguido pela Bahia. Essa nova realidade a se desenhar no território cearense é resultado da política de modernização, em vigor desde a década de 1970, que permitiu a instauração de recentes dinâmicas econômicas, vinculadas aos setores agrícola, industrial, comercial e de serviços (BOMTEMPO, 2015, p. 179).

Como podemos depreender da citação anterior, a atração de deslocamentos migratórios ocorreram em virtude da implementação de atividades econômicas geradoras de empregos. Ainda consoante Bomtempo (2015), as migrações dessa década tinham em vista não só os interesses laborais, mas também a busca pelos estudos e pelo (micro)empreendedorismo. Nesse ínterim, portanto, o dinamismo geográfico e socioeconômico tornou a capital cearense privilegiada no que diz respeito a investimentos financeiros nos setores público e privado, com geração de riqueza e aumento de índices de desenvolvimento, embora isso não tenha dado conta do quadro de pobreza decorrente dos fluxos migratórios oriundos das regiões interioranas do Ceará (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003).

É válido ressaltarmos, além desses fatos, que os estudos feitos pelo IBGE sobre as regiões de Influência das Cidades (REGIC), em sua versão de 2007, consideraram Fortaleza como um dos doze polos metropolitanos brasileiros. Essa ascensão de Fortaleza ao nível de metrópole justifica-se por

sua intensa concentração populacional, com economia diversificada e como um centro de gestão do território onde se localizam órgãos públicos da administração municipal, estadual e federal. É sede de empresas privadas e detém elevado número de instituições financeiras e de ensino superior, com centros acadêmicos de excelência e de reconhecimento nacional. O comércio e a prestação de serviços, que lhe conferiram historicamente a condição de polo regional, ao extrapolar os limites administrativos do estado do Ceará, se expandiram, nas últimas décadas, gerando novos fluxos e impactando na diversificação e consolidação do espaço metropolitano (COSTA; AMORA, 2015, p. 35).

Para que houvesse a consolidação dessa metropolização, foram fundamentais, conforme Costa e Amora (2015), três fases históricas, que contribuíram para a produção do espaço cearense. A primeira fase foi a da agroexportação, iniciada com o processo de colonização do Ceará e duradoura até o início da década de 1960. Já a segunda fase durou de 1960 a 1980 e, nesse período, houve o planejamento a nível estadual e regional, com uma maior integração nacional e com uma política de industrialização. O terceiro período, por sua vez, iniciou na segunda metade da década de 1980 e correspondeu à metropolização propriamente dita, numa busca por reestruturação produtiva que levou em conta uma maior articulação, a nível nacional e internacional, nos âmbitos político, econômico e social. O percurso delineado pelas contribuições desses estágios nos faz entender por que, atualmente, a

cidade de Fortaleza é enquadrada pelo IBGE como a quinta capital do Brasil (DANTAS, 2009).

Quanto à organização territorial-administrativa, de acordo com informações do *site*²¹ da Prefeitura, Fortaleza está dividida em sete Secretarias Executivas Regionais, identificadas de I a VI mais a Regional do Centro. Atualmente, os 119 bairros fortalezenses são abrigados por essas sete regionais. Historicamente, esses muitos bairros consistiam em vilas isoladas ou mesmo em municípios antigos, os quais foram incorporados à capital em virtude da expansão dos limites territoriais do município. Reforçamos que, desses 119 bairros, 70 são contemplados pela base de dados do NORPOFOR, seguindo a divisão regional da época de constituição do *corpus*, conforme os dados a respeito dos informantes de nossa amostra, explanados pelo quadro 9, na seção anterior.

Não podemos deixar de evidenciar que as divisões socioeconômicas que demarcam a cidade de Fortaleza suscitam questões histórico-sociais com certa complexidade e, dentre estas, está a visão dessa capital como uma cidade polarizada, em que há bairros pobres e ricos (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). Entretanto, já não é mais possível ponderar limites fronteiriços entre bairros assim considerados, pois, a partir da década de 2000, passaram-se a identificar expressivos conflitos provenientes do fato de ricos e pobres dividirem os mesmos espaços na cidade fortalezense (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003).

Sem precisarmos explorar detidamente esses pontos, convém sabermos que as características socioeconômicas dos informantes do NORPOFOR que fazem deste o maior banco de dados da fala popular fortalezense são estas: “[...] os informantes apresentam baixo nível socioeconômico, tomando-se a sua profissão, a do cônjuge e a dos seus pais, o local de moradia e quantidade de filhos, como indicadores da classe social” (ARAÚJO, 2011, p. 839).

Descritas panoramicamente algumas especificidades históricas, políticas, econômicas, geográficas e sociais da comunidade de fala que elegemos para a nossa pesquisa variacionista, detalhamos, na próxima seção, como estruturamos nosso envelope de variação.

4.5 Variáveis

²¹ Maiores e detalhadas informações, consultar o *site* <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/a-cidade>>, acessado em 9 jul. 2020.

Nesta seção, delinearemos pormenorizadamente o nosso envelope de variação, ou seja, a variável dependente e as variáveis independentes que controlamos para as ocorrências²² de estratégias de relativização preposicionadas existentes em nossa amostra.

4.5.1 Variável dependente

Nossa variável dependente são as orações relativas preposicionadas quanto à sua organização, isto é, as estratégias de relativização estruturadas em contexto de sintagmas preposicionais. Esse fenômeno é ternário, pois constitui-se de 3 variantes linguísticas: a relativa *padrão*, a relativa *cortadora* e a relativa *copiadora*. A variante *padrão* é a ensinada nas escolas pelos manuais normativos, na qual há a realização da preposição (CORRÊA, 1998). Já a variante *cortadora* é a oração relativa em que há a queda da preposição, enquanto a variante *copiadora*, por sua vez, é a oração relativa em que o termo relativizado pelo *que* é copiado por um termo nominal ou pronominal de função correferencial (TARALLO, 1983). Vejamos as seguintes ocorrências das três variantes, retiradas de nosso *corpus*:

- (1) a partir do momento *em que você entrega seu coração a Cristo...* você passa a mudar de vida... (NORPOFOR, DID, 11) – **Relativa padrão**
- (2) o Único bairro *que tem gente gente digna assim honesta* é lá lá no meu bairro (NORPOFOR, DID, 10) – **Relativa cortadora**
- (3) então minhas tias pegaram... uma das minhas tias ((ruído)) e me levaram para casa delas... aí minha mãe ficou::... ela ficou com o terreno::... ficou com casa alugada::... mercearia muito boa::... e ela juntou-se lá com um homem *que todo mundo falava dele*::... (NORPOFOR, DID, 128) – **Relativa copiadora**

Convém ressaltarmos uma explicação bastante importante acerca da delimitação do fenômeno que estamos analisando: a organização das estratégias de relativização em ambiência sintática preposicionada não implica considerar que as preposições estejam sempre *materialmente* expressas na sentença, mas que o *contexto* da oração relativa é preposicionado, ou seja, a sua predicação exige a preposição, ainda que esta não se realize materialmente na sentença, daí o fato de as estratégias de relativização configurarem-se como um fenômeno linguístico do nível sintático que sofre variação. A título de ilustração, tomemos as três ocorrências anteriores: primeiramente, em (1), temos uma relativa *padrão*, na qual a

²² Nesta seção, todas as ocorrências apresentadas foram extraídas do nosso *corpus* (NORPOFOR), sendo as orações relativas destacadas em *itálico*.

preposição *em* requerida pelo antecedente (*momento*) se realiza materialmente na sentença; em seguida, na ocorrência (2), deparamo-nos com a variante *cortadora*, em que a preposição *em*, embora seja requerida pela predicação sentencial, não se realiza materialmente na relativa, sendo apagada, característica principal dessa variante (percebamos que o contexto sintático não deixa de ser preposicionado por causa do apagamento da preposição); por último, em (3), temos a variante *copiadora*, na qual o antecedente (*um homem*), já relativizado pelo *que*, é referenciado novamente na relativa por um pronome cópia (*ele*), sendo que a preposição *de* é transposta da posição original e contraída, nesse caso, com esse pronome correferencial, formando a cópia *dele* (o contexto da estratégia de relativização continua a ser preposicionado).

Nesse contexto da variável dependente, além dessas ocorrências recém-explicadas, que são os casos mais comuns para essas variantes, julgamos necessário explicitar o que, para a nossa análise, consideramos como dados, sobretudo no que se refere às variantes *copiadora* e *padrão*, já que a relativa *cortadora* se caracteriza prototipicamente pelo apagamento da preposição em sua estrutura.

Além das formas mais comuns de relativas *copiadoras* – aquelas cujas cópias são pronomes pessoais, possessivos ou demonstrativos, como apresentamos anteriormente – há aquelas cujos elementos cópias se constituem por “[...] advérbios locativos, quantificador pronominal neutro ou mesmo um sintagma nominal completo” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 2132). Sendo assim, consideramos como ocorrências para a variante *copiadora* casos como os seguintes:

- (4) ela tem um passarinho também *que o nome do passarinho é P.* e eu botei o nome/ apelido do passarinho sabe (NORPOFOR, DID, 16).
- (5) essa casa que eu morava nesse período *que eu morei lá* eu até na minha casa tinha... um terreno do lado assim dois lotes de terra como meu pai era agricultor e eu tinha experiência de plantador assim ne? eu... plantei milho feijão lá né? (NORPOFOR, DID, 148).
- (6) nesse canto *que eu moro aqui* tá... (desmanchei)... aí tinha uns amigos que disseram... nã::o você pode trabalhar... eu cheguei tarde... tava tudo desmanchado tava/ tava/ tava/ tava quase pronta... (NORPOFOR, DID, 19).

Como podemos perceber, em (4) temos uma relativa *copiadora* cujo termo que copia o antecedente é um sintagma nominal idêntico ao próprio antecedente (*passarinho*); em nossa amostra, consideramos esse tipo de estrutura como dados para a variante *copiadora*, visto que Corrêa (1998), assim como Raposo *et al.* (2013), evidenciou que as cópias no

processo de relativização não se restringem apenas aos pronomes, mas se estendem também a termos lexicais (sintagmas nominais). Já em (5) e (6), temos estruturas relativas cujos antecedentes (termos relativizados) – *casa* e *canto*, respectivamente – são correferenciados pelas partículas locativas *lá* e *aqui*; também consideramos estruturas desse tipo como dados para a variante *copiadora* em nossa amostra, com base em Raposo *et al.* (2013) e nos estudos de nosso estado da arte que, de igual modo, tomaram essas estruturas como dados em suas análises (BURGOS, 2003; SANTOS, 2015; SILVA, 2018).

No que diz respeito à relativa *padrão*, além de considerarmos, em nossa amostra, as ocorrências como a reproduzida no começo desta subseção — “a partir do momento *em que* você entrega seu coração a Cristo... você passa a mudar de vida...” (NORPOFOR, DID, inquérito 11) —, tratamos como dados para a variante *padrão* as relativas encabeçadas pelo pronome relativo *onde* com sentido locativo e temporal, o qual não é, segundo Kury (2006), acompanhado explicitamente pela preposição, mas equivale ao relativizador preposicionado *em que*, conforme podemos visualizar nas seguintes ocorrências tiradas de nossa amostra a título de ilustração:

- (7) não às vezes ela vai leva a E... um dos meninos pequenos mais ela... aí eles ficam assim num corredor bem grande *onde fica só os visitantes com os pacientes...* aí ela leva algum dos meninos e vai que ela não sabe pegar o ônibus só (NORPOFOR, DID, 9).
- (8) ... minhas moças... tem um bom têm uns namorados... são/ são iguais meus filhos pra mim... eles vão lá pro terreno *onde eu trabalho* deixam tudo limpinho... (NORPOFOR, DID, 19).
- (9) não:: eu encontrei eu conheci ele no hospital *onde eu trabalhava...* na Santa Casa (NORPOFOR, DID, 39).
- (10) lá tem o::... o rio *onde todo mundo toma banho...* lá é::... bem zeladozinho... a praia lá... bem azulzinha... várias onda... altas onda... a cachoeira... (NORPOFOR, DID, 56).
- (11) eu conheço um porteiro né do condomínio *onde eu moro...* tem um porteiro né... ele me conta assim da vida dele né... eu até pergunto “por que é que você:: é porteiro?”... ele diz “porque eu não tive estudo”... (NORPOFOR, DID, 112).

Como podemos notar, as ocorrências (7) a (11) são orações relativas introduzidas por *onde*, advérbio pronominal relativo, que traz inclusa, no seu significado, a preposição *em* (KURY, 2006). Isso nos faz reiterarmos que o contexto sintático preposicionado da relativa não necessariamente implica a presença da preposição na materialidade linguística da sentença. Por esse motivo, em nossa amostra, ocorrências desse tipo foram contabilizadas como dados para a variante *padrão*. Além do mais, identificamos que as investigações de

Pinheiro (1998) e Burgos (2003) consideraram as relativas introduzidas por *onde* da mesma forma que o nosso estudo, o que respalda e fortalece esse aspecto metodológico de nossa pesquisa.

Apresentada a nossa variável dependente e colocadas as suas peculiaridades, passemos a conhecer os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que controlamos em nossa análise, no intuito de percebermos os padrões sociolinguísticos que condicionam a variação das estratégias de relativização no falar popular fortalezense.

4.5.2 Variáveis independentes

Como já explicitamos, a Teoria da Variação e Mudança Linguística advoga que o caráter variável das línguas não é aleatório, mas condicionado por fatores internos e externos ao sistema linguístico, os quais asseguram a sistematicidade da heterogeneidade manifesta na língua. Portanto, uma das primordiais tarefas na pesquisa variacionista é averiguar os grupos de fatores (variáveis independentes) que determinam o comportamento das variantes do fenômeno linguístico que se constitui como a variável dependente (LABOV, 1994).

Em nosso estudo, analisamos o comportamento variável das estratégias de relativização a partir do controle de 13 variáveis independentes, visto que um número maior de fatores testados nos fornece a possibilidade de análises estatísticas múltiplas (SCHERRE; NARO, 2003, p. 158). Entre essas 13, foram contempladas variáveis linguísticas e extralinguísticas, a saber: *traços semânticos do antecedente* ± *humano*, ± *definido* e ± *singular*, *função sintática do pronome relativo*, *distância entre o pronome relativo e o termo relativizado*, *estado de ativação do antecedente*, *preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo*, *posição da relativa em relação à oração principal*, *tipo de oração relativa*, *preposição regida pelo verbo/nome*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Elegemos esses grupos de fatores tomando por base tanto o nosso contato com o *corpus* quanto o estado da arte dos estudos de base variacionista acerca do fenômeno no português brasileiro, já resenhados anteriormente.

Em seguida, faremos a descrição de cada variável independente que controlamos em nossa pesquisa, expondo, no caso dos grupos de fatores linguísticos, exemplos das ocorrências retiradas de nossa amostra; frisamos que, nessas ocorrências extraídas, as orações relativas serão destacadas em *italico*.

4.5.2.1 Variáveis linguísticas

Como já sabemos, os fatores linguísticos também cumprem um papel importantíssimo no processo de variação linguística. A isso se deve o fato de que, em variadas comunidades de fala, “[...] a Sociolinguística Variacionista tem buscado generalizações, ou seja, princípios que, relacionados entre si, permitam esclarecer os mecanismos subjacentes a processos de variação e mudança em geral” (DUARTE; PAIVA, 2011, p. 93). Ainda segundo as autoras, o acúmulo de observações em comunidades de fala diferentes permite ao pesquisador sociolinguista empreender inferências e testar hipóteses que levem a esses princípios gerais. Em seguida, detalhamos as variáveis estruturais que nossa revisão de literatura nos forneceu para deprendermos princípios gerais em relação às estratégias de relativização, cujas tendências pudemos averiguar também no português popular fortalezense.

4.5.2.1.1 Traço semântico \pm humano do antecedente

Segundo Dubois *et al.* (1998), um traço semântico ou sema é uma unidade mínima do significado e que não se realiza de forma independente, portanto ele explica que, por exemplo, “o traço semântico [+humano] é uma unidade semântica mínima, que especifica palavras como *rapaz*, *vendedor*, *arquiteto*, etc.” (DUBOIS *et al.*, 1998, p. 591). Desse modo, para o fenômeno da relativização, essa variável concerne aos traços semânticos atribuídos ao antecedente da relativa quanto à sua animacidade.

Já no primeiro estudo variacionista sobre as orações relativas, o de Mollica (1977), esse grupo de fatores foi controlado, sendo o traço *-humano* indicado como relevante para a realização da oração relativa *cortadora* em detrimento da *copiadora*. Esse resultado é reforçado pelo que comprovou Tarallo (1983) ao mostrar que o traço *+humano* favorecia o uso da variante *copiadora*. Por ser um grupo de fatores testado nessas investigações pioneiras, estudos posteriores também o adotaram em seus envelopes de variação. Portanto, acreditamos que essa variável pudesse mostrar-se significativa também para a nossa pesquisa. Nos excertos (12) e (13) seguintes, retirados do nosso *corpus*, há ocorrências de relativas com os antecedentes de traços *+humano* e *-humano*, respectivamente.

(12) eram umas meninas lá ()... a:... a M. umas lá *que eu num conhecia muito direito o nome delas...* (NORPOFOR, DID, 9).

(13) :... a gente tava sem saber notícia dela como é que elas tavam quando foi ontem recebi um telefonema *que uma delas tava muito mal...* (NORPOFOR, DID, 6).

4.5.2.1.2 Traço semântico \pm definido do antecedente

Esse grupo de fatores apresenta os fatores *+definido* e *-definido* em relação ao antecedente da oração relativa. Tal variável foi controlada nos estudos de Mollica (1977), Tarallo (1983), Pinheiro (1998), Barros (2000), Burgos (2003), Silva (2011) e Ramos (2015), embora não tenha sido apontada como relevante em todos eles. A tendência evidenciada por esses estudos é que o traço *+definido* do antecedente favorece o uso da relativa *cortadora*. Vejamos as ocorrências de orações relativas com antecedente *+definido* e *-definido* nos excertos (14) e (15), respectivamente, retirados do nosso *corpus*:

(14) eles são famo::so a partir do MOMENto *que PASSa na TELEvisão...*
(NORPOFOR, DID, 10).

(15) FO::i ele ligou aí disse que era um rapaz que [...] era um rapaz *que eu sempre fazia faxina pra ele* (NORPOFOR, DID, 10).

4.5.2.1.3 Traço mórfico \pm singular do antecedente

Dentre os estudos que testaram essa variável, aqueles cujos resultados apontaram-na como relevante foram o de Mollica (1977), Tarallo (1983) e Silva (2011), embora com comportamentos diferenciados; isso porque, para a realização da *cortadora*, Mollica (1977) constatou o traço *+plural*, enquanto esse mesmo fator foi identificado como favorecedor da relativa *padrão* no estudo de Silva (2011). Ante essa divergência, consideramos interessante averiguar qual o comportamento das relativas em relação a essa variável no falar popular fortalezense. A seguir, apresentamos as ocorrências (16) e (17) que, nessa ordem, trazem orações relativas com traços semânticos *+singular* e *-singular*.

(16) aquela parte *em que ficam os barcos ancorados* aquilo ali pra mim é fantástico
(NORPOFOR, DID, 62).

(17) tem esses meus dois netinho aí *que às vezes eu tenho pena* (NORPOFOR, DID, 6).

4.5.2.1.4 Função sintática do pronome relativo

Assim como a *função sintática do termo relativizado* é um elemento estrutural que interfere no uso das estratégias de relativização, a do relativizador também o é, consoante advogaram Mollica (1977) e Tarallo (1983) já nas investigações pioneiras. É válido

lembrarmos que a *função sintática do pronome relativo* nem sempre é a mesma do termo relativizado (ou antecedente), conforme assinala Rocha Lima (2011), não obstante essa constatação aplicar-se minimamente às relativas de contexto preposicionado, nas quais as funções de termo relativizado e relativizador tendem a ser geralmente as mesmas.

Contudo, no que diz respeito à classificação dos argumentos verbais que podem ser relativizados, cabe pontuarmos uma observação pertinente. Geralmente, o costume gramatical escolar, a fim de facilitar a transposição didática desse conteúdo, encapsula todos os complementos verbais preposicionados como objetos indiretos. Porém, uma ponderação mais aprofundada das propriedades dos complementos preposicionados faz-nos perceber que estes apresentam estatutos diferenciados.

Nesse ínterim, consoante Rocha Lima (2011), na sentença, o *objeto indireto*: é um argumento de aspecto animado a que se dirige ou destina a ação verbal, ou seja, exerce um papel semântico de beneficiário; é regido pela preposição *a* (raramente *para*); geralmente acompanha o objeto direto, em caso de verbos bitransitivos; e corresponde à forma pronominal de terceira pessoa *lhe(s)*. Para o mesmo autor, os demais complementos preposicionados ligados a construções como *precisar de*, *lembrar de*, *gostar de*, *depende de*, *assistir a*, *falar de* etc. (isto é, aquelas que não atendem aos requisitos que permitem classificar um argumento verbal como objeto indireto) devem ser classificados como *complementos relativos*, os quais apresentam as seguintes especificidades: não representa o beneficiário da ação verbal, mas o ser sobre o qual ela recai, marcado prepositivamente por *a*, *com*, *de*, *em* etc.; não é intercambiável pronominalmente à forma *lhe(s)*, mas às formas tônicas *ele(s)* e *ela(s)* acompanhadas de preposição. Essa distinção entre objeto indireto e complemento relativo também é compartilhada por Bechara (2009).

Rocha Lima (2011) traz, ainda, considerações sobre um outro argumento preposicional, de natureza adverbial, o *complemento circunstancial*, tão indispensável ao entendimento da frase quanto os complementos verbais, o que o diferencia do adjunto adverbial, de caráter acessório na construção sentencial; o complemento circunstancial geralmente tem aspecto temporal ou locativo e acompanha construções verbais como *morar em*, *estar em*, *ir a*, *voltar de*, *chegar de*, entre outras.

Castilho (2012), por sua vez, não diverge de Rocha Lima, porém traz um outro termo – os *complementos oblíquos* – que inferimos como um encapsulamento desses complementos que não figuram como objetos indiretos. Não obstante, não podemos deixar de salientar que esse termo *oblíquo* detém mais de um conceito, pois, se para esse gramático complemento *oblíquo* se refere ao que não é objeto indireto, para Dubois *et al.* (1998) esse

termo abrange todos os elementos sentenciais indiretos que se opõem aos casos diretos (sujeito, objeto, predicativos), o que acaba por incluir o próprio objeto indireto nos complementos oblíquos, não fazendo as distinções mencionadas.

Assim, ante essas divergências e para evitar confusões ao leitor, optamos por adotar a categorização de Rocha Lima (2011), por julgarmo-la mais sistemática; ou seja, utilizaremos essas funções separadamente, o que não notamos nos trabalhos de nossa revisão de literatura, que geralmente procederam com agrupamentos em relação a esses complementos. Para essa variável, portanto, consideramos como fatores as funções *complemento relativo*, *adjunto adverbial*, *complemento nominal*, *objeto indireto*, *adjunto adnominal* e *complemento circunstancial*, indicadas nas ocorrências seguintes.

- (18) o show do Rappa... eu já tinha ido... Charlie Brow também... tinha outra banda também *que eu queria ter ido assistir* (NORPOFOR, DID, 44) – **Complemento relativo**
- (19) aí... eu não lembro como era o nome da banda dessas vezes *que eu fui...* (NORPOFOR, DID, 44) – **Adjunto adverbial**
- (20) então acho que praticamente de todos os meus professores menos o de Geografia né *que eu não tenho saudade* (NORPOFOR, DID, 12) – **Complemento nominal**
- (21) FO::i ele ligou aí disse que era um rapaz [...] um rapaz *que eu sempre fazia faxina pra ele* (NORPOFOR, DID, 10) – **Objeto indireto**
- (22) ela tem um passarinho também *que o nome do passarinho é P.* (NORPOFOR, DID, 16) – **Adjunto adnominal**
- (23) não...assim...no bairro...assim *que eu moro...tem...tem várias pessoas que usam isso...sabe...mas né obrigado eu seguir esse ritmo não sabe...* (NORPOFOR, DID, 36) – **Complemento circunstancial**

4.5.2.1.5 Distância entre o pronome relativo e o termo relativizado

A oração relativa, geralmente, segue imediatamente o termo relativizado, porém pode haver material linguístico interveniente entre os dois. Essa variável foi indicada como altamente relevante nos estudos de Mollica (1977), Tarallo (1983), Barros (2000), Burgos (2003), Santos (2015), e Coan e Carvalho (2016), sendo constatada a tendência de que a presença de material interveniente beneficia o emprego da *copiadora*, enquanto sua ausência, o da *cortadora*. Pelo caráter significativo dessa variável, decidimos controlá-la em nossa análise também. Os fatores desse grupo são *presença* e *ausência* de material interveniente, que podem ser visualizados, nessa ordem, nas seguintes ocorrências extraídas do NORPOFOR.

(24) [...] num corredor bem grande *onde fica só os visitantes com os pacientes* (NORPOFOR, DID, 9)

(25) [...] a partir do momento *que você negou para ela...* esTÀ negando PARA mim TAMbém... (NORPOFOR, DID, 10)

4.5.2.1.6 *Status informacional do antecedente*

Essa variável foi controlada e considerada como a segunda mais relevante na investigação que Pinheiro (1998) empreendeu acerca das relativas no falar culto de Fortaleza. Segundo Braga e Silva (1997), o *status informacional* dos itens lexicais é bastante pertinente para o estudo de fenômenos de natureza oracional (o nosso caso) e discursiva. Como essa variável se mostrou relevante em um estudo já realizado em Fortaleza com informantes cultos, julgamos prudente averiguar se ela condicionava o comportamento das relativas também na variedade popular fortalezense. No nosso estudo, os fatores para esse grupo são *informação dada*, quando já foi mencionada no discurso, e *informação nova*, quando introduzida pela primeira vez no discurso, conforme podemos ver, respectivamente, nos sublinhados das ocorrências (26) e (27) a seguir, retirados de nosso *corpus*.

(26) você tem a técnica da respiração:: né você respira melhor:: então se a pessoa vamos supor se a pessoa lhe aplicar um... um::... um como é... uma gravata né tem um golpe de gravata outra pessoa... se você tiver uma paciência uma técnica você pode sobreviver mais tem::po e tirar aquela gravata porque como eu falei vai prendendo a sua respiração né que é aquela gravata que a gente sempre ouviu falar (NORPOFOR, DID, 12)

(27) [...] nunca mais eu fui...todos os domingos eu ia...ai eu parei...mas lá...mas lá...tinha umas moça sabe...um pessoal lá...por que tem uma praia ai...uma praia de nudismo que o povo chama né... (NORPOFOR, DID, 36)

4.5.2.1.7 *Preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo*

Já sabemos que o termo relativizado (o antecedente), o relativizador e a categoria vazia ou preenchida com pronome lembrete compartilham o mesmo referente na sentença. Nesse ponto, então, julgamos interessante observar se o fato de uma preposição requerida por um antecedente ser *igual* ou *diferente* da requerida pelo pronome relativo influenciaria no comportamento variável das estratégias de relativização. Cabe aqui reiterarmos que, para a oração relativa, quando falamos de requerimento de preposição, não necessariamente ela está materialmente expressa na frase. Essa variável foi controlada e

considerada relevante nos estudos de Kato *et al.* (1996) e Corrêa (1998), os quais mostraram que, quando as preposições requeridas por esses dois constituintes da oração relativa são diferentes, há um favorecimento para a relativa *padrão*. Em seguida, expomos as ocorrências (28) e (29), extraídas de nosso *corpus*, que trazem contextos com requisição de preposições iguais ou diferentes, respectivamente, por parte dos antecedentes e pronomes relativos.

(28) no Ano *que era p'ele se aposentar* ele morreu (NORPOFOR, DID, 6)

(29) a partir do momento *em que você entrega seu coração a Cristo...* você passa a mudar de vida... (NORPOFOR, DID, 11)

4.5.2.1.8 Posição da relativa em relação à oração principal

No que tange à sua posição em relação à oração principal ou matriz, a oração relativa pode ocorrer *à direita* (ao final do período) ou *encaixada* (no meio, intercalada). A investigação de Pinheiro (1998) controlou essa variável na fala de fortalezenses cultos e verificou que as orações relativas *padrão* são favorecidas mais pela sua posição à direita, como em (30), do que pela posição encaixada, como em (31), corroborando o estudo de Tarallo (1983). O contrário também foi provado no estudo de Coan e Carvalho (2016): as relativas vernaculares (não padrão) tendem a ocorrer encaixadas à oração matriz.

(30) eles são famo::so a partir do MOMENto *que PAssa na TELEvisão* (NORPOFOR, DID, 10)

(31) o dia *que eu libero* pra brincarem é sábado e domingo (NORPOFOR, DID,10)

4.5.2.1.9 Tipo de oração relativa

Como já elicitamos na seção que contempla o fenômeno sob a visão dos gramáticos, estes são unânimes em classificar semanticamente as orações relativas em restritivas e explicativas, sendo estas consideradas extensões de sentido dos termos relativizados, e aquelas, delimitações dos mesmos. Podemos visualizar, em (32) e (33), respectivamente, ocorrências de orações adjetivas *restritiva* e *explicativa*, extraídas de nossa amostra:

(32) você paga um plano que te dá direito a ir a consultas e laboratórios você também "vai-se" embora não vai? despedaçaram ou diluíram o que na realidade

a pessoa precisa como um todo então por exemplo o seguro de saúde deveria incluir até o remédio *que a pessoa precisa* (NORPOFOR, DID, 62)

(33) eu tomei banho ali na Leste-Oeste...e a Leste-Oeste... é uma praia... muito poluída...porque tem o esgoto do IML... e é uma catanga tão grande... quando enche a ma:...quando a maré tá seca... quando a maré enche... aí melhora sabe...aí melhora a catanga...mas é um fedor tão grande quando eu saio lá...quando eu saio já... quando eu passo a pista... é aquela catanga sabe... mas eu parei de andar quando eu peguei... nunca mais eu fui... todos os domingos eu ia... aí eu parei... mas lá... mas lá... tinha umas moça sabe... um pessoal lá... por que tem uma praia aí... uma praia de nudismo... *que todo mundo toma banho nu né...* (NORPOFOR, DID, 36)

Na ocorrência (32), podemos perceber que o termo relativizado (*remédio*) é delimitado pela oração relativa (ou seja, não é um remédio qualquer que o seguro de saúde deveria incluir, mas aquele de que a pessoa precisa), logo temos um caso de oração relativa *restritiva*. Já em (33), a expressão relativizada (*uma praia de nudismo*) não é restrita pela oração relativa, pois esta, na verdade, acrescenta à referida expressão uma informação, inclusive de senso comum no que tange a toda praia de nudismo (*que todo mundo toma banho nu*), sendo, portanto, uma oração relativa do tipo *explicativa*.

O fato de que o estatuto semântico das orações relativas, isto é, sua categorização em *restritivas* e *explicativas*, também se constitui como uma variável estrutural que interfere na variação das estratégias de relativização foi evidenciado por Tarallo (1983) e corroborada por Burgos (2003), uníssonos ao mostrarem que as relativas *explicativas* propiciam o uso da estratégia *copiadora*. Quanto ao critério usado para identificarmos se a oração relativa era *restritiva* ou *explicativa*, durante a coleta, extraímos porções maiores das transcrições das falas dos informantes, da mesma forma que procederam outros pesquisadores (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; SILVA, 2011), a fim de percebermos se as orações relativas traziam informações que delimitavam ou ampliavam informações acerca dos referentes nos discursos dos informantes.

4.5.2.1.10 Preposição regida pelo verbo/nome

As preposições são unidades linguísticas dependentes, pois não aparecem isoladas no discurso, mas sempre atreladas a outros constituintes gramaticais, cumprindo a função de conectores, como índices das funções gramaticais dos termos que elas introduzem (BECHARA, 2009). Apesar de terem prototipicamente essa função de ligação entre termos ou estruturas sintáticas na língua, as preposições são imbuídas de significado, o que influencia diretamente no seu caráter funcional de conexão.

O teor semântico que as preposições carregam é defendido por Mollica (1995, p. 51), ao discorrer sobre a preposição *de* em seu estudo sobre o fenômeno do dequeísmo²³: “[...] ‘de’ é preposição altamente produtiva no sistema, porque contém várias significações e é elemento substitutivo de outros nexos no português de hoje e de épocas anteriores”. Desse modo, consideramos que a preposição pode influir no emprego das relativas, assim como aconteceu com o fenômeno dequeísta explorado por Mollica (1995). Além do *de*, outras preposições podem ser requeridas²⁴ nas construções argumentais que envolvem as relativas. Assim, uma vez que as preposições regidas pelos termos regentes dessas orações compõem um grupo de fatores, apostamos que ele pudesse se mostrar bastante significativo em nossa análise. Nesse âmbito, verificamos que em seu estudo, Avelheda (2014) mostrou que regências verbo-nominais que exigem as preposições *por* (PR 0.975) e *de* (PR 0.954) propiciam o uso das relativas vernaculares (*cortadoras* e *copiadoras*), enquanto Santos (2015) apontou que a preposição *em* é propiciadora da relativa *padrão*. Vejamos, a seguir, ocorrências de orações relativas de nossa amostra que solicitam preposições distintas:

- (34) existe uma passagem da Bíblia que é... “o homem ou vem pelo amor ou vem pela dor”... eu vim pela dor... porque eu vim com medo... eu vim temeroso... e ali aquele homem de Deus... *que Deus revelou a ele...* (NORPOFOR, DID, 11) – **Solicitação da preposição *a***
- (35) a partir do momento *em que você entrega seu coração a Cristo...* você passa a mudar de vida... (NORPOFOR, DID, 11) – **Solicitação da preposição *em***
- (36) era um rapaz *que eu sempre fazia faxina pra ele* (NORPOFOR, DID, 10) – **Solicitação da preposição *para***
- (37) essa prima nossa que justamente é irmã dessa *que eu falei com ela ontem*. (NORPOFOR, DID, 6) – **Solicitação da preposição *com***
- (38) da Adriana Calcanhoto eu gosto de todas néh... pra falar a verdade... agora uma *que mais gosto mesmo é essa mentiras* (NORPOFOR, DID, 44) – **Solicitação da preposição *de***

4.5.2.2 Variáveis sociais

Aportados na teoria laboviana, vimos que o arcabouço sociolinguístico defende a primazia da natureza social da língua. E, especificamente na Sociolinguística Variacionista, a importância do social se mostra a partir da possibilidade e eficácia que a metodologia variacionista permite de controlarmos fatores extralinguísticos na análise multivariada de um

²³ Esse fenômeno consiste na inserção da preposição *de* antes da conjunção *que* em contextos nos quais, com base na gramática normativa, a regência verbal não exige essa preposição.

²⁴ Entendamos a exigência da preposição não necessariamente como sua realização expressa na sentença, mas como o que o verbo/nome solicita em sua predicação.

fenômeno em variação. Tais fatores consistem em “[...] categorias sociodemográficas amplas da comunidade cuja fala esteja sob análise, como sexo, idade, classe socioeconômica e etnia” (MAY, 2011, p. 21). Desse modo, em nossa análise, controlamos as variáveis extralinguísticas *sexo*, *idade* e *escolaridade*, a fim de perceber como interferem na variação das estratégias de relativização na variedade popular fortalezense. Por isso, explanamos, a seguir, peculiaridades de cada uma dessas variáveis.

4.5.2.2.1 *Sexo*

Sabemos que já foi consagrado como canônica, nos estudos de base variacionista, a tendência que as mulheres apresentam em utilizar as variantes padrão da língua bem mais do que os homens em diversas comunidades de fala. Podemos ancorar a constatação dessa tendência canônica em Meyerhoff (2006), que faz um retrato histórico acerca de algumas generalizações relativas à variável *sexo* que emergiram dos primeiros estudos sociolinguísticos, quando as bases metodológicas da pesquisa variacionista estava sendo sedimentadas por Labov. Tais generalizações, segundo a autora, são: as mulheres usam mais a norma padrão do que os homens em se tratando de variações estáveis; as mulheres usam mais o padrão do que os homens em fenômenos que sofrem mudança em progresso de forma consciente por parte da comunidade de fala; e as mulheres lideram o uso das variantes inovadoras nos casos de mudança em progresso por que passa um determinado fenômeno, sem a consciência da comunidade de fala.

Abramos um pequeno adendo para esclarecermos nossa opção pelo termo *sexo* em nossa análise. Nossa escolha se justifica pelo fato de o banco de dados NORPOFOR ter sido construído entendendo o sexo unicamente como “[...] para se referir a uma distinção biológica ou fisiologicamente baseada entre machos e fêmeas [...]” (MEYERHOFF, 2006, p. 201, tradução nossa²⁵). Portanto, não adentraremos à discussão acerca de questões de gênero e sexualidade ao ponderarmos sobre essa variável, uma vez que abrimos mão de usar o termo *gênero*.

Em retomada à explicitação acerca dos princípios de generalização, depreendemos que as mulheres, ao reagirem aguçadamente às formas estigmatizadas, acabam tornando-se agentes de diferenciação no que atine ao *status* das variáveis linguísticas (LABOV, 1994).

²⁵ No original: “[...] to refer to a biologically or physiologically based distinction between males and females [...]”

Não obstante os princípios apontados por Meyerhoff (2006) sejam repletos do aspecto canônico, não deixam de ser tendências, podendo ser contrariados, uma vez que nem tudo se aplica a todas as comunidades de fala. Foi o que aconteceu na investigação acerca das relativas feita por Pinheiro (1998), a qual constatou que a estratégia *padrão* era mais empregada pelos homens na variedade culta de Fortaleza. Perante esse instigante resultado, averiguamos, em nosso estudo, qual o comportamento das orações relativas tomando por base a variável *sexo*, só que agora na variedade popular fortalezense.

4.5.2.2.2 Faixa etária

É fato que, para traçarmos reflexões acerca da estreita relação entre variação e mudança linguística, devemos tomar o fator *faixa etária* como o fio condutor. No transcurso histórico, isso pode ser percebido já no estudo de Labov sobre a centralização de /ay/ e /aw/ na Ilha de Martha's Vineyard, no qual podemos notar a relevância da idade dos informantes de uma comunidade de fala para a variação linguística, pois Labov verificou que os falantes mais jovens utilizavam mais as variantes vernaculares do que os adultos, como forma de resistir aos que queriam invadir a ilha (LABOV, 2008). É daí que podemos depreender a tendência que os falantes mais velhos apresentam de preservar formas linguísticas antigas (NARO, 2003).

Sabemos, então, que, nos estudos sociolinguísticos, se o emprego de uma variante inovadora for mais frequente entre os informantes jovens e decrescente entre os falantes mais idosos, temos um caso de mudança em progresso. Na pesquisa realizada por Pinheiro (1998), o fator *faixa etária* não foi considerado relevante para os cálculos multivariados do programa estatístico; contudo, de forma isolada, os dados indicaram uma distribuição proporcional das relativas *padrão* e *cortadora* nas 3 faixas etárias. Já o estudo de Corrêa (1998) mostrou que a idade acima de 55 anos era favorecedora das relativas *padrão* entre os informantes paulistanos cultos.

Considerando esses dados, pudemos observar se e como essa variável social influencia o uso das estratégias de relativização na variedade popular fortalezense.

4.5.2.2.3 Escolaridade

É indubitável que a posição social de um indivíduo exerce significativa influência no seu modo de falar (MONTEIRO, 2000). Perante essa verdade de o aspecto

socioeconômico interferir no vernáculo das comunidades de fala, deparamo-nos com variáveis intervenientes, as quais não nos permitem aferir o que, de fato, é devido puramente à classe social na análise de um fenômeno linguístico em variação. Uma dessas variáveis é a *escolaridade*, costumeiramente controlada nas pesquisas sociolinguísticas. Nesse imbricamento entre posição socioeconômica e escolaridade, devemos considerar que o código mais alto de uma língua é aprendido através de educação formal, ou seja, por meio da escolarização (MEYERHOFF, 2006).

Também é incontestável que a passagem de um indivíduo pelos bancos escolares interfere diretamente em suas maneiras de falar. Além disso, na medida em que a função primordial da escola – quanto à língua portuguesa – se resume a ensinar a língua padrão, a trajetória de estudos linguísticos permite-nos postular a hipótese geral de que falantes mais escolarizados tendem a usar mais as variantes padrão, isto é, as que são convencionadas e aceitas socialmente como o padrão da língua. O acesso à escolarização, pois, é um dos indicadores de *status* ou superação social, uma vez que a escola, como a mais importante agência de letramentos da sociedade (KLEIMAN, 2005), tem o poder de legitimar ou não os usos das formas linguísticas.

Ancorados nessa relevância da variável *escolaridade* para as investigações variacionistas, também a controlamos quando fizemos a submissão dos nossos dados ao programa estatístico, a fim de observarmos sua interferência no comportamento variável das orações relativas.

4.6 Levantamento de dados

No Projeto NORPOFOR, todas as gravações dos inquiridos já foram transcritas, à época da constituição do *corpus*, pela organizadora do projeto e os seus alunos bolsistas e voluntários da graduação em Letras. Isso facilitou a nossa coleta de dados, pois a tarefa de transcrição não é “nada trivial, pois requer, além de um considerável dispêndio de tempo, uma série de decisões importantes por parte do pesquisador” (PAIVA, 2003, p. 135).

Nosso primeiro contato com os dados foi a partir da leitura das transcrições dos inquiridos, a fim de conhecermos os inquiridos (em especial os DID's), o que nos permitiu extrairmos contextos mais completos das ocorrências do fenômeno, quando as coletamos por meio da ferramenta de busca *localizar* do programa *Microsoft Word*. À medida que fomos localizando, catalogamos todas as ocorrências de orações relativas em contextos de sintagma preposicionado encontradas nos 54 inquiridos do tipo DID que compuseram a nossa amostra

de análise. Em seguida, empreendemos o processo de codificação dessas ocorrências, o qual é brevemente descrito a seguir.

4.7 Codificação dos fatores

Após termos catalogado todas as ocorrências do fenômeno investigado em nosso estudo, empreendemos o processo de codificação. Este consiste em, com base nas variáveis dependentes e independentes preestabelecidas para investigação do fenômeno em tela, fazer uma distribuição dessas variáveis por meio da escolha de símbolos para representá-las: números, letras, diacríticos, entre outros (MONTEIRO, 2000). A escolha dos símbolos foi motivada, isto é, eles tinham uma relação gráfica com as variáveis que significavam, a fim de que, posteriormente, em caso de necessidade, pudéssemos fazer uma consulta sem transtornos, seja para tirar alguma dúvida quanto à codificação, seja para fazer alguma correção necessária.

A título de ilustração, vejamos o seguinte dado codificado (em negrito), acompanhado de sua respectiva ocorrência (destacada em *itálico*) no contexto:

(39) (**r-3A478Gan!Dsz** o dia-a-dia é isso aqui trabalhan::do dia eu fico em CA::sa... e ajudo aqui a fazer alguma CO::Isa com esses menino outro dia eu vou trabalhar lá no Papicu que eu tenho uma senhora *que eu trabalho para ela ainda...* eu vou prá lá um dia e outro não... (NORPOFOR, DID, 6)

Com base em nossa chave de codificação (ver Apêndice A, ao final desta dissertação), codificamos o dado anterior, extraído de nossa amostra, que traz a ocorrência de uma oração relativa *copiadora*, destacada em *itálico*. O código em negrito apresenta os seguintes significados:

- r** → representa a variante *copiadora* da variável dependente orações relativas;
- → ocorrida na fala de um informante do sexo feminino;
- 3** → informante pertencente à faixa etária III (50 anos em diante);
- A** → informante com nível de escolaridade A (0 a 4 anos de escolarização);
- 4** → termo relativizado (antecedente) com traço semântico + humano;
- 7** → termo relativizado (antecedente) com traço semântico – definido;
- 8** → termo relativizado (antecedente) com traço semântico + singular;
- G** → pronome relativo com função sintática de complemento relativo;
- a** → ausência de material linguístico entre o termo relativizado e o pronome;

- n** → o antecedente é uma informação nova no discurso do informante;
- !** → não há requerimento de preposição por parte do termo relativizado;
- D** → a oração relativa está posicionada à direita da oração principal;
- s** → a oração relativa, quanto ao estatuto semântico, é restritiva;
- z** → a preposição regida pelo verbo da oração relativa é *em*.

Após a ilustração anterior, é mister colocarmos que cada dado extraído do *corpus* na coleta correspondeu a uma cadeia de codificação que foi submetida ao programa estatístico. Portanto, as ocorrências codificadas foram a matéria-prima que alimentou o Goldvarb X, que fez a leitura dos dados relacionados ao fenômeno variável investigado, revelando, em termos percentuais e probabilísticos, os grupos de fatores linguísticos e/ou sociais que favorecem e desfavorecem o uso de uma ou outra variante (SANKOF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Na seção a seguir, apresentamos aspectos panorâmicos acerca desse programa computacional.

4.8 O programa computacional

Se considerarmos o fato de que a Sociolinguística Variacionista é inerentemente quantitativa, podemos pressupor seu teor estatístico e sua técnica procedimental de lançar mão de instrumentos de análise e quantificação de dados vernaculares variáveis. Aqui, cabe frisarmos que, por ter como foco a análise de fenômenos que variam na língua, a Sociolinguística Laboviana execra do seu quadro investigativo os aspectos categóricos dos fenômenos linguísticos, pois não coadunam com a realidade de diversidades dialetais. Nesse âmbito, a pesquisa acerca do mapeamento entre língua e sociedade defende que uma abordagem dos dialetos deve ser

feita em termos essencialmente quantitativos: variabilidade, tendências, relações de mais e menos. Cada vez mais, portanto, a pesquisa dialetal vem se amparando no aparato-padrão da metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para a apresentação de dados, medidas estatísticas para resumir os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas (GUY; ZILLES, 2007, p. 20).

Podemos depreender da citação anterior que a Sociolinguística Variacionista, ao ancorar-se, para analisar regras variáveis, em instrumentos mais usados nas ciências exatas,

mostra empiricamente que é possível dar conta da heterogeneidade ordenada presente nos diversos dialetos, a qual é balizada por fatores internos e externos ao sistema linguístico. Nesse ínterim, Guy e Zilles (2007) atestam que, anteriormente à instauração desses procedimentos quantitativos, a variação linguística era colocada em segundo plano, tida como aleatória e até considerada impossível de ser tomada cientificamente. É, então, a natureza quantitativa presente no aporte metodológico da Sociolinguística Variacionista que permite “[...] demonstrar o quão central a variação linguística pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Para realizar suas análises quantitativas, as pesquisas sociolinguísticas utilizam-se do pacote VARBRUL – com suas atualizações –, que consiste num “conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). Esse caráter multivariado é devido à possibilidade que os programas fornecem de calcular os múltiplos efeitos das variáveis independentes sobre a realização da variável dependente, e não gerando apenas frequências percentuais – que, muitas vezes, tomadas isoladamente, são suscetíveis a resultados incorretos –, mas também os pesos relativos, que revelam esses múltiplos efeitos de forma mais equilibrada e fidedigna a todos os contextos para a realização de uma ou outra variante de um dado fenômeno (GUY; ZILLES, 2007).

Em nossa pesquisa, utilizamos o programa computacional Goldvarb X, que é uma adaptação mais recente do VARBRUL para as configurações do Windows (SANKOF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), uma vez que tem sido bastante utilizado entre os pesquisadores sociolinguistas, por incorporar “[...] a ideia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, tanto linguísticas quanto sociais” (GUY; ZILLES, 2007, p. 100).

Em uma análise variável nos programas estatísticos, é preciso o pesquisador definir a *aplicação da regra*, que diz respeito à variante a partir da qual todos os resultados (percentagens e pesos relativos) serão gerados nas rodadas quantitativas, a fim de que o pesquisador as interprete e faça inferências a partir dos postulados da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Definida a aplicação da regra, submete-se para a leitura do programa estatístico o arquivo com as ocorrências codificadas. Essa leitura computacional se dá por meio de rodadas estatísticas, que, em se tratando de calcular tanto as frequências quanto os pesos relativos das variáveis independentes, podem ser de natureza binária (2 variantes), ternária (3 variantes) ou eneária (4 ou mais variantes). Contudo, para que o Goldvarb X

forneça a seleção dos grupos de fatores que relevantemente condicionam a variável dependente, as rodadas estatísticas devem ser de natureza binária. Sendo assim, para obter-se essa seleção de grupos de fatores em investigações que lidam com variáveis dependentes ternárias ou eneárias, ou seja, com 3 ou mais formas concorrentes, os pesquisadores as reduzem a sequências ou rodadas binárias (GUY; ZILLES, 2007). Por exemplo, em nosso estudo acerca das estratégias de relativização em contexto preposicionado, fenômeno variável *ternário*, essa redução para análises binárias se deu da seguinte forma: a primeira rodada foi com dados de orações *relativas não padrão (cortadoras e copiadoras) x relativas padrão*; a segunda, de orações *relativas cortadoras x relativas padrão*; e a terceira, de orações *relativas copiadoras x relativas padrão*.

Delimitados os arranjos binários, o Goldvarb X, a cada rodada, passa a realizar os *steps*, que são dois grandes e complexos processamentos estatísticos que operacionalizam as interações multivariadas dos diversos grupos de fatores entre si, em função da variável dependente, na busca de identificar quais deles exercem influência significativa ou não sobre a variante escolhida como aplicação da regra. No primeiro tipo, o *step-up*, o programa, combinando variadas interações entre os grupos de fatores, testa a significância de cada um destes para o favorecimento da aplicação da regra, até encontrar, em meio a vários níveis (Run's), aquele que possui a melhor análise e os melhores pesos relativos, ou seja, a interação mais produtiva que revela as variáveis realmente significativas para a aplicação. Já no segundo tipo, o *step-down*, acontece o processo inverso, porquanto o Goldvarb X, retirando os grupos de fatores um por um, aponta quais deles se mostram irrelevantes para que a regra variável se aplique. Esses dois procedimentos estatísticos fornecidos pelo programa devem estabelecer uma relação coerente entre si: “[...] a melhor análise do *step-up* incluirá exatamente os grupos que não foram excluídos pelo *step-down*” (GUY; ZILLES, 2007, p. 166).

No que toca aos resultados, cada rodada, inicialmente, fornece a frequência absoluta (número de ocorrências), a frequência relativa (percentuais) e os pesos relativos para as variantes e para as variáveis independentes testadas. Então, a relevância desses resultados se baseia não somente nas frequências, como já mencionado, mas também e principalmente em pesos relativos, que “calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada” (GUY; ZILLES, 2007, p. 211). Eles podem variar de 0 a 1, e os parâmetros $PR < 0,5$, $PR = 0,5$ e $PR > 0,5$ indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de uma variável independente em relação à variante escolhida como aplicação da regra. É preciso frisar que o

ponto neutro ($PR=0,5$ para uma análise binária) equivale ao valor de um fator que nem favorece nem desfavorece o uso de uma variante na investigação variacionista. No início de uma análise, ainda, é preciso atentarmos para a resolução do surgimento dos *nocautes*, que são as indicações de fatores ou grupos de fatores que se configuram como categóricos, ou seja, as variantes não competem com base nesses fatores ou grupos de fatores indicados. Os *nocautes* são apresentados justamente porque o programa estatístico só opera com dados variáveis. Após resolver os *nocautes*, a análise quantitativa pode prosseguir, e o pesquisador pode solicitar ao programa a realização de quantas rodadas ele achar conveniente, conforme o que deseja aprofundar do fenômeno variável investigado.

Além dessas especificidades colocadas, o Goldvarb X apresenta, ainda, outros aspectos numérico-estatísticos apresentados em cada análise dos referidos *steps* que são de suma relevância para a pesquisa sociolinguística, a saber: o *input*, a significância e o *log-likelihood*. O *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238); ou seja, ele equivale à probabilidade que a variante elegida como aplicação da regra tem de ocorrer em relação aos grupos de fatores controlados em cada rodada, sendo fornecido numericamente numa escala de 0,0000 a 1,0000 e auxiliando também nos cálculos dos pesos relativos desses grupos de fatores.

O nível de significância (*threshold*), por seu turno, diz respeito à estimativa probabilística de obter-se determinada distribuição dos dados da pesquisa, a partir de testes que levam em consideração a sua margem de erro. Essa margem tem como referência a hipótese nula, que, para a pesquisa sociolinguística, seria afirmar que nada está acontecendo com os dados, isto é, os grupos de fatores linguísticos e sociais em nada influenciam a escolha de uma ou outra variante da variável dependente. Logo, a significância, representada por p , é expressa em relação ao fato de a hipótese nula mostrar-se ou não verdadeira: se p é pequeno (numa escala de 0,01 a 0,05 ou $p < 0,05$), essa hipótese se mostra improvável, logo os resultados são tomados como estatisticamente significativos (GUY; ZILLES, 2007).

Por sua vez, o *log-likelihood* ou logaritmo de verossimilhança afere o aspecto qualitativo da proximidade entre o modelo estatístico (representado pelo conjunto que abrange os fatores indicativos dos contextos, o *input* e os pesos relativos) e os dados observados (GUY; ZILLES, 2007). Esse logaritmo se mostra fundamental, no processo de comparação das rodadas realizadas, para indicar significância ou falta dela nos grupos de fatores envolvidos. Em termos numéricos, basicamente, o valor absoluto do *log-likelihood* é tanto mais alto quanto maior for o número de dados observados.

Além de fornecer esses números, o Goldvarb X dispõe para o pesquisador, a cada rodada, a melhor análise, isto é, a listagem com a sequência dos condicionadores apontados como estatisticamente significativos, a fim de nortear melhor a investigação. É conveniente pontuarmos, por fim, que esses números mencionados e os resultados gerados pelo Goldvarb X devem ser interpretados pelo pesquisador com base nas premissas teóricas labovianas das quais lança mão para a investigação empreendida, pois, embora o Goldvarb X seja um eficiente instrumento que auxilia “[...] a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos” (SCHERRE; NARO, 2003, p. 162), ele não diz o que os números significam, cabendo isso ao pesquisador. No mais, desde já, frisamos que, à medida que fomos necessitando, pudemos nos utilizar dos múltiplos recursos fornecidos pelo programa ao longo de nossa análise, o que nos permitiu enxergar novas maneiras de olhar nosso objeto.

Tendo brevemente discorrido sobre o nosso instrumental de análise, bem como acerca de outros aspectos metodológicos de nossa pesquisa, passemos para o próximo capítulo, onde apresentamos e discutimos os nossos resultados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com este capítulo, chegamos à hora de apresentarmos os resultados encontrados na investigação variacionista que empreendemos, analisando as ocorrências das estratégias de relativização em contexto de sintagmas preposicionados no falar popular fortalezense. Desde já, ratificamos que, em nossas análises, valemo-nos dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista enquanto teoria de base, subsidiadas metodologicamente pelas diretrizes a ela acopladas.

Conforme mencionamos em nossa metodologia, o *software* Goldvarb X não realiza rodadas que disponham ao pesquisador a ordem de variáveis selecionadas como relevantes para a aplicação da regra quando se investigam fenômenos que tenham mais de duas variantes; essa peculiaridade acontece com nosso estudo, uma vez que a nossa variável dependente é ternária. Por essa razão, realizamos rodadas binárias, analisando as variantes duas a duas, conforme orienta Guy e Zilles (2007).

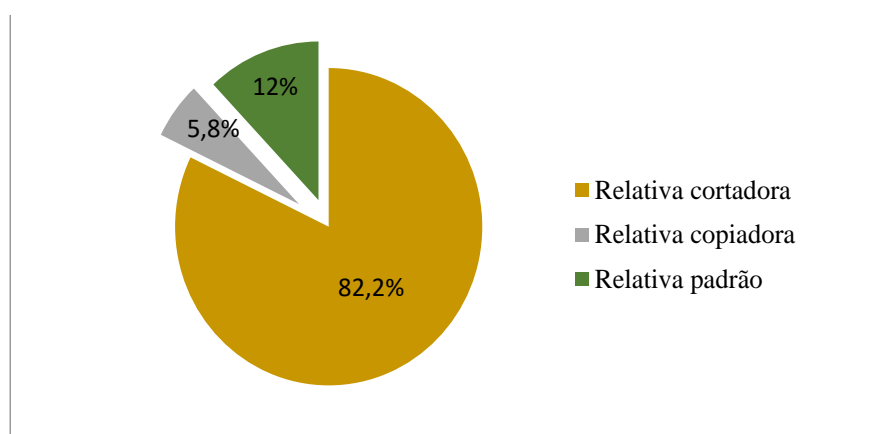
Assim, ergueremos a presente análise a partir dos resultados gerados por três rodadas: *relativas não padrão (cortadora e copiadora) vs. relativas padrão; relativas cortadoras vs relativas padrão; relativas copiadoras vs. relativas padrão*. Ressaltamos que elegemos, como valor de aplicação da regra variável, sempre as variantes *não padrão* (as relativas *cortadora* e *copiadora* conjuntamente na primeira rodada, a *cortadora* na segunda e a *copiadora* na terceira), a fim de verificarmos como se dá o comportamento variável das estratégias de relativização no falar popular fortalezense especificamente, cotejando os resultados aos de outros estudos realizados sob o prisma de outras variedades do PB e principalmente buscando evidenciar as particularidades dos fortalezenses quanto ao fenômeno investigado.

O presente capítulo analítico é composto por quatro seções. Na primeira, apresentamos as frequências gerais das estratégias de relativização ocorridas na fala popular dos fortalezenses e traçamos considerações gerais a respeito do fenômeno nessa comunidade de fala. Nas outras três seções, fiamo-nos nas análises de cada uma das rodadas mencionadas, ordenadamente. A cada seção, traremos os resultados obtidos da rodada estatisticamente analisada, discutindo-os à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de modo a responder às questões de pesquisa que traçamos, verificar as hipóteses que levantamos e alcançar os objetivos a que nos propusemos inicialmente.

5.1 Frequências gerais das estratégias de relativização

Antes de começarmos nosso trabalho analítico por rodadas separadamente, achamos conveniente situar o leitor quanto às frequências gerais informadas pelo programa estatístico para cada uma das variantes do fenômeno das estratégias de relativização: as relativas *cortadora*, *copiadora* e *padrão*. Os dados referentes às estratégias de relativização na amostra que delimitamos do *corpus* NORPOFOR resultaram em 883 ocorrências, sendo destas 726 (82,2%) para as relativas *cortadoras*, 51 (5,8%) para as *copiadoras* e 106 (12%) para as relativas *padrão*. Observemos o gráfico 4 seguinte, que ilustra as frequências gerais.

Gráfico 4 - Frequências das variantes *cortadora*, *copiadora* e *padrão* em nossa amostra²⁶



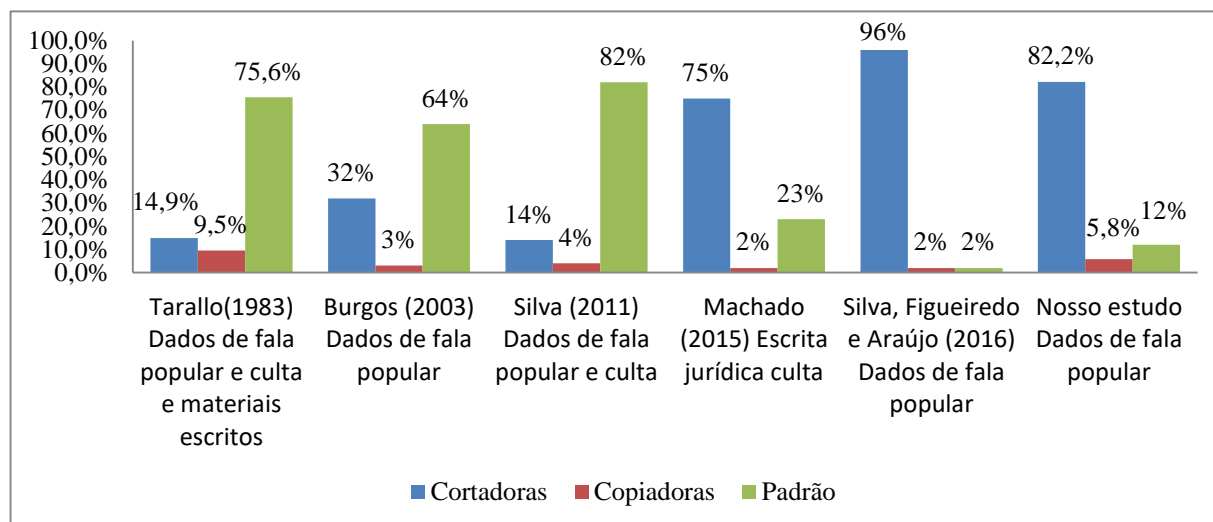
Fonte: Elaborado pelo autor.

As frequências gerais expressas no gráfico 4 nos levam, já de início, a confirmar uma das hipóteses gerais do nosso estudo: a estratégia de relativização *cortadora* é a mais utilizada pela comunidade de fala fortalezense, representada por entrevistados do Banco de dados NORPOFOR, do qual extraímos nossa amostra. Essa sobreposição²⁷ da relativa *cortadora* que ora verificamos é uma corroboração do que concluíram outros estudos acerca das estratégias de relativização, contemplados em nossa revisão de literatura, a saber: Kato *et al.* (1996); Pinheiro (1998); Barros (2000); Machado (2015); Silva, Figueiredo e Araújo (2016); Silva (2018). Vejamos, no seguinte gráfico 5, os percentuais de alguns desses estudos em comparação a outras pesquisas que indicaram a sobreposição da relativa *padrão*.

²⁶ Destacaremos em *itálico*, nos títulos dos gráficos e das tabelas, bem como no corpo do texto, as variantes da análise e as variáveis controladas, no intuito de facilitar a leitura.

²⁷ Ao longo de toda a nossa análise, empregamos o termo *sobreposição* no sentido de maior percentual de uso para a variante em discussão.

Gráfico 5 – Frequências das variantes *cortadora*, *copiadora* e *padrão* em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Desde já, convém frisarmos que esse tipo de cotejamento proposto no gráfico 5, presente em algumas partes de nossa análise, visa apenas mostrar ao leitor as frequências gerais nos estudos de nossa revisão de literatura que abordaram o fenômeno, indicando o comportamento do mesmo nas diferentes variedades do PB a partir dos percentuais de uso.

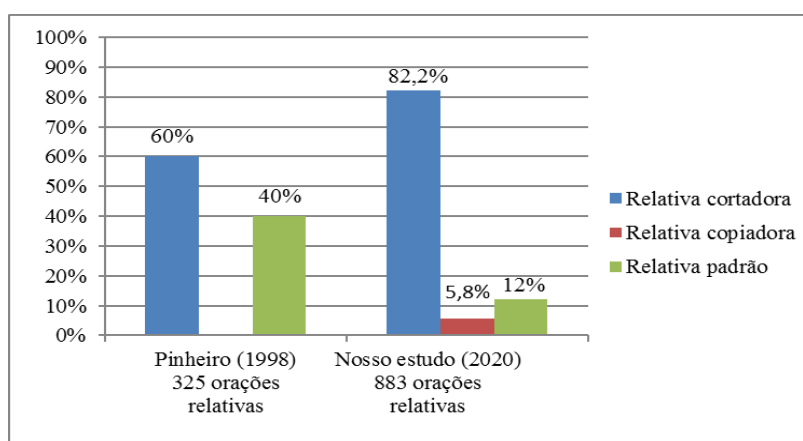
Os trabalhos contemplados pelo gráfico 5 são aqueles que, como o nosso, abordaram as três variantes do fenômeno em separado para o levantamento das frequências gerais. Diante do cotejamento entre os percentuais gerais dos estudos, conforme ilustra o gráfico 5, é possível explorar diferenciados aspectos entre o nosso trabalho e as pesquisas constantes em nosso estado da arte (que não são apenas as mostradas no gráfico), visto que diferentes bancos de dados foram investigados, sendo estes ora constituídos com dados de fala culta, ora com dados de fala popular, e até mesmo com as duas normas concomitantemente, além daqueles que condicionam dados linguísticos provenientes de materiais escritos, conforme percebemos no gráfico 5. Não obstante essas especificidades, notamos que é alta a tendência de uso da relativa *cortadora* nos estudos mais recentes – Machado (2015), Silva, Figueiredo e Araújo (2016) e nosso estudo – o contrário do que acontece nas investigações mais antigas (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; SILVA, 2011), que constataram a alta tendência de uso para a relativa *padrão*. A partir do gráfico 5, podemos afirmar que a variação das relativas é um tema instigante na seara linguística, pois a investigação de Machado (2015) apontou a relativa *cortadora* como a mais utilizada, apesar de o material de análise ter sido

composto por textos escritos do domínio discursivo jurídico, enquanto que, no estudo de Burgos (2003) com dados de fala popular, a variante *padrão* foi a sobressaliente. No que tange à relativa *copiadora*, percebemos o seu uso marginal nos estudos expostos pelo gráfico, uma vez que sua frequência foi menor que 10% em todos os estudos, inclusive no nosso.

É válido ressaltar que outros estudos de nosso estado da arte fornecem essas frequências, agrupando as variantes inovadoras (*cortadoras* e *copiadoras*) em concorrência com a relativa canônica (*padrão*), o que cotejaremos com o nosso estudo na próxima seção, onde analisaremos justamente a rodada que abrangeu essa junção. Não podemos deixar de mencionar, ainda, que alguns estudos de nossa revisão trabalharam apenas com as relativas *padrão* e *cortadora*, o que também comentaremos na seção em que analisarmos especificamente essa rodada para o nosso estudo, a fim de que os paralelos traçados entre as pesquisas sejam consistentes e efetivos e estejam dentro dos critérios sociolinguísticos.

Julgamos conveniente, antes de finalizar esta seção analítica de caráter introdutório e genérico, trazer à tona uma constatação que chamou muito a nossa atenção, proveniente da comparação entre os nossos resultados e os do trabalho de Pinheiro (1998), realizado com dados do banco de fala Português Culto de Fortaleza-CE (o PORCUFORT Fase I²⁸), capital contemplada também em nosso estudo, mas com dados de fala popular. Vejamos, então, o gráfico 6.

Gráfico 6 – Frequências gerais do estudo de Pinheiro (1998) e do nosso estudo



Fonte: Elaborado pelo autor.

²⁸ Esclarecemos que agora é preciso mencionarmos o PORCUFORT constituído de 1993 a 1996 como a *Fase I* desse Banco de dados, pois atualmente está sendo constituído o PORCUFORT *Fase II*, cujas gravações, transcrições e revisões dos inquéritos já estão sendo realizadas, sob a coordenação da professora Aluiza Alves de Araújo, como atividades pertencentes ao Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Como podemos notar no gráfico 6, em Fortaleza-CE, tanto na fala popular (82,2%) quanto na fala culta (60%), é majoritário o uso da relativa *cortadora* em comparação às outras variantes. Como o próprio Pinheiro (1998) ponderou em sua dissertação, o emprego da relativa *padrão* é baixo se considerarmos que todos os informantes analisados são cultos, o que denota uma certa resistência, por parte dos mesmos, a esse tipo de construção sintática. Assim, os fortalezenses, independentemente da norma linguística, privilegia o uso da estratégia de relativização *cortadora*.

Nesta breve seção, pusemo-nos a mostrar ao leitor as frequências gerais de nossa amostra para as três variantes das estratégias de relativização (*cortadora*, *copiadora* e *padrão*), fazendo o cotejamento com outros estudos que também mostraram seus percentuais gerais para as três formas. Além de ratificarmos nossa hipótese inicial de sobressaliência da estratégia *cortadora*, identificamos que os comparativos com outras investigações permitem lançar olhares analíticos e interpretativos diversos sobre o fenômeno, o que lhe confere respaldo no terreno científico da linguística variacionista. Em um desses comparativos, constatamos que tanto na fala popular quanto na culta, os fortalezenses empregam mais a relativa *cortadora*, o que se mostrou interessante para a construção de uma visão geral do fenômeno.

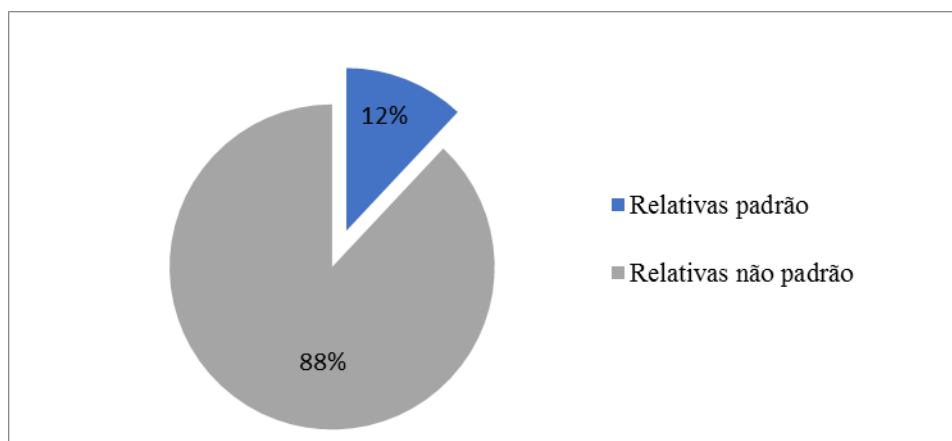
Haja vista o nosso estado da arte ser composto por investigações que lidaram com diferentes tipos de materiais de análise, reiteramos que o cotejamento entre elas traçado nesta seção visou apenas mostrar as frequências gerais dos trabalhos que abordaram as três variantes do fenômeno da relativização em diferentes variedades. Continuemos, portanto, nosso capítulo analítico, partindo para os resultados e as discussões relativos à primeira rodada, presentes na próxima seção.

5.2 Primeira rodada: relativas *não padrão* vs. relativas *padrão*

A primeira análise binária de nosso estudo consiste na rodada *relativas padrão vs. relativas não padrão*. Explicamos que o primeiro grupo é a junção das orações relativas *cortadoras* e *copiadoras*, sendo esse conjunto a aplicação da regra variável para esta análise, por consistirem justamente nas variantes que adentraram no campo da variação para concorrerem com a relativa *padrão*.

As ocorrências para essa análise foram em número de 883, sendo 777 (88%) para as estratégias *não padrão* e 106 (12%) para as *padrão*, conforme mostra o gráfico 7, a seguir.

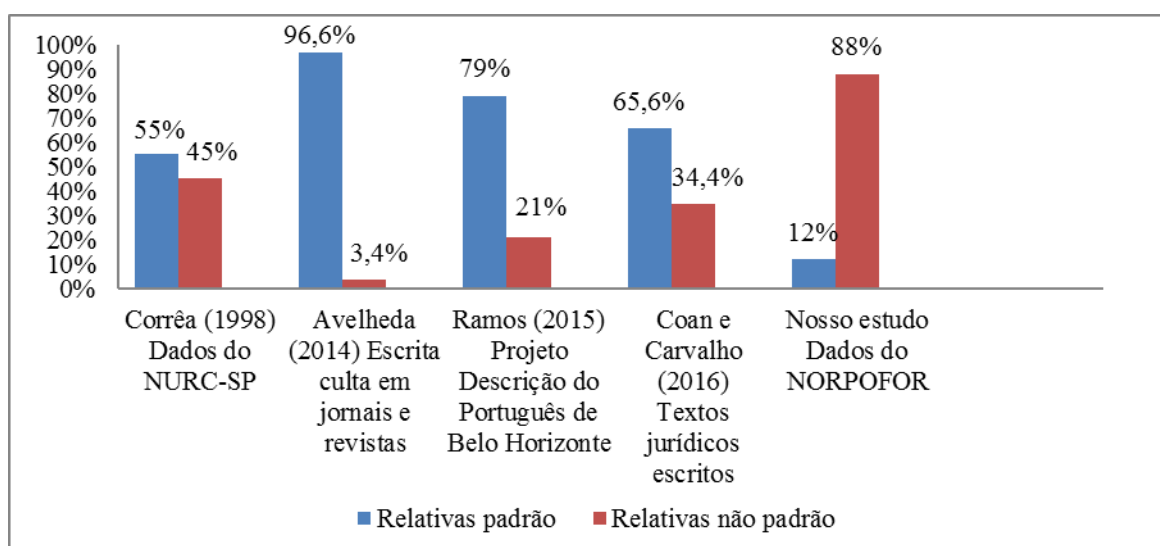
Gráfico 7 – Frequências da rodada *relativas padrão* vs. *relativas não padrão*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme nos apontam as frequências gerais do gráfico 7, podemos perceber que as variantes *não padrão*, ou seja, as orações relativas *cortadora* e *copiadora*, lideram no emprego das estratégias de relativização presentes na fala popular fortalezense, o que atesta um caso de variação linguística interessante, uma vez que as variantes inovadoras superam a conservadora. Conforme mencionamos, outros estudos abarcados por nossa revisão de literatura fizeram essa mesma rodada, conjugando as relativas *cortadora* e *copiadora* em concorrência com as *padrão*, conforme ilustra o gráfico 8, na sequência.

Gráfico 8 – Frequências das variantes *padrão* e *não padrão* em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos percentuais gerais expostos no gráfico 8, sem nos debruçarmos em comparativos por conta de lidarmos com diferentes variedades, podemos notar que, de todos os trabalhos que fizeram a junção das relativas *cortadora* e *copiadora* para rodá-las em competição com a relativa *padrão*, apenas no nosso as variantes inovadoras se sobrepuseram à variante conservadora. Isso, em certo sentido, já aponta para uma particularidade sociolinguística que o português popular falado em Fortaleza detém. Em certo sentido porque chegamos a essa diferença do nosso estudo em virtude da natureza dos *corpora* das pesquisas que estão em cotejamento com a nossa: Corrêa (1998) analisou dados de fala culta; Ramos (2015) lançou mão de dados da fala popular e culta; Avelheda (2014) e Coan e Carvalho (2016) investigaram o fenômeno em textos escritos da esfera midiática e jurídica, respectivamente. Essas especificidades dos materiais de análise levam-nos a inferir o motivo pelo qual, nesses estudos, a variante *padrão* mostrou-se predominante, diferentemente do nosso.

Consideradas essas questões referentes às frequências gerais, cabe, a partir de agora, ponderarmos sobre o processamento estatístico atinente ao controle dos grupos de fatores (especificados no capítulo de Metodologia) para a presente rodada. Primeiramente, esta apresentou 6 nocautes, sendo 3 no grupo de fatores *função sintática do pronome relativo* e 3 no grupo *preposição regida pelo verbo/nome*. Quanto ao primeiro grupo, os nocautes ocorreram com as funções sintáticas de *complemento nominal*, *adjunto adnominal* e *objeto indireto* exercidas pelo pronome relativo, com a manifestação de 14, 20 e 2 dados, nessa sequência, unicamente para as relativas *não padrão*. Já no segundo grupo, os nocautes aconteceram nas preposições *para*, *por* e *a*, com a ocorrência de 29, 15 e 21 dados, nessa ordem, também exclusivamente para as relativas *não padrão*. Resolvemos esses nocautes desprezando-os, ou seja, retiramo-los dos nossos grupos de fatores, mas não dos nossos dados, e prosseguimos com a rodada estatística. Após o processamento computacional, o programa indicou o *step up* de numeração 49 como a melhor análise variável, com *input* de 0,907, significância de 0,038 e *log likelihood* de -286,026. Nessa rodada, dos 13 grupos de fatores controlados, o Goldvarb X selecionou 5 como relevantes para a realização das relativas inovadoras na fala popular de Fortaleza-CE, a saber: *preposição regida pelo verbo/nome*, *tipo de oração relativa*, *função sintática do pronome relativo*, *traço semântico ± definido do antecedente* e *faixa etária*. Logicamente, o programa apontou como irrelevantes as variáveis *traço semântico ± humano do antecedente*, *traço semântico ± singular do antecedente*, *distância entre o pronome relativo e o termo relativizado*, *estado de ativação do*

antecedente, preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo, posição da oração relativa em relação à principal, sexo e escolaridade.

Nas subseções deste capítulo, dedicar-nos-emos a apresentar e interpretar os resultados, principalmente os pesos relativos (doravante, PR), para cada uma das variáveis apontadas estatisticamente como relevantes ao favorecimento das estratégias de relativização inovadoras (*cortadoras + copiadoras*) no português popular fortalezense.

5.2.1 Preposição regida pelo verbo/nome

A primeira variável selecionada como relevante, na análise multivariada para as *relativas não padrão vs. relativas padrão*, foi a *preposição regida pelo verbo/nome* da oração relativa. Desde já, interpretamos essa indicação do programa Goldvarb X como altamente coerente com a própria natureza do fenômeno linguístico que ora investigamos, pois é de esperar-se que as preposições influenciem no uso das estratégias de relativização de contexto preposicionado. Vejamos os resultados²⁹ para essa variável na tabela 1, que segue.

Tabela 1 – Atuação da variável *preposição regida pelo verbo/nome* sobre as relativas não padrão (*não padrão vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Preposição <i>de</i>	132/134	98,5%	0.853
Preposição <i>com</i>	38/41	92,7%	0.563
Preposição <i>em</i>	542/643	84,3%	0.405

Input 0,907

Significance 0,038

Fonte: Elaborada pelo autor.

Notamos, na tabela 1, que as relativas inovadoras (*cortadoras e copiadoras*, encapsuladas como *não padrão*), são favorecidas quando fazem a requisição das preposições *de* (PR 0.853) e *com* (PR 0.563), enquanto a preposição *em* (PR 0.405) desfavorece-as. Reiteramos que, conforme já explicamos no capítulo de Metodologia, a requisição prepositiva aqui entendida, para o caso das orações relativas *não padrão*, está ligada à verificação do contexto sintático da oração, ou seja, a inferir o tipo de preposição exigida pelo verbo/nome

²⁹ Todas as tabelas trarão os resultados em ordem decrescente em relação aos pesos relativos (PR) de cada fator da variável. Além disso, os PR **negritados** são referentes aos fatores que favorecem, expressiva ou timidamente, a aplicação da regra variável. Os PR sem destaque gráfico dizem respeito aos fatores desfavorecedores da variante de aplicação, aliados, portanto, à sua concorrente. Aqui cabe deixarmos claro ao leitor que os PR de um fator para a não aplicação são inferíveis dos PR da aplicação, de modo que a soma entre os dois sempre dá 1, sendo 0,5 o ponto de neutralidade (GUY; ZILLES, 2007).

caso a oração relativa fosse *padrão*; em outros termos, a requisição da preposição não necessariamente implica a sua explicitação na cláusula relativa, uma vez que o contexto sintático da relativização continua sendo preposicionado.

Voltando à tabela 1, podemos notar o aspecto quase que categórico da requisição da preposição *de* para as relativas *não padrão*. Esses resultados atinentes a essa variável em nosso estudo corroboram a nossa hipótese inicial de que as preposições *por*, *de*, *com* e *a* favorecem o emprego das estratégias *cortadoras* e *copiadoras*, enquanto *em* beneficia a relativa *padrão*. Visto que os levantamentos hipotéticos que fizemos se baseiam nos trabalhos contemplados em nosso estado de arte, procedamos com um cotejamento que nos leve a interpretar a atuação desse grupo de fatores sobre as relativas inovadoras.

Os dados de nosso estudo para a *preposição regida pelo verbo/nome* vão ao encontro do que constatou percentualmente Corrêa (1998) em relação à incidência das preposições *de* (87%) e *com* (75%) para as estratégias inovadoras, embora a investigação da autora tenha revelado que tal incidência é alta também com a preposição *em* (56%), o que diverge, em parte, do nosso estudo, no qual, probabilisticamente, a preposição *em* não é favorecedora das relativas *não padrão*, mas da *padrão*. O alto teor significativo da preposição *de* a condicionar as estratégias *não padrão* em nosso estudo (o que notamos pelo elevado PR de 0.853), podemos verificá-lo igualmente na investigação de Avelheda (2014), que mostrou o PR de 0.954 para esse fator. Podemos notar uma contestação desse resultado no trabalho de Machado (2015), que revelou que a preposição *de* (PR 0.329) desfavorece as inovadoras assim como a *em* (PR 0.498).

Na tabela 1, do não favorecimento das relativas inovadoras pela preposição *em*, inferimos que esta favorece as relativas *padrão*, ratificando os resultados a que chegaram Avelheda (2014) e Machado (2015). Vejamos algumas ocorrências³⁰ extraídas de nossa amostra que trazem a requisição dessas preposições.

(40) eu tinha que fazer um algum tipo de exercício e eu não queria só fazer exercício por fazer eu queria ter uma outra motivação né... e:: também o caratê era uma coisa *que eu já gostava* né... (NORPOFOR, DID, 12)

(41) é:: só gente FI::na SÓ gente FI::na só que a gente tem que TER CUIDAdo a gente tem que ter cuidado com as pessoas *que a gente esta LUTAndo*... (NORPOFOR, DID, 10)

(42) no mundo *em que vivEMos*... todo mundo hoje em dia tem que ser laDRÃO sem vergonha tem que ser Tudo... (NORPOFOR, DID, 10)

³⁰ As ocorrências de nossa amostra que trouxermos para a análise estarão sempre na mesma ordem em que estão dispostos os fatores nas respectivas tabelas e virão com as orações relativas grafadas em *itálico*.

No que tange à preposição *em*, percebemos, nas ocorrências de nossa amostra, o que postulou Bagno (2011), ao afirmar que essa preposição tanto é apagada quanto se realiza acompanhando o *que* em contextos referentes a tempo e lugar, como podemos ver em (36), o que se justifica pelo fato de esse item prepositivo ter forte ligação com a função de adjunto adverbial assumida pelo pronome relativo (KATO *et al.*, 1996).

Na sequência, discutimos a segunda variável, também de natureza linguística, apontada como relevante para a rodada que ora analisamos.

5.2.2 Tipo de oração relativa

A segunda variável apontada pelo programa Goldvarb X como relevante para a realização das variantes inovadoras em conjunto (*cortadoras* e *copiadoras*) foi o *tipo de oração relativa* quanto ao seu estatuto semântico, isto é, se ela era *explicativa* ou *restritiva*, categorização clássica e consensual ponderada pelas gramáticas normativas e descritivas (LUFT, 1987; INFANTE, 1995; PERINI, 1999; BECHARA, 2009; NEVES, 2011; ROCHA LIMA, 2011; CASTILHO, 2012). Observemos a tabela 2 que explicita a atuação dessa variável linguística.

Tabela 2 – Atuação da variável *tipo de oração relativa* sobre as relativas *não padrão* (*não padrão vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Restritiva	615/681	90,3%	0.555
Explicativa	162/202	80,2%	0.322

Input 0,907

Significance 0,038

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 2 permite-nos perceber que o tipo de oração *restritiva*, com o PR 0.555, favorece o emprego das estratégias de relativização inovadoras (*copiadoras* + *cortadoras*). Esse resultado confirma, em parte, a nossa hipótese inicial de que o tipo de oração *restritiva* privilegia as estratégias *padrão* e *cortadoras*, enquanto o tipo *explicativa* beneficia a *copiadora*. Como podemos ver, a ratificação da hipótese é parcial, porque o fator oração *restritiva* continua a beneficiar as *cortadoras* (presente na junção inovadoras, aplicação da regra dessa rodada), contudo o mesmo não acontece com as relativas *padrão*, que, em nossa

amostra, são favorecidas pelo tipo de oração *explicativa*. Além disso, em relação à relativa *copiadora*, embora essa rodada conjugue-a à relativa *cortadora* para formar a aplicação da regra, o resultado da atuação da variável *tipo de oração relativa* contesta um trabalho pioneiro da literatura, o de Tarallo (1983), bem como outro mais tardio, o de Burgos (2003), que revelaram as orações adjetivas *explicativas* como beneficiadoras da variante *copiadora*. Detalhe importante é que a investigação de Burgos, como a nossa, deu-se estritamente com dados de fala popular, mas tomaram direções opostas no que respeita ao resultado para a variável tipo de oração relativa. Vejamos algumas ocorrências retiradas de nossa amostra para as relativas *cortadora*, *copiadora* e *padrão*, respectivamente, nas quais podemos perceber o estatuto semântico da oração relativa pelo contexto do discurso do informante, uma vez que as regras de transcrição sociolinguística não se utilizam de pontuações.

(43) eu já vi várias histórias sabe e eu acredito muito porque eu já vi várias histórias que... o negócio é seério mesmo né () brincar com nenhuma religião e: e principalmente aquelas *que você (buscou) mais afinidade com Deus*. (NORPOFOR, DID, 23)

(44) o dia-a-dia é isso aqui trabalhan::do dia eu fico em CA::sa... e ajudo aqui a fazer alguma CO::Isa com esses menino outro dia eu vou trabalhar lá no Papicu que eu tenho uma senhora *que eu trabalho para ela ainda...* eu vou prá lá um dia e outro não... (NORPOFOR, DID, 6)

(45) o que eu ganho é só pra minha/ pra minh/ para os meus filhos... minha ma/ mais nova termina esse ano... o meu/ meu filho () vou tirar o chapéu pra Deus... que eu agradeço muito... bom demais ()... aliás tudinho... minhas moças... tem um bom têm uns namorados... são/ são iguais meus filhos pra mim... eles vão lá pro terreno *onde eu trabalho* deixam tudo limpinho... (NORPOFOR, DID, 19)

Como podemos perceber, as ocorrências (43) e (44) contêm orações *restritivas*, favorecedoras das estratégias relativas *cortadoras* e *copiadoras*, enquanto a ocorrência (45), contendo oração relativa de natureza semântica *explicativa*, privilegia a estratégia de relativização *padrão*. Precisamos confessar que o apontamento dessa variável como relevante foi surpreendente para nós, por conta de um julgamento nosso anterior de que, embora evidenciado por alguns estudos (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003), esse grupo de fatores não fosse tão importante, uma vez que ele aparenta ser mais ligado à escrita e não à fala, tanto é que a identificação de uma oração relativa como restritiva ou explicativa é auxiliada graficamente pela ausência ou presença de vírgulas, respectivamente, o que não acontece no Banco de Dados NORPOFOR, cujas normas de transcrição orientam o não uso de ponto final ou vírgulas, conforme mencionamos. Sendo assim, identificávamos o estatuto semântico das

orações relativas, lendo porções maiores das falas dos informantes e percebemos que essa variável condiciona sim as estratégias de relativização no falar popular fortalezense.

5.2.3 Função sintática do pronome relativo

Essa variável foi altamente controlada pela maioria dos estudos de nossa revisão da literatura, independentemente da aplicação da regra escolhida pelos pesquisadores, uma vez que as estratégias de relativização têm alta tendência de serem condicionadas pelas funções sintáticas tanto do termo relativizado (antecedente) quanto do relativizador (pronome relativo). Em nosso estado da arte, consta que os trabalhos de Kato *et al.* (1996), Pinheiro (1998), Burgos (2003), Silva (2011), Ramos (2015), Santos (2015), Machado (2015), Silva Figueiredo e Araújo (2016) e Coan e Carvalho (2016) tiveram esse grupo de fatores considerado como relevante para o emprego das orações relativas. Vejamos, para o nosso estudo, a atuação dessa variável, mostrada na tabela 3.

Tabela 3 – Atuação da variável *função sintática do pronome relativo sobre as relativas não padrão (não padrão vs. padrão)*

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Complemento relativo	136/139	97,8%	0.657
Adjunto adverbial	459/528	86,9%	0.501
Complemento circunstancial	146/180	81,1%	0.373

Input 0,907

Significance 0,038

Fonte: Elaborada pelo autor.

Observando a tabela 3, os dados nos revelam que as funções sintáticas de *complemento relativo* e *adjunto adverbial* para o pronome relativo favorecem a relativização *não padrão*, com os PR 0.657 e 0.501, respectivamente, o que não ocorre com o *complemento circunstancial*, que apresentou PR 0.373 para a aplicação da regra nesta rodada. Tais resultados vão na contracorrente do que concluíram Kato *et al.* (1996) e Pinheiro (1998), que apontaram o *adjunto adverbial* como aliado das relativas *padrão*; como podemos ver, ainda que muito timidamente (quase atingindo o ponto neutro), essa função, em nossa amostra, beneficia também as estratégias de relativização *não padrão*. Segundo esses autores, a explicação para esse favorecimento do *adjunto adverbial* em relação à relativa *padrão* é que essa função, por ter caráter de adjunção e, portanto, não complementar nenhum elemento na sentença relativa, traça uma relação com esta por meio da preposição. Todavia, esse

estritamento entre o adjunto adverbial e o termo relativizado a partir da preposição não é o que predomina no falar popular fortalezense.

Quanto ao *complemento relativo*, expressivamente favorecedor das estratégias de relativização inovadoras em nossa amostra, precisamos ponderar que esse resultado é altamente novo. Daí entendemos o efeito que gerou para a nossa investigação a escolha por não encapsularmos os complementos preposicionados como objetos indiretos ou como oblíquos (conforme explicamos no capítulo de Metodologia). Considerar as especificidades de cada complemento no processo de coleta de dados foi o pontapé inicial para chegarmos à indicação que o programa fez do fator *complemento relativo* como relevante no processo de relativização. Já que esse fator é quase-exclusivo³¹ de nosso estudo, não há como traçarmos paralelos do seu peso relativo com o de outros trabalhos, que embora possam ter explorado esse fator em suas análises, não o trataram separadamente, tendo categorizado-o como objeto indireto (KATO *et al.*, 1996; BURGOS, 2003; MACHADO, 2015; COAN e CARVALHO, 2016) ou agrupado-o aos complementos oblíquos (TARALLO, 1983; PINHEIRO, 1998; SILVA, 2011; SANTOS, 2015; SILVA, FIGUEIREDO e ARAÚJO, 2016; SILVA, 2018). Por ora, vejamos, a seguir, ocorrências de orações relativas que apresentam os fatores da tabela 3:

(46) meu primeiro amor foi uma garota que eu conheci em mil novecentos e sessenta e:: seis... talvez fosse a:: garota *que eu... deveria... ter casado com ela* (NORPOFOR, DID, 159)

(47) Na época *que eu era garoto* me divertia naqueles brinquedo véi ANTI::GO... aquelabolinh de gude, chama cabecinha, né? Era aqueles piãozinho, né? E inventava jogo, inventava aquele joguinho, e ia levando a vida, jogava a bola, batia muita bola também (NORPOFOR, DID, 91)

(48) todo ano é a mesma coisa tem as áreas de risco o pessoal sai de ca::sa...BEM aqui pertinho...próximo né bairro vizinho...devido a esse::/o canal...ir pra esse rio que fica vizinho ao/é G. é:: chamado de F. do C. *onde tem esse alagamento...* (NORPOFOR, DID, 88)

O resultado da atuação do grupo de fatores da tabela 3, ilustrados com as ocorrências (46), (47) e (48), já nos indica certa particularidade linguística da comunidade de fala popular fortalezense quanto ao uso variável das estratégias de relativização, que aprofundaremos melhor na análise da segunda rodada.

³¹ A pesquisa de Avelheda (2014), como a nossa, controlou os fatores *complemento relativo* e *complemento circunstancial* separadamente, sem equipará-los ao *objeto indireto* nem agrupá-los como *oblíquos*, porém essa variável não foi selecionada como relevante para a análise estatística empreendida pela pesquisadora. Por isso, falamos de exclusividade em nosso estudo para esses fatores, mormente o *complemento relativo*.

Na próxima seção, apresentamos mais uma variável apontada como relevante pelo Goldvarb X.

5.2.4 Traço semântico \pm definido do antecedente

Os trabalhos pioneiros que versaram sobre as estratégias de relativização – Mollica (1977) e Tarallo (1983) – mas também outros mais tardios (BARROS, 2000; SANTOS, 2015) identificaram como relevantes, em suas análises, grupos de fatores ligados aos aspectos semânticos do antecedente da relativa (o termo relativizado), sendo um deles o *traço \pm definido*. Por esse motivo, decidimos controlar essa variável também em nossos dados, e o programa estatístico selecionou-a como relevante para o condicionamento das estratégias inovadoras, conforme podemos visualizar na tabela 4.

Tabela 4 – Atuação da variável *traço semântico \pm definido do antecedente* sobre as relativas não padrão (*não padrão vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
– definido	198/211	93,8%	0.620
+ definido	579/672	86,2%	0.462
<i>Input 0,907</i>		<i>Significance 0,038</i>	

Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir da tabela 4, notamos que o traço semântico *–definido* privilegia as estratégias de relativização inovadoras, por manifestar PR de 0.620, enquanto o fator *+definido* (PR 0.462) inibe a aplicação da regra. Nos estudos que controlaram essa variável, a hipótese formulada para ela voltou-se para as relativas *não padrão* entre si, que nesta rodada estão conjugadas.

As pesquisas cujas análises selecionaram esse grupo como relevante postularam que a estratégia *cortadora* tende a ser usada em orações relativas cujos termos relativizados são especificados (ou *+definidos*), ou seja, os antecedentes apresentam um certo grau de precisão e referencialidade para o informante; contrariamente, a estratégia *copiadora* é empregada na relativização de termos não especificados (ou *–definidos*), ou seja, que manifestam indeterminação e baixa referencialidade na fala do informante. Segundo Mollica (1977), esse traço *–definido* do antecedente justifica a necessidade de uso de pronomes correferenciais, no intuito de precisar os referentes na comunicação, daí o motivo de esse fator favorecer a relativa *copiadora*; quanto à *cortadora*, a investigadora pioneira afirma que essa

estratégia é mais utilizada pelo falante ao relativizar termos com aspecto *+definido*, não necessitando, portanto, recuperá-los com elementos cópias. Vejamos ocorrências desses contextos em nosso *corpus* para as estratégias inovadoras, com os antecedentes sublinhados para melhor identificação de seu traço:

(49) se você tem técnica de respiração você pode sobreviver mais tem::po e conseguir se sair do que aquela pessoa que fica apavora::da né aí num instante morre ou ou desmaia... que existe a técnica que você que mata (NORPOFOR, DID, 159)

(50) eram umas meninas lá ()... a::... a M. umas lá que eu num conhecia muito direito o nome delas que eram nomes assim difíceis (NORPOFOR, DID, 9)

Pelo que observamos da tabela 4, ainda que devamos considerar a junção das duas variantes inovadoras para a aplicação da regra variável nesta rodada, depreendemos que o nosso estudo não segue integralmente a rota do comportamento linguístico ponderado por Mollica (1977) e confirmado por outros estudos (TARALLO, 1983; BARROS, 2000; SANTOS, 2015), porque o traço *+definido* desprivilegia o uso das estratégias inovadoras, mesmo sendo, dentre estas, elevado o número de ocorrências de orações relativas *cortadoras*. Quanto ao traço *-definido*, no falar popular fortalezense ele é altamente favorecedor não só da relativa *copiadora*, como concluíram esses estudos, mas também das *cortadoras*. Nas rodadas que tratarão unicamente a *cortadora* e a *copiadora* como fator de aplicação, endossaremos mais a discussão em torno desse grupo de fatores.

Partamos, agora, para a discussão acerca da última variável selecionada como estatisticamente relevante para esta rodada.

5.2.5 Faixa etária

A quinta e última variável selecionada como relevante para o favorecimento das estratégias de relativização *não padrão* foi a *faixa etária* dos informantes fortalezenses. É válido enfatizarmos que esse grupo de fatores foi o único de natureza social selecionado pelo Goldvarb X, nesta e na terceira rodada. Isso nos permite afirmar, desde já, que o fenômeno da relativização no falar popular fortalezense é notadamente sistêmico, ou seja, altamente condicionado por variáveis de natureza linguística. Vejamos, a seguir, a atuação da faixa etária sobre as orações relativas.

Tabela 5 – Atuação da variável *faixa etária* sobre as relativas *não padrão* (*não padrão vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Faixa II (26 a 49 anos)	250/275	90,9%	0.586
Faixa III (50 anos em diante)	236/271	87,1%	0.510
Faixa I (15 a 25 anos)	291/337	86,4%	0.422

Input 0,907

Significance 0,038

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na tabela 5, vemos claramente que os informantes das *faixas etárias II* (PR 0.586) e *III* (PR 0.510) são favorecedores das estratégias *não padrão* (*cortadoras* e *copiadoras* em conjunto); contrariamente, a aplicação da regra é inibida pela *faixa etária I* (PR 0.422). Desde já, afirmamos que a variável *faixa etária*, mesmo sendo a única de natureza social selecionada em toda a nossa investigação, demonstra um favorecimento tímido em relação ao fator de aplicação.

No entanto, mesmo não havendo PR favorecedores com valores elevados, os resultados para essa variável extralinguística têm algo curioso a nos informar a respeito da comunidade popular fortalezense. Primeiro que, em parte, tais resultados vêm de encontro à nossa hipótese inicial de que, mesmo ocorrendo na fala de informantes de todas as faixas etárias, os mais jovens são aliados ao uso das variantes inovadoras, o que implica conservadorismo da faixa mais idosa. Além do mais, o resultado para essa variável em nosso estudo diverge do de Silva, Figueiredo e Araújo (2016) e Silva (2018), que constaram a faixa etária mais jovem como beneficiadora da relativa *cortadora* no falar popular de Feira de Santana (BA). Nosso resultado para a *faixa etária*, ainda, converge com o de Ramos (2015), que identificou a faixa adulta (intermediária) como favorecedora da estratégia *cortadora* no falar culto e popular de Belo Horizonte, embora esse estudo tenha constatado o mesmo em relação aos informantes mais jovens.

Na tabela 5, vemos claramente, na coluna com os números de ocorrências que aplicam a regra, que as relativas *não padrão* (sobretudo as *cortadoras*, em maior número nas frequências gerais) estão presentes no falar dos três grupos etários, porém, na norma popular fortalezense, a faixa mais jovem não beneficia o uso das inovadoras. Uma explicação para isso é que os informantes das *faixas II* e *III* (adultos e idosos) são geralmente aqueles que já haviam tomado um certo tempo de distância dos bancos escolares e, bem mais em relação à faixa etária *III*, do mercado trabalhista, realidades sociais que impelem os indivíduos ao uso de formas linguísticas mais prestigiadas; do contrário, a *faixa I*, composta por informantes

juvenis, ou frequentava o meio escolar ou o tinha deixado não há muito tempo, sofrendo a pressão normativa da escola (VOTRE, 2003), que exerce forte influência coercitiva sobre o comportamento linguístico de seus frequentadores.

No que se refere ao enquadramento sociolinguístico do fenômeno variável da relativização no falar popular fortalezense, pelo que nos aponta a tabela 5, deparamo-nos com um caso de *variação estável*. Afirmamos isso pelo fato de os mais jovens desfavorecerem o uso inovador das relativas, enquanto as faixas intermediária e idosa lhe são aliadas.

5.2.6 Súmula dos resultados da rodada *não padrão vs. padrão*

A título de sumarização, para a rodada com as estratégias de relativização *não padrão vs. padrão*, o programa estatístico selecionou cinco variáveis como relevantes para a realização das estratégias inovadoras no falar fortalezense. A primeira delas foi a *preposição regida pelo verbo/nome*, em que a requisição sintática da preposição *de* (0.853 e 98,5%) manifestou comportamento quase-categórico, acompanhada da preposição *com* (0.563 e 92,7%). Para o grupo *tipo de oração relativa*, o *restritivismo* (0.555 e 90,3%) semântico na relativização é o fator favorecedor das variantes inovadoras, ao passo que estas são inibidas quando a oração relativa tem caráter parentético, ou seja, são explicativas. Já para a variável *função sintática do pronome relativo*, chegamos ao resultado de que os informantes fortalezenses, favorecendo as estratégias *não padrão*, relativizam sobretudo os *complementos relativos* (0.657 e 97,8%) – fator que se mostrou semicategórico – e também os *adjuntos adverbiais* (0.501 e 86,9%). Quanto ao *traço semântico ± definido do antecedente*, o aspecto *–definido* (0.620 e 93,8%) mostrou-se significativamente favorecedor das relativas inovadoras. Por fim, a única variável social selecionada pelo processamento estatístico multivariado foi a *faixa etária*, revelando um comportamento diferenciado do que atesta o estado da arte, uma vez que as *faixas etárias II* (0.586 e 90,9%) e *III* (0.510 e 87,1%) mostraram-se associadas às estratégias inovadoras, enquanto o grupo etário juvenil (*faixa etária I*) as inibiu. Pelos resultados dessa variável social, deparamo-nos claramente com um caso de *variação estável* na comunidade fortalezense no que tange ao fenômeno da relativização.

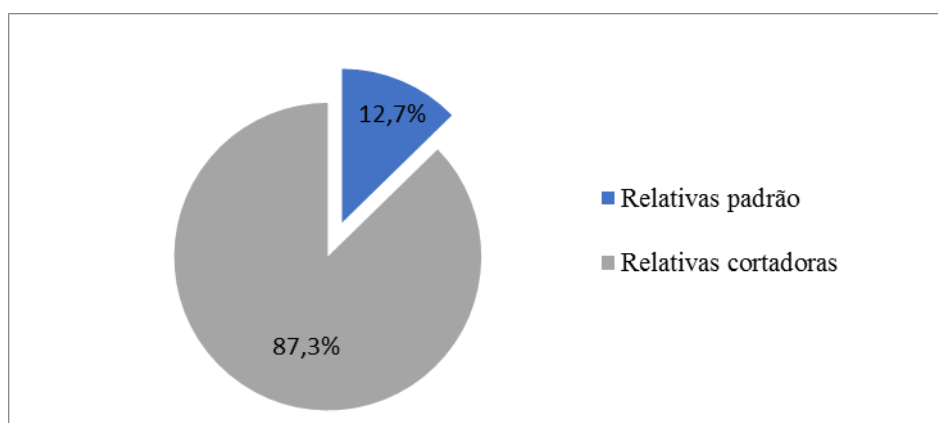
Tendo feito a análise variacionista para a primeira rodada e sumariado-a, debruçemo-nos, na próxima seção, a analisar a segunda rodada de nossa investigação, que compreendeu o binominal multivariado *cortadora vs. padrão*.

5.3 Segunda rodada: relativas *cortadoras* vs. relativas *padrão*

Chegamos ao momento de discutirmos a segunda análise binária multivariada de nosso estudo, que consiste na rodada *relativas cortadoras vs. relativas padrão*. Para essa rodada, elegemos como aplicação da regra variável a estratégia de relativização *cortadora*, por ser a variante mais discutida no estado da arte, uma vez que ela é substancialmente empregada no PB em termos de relativização, em detrimento das outras variantes (KATO *et al.*, 1996; PINHEIRO, 1998; BARROS, 2000; MACHADO, 2015; SILVA, FIGUEIREDO e ARAÚJO, 2016; SILVA, 2018).

As ocorrências para essa análise foram em número de 832, sendo 726 (87,3%) para a estratégia *cortadora* e 106 (12,7%) para a *padrão*, conforme mostra o gráfico 9, a seguir.

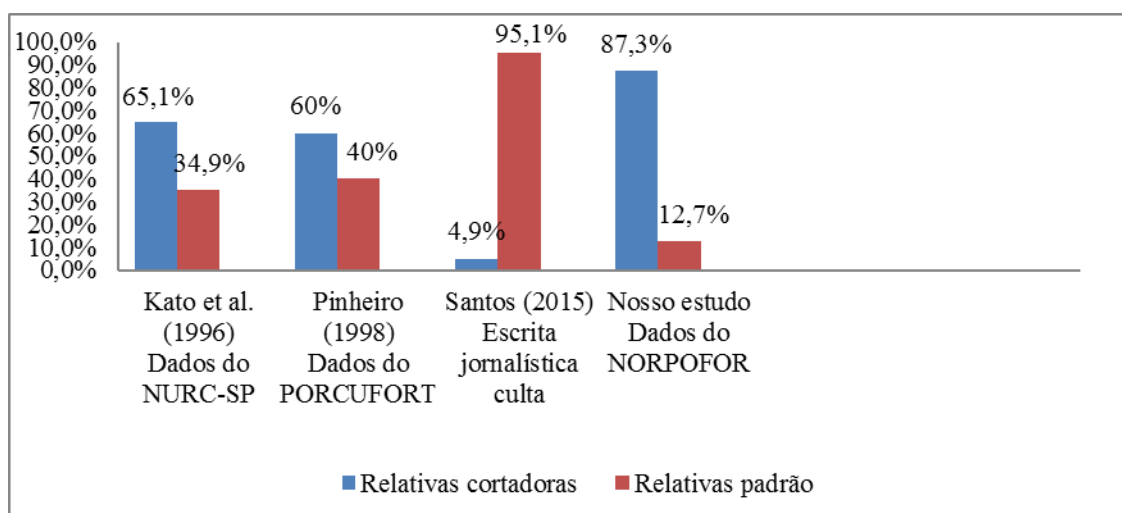
Gráfico 9 – Frequências da rodada *relativas cortadoras vs. relativas padrão*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme nos informam as frequências gerais do gráfico 9, podemos perceber que as orações relativas *cortadoras* lideram no emprego das estratégias de relativização presentes na fala popular fortalezense, ultrapassando o uso das estratégias *padrão*. Em nosso estado da arte, constam outras investigações que também fizeram essa mesma rodada, em que se analisa a concorrência variável entre as relativas *cortadora* e *padrão*, como ilustra o gráfico 10, na sequência.

Gráfico 10 – Frequências das variantes *cortadora* e *padrão* em estudos de nossa revisão de literatura e em nosso estudo



Fonte: Elaborado pelo autor.

As frequências expostas no gráfico 10, atinentes a trabalhos que analisaram a rodada *relativas cortadoras* vs. *relativas padrão*, mostram-nos uma interessante constatação: com a exceção do trabalho de Santos (2015), a estratégia de relativização *cortadora*, inovadora no português falado, apresenta predomínio não só em nosso estudo, que investiga dados de fala popular, mas também nos estudos que abordaram a relativização na fala culta, como é o caso de Kato *et al.* (1996) e Pinheiro (1998), com percentuais próximos. Portanto, em se tratando especificamente do falar da capital cearense, no que diz respeito à relativização, podemos ver que o comportamento sociolinguístico dos falantes cultos e dos falantes não cultos – investigado por Pinheiro (1998) e pelo nosso estudo, respectivamente – é equiparável, não havendo polaridades por conta da natureza da comunidade de fala, uma vez que empregam preponderantemente a oração relativa *cortadora*. Uma explicação para a exceção do estudo de Santos (2015) é que a pesquisadora investigou o fenômeno das relativas preposicionadas na escrita jornalística, meio discursivo que sofre grande pressão da norma padrão; apesar disso, podemos inferir, em virtude do baixo percentual apresentado no referido trabalho para a estratégia de relativização *cortadora*, que esta variante já chega a tangenciar a escrita.

Acreditamos, tanto pelo que afirma a maioria dos estudos de nossa revisão de literatura quanto pelo que apontam os nossos dados, que o elevado uso das estratégias de relativização *cortadora*, que se caracteriza principalmente pela interceptação da preposição, justifica-se por haver, no arranjo do português brasileiro, processos de relativização que

constituem esquemas linguísticos recorrentes ou exemplares (BYBEE, 2010), a saber: as orações relativas não preposicionadas, também conhecidas por *relativas de sujeito e de objeto direto*, na vasta literatura sobre relativização. A título de ilustração, reproduzimos, de nosso *corpus*, as seguintes ocorrências desse tipo de relativa (não preposicionada):

(51) a Bíblia fala daquele dia que::... muitos... a Bíblia fala que muitos... a Bíblia fala que “muitos são os chamados... poucos são os escolhidos” isso é::... é::... o arrebatamento será algo *que acontecerá dentro da Igreja...* mais ao mesmo tempo pra todo mundo... (NORPOFOR, DID, 11)

(52) eu FUGI... porque:: a gente era muito maltratada era muito escorraÇAda a gente apaNHAVA... aí eu dizia ora eu não apanhei dos meus pais eu vou apanhar de gente *que eu nem coNHEço?*. (NORPOFOR, DID, 6)

Os excertos (51) e (52) trazem ocorrências de orações relativas cujos pronomes relativos assumem, respectivamente as funções sintáticas de sujeito e objeto direto, de natureza não preposicionada. Observando sob o prisma dos esquemas linguísticos exemplares defendido por Bybee (2010), esses tipos de oração relativa, cuja ambiência sintática prescinde de preposição, são tão frequentes na fala que o seu arranjo sintático (natural e padronizadamente sem preposição) tende a se rotinizar quando os falantes empregam relativas com outras funções gramaticais (de natureza sintática preposicionada), como é o caso das relativas *cortadoras*.

Embora o nosso recorte de análise contemple apenas as relativas preposicionadas, encontramos, nesse aspecto dos esquemas linguísticos mais recorrentes ponderado por Bybee (2010), uma explicação linguística para o elevado uso das relativas *cortadoras* na fala popular fortalezense. Isso nos direciona a reforçar que o fenômeno das estratégias de relativização, no falar de Fortaleza, é altamente condicionado por fatores linguísticos (estruturais), conforme aponta o nosso estudo, com dados de norma popular, corroborando o que Pinheiro (1998) já havia evidenciado em seu trabalho com os dados da norma culta. Destarte, cai por terra qualquer tipo de polaridade entre norma popular e norma culta quando a questão é a variação linguística das estratégias de relativização nos falares de Fortaleza, pois, nas duas comunidades de fala, o comportamento sociolinguístico mostrou-se semelhante.

Traçada essa justificativa para o elevado uso da estratégia *cortadora*, é o momento, então, de explanarmos sobre a leitura estatística do Goldvarb X referente ao controle das variáveis independentes para esta rodada. Inicialmente, o programa, como na primeira rodada, apresentou 6 nocautes, sendo 3 no grupo de fatores *função sintática do*

pronome relativo e 3 no grupo *preposição regida pelo verbo/nome*. Quanto ao primeiro grupo, os nocautes ocorreram com os fatores *complemento nominal*, *adjunto adnominal* e *objeto indireto*, com a manifestação de 11, 11 e 1 dados, nessa ordem, exclusivamente para a relativa *cortadora*. No segundo grupo, por sua vez, os nocautes manifestaram-se com as preposições *por*, *para* e *a*, com a ocorrência de 13, 24 e 17 dados, nessa sequência, também unicamente para a relativa *cortadora*. Resolvemos esses nocautes, desprezando-os, e partimos adiante com o processamento estatístico.

Após a leitura computacional, o Goldvarb X apontou o *step up* de número 42 como a melhor análise, com *input* de 0,898, significância de 0,043 e *log likelihood* de -282,424. Nessa rodada, dentre os 13 grupos de fatores testados, o Goldvarb X selecionou 4 como relevantes para o uso das relativas *cortadoras* no falar popular fortalezense; são eles, nesta ordem de prioridade: *função sintática do pronome relativo*, *tipo de oração relativa*, *preposição regida pelo verbo/nome* e *traço semântico ±definido do antecedente*. Obviamente, o programa apontou como irrelevantes as seguintes variáveis restantes: *traço semântico ± singular do antecedente*, *distância entre o pronome relativo e o termo relativizado*, *estado de ativação do antecedente*, *sexo*, *posição da oração relativa em relação à principal*, *escolaridade*, *faixa etária*, *traço semântico ± humano do antecedente* e *preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo*.

Nas seções que seguem, voltar-nos-emos a apresentar e interpretar os resultados, a partir dos PR para cada um dos grupos de fatores selecionados estatisticamente como relevantes para o beneficiamento das estratégias de relativização *cortadoras* no português popular fortalezense.

5.3.1 Função sintática do pronome relativo

Este grupo de fatores foi selecionado como estatisticamente relevante para a aplicação da regra também nesta rodada, reforçando ainda mais sua importância no condicionamento linguístico das orações relativas, pois, conforme mencionamos, na seção anterior deste capítulo, a *função sintática do pronome relativo* foi uma variável massivamente controlada pela maioria dos estudos que compõem nossa revisão da literatura, e selecionada como relevante nos seguintes: Kato *et al.* (1996), Pinheiro (1998), Burgos (2003), Silva (2011), Ramos (2015), Santos (2015), Machado (2015), Silva, Figueiredo e Araújo (2016) e Coan e Carvalho (2016). Observemos, na tabela 6 seguinte, a atuação desse grupo de fatores em nossa amostra.

Tabela 6 – Atuação da variável *função sintática do pronome relativo* sobre as relativas *cortadoras* (*cortadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Complemento relativo	125/128	97,7%	0.652
Adjunto adverbial	449/518	86,7%	0.510
Complemento circunstancial	129/163	79,1%	0.349

Input 0,898

Significance 0,043

Fonte: Elaborada pelo autor.

Percebemos, a partir da tabela 6, que, assim como na primeira rodada (voltada para a junção das relativas *cortadoras* e *copiadoras*), as funções sintáticas de *complemento relativo* e *adjunto adverbial* para o pronome relativo privilegiam especificamente a estratégia de relativização *cortadora* nesta rodada, com os PR 0.652 e 0.510, respectivamente; o mesmo não acontece com o *complemento circunstancial*, que se mostrou com PR 0.373 para a aplicação da regra nesta rodada, desfavorecendo-a.

Nossos resultados em relação à função sintática de *adjunto adverbial* para o pronome relativo contestam os resultados a que chegaram Kato *et al.* (1996) e Pinheiro (1998). Segundo esses pesquisadores, essa função sintática condiciona as estratégias de relativização *padrão*, e a explicação para isso está no fato de que adjuntos adverbiais são termos mais marginais na sentença, não tendo caráter argumental (de complementação), o que faz com que seu vínculo sentencial se dê por meio do auxílio da preposição, acarretando o uso da relativização *padrão*. No entanto, ainda que timidamente, o resultado mostrado pela tabela 6 nos faz perceber que, no falar popular fortalezense, o *adjunto adverbial* favorece o emprego da relativa *cortadora*, dispensando, portanto, esse aspecto linguístico do estreitamento entre a oração relativa e o restante do período por meio da preposição.

Mesmo descartando essa necessidade de estreitamento sentencial da oração relativa via emprego da preposição, não podemos deixar de levar em conta a posição naturalmente marginal do *adjunto adverbial* na frase, aspecto que tem muito a nos dizer acerca da variação das estratégias de relativização no português popular fortalezense. A questão é que Labov (1994) preconiza que a variação linguística tem início pelas margens da sociedade e, a partir disso, podemos fazer um paralelo, outrora já evidenciado por Coan e Carvalho (2016) ao investigar a relativização na escrita jurídica: a codificação linguística das formas inovadoras, em ambiência sintática, começa a sua manifestação também em posições mais marginais da sentença, ou seja, naqueles espaços sintáticos menos argumentais, preenchidos pelos adjuntos. Em outras palavras, trazendo para o nosso recorte analítico, as

estratégias de relativização *cortadoras* – inovadoras na língua – são empregadas quando os pronomes relativos assumem a função de *adjunto adverbial*.

Cabe colocarmos, ainda, um ponto a respeito do *adjunto adverbial*, comparando sua atuação, que beneficia a relativa *cortadora*, com a do *complemento circunstancial*, que beneficia a relativa *padrão*, conforme podemos depreender da tabela 6 ao subtrairmos de 1 o PR 0,349 concernente a esse último fator. É interessante ponderarmos que tanto o *adjunto adverbial* quanto o *complemento circunstancial* tem valores adverbiais, porém com a diferença de o primeiro caracterizar-se por sua dispensabilidade (adjunção) à sentença, e o segundo por sua indispensabilidade (complementação) (ROCHA LIMA, 2011; CASTILHO, 2012). Aqui, convém voltarmos à questão postulada por Kato *et al.* (1996) e Pinheiro (1998) a respeito do estreitamento que o *adjunto adverbial* da oração relativa faz com o restante do período sintático por meio da preposição, favorecendo o emprego da relativização *padrão*. Nesse contexto, havíamos elucidado que, pelo nosso resultado, a norma oral popular de Fortaleza não leva em conta o referido estreitamento ao usar orações relativas preposicionadas cujos pronomes relativos exerçam a função de *adjunto adverbial*, uma vez que este beneficia a estratégia de relativização *cortadora*. Contudo, percebemos que, na mesma comunidade de fala, esse estreitamento sentencial a partir da preposição ocorre quando o pronome relativo assume função de *complemento circunstancial* (de valor adverbial), em virtude do caráter argumental deste, ou seja, de indispensabilidade para a compreensão da construção frásica que envolve a oração relativa; desse modo, essa função sintática privilegia, em nossos dados, a estratégia de relativização *padrão*. Vejamos as seguintes ocorrências de relativa *cortadora* e *padrão* extraídas de nossa amostra (os sublinhados indicam os termos que foram relativizados, que assumem funções sintáticas dentro da oração relativa, não necessariamente as mesmas assumidas na posição antecedente em que se encontram):

(53) perdi vários quilos eu nunca fui uma pessoa gorda né? mas na época assim eu fiquei assim realmente foi a época da minha vida que eu fiquei magro (NORPOFOR, DID, 150)

(54) éh:: por causa da da da do bairro em que eu morava né? eu morava num bairro como eu falei... pobre e:: me viciiei logo em drogas e não dá pra você a::ssimilar as duas coisas drogas e estudo né? não dá de jeito nenhum jamais uma pessoa drogada ela consegue estudar... (NORPOFOR, DID, 150)

Na ocorrência 53, o processo de relativização nos permite perceber que a informação “a época da vida”, que dentro da relativa (a partir do pronome relativo) assume função de *adjunto adverbial*, é acessória à construção verbal “fiquei magro” dita pelo

informante, o que mostra a referida função beneficiando a oração relativa *cortadora*. Já na ocorrência 54, percebemos a forma verbal *morava* necessitar de uma complementação locativa, expressa no dado pelo sublinhado *bairro*, relativizado pelo pronome *que* acompanhado da preposição *em*, indicando a função sintática de *complemento circunstancial* (locativo) como favorecedora da estratégia de relativização *padrão*.

No que respeita ao *complemento relativo*, a sua atuação significativamente favorecedora sobre a estratégia *cortadora* nesta rodada reforça o caráter de novidade que esse resultado traz para a nossa investigação e, conseqüentemente, para o estado da arte desse fenômeno, conforme já prenunciamos na análise da primeira rodada, em que esse fator também foi o mais relevante do grupo *função sintática do pronome relativo*. Já elucidamos que esse resultado foi decorrente de nossa escolha metodológica por não agruparmos essa função com outras funções que, embora preposicionadas e próximas, apresentam peculiaridades gramaticais distintas (como também já explicamos no capítulo de metodologia).

Em virtude de os trabalhos de nosso estado da arte não terem explorado separadamente esse fator, amalgamando-o a outros fatores por motivos metodológicos, convencemo-nos de que não encontraríamos as explicações para sua relevância no cotejamento com outros estudos, e sim observando cautelosamente os dados de nossa amostra, representativa para a comunidade de fala popular fortalezense. Voltando para observar esses dados, percebemos aspectos linguísticos presentes nessa comunidade de fala que esclarecem o efeito da função sintática de *complemento relativo* assumida pelo relativizador na seleção da oração relativa *cortadora*.

Um dos pontos que observamos, na amostra, para explicar linguisticamente essa atuação do complemento relativo sobre a variante *cortadora* foi a presença de usos linguísticos cristalizados na fala popular fortalezense, uma vez que itens gramaticais podem se destituir de algumas de suas propriedades na frase em decorrência dessa cristalização. E, em se tratando de variação linguística, o fato de variáveis linguísticas favorecerem significativamente uma ou outra variante explica-se a partir da percepção desses usos cristalizados em uma comunidade de fala. Em relação ao fenômeno variável da relativização, o trabalho de Pinheiro (1998), com dados da fala culta em Fortaleza, identificou que as relativas *padrão* eram altamente favorecidas quando os pronomes relativos assumiam funções sintáticas de adjuntos adverbiais do tipo temporal ou locativo, cristalizadas principalmente na relativização com as expressões “no momento em que”, “no trecho em que”, “a parte onde”, bastante fixadas no falar de fortalezenses graduados. Observando mais de perto os nossos

dados, notamos que essa peculiaridade também ocorre entre os falantes da norma popular fortalezense, só que agora com as relativas *cortadoras*, quando os seus pronomes relativos apresentam a função sintática de *complemento relativo*, notadamente cristalizada quando os informantes operavam a relativização com os verbos *falar (de)* e *gostar (de)*. Vejamos, a seguir, algumas ocorrências que extraímos de nossa coleta para ilustrar essa particularidade no falar popular fortalezense:

- (55) ... por exemplo essa parte da respiração *que eu falei* técnica é só com o tem::po ma::is né... que a pessoa vai vai se aprofundando e... o que foi mesmo que tu perguntou? (NORPOFOR, DID, 12)
- (56) eu eu trabalhava lá na/ na casa dessa moça *que eu te falei* que trabalha no BEC... (NORPOFOR, DID, 16)
- (57) é o quê?... é a esponja a madeira *que eu falei*... é o... (aquele)... tem a... a pecinta também tem a balata... eu uso mais é balata... (NORPOFOR, DID, 84)
- (58) eu só tinha um amigo... esse *que eu te falei* que faleceu... é:: ((conversas ao fundo)) nunca gostei de andar em tropa então (NORPOFOR, DID, 159)
- (59) as pessoas *que eu tô falando*... pessoal que tão... bem na Maraponga... (NORPOFOR, DID, 84)
- (60) e:: também o caratê era uma coisa *que eu já gostava* né... assim que eu assistia em fil::mes então eu gostava muito então foi uma oportunidade (NORPOFOR, DID, 12)
- (61) aquela *que eu não gosto* mesmo de verdade (é a aula de ensino religioso)... que o professor é um porre ((risos))... (NORPOFOR, DID, 44)
- (62) da Adriana Calcanhoto eu gosto de todas néh... pra falar a verdade... agora uma *que mais gosto* mesmo é essa mentiras (NORPOFOR, DID, 44)
- (63) festa? oh as festas melhor *que eu gostava* era São João...fazer fogueira morava na Dona Leopoldina (NORPOFOR, DID, 95)
- (64) isso é muito bom história em todos os asPECTos eu gosto de estudar história né? agora sinceramente a história *que eu gosto MAIS MESmo*... é::: ... é história do cristianismo (NORPOFOR, DID, 110)

Os dados reproduzidos representam concretamente o comportamento linguístico revelado estatisticamente na tabela 6 em relação à significativa atuação da função de *complemento relativo* para o relativizador. As ocorrências de (55) a (59) contêm relativas *cortadoras* construídas com o verbo *falar (de)*, as quais percebemos como bastante utilizadas pelos informantes de nossa amostra, sobretudo quando fazem menção aos conteúdos de outros momentos da entrevista sociolinguística, denominada em nosso *corpus* de Diálogo entre Informante e Documentador (DID). Disso podemos depreender que, na interação discursiva, o informante, a fim de favorecer esclarecimentos ao documentador dos assuntos sobre os quais

discorre, realiza remissões com o verbo *falar*, fazendo o entrevistador voltar aos conteúdos ditos anteriormente e, conforme podemos perceber, parte desses conteúdos estão expressos pelos *complementos relativos*, como uma espécie de gatilho, para que o documentador os acesse de maneira completa em outros momentos da entrevista (na sequência das ocorrências 55 a 59, esses gatilhos são *parte da respiração, dessa moça, a madeira, um amigo e as pessoas*). Notamos ser evidente que, nessas construções descritas, muito frequentes no NORPOFOR, a anaforicidade do processo de relativização já vem bem marcada pela própria carga semântica do verbo (no caso, *falar*), ligando-o diretamente ao seu argumento (no caso, *complemento relativo*), ainda que este seja de natureza preposicionada; assim, o falante fortalezense dispensa a preposição e faz uso da estratégia de relativização *cortadora*.

Quanto às ocorrências (60) a (64), estas contêm estratégias de relativização *cortadoras* com o verbo *gostar*, construções com alto teor de cristalização, haja vista seu uso ser bastante fixado e frequente na comunidade de fala popular fortalezense. Ou seja, a função sintática de *complemento relativo* assumida pelo relativizador *que* é bastante cristalizada quando o falante opera a relativização em torno do verbo *gostar (de)*, não realizando a preposição; isso justifica, por conseguinte, a forte relevância que a atuação do *complemento relativo* apresenta no beneficiamento da estratégia de relativização *cortadora* na fala popular dos fortalezenses.

O interessante foi percebermos, além do mais, que a relevante atuação do *complemento relativo* com o verbo *gostar* sobre a estratégia *cortadora*, além de ancorar-se nessa questão dos usos cristalizados, ganha fortalecimento a partir de um aspecto laboviano característico do tipo de registro que abrange os nossos dados, o DID. Para a realização da *entrevista sociolinguística*, já é ponto irrevogável, na seara da linguística variacionista, que os entrevistadores devem superar o que Labov (2008) denominou de *paradoxo do observador*, ou seja, fazer com que os informantes não se sintam monitorados, mesmo que estejam sendo gravados; para isso, o entrevistador deve deixar o informante à vontade, motivando-o a narrar fatos pessoais e expressar os seus gostos, o que faz com que, em certo momento, por envolver-se emocionalmente com seus relatos de vida, o entrevistado fale mais espontaneamente, já não mais percebendo ou lembrando de que está sendo gravado.

Essa particularidade do DID permite-nos entender que, na norma popular fortalezense, o monitoramento dos informantes sobre o vernáculo diminui à medida que os documentadores do NORPOFOR lançam perguntas acerca dos gostos pessoais. Desse modo, relacionando isso ao fenômeno das estratégias de relativização, entendemos por que é especialmente frequente o uso de relativas *cortadoras* cujos pronomes relativos assumem

função sintática de *complemento relativo* do verbo *gostar* da oração relativa. Com efeito, conforme podemos observar nas ocorrências (60) a (64), ao discorrerem sobre o que é ou não de sua preferência – *caratê, aula de ensino religioso, música, festa, tipo de história* – os informantes do NORPOFOR fazem uso de *gostar* no processo de relativização; esse verbo, por ter uma carga semântica factivo-emotiva ou avaliativa (PEREIRA, 1974), indica o envolvimento do informante com o conteúdo discorrido e, conseqüentemente, a baixa atenção à própria fala, o que o leva a dispensar o uso da preposição antecedente ao argumento desse verbo (o *complemento relativo*, função aderida pelo pronome relativo) e operar a relativização com a estratégia *cortadora*.

Após termos nos debruçado na discussão em torno desse fator, findamos esta seção afirmando que o significativo resultado referente à função sintática de *complemento relativo* para o relativizador mostrou-se uma peculiaridade do falar fortalezense atinente à estratégia de relativização *cortadora*, não encontrada ou comentada pelos estudos anteriores que compõem o nosso estado da arte. Sendo assim, não confirmamos a hipótese inicial de que a relativa *cortadora* é beneficiada pelo *objeto indireto*, primeiramente porque esse fator foi desprezado em virtude dos nocautes e principalmente porque o resultado concernente ao *complemento relativo* é um aspecto novo trazido por nossa investigação.

Na próxima seção, apresentamos e discutimos a atuação de mais uma variável apontada como relevante pelo Goldvarb X para o beneficiamento da estratégia *cortadora*.

5.3.2 Tipo de oração relativa

A variável *tipo de oração relativa*, quanto a seu estatuto semântico, foi selecionada como relevante também nesta rodada, cujo fator de aplicação é a estratégia de relativização *cortadora*. Observemos a tabela 7, a seguir, que apresenta a atuação desse grupo de fatores para a presente rodada.

Tabela 7 – Atuação da variável *tipo de oração relativa* sobre as relativas *cortadoras* (*cortadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Restritiva	588/654	89,9%	0.558
Explicativa	138/178	77,5%	0.298

Input 0,898

Significance 0,043

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base na tabela 7, vemos claramente que o tipo de oração *restritiva*, com o PR 0.558, beneficia a escolha pela estratégia *cortadora*, enquanto o tipo *explicativa* a inibe, com o PR 0.298.

Esse resultado faz-nos, curiosamente, confirmar e, ao mesmo tempo, refutar a nossa hipótese inicial de que o tipo de oração *restritiva* privilegia as estratégias *padrão* e *cortadoras*, haja vista os dados da tabela nos indicarem que, no falar popular fortalezense, o tipo semântico *restritivo* realmente favorece a relativa *cortadora*, enquanto o tipo *explicativo* beneficia a *padrão*. Convém fazermos a ressalva de que a hipótese inicial abrange também a estratégia *copiadora* (aplicação da regra de nossa terceira rodada, analisada na última parte deste capítulo), elucidando que esta variante é favorecida por orações relativas *explicativas*. Fazemos essa ressalva, embora nesta rodada não nos ocupemos da *copiadora*, porque a atuação da variável *tipo de oração relativa* sobre esta variante nos ajuda a explicar a atuação dessa mesma variável também sobre a estratégia *cortadora*.

Nesse eixo, a variável *tipo de oração relativa* geralmente é controlada nos estudos variacionistas sobre relativização porque, segundo Kato *et al.* (1996), a categorização das relativas em *restritivas* e *explicativas* implica processamentos semânticos diferenciados, o que pode acarretar, por parte de um ou outro tipo, o condicionamento da escolha da estratégia de relativização a ser usada pelo falante.

Conforme mencionamos na seção anterior, a referida variável manifestou-se como relevante pioneiramente no estudo de Tarallo (1983), em cuja discussão mostrou a oração relativa *explicativa* como favorecedora da estratégia *copiadora*. Os resultados de Burgos (2003) foram nessa mesma direção. Ambos os autores afirmaram que tais resultados se devem ao caráter parentético das orações relativas *explicativas*, porquanto apresentam a finalidade de ampliar uma informação do antecedente que é acessória. Isso, portanto, confere à oração relativa *explicativa* uma certa autonomia em relação a esse antecedente, fazendo com que ele, em virtude da ampliação semântica por que passa no processo de relativização, seja copiado na oração relativa com um termo correferencial (cópia). Dizendo de um outro modo: às vezes, a relativa distancia-se sintaticamente do termo relativizado (antecedente) pela presença de material linguístico que serve de adendo informacional, sendo, pois, necessária a inserção da cópia para garantir a clareza da relativização operada na fala. Vejamos a concretude disso na ocorrência (65), extraída de nossa amostra:

(65) ela tem um passarinho também *que o nome do passarinho é P.* e eu botei o nome/ apelido do passarinho sabe (de que foi) foi T. ... aí ela se dana comigo ela... (NORPOFOR, DID, 16)

Como podemos ver, em (65), a relativa é explicativa porque o nome do *pássaro* (antecedente) é uma informação acessória e, pela presença do *também*, que distancia o pronome relativo *que* do seu antecedente *um passarinho* e amplia-lhe a informação (de que não é o único passarinho), o falante insere a cópia (*do passarinho*, negrito na oração relativa destacada), tornando mais clara a relativização.

Diante disso, com a cláusula relativa *restritiva*, aliada à estratégia *cortadora* em nosso estudo, acontece justamente o contrário: como esse tipo semântico de oração não amplia informações do antecedente, antes o restringe, a relativização é mais clara e direta, não necessitando de correferência (cópia) para recuperá-lo, o que conduz o falante a empregar a estratégia *cortadora*, conforme representa a ocorrência (66) a seguir:

(66) até porque história eu me identifico muito bem::: eu é uma coisa *que eu me sinto bem também* (NORPOFOR, DID, 110)

Quanto à estratégia *padrão*, a oração relativa *restritiva* não a favorece, como aponta a tabela 7, porque a restrição consiste numa ligação mais direta da relativa com seu antecedente, dispensando o uso da preposição. Já a relativa do tipo *explicativa*, em face do seu caráter autônomo e apositivo, estabelece relação mais indireta, o que acarreta a escolha do falante pela estratégia *padrão*, cuja marca característica é o uso da preposição, conforme ilustra a ocorrência (67) que segue:

(67) na beira-mar, meu ponto predileto a volta da Jurema que é ali bem na esquina com a rua Frei MANSUETO tá? aquele ponto ali realmente é a volta da Jurema mesmo quando não... aquela parte *em que ficam os barcos ancorados* aquilo ali pra mim é fantástico eu digo que é o meu calmante enquanto outros se entopem de remédios o meu remédio é olhar pra beira-mar (NORPOFOR, DID, 62)

Tendo discutido analiticamente essa relevante variável para o fenômeno da relativização em nossa amostra, passemos agora para a análise do próximo grupo de fatores.

5.3.3 Preposição regida pelo verbo/nome

Para esta segunda rodada, a terceira variável selecionada como relevante no beneficiamento da relativa *cortadora* foi a *preposição regida pelo verbo/nome*. Convém frisarmos, mais uma vez, que tal relevância era de se esperar, pois estamos investigando a relativização em contexto sintático preposicionado. Vejamos essa atuação, exposta na tabela 8, na sequência.

Tabela 8 – Atuação da variável *preposição regida pelo verbo/nome* sobre as relativas *cortadoras (cortadoras vs. padrão)*

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Preposição <i>de</i>	116/118	98,3%	0.854
Preposição <i>com</i>	30/33	90,9%	0.513
Preposição <i>em</i>	526/627	83,9%	0.417

Input 0,898 *Significance 0,043*

Fonte: Elaborada pelo autor.

É interessante notarmos que os PR dos fatores na tabela 8 são bastante próximos dos pertencentes a essa variável na rodada anterior. Acreditamos que essa proximidade é devida à sobreposição das ocorrências da relativa *cortadora*, mesmo quando esta foi conjugada à variante *copiadora*, como aconteceu na primeira rodada.

Em virtude dessa similaridade de resultados, outra vez se confirma, logicamente, a hipótese inicial de que a estratégia *cortadora* é favorecida quando a relativização requer as preposições *por*, *de*, *com* e *a*, enquanto a *padrão* é prestigiada quando a relativização requisita a preposição *em*. Podemos notar novamente, com base nos percentuais da tabela 8, um comportamento semicategórico da preposição *de* para esse grupo de fatores, só que agora para a relativa *cortadora*.

A maioria dos estudos que indicaram essa variável como relevante teve como aplicação da regra a junção *cortadoras + copiadoras* (AVELHEDA, 2014; MACHADO, 2015) e já discutimos isso precedentemente; a única pesquisa que elegeu a *cortadora* como fator de aplicação, a de Santos (2015), diverge da nossa quanto à atuação da preposição *em*, apontada pela autora como favorecedora da estratégia *cortadora*.

À parte esses cotejamentos, debruçemo-nos sobre o que esses dados revelam, em termos sociolinguísticos, a respeito da norma oral popular fortalezense. Como até agora temos percebido, as estratégias de relativização nessa comunidade de fala configuram-se como um fenômeno eminentemente condicionado por fatores linguísticos, e o interessante disso é notarmos que tais fatores apresentam pontos de contato, os quais nos permitem chegar a conclusões acerca do caráter sistêmico do fenômeno variável em tela.

Isso se torna mais evidente ao deprendermos que a elevada atuação da preposição *de* sobre a *cortadora* – marcada expressivamente no PR de 0.854 – estabelece estreita relação com a significativa atuação da função sintática de *complemento relativo* para o pronome relativo sobre a mesma variante na rodada anterior, sobremaneira quando esse

argumento é regido sintaticamente por verbos como *falar (de)* e *gostar (de)*, que são, como já discutimos e ilustramos, frequentes na fala dos informantes de nossa amostra. Isto quer dizer que, ao contemplarem, na fala, suas preferências pessoais (usando o verbo *gostar*) e, ao fazerem remissões discursivas em seus relatos de experiências pessoais (usando o verbo *falar*) com o intuito de interagir com o documentador no DID, os informantes operam estratégias de relativização que fazem a requisição da preposição *de*, embora esta sofra o corte quando o falante usa a variante inovadora *cortadora*.

Um outro aspecto, ainda, explica o nosso resultado quanto à variável *preposição regida pelo verbo/nome*. Trata-se da categorização das preposições em fortes e fracas, elucidada por Rocha Lima (2011). Consoante este gramático normativo, as preposições fracas são aquelas que, isoladamente, não possuem sentido, marcando apenas uma relação (*com, de, a, em e por* são as mais comuns); já as fortes, além de caráter relacional, apresentam em si mesmas uma certa significação (*contra, sobre, entre* etc.). Entretanto, em nosso estudo, esse último tipo de preposição não foi quantificado por conta de sua escassez na amostra coletada. Apesar disso, podemos, com base nessa categorização preposicional de Rocha Lima (2011), chegar à mesma conclusão que Corrêa (1998) e Avelheda (2014): na relativização, as preposições fracas, embora sejam frequentemente mais requeridas (como a *de* em nossos dados), tendem a ser recorrentemente mais suprimidas na fala, justamente por serem desprovidas de significação em si mesmas (necessitando estabelecer relações com outros termos na frase para adquirir sentido), do que decorre o falante empregar a estratégia *cortadora*. Com efeito, o interlocutor tem a capacidade de reconhecer/recuperar, pelo contexto discursivo, as preposições que foram apagadas, haja vista apresentarem baixa carga semântica.

Em se tratando da preposição *com*, embora seja baixo o seu número de ocorrências em nossa amostra, ela se apresenta como um fator que favorece, ainda que timidamente (PR 0.513), a aplicação da regra. Encontramos justificativa para esse favorecimento em valores gramaticais da própria preposição *com*, bem como na maneira com que ela se manifesta na amostra. Na verdade, a requisição de *com*, em nossos dados, reflete os aspectos valorativos que essa preposição abarca. Em termos mais concretos, pudemos observar, em nossos dados, que, vez ou outra, quando a preposição *com* era requisitada no processo de relativização *cortadora*, os informantes expressavam, em seus conteúdos vernáculos, justamente ideias de *companhia*, de *instrumento* e de *modo*, peculiares a essa preposição. Vejamos as ocorrências seguintes, que reproduzem esses sentidos:

- (68) o governo gasta tanto dinheiro assim no prédio numa coisa na obra tudinho e quando dá/ você vai olhar com uns dois três anos rapaz tá abandonado... aquilo ali podia ter sempre uma manutenção uma coisa... que é uma coisa eu sempre bati com um sujeito *que eu ando* que ele diz assim S. -- ele era do DNOCS mas se aposentou-se tá com a agente lá – ele diz rapaz a coisa mais que me endoida também S. que tu também não gosta () você vê um Casatãhã desse um absurdo de dinheiro que foi gasto né? depois pode notar... daqui uns quatro cinco ano tá tudo esculhambado tudo quebrado... (NORPOFOR, DID, 65)
- (69) a matéria que eu gosto mais é mate eu gosto de matemática mas só que... têm umas contas aí *que eu me atrapalho* se atrapalho um pouco (NORPOFOR, DID, 18)
- (70) algumas famílias... agem da maneira *que eu penso*... mas o que você vê aí na televisão... hoje em dia o corre-corre da vida... um filho... o pai chega do trabalho o filho quando o pai chega o filho tá saindo a mãe e vice-versa... então o corre-corre do dia-a-dia faz com que... é:: pais e filhos não tenham muito diálogo... (NORPOFOR, DID, 159)

Nas ocorrências (68), (69) e (70), reproduzidas de nossa amostra, podemos perceber a estratégia de relativização *cortadora* requisitando o *com* em situações discursivas nas quais essa preposição apresenta aparatos semânticos, respectivamente, de *companhia*, *instrumento* e *modo*. Foram nesses contextos que a preposição *com* foi mais requerida sintaticamente, favorecendo a oração relativa *cortadora*.

Os dados da tabela 8, ainda, direcionam-nos a corroborar, na fala popular fortalezense, a hipótese largamente confirmada de que a preposição *em* prestigia a relativa *padrão*, haja vista o PR desse fator, quando subtraído de 1, indicar, por complementaridade (GUY; ZILLES, 2007), o PR que favorece a não aplicação da regra variável. Além disso, reiteramos o que Bagno (2011) constatou a respeito dessa preposição: ela é bastante apagada – conforme percebemos pelo número de ocorrências das requisições quando a relativização é operada com a estratégia *cortadora* –, mas também realizada, sobretudo na forma *em + que* cujo processo de relativização elicit instâncias adverbiais temporais e locativas, conforme está representado pelas ocorrências que seguem:

- (71) BOa noite senhora eu BOa NOIta Diga... aí eu com muito RESpeito a eles não acendi o cigarro a::í... eles FOi e disse que que a seNHOrã a::cha da poLÍtica no mundo *em que viVemos?* aí eu DIgo uma sem vergonhice... (NORPOFOR, DID, 10)
- (72) a partir do momento *em que você entrega seu coração a Cristo*... você passa a mudar de vida... a seguir o que... a palavra de Deus... (lhe) ensina... não se () um radical religioso como um muçulmano.. (NORPOFOR, DID, 11)
- (73) ... a terra tá se aquecendo... então a água dos oceanos eles não podem aquecer... o que é que tá acontecendo é o seguinte a água dos oceanos tão aquecendo... e com isso... é tá fazendo com que o CLIma do mundo se modifique... por exemplos há lugares *em que não chovia* tá chovendo (NORPOFOR, DID, 29)

Nas ocorrências (71), (72) e (73), respectivamente, os antecedentes *mundo*, *momento* e *lugares* demarcam os referidos aspectos de tempo ou lugar, solicitantes da preposição *em* na relativização. Esse, portanto, é um contexto que, apesar de não ser tão frequente em nossos dados, ainda condiciona favoravelmente o uso da relativa *padrão* no português popular de Fortaleza.

Passemos, agora, a discutir, na próxima subseção, o quarto e último grupo de fatores selecionado como relevante para a presente análise.

5.3.4 Traço semântico \pm definido do antecedente

Também nesta rodada, o grupo de fatores *traço semântico \pm definido do antecedente* foi selecionado como relevante, agora para o favorecimento da relativa *cortadora*, separadamente. Observemos, na tabela 9 seguinte, a atuação dessa variável.

Tabela 9 – Atuação da variável *traço semântico \pm definido do antecedente* sobre as relativas *cortadoras* (*cortadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
– definido	173/186	93%	0.600
+ definido	553/646	85,6%	0.471

Input 0,898 *Significance 0,043*

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da tabela mostram-nos que, quando o antecedente da oração apresenta um traço *–definido* (PR 0.600), o falante opera a relativização com a estratégia *cortadora*, enquanto que o traço *+definido* (PR 0.471) inibe-a, prestigiando a *padrão*. A interpretação desses valores conduz-nos à refutação da hipótese lançada inicialmente de que o traço *+definido* é aliado à variante *cortadora*. Consequentemente, divergimos dos trabalhos que corroboraram tal hipótese (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; BARROS, 2000; SANTOS, 2015).

Importa frisarmos que, já na investigação pioneira de Mollica (1977), explicava-se a atuação dessa variável. Segundo a autora, quando o termo relativizado carrega uma certa imprecisão ou indeterminação, isto é, um traço semântico *–definido*, o falante faz uso de pronomes cópias, a fim de precisar o termo relativizado, operando, por isso, com a relativa *copiadora*. Para o traço *+definido*, Mollica (1977) explica que, pelo teor de precisão do

anterior, não há necessidade de correferenciá-lo com pronome ou item lexical (cópias), conduzindo o falante a empregar a relativa *cortadora*.

Todavia, a comunidade de fala popular fortalezense não segue essa tendência, visto que o traço semântico *-definido* do antecedente beneficia também a *cortadora*. Esse comportamento linguístico divergente é representado pelas ocorrências reproduzidas na sequência, retiradas de nossa amostra.

(74) agora eu era bem interessada sabe? bem interessada gostava tudo que me ensinavam eu aprendia () aí teve um tempo *que eu fiquei assim meio desgostosa* sabe? (NORPOFOR, DID, 17)

(75) mas diz que é uma praia belíssima diz que é uma praia *que você mergulha* e vê todo tipo de peixe você mergulha eles já vem pra cima de você... (NORPOFOR, DID, 105)

(76) ... tem uns dias *que ela sai cedo* né mais aí ela tem ESTÁGIO... aí ela vai pro estágio...estágio que ela arranhou mais voluntário também... quer dizer por enquanto não tá dando nenhuma ajuda agente... porque até os primeiro estágio tem que ser voluntário...pra adquirir experiên::cia e também... é muito bom pro currículo né. (NORPOFOR, DID, 143)

Nos excertos de fala (74), (75) e (76), notamos claramente orações relativas *cortadoras* cujos antecedentes são sintagmas nominais semanticamente inespecíficos (*um tempo, uma praia* e *uns dias*, respectivamente). Assim, podemos depreender dessas ocorrências, bastante recorrentes na fala popular de Fortaleza, que os casos de relativização cujos termos relativizados carregam o traço semântico *-definido* distribuem-se não só para a estratégia *copiadora* (aplicação da regra da próxima rodada, onde reproduziremos algumas ocorrências), mas também para a estratégia *cortadora*. Uma vez que a rodada anterior já havia apontado esse fator como aliado às variantes inovadoras, podemos afirmar que a referida distribuição já era esperada.

Na próxima seção, sintetizamos a análise desta rodada, que ora encerramos.

5.3.5 Súmula dos resultados da rodada *cortadoras vs. padrão*

Na análise desta segunda rodada, operada com a competição das estratégias de relativização *cortadoras vs. padrão*, o Goldvarb X apontou quatro grupos de fatores como aliados da aplicação da regra variável (a relativa *cortadora*) na fala popular de Fortaleza. O primeiro deles foi a *função sintática do pronome relativo*, no qual o *complemento relativo* (PR 0.652 e 97,7%) apresentou a mais significativa atuação, seguido do *adjunto adverbial* (PR 0.510 e 86,7%), que se mostrou tímido nesse favorecimento. O segundo grupo foi o *tipo*

de oração relativa quanto ao seu teor semântico, em que a cláusula relativa *restritiva* (PR 0.558 e 89,9%) liderou o beneficiamento da regra de aplicação. A terceira variável independente relevante foi a *preposição regida pelo verbo/nome*, em que o requerimento sintático do *de* (PR 0.854 e 98,3%) liderou o favorecimento da relativa *cortadora*, acompanhado da requisição preposicional do *com* (PR 0.513 e 90,9%). A quarta e última variável elegida pelo programa estatístico foi o *traço ±definido do antecedente*, tendo o aspecto *-definido* (PR 0.600 e 93%) revelado-se favorável à realização da estratégia *cortadora*.

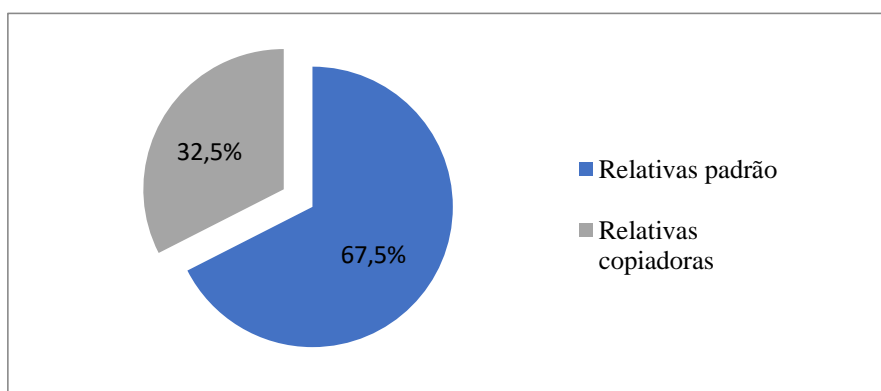
Após termos discutido os dados referentes à segunda rodada e sintetizado-os quanto à atuação das variáveis independentes consideradas como relevantes, passemos para a terceira parte deste capítulo analítico, a qual contemplará a rodada multivariada das estratégias de relativização *copiadoras vs. padrão*.

5.4 Terceira rodada: relativas *copiadoras* vs. relativas *padrão*

Na terceira parte deste capítulo analítico, levantamos nossa discussão sobre a terceira rodada multivariada de nosso estudo, que consiste na competição variável *relativas copiadoras vs. relativas padrão*. Para essa análise binária, adotamos como aplicação da regra variável a estratégia de relativização *copiadora*, por ser uma variante também discutida na literatura variacionista sobre a relativização (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; BARROS, 2000; BURGOS, 2003; SILVA, 2011; MACHADO, 2015; SILVA, 2018), embora não com a mesma intensidade que a relativa *cortadora*, a qual focalizamos na rodada anterior.

Esta rodada apresentou o total de 157 ocorrências, sendo 51 (32,5%) para a estratégia *copiadora* e 106 (67,5%) para a *padrão*, conforme mostra o gráfico 11, a seguir.

Gráfico 11 – Frequências da rodada *relativas copiadoras vs. relativas padrão*

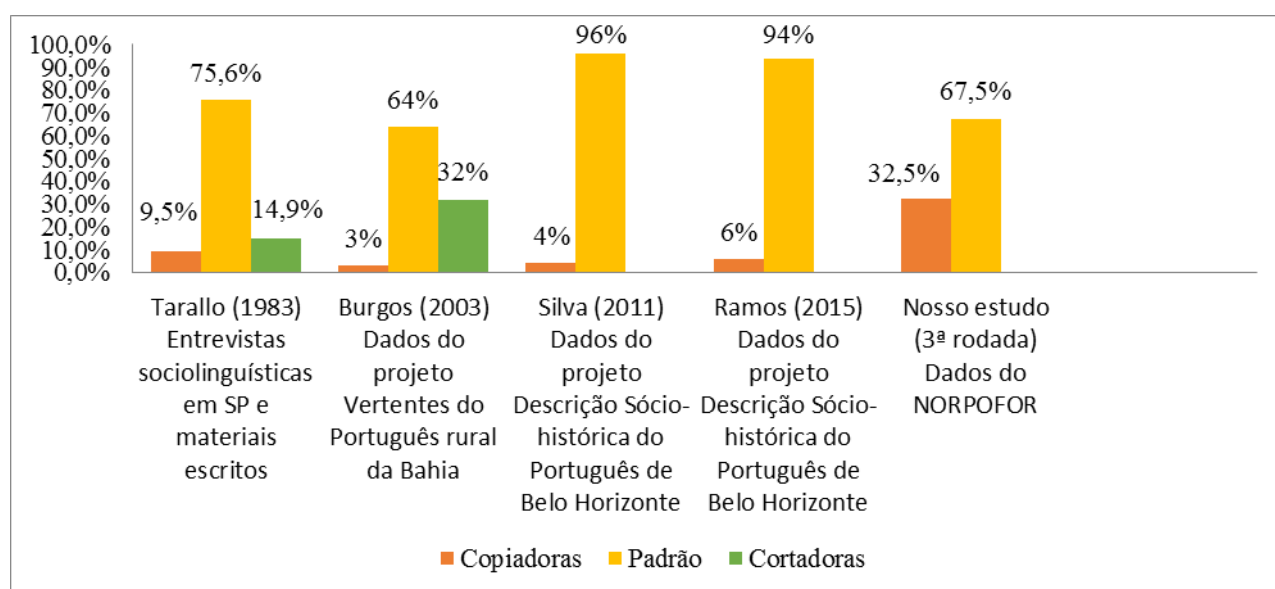


Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme as frequências gerais ilustradas no gráfico 11, vemos que as orações relativas *padrão* lideram no emprego das estratégias de relativização do falar popular fortalezense, quando comparadas às relativas *copiadoras*. Contudo, ao longo desta rodada analítica, não poderemos perder de vista o fato de que foi baixa a quantidade de ocorrências de orações relativas tanto do tipo *padrão* (106 dados) quanto do tipo *copiadora* (51 dados), se considerarmos o universo total de dados apresentados no início deste capítulo analítico, que foi de 883 ocorrências de orações relativas preposicionadas, havendo sobressaliência da relativa *cortadora* (726 dados).

Em nossa revisão de literatura, houve trabalhos que amalgamaram essa variante com a *cortadora* sob a etiqueta *relativas inovadoras*, aplicação da regra de nossa primeira rodada, já discutida. Outros trabalhos traçaram suas análises, separando as variantes entre si e, dentre estes, escolhemos para uma breve discussão inicial, nesta seção, aqueles que elegeram a relativa *copiadora* como aplicação da regra (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; SILVA, 2011; RAMOS 2015), cujas frequências gerais reproduzimos no gráfico 12, que segue.

Gráfico 12 – Frequências gerais dos estudos que tomaram a variante *copiadora* como aplicação da regra



Fonte: Elaborado pelo autor.

As frequências que expusemos no gráfico 12 mostram que o uso da relativa *copiadora* é relativamente baixo não só em nossos dados, mas também em outras variedades do PB (São Paulo, interior da Bahia e Belo Horizonte). Essa constatação vai ao encontro da afirmação pioneira de Mollica (1977) e Tarallo (1983) de que essa variante carrega um certo

grau de estigmatização; essa instância da avaliação social negativa sobre a *relativa copiadora* também foi ratificada por Correa (1998), Barros (2000), Silva (2011) e Ramos (2015). Contudo, assumimos um posicionamento contrário a isso por acreditarmos que, dentre as formas de avaliação social das formas linguísticas faladas, elucidadas por Labov – *indicadores, marcadores e estereótipos* –, as estratégias de relativização se encaixem como indicadores.

Consoante Labov (2008), os *indicadores* são formas linguísticas que apresentam distribuição regular pelos grupos socioeconômicos e etários, tendo baixa força avaliativa em meio aos falantes, por estes não deterem conscientemente a variação do fenômeno; já os *estereótipos* consistem em formas marcadas e estigmatizadas socialmente, o que indica alto teor de consciência por parte dos falantes de uma comunidade acerca da variação linguística em determinado fenômeno. Sendo assim, acreditamos que o fenômeno das estratégias de relativização se trata de um indicador, por julgarmos que os falantes, em suas interações, não sinalizam consciência ou atenção, por exemplo, de que um termo está sendo relativizado sem a preposição em uma estratégia *cortadora* ou se o termo relativizado é correferenciado, como acontece com a *copiadora*. Logo, reiteramos que não concordamos que as estratégias *copiadoras* sejam consideradas como um estereótipo (carregando grau de estigmatização). Nenhum estudo de nossa revisão de literatura fez ponderações sobre essa questão e estamos conscientes de que investigações com testes de atitudes linguísticas em comunidades de fala dariam mais segurança ao nosso posicionamento. Além do mais, essa discussão foge aos objetivos da presente investigação, e deixamo-la em aberto para futuras pesquisas.

Afora essa digressão e voltando aos percentuais do gráfico 12, atribuímos a baixa ocorrência das estratégias *copiadoras* em nosso estudo, que ratifica outros, ao elevado uso das estratégias *cortadoras*, atestado na discussão da rodada anterior, mas também pelo uso persistente da relativa *padrão*, embora não haja muitas ocorrências. Assim, a relativa *copiadora* é usada apenas quando o falante quer preservar a comunicação, evitando ambiguidades ou enfatizando bem, por meio de correferências (cópias), o termo já relativizado, prezando pela clareza na comunicação.

É interessante observarmos que, mesmo diante do fato de a variante *copiadora* tender a manifestar baixos percentuais de ocorrência nos estudos sociolinguísticos sobre relativização, o maior destes, no gráfico 12, pertence à nossa investigação (32,5%). Isso nos sinaliza que, embora não seja tão elevada a porcentagem, a comunidade de fala popular fortalezense opera a relativização também com a estratégia *copiadora*. É possível que isso se justifique a partir da natureza do tipo de registro abrangido por nossa amostra, o DID: por se

tratar de uma entrevista sociolinguística, é normal que o informante, ao interagir com o documentador, queira deixar a informação para este a mais clara possível. Para as estratégias de relativização, especificamente, essa clareza do informante pode ser notada quando ele emprega a oração relativa *copiadora*, isto é, faz uso de elementos correferenciais aos termos que relativizou, a fim de que o interlocutor entenda bem a construção dos referentes em sua fala.

O caráter do tipo de registro DID de nosso *corpus* fornece-nos subsídios explicativos também para a estratégia *padrão*. Acreditamos que essa variante ocorra devido ao monitoramento estilístico que, vez ou outra, na entrevista sociolinguística, o informante possa ter engatilhado. Isso nos reporta à dinamicidade e à formalidade intermediária que o DID apresenta (ARAÚJO, 2011), pois, embora o informante seja motivado a fazer seus relatos pessoais, nos quais vai empregando formas *inovadoras*, a presença do documentador pode acionar, de quando em quando, o policiamento da fala, o que conduz ao emprego de formas *padrão*.

Após termos tecido considerações relativas às frequências das variantes para esta rodada, é preciso discorrermos sobre o que o Goldvarb X revelou sobre as variáveis independentes para esta rodada. Inicialmente, o programa computacional, como na primeira e segunda rodadas, apresentou os mesmos 6 nocautes, sendo 3 para a variável *função sintática do pronome relativo* e 3 para a variável *preposição regida pelo verbo/nome*. Na primeira variável, os nocautes ocorreram com os fatores *adjunto adnominal*, *objeto indireto* e *complemento nominal* com a manifestação de 9, 1 e 3 dados, nessa ordem, exclusivamente para a relativa *copiadora*. Já, na segunda variável, os nocautes manifestaram-se com as preposições *para*, *a* e *por* com a ocorrência de 5, 4 e 2 dados, nessa sequência, também unicamente para a relativa *copiadora*. Resolvemos esses nocautes, desprezando-os, e partimos adiante com o processamento estatístico.

Após o processamento estatístico multivariado, o Goldvarb X sinalizou o *step up* de número 52 como a melhor análise, com *input* de 0,187, significância de 0,021 e *log likelihood* de -43,834. Nessa rodada, dentre as 13 variáveis independentes controladas, o Goldvarb X selecionou 5 como relevantes para o uso das relativas *copiadoras* no falar popular fortalezense; em ordem de prioridade, foram estas: *traço semântico ± humano do antecedente*, *preposição regida pelo verbo/nome*, *faixa etária*, *traço semântico ± definido do antecedente* e *função sintática do pronome relativo*. Logicamente, o programa apontou como não relevantes os demais grupos de fatores: *traço semântico ± singular do antecedente*, *preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo*, *escolaridade*, *tipo de oração relativa*, *distância*

entre o pronome relativo e o termo relativizado, posição da oração relativa em relação à principal, sexo e estado de ativação do antecedente.

Nas subseções seguintes, mostraremos e discutiremos os resultados, a partir dos PR, para cada uma dessas variáveis indicadas como relevantes para o favorecimento das estratégias de relativização *copiadoras* no português popular de Fortaleza.

5.4.1 Traço semântico ± humano do antecedente

A variável *traço semântico ± humano do antecedente* foi a primeira indicada pelo Goldvarb X como relevante para esta rodada, não tendo sido selecionada nas rodadas anteriores. A tabela 10, na sequência, explana os valores concernentes à atuação desse grupo de fatores no favorecimento da relativa *copiadora*.

Tabela 10 – Atuação da variável *traço semântico ± humano do antecedente* sobre as relativas *copiadoras* (*copiadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
+ humano	29/33	87,9%	0.852
– humano	22/124	17,7%	0.385

Input 0,187 *Significance 0,021*

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 10 mostra-nos que o traço *+humano* do antecedente é altamente favorável à realização da oração relativa *copiadora* (PR 0.852); contrariamente, o traço *–humano* (PR 0.385) inibe essa variante. Esse resultado nos permite perceber o quanto aspectos semânticos influenciam de forma significativa a variação de fenômenos linguísticos (PINHEIRO, 1998). Os dados da tabela 10, então, levam-nos a confirmar a hipótese inicial de que o traço *+humano* é aliado à variante *copiadora*. Obviamente, o nosso resultado para essa variável vai ao encontro das investigações variacionistas que também ratificaram essa hipótese (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; RAMOS, 2015).

Tarallo (1983) percebeu, em sua investigação, que a ocorrência de orações relativas *copiadoras* com traço semântico *+humano* estava diretamente associada às funções sintáticas de *sujeito*, *oblíquo (objeto indireto)* e *genitivo* assumidas pelo pronome relativo. O conhecimento dessa associação de variáveis nesse estudo pioneiro instigou-nos a recorrer aos dados de nossa amostra, no intuito de averiguar se neles isso ocorria também. Checando

detidamente as ocorrências das estratégias *copiadoras*, percebemos que essa associação acontece, só que em relação às funções sintáticas de *complemento relativo* e *complemento circunstancial* assumidas pelo relativizador, fatores manifestados como aliados à *copiadora*, que discutiremos adiante, ainda nesta seção.

E o interessante foi notarmos também que as relativas *copiadoras* que carregam o traço semântico *+humano* associam-se às referidas funções, quando elas integram momentos das falas dos informantes cujos tópicos discursivos são *gosto/afinidade pessoal* e *trabalho*. Vejamos algumas ocorrências que nos apontam isso:

(77) o dia-a-dia é isso aqui trabalhan::do dia eu fico em CA::sa... e ajudo aqui a fazer alguma CO::Isa com esses menino outro dia eu vou trabalhar lá no Papicu que eu tenho **uma senhora** *que eu trabalho para ela* ainda... eu vou prá lá um dia e outro não... (NORPOFOR, DID, 3)

(78) tendo um homem para ela e uma bebidinha... está... com ela mesma... eu digo mulher tiver um cantinho pa mim lá ((rindo)) se estiver um cantinho pra mim lá mas só pa bebida eu dou maior valor ()... mulher **a moça** *que eu trabalho lá de dia de quarta-feira* a do BEC () muita bebida lá... mui::ta mesma... (NORPOFOR, DID, 104)

(79) é **uma menina** *que eu... gosto muito dela* bichinha (NORPOFOR, DID, 635)

(80) tem a:: tem a **minha vó** mãe do meu pai *que eu gostava muito dela* a gente era o meu vô ela faleceu antes deu nascer meu vô pai do meu pai né aí tinha essa minha vó que era vó por parte de pai que era mãe do meu pai... (NORPOFOR, DID, 714)

Nas ocorrências (77) e (78), podemos perceber estratégias de relativização *copiadoras* cujos antecedentes de aspecto *+humano* (*uma senhora* e *a moça*) associam-se, respectivamente, às funções sintáticas de *complemento relativo* e *complemento circunstancial* assumidas pelo relativizador *que*, ambas estando presentes em trechos nos quais os informantes falam de *trabalho*. Os excertos (79) e (80), por sua vez, são casos de relativas *copiadoras* em que os antecedentes (*uma menina* e *minha vó*), também com traço semântico *+humano*, ligam-se à função de *complemento relativo*, em momentos do discurso cujo assunto é o *gosto/afinidade pessoal* do informante.

Tendo explicado a atuação do grupo de fatores *traço semântico ± humano do antecedente*, passemos para a próxima subseção, em que discutiremos a segunda variável relevante para esta rodada.

5.4.2 Preposição regida pelo verbo/nome

Nesta terceira rodada analítica, o segundo grupo de fatores manifestado como relevante para o beneficiamento da relativa *copiadora* foi a *preposição regida pelo verbo/nome*. É curioso percebermos que essa variável foi selecionada nas três rodadas de nossa investigação. Isso atesta a coerência nos nossos dados, pois, se a *preposição requerida pelo verbo/nome* da relativa mostrou-se relevante para a primeira rodada, em que o fator de aplicação foi a junção *cortadoras + copiadoras*, logicamente essa mesma variável se manifestou como relevante também para a segunda e terceira rodadas, nas quais essas variantes foram analisadas separadamente. Observemos essa atuação apresentada na tabela 11, que segue.

Tabela 11 – Atuação da variável *preposição regida pelo verbo/nome* sobre as relativas *copiadoras* (*copiadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Preposição <i>de</i>	16/18	88,9%	0.835
Preposição <i>com</i>	8/11	72,7%	0.835
Preposição <i>em</i>	16/117	13,7%	0.401
<i>Input 0,187</i>		<i>Significance 0,021</i>	

Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir dos dados da tabela 11, podemos perceber que tanto a preposição *de* quanto a preposição *com* exercem influência significativa e igualitária sobre a estratégia de relativização *copiadora*, uma vez que os PR são os mesmos (0.835). Portanto, mais uma vez, corroboramos a hipótese inicial de que as preposições *por*, *de*, *com* e *a* são aliadas às estratégias *cortadora* e *copiadora*, enquanto a preposição *em* beneficia a estratégia *padrão*. Quanto à revisão de literatura, os trabalhos que tomaram a variante *copiadora* como aplicação da regra não tiveram essa variável selecionada como relevante (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; SILVA, 2011; RAMOS 2015).

Podemos perceber que os PR dos fatores na tabela 11 são bastante próximos dos pertencentes a essa variável nas rodadas anteriores, com a exceção da preposição *com*, cujo PR, nesta rodada, elevou-se, igualando-se ao da preposição *de*, conforme mencionamos.

Outra vez, encontramos justificativa para este resultado a partir de uma observação mais detida das ocorrências na amostra. Percebemos, no português popular de

Fortaleza, que as preposições *de* e *com* exercem alto controle sobre a relativa *copiadora* por uma razão intrinsecamente estrutural dessa variante: os pronomes lembretes geralmente vêm acompanhados da preposição requerida pelo verbo/nome da relativa, como é o caso de *com* e *de*. Vejamos, a seguir, duas ocorrências que nos ilustram isso:

(81) aí minha mãe ficou:... ela ficou com o terreno:... ficou com casa alugada:... mercearia muito boa:... e ela juntou-se lá com um homem *que todo mundo falava dele*:... então... ele conseguiu botar tudo que ela tinha no matto:... (NORPOFOR, DID, 128)

(82) meu primeiro amor foi uma garota que eu conheci em mil novecentos e sessenta e:: seis... talvez fosse a:: garota *que eu... deveria... ter casado com ela* (NORPOFOR, DID, 159)

Nas ocorrências (81) e (82), extraídas de nossa amostra, a estratégia de relativização *copiadora* requisita, respectivamente, as preposições *de* (*que todo mundo falava de*) e *com* (*que eu deveria ter falado com*). Podemos perceber esses itens prepositivos integrados aos pronomes correferenciais (cópias) aos termos já relativizados pelo *que* (*um homem* e *a garota*): o *de* é contraído ao pronome *ele*, formando a cópia *dele*; e o *com* acompanha o pronome *ela*, formando a cópia *com ela*. Dessa percepção, depreendemos a funcionalidade e eficiência comunicativa que a estratégia *copiadora* apresenta para o falante (CAMACHO, 2017), que a emprega tendo em vista deixar clara, em sua interação, a construção dos referentes, utilizando-se de pronomes *cópias*, que intensificam essa clareza quando agregados às preposições requeridas pela oração relativa.

A tabela 11 permite-nos inferir, ainda, que a preposição *em* (PR 0.401) consiste num fator aliado à não aplicação da regra, a relativa *padrão*. Assim como já ponderamos na rodada anterior, esse item prepositivo, embora seja muito apagado, ainda é realizado nos processos de relativização da fala fortalezense, mormente em instâncias adverbiais de tempo e lugar (as ocorrências ilustrativas para esse ponto já foram reproduzidas na rodada precedente).

Na próxima subseção, delinearemos a análise para mais uma variável selecionada como relevante nesta rodada.

5.4.3 Faixa etária

O grupo de fatores *faixa etária*, já apontado como relevante na primeira rodada, foi selecionado também nesta rodada. Frisamos que essa variável foi a única de natureza extralinguística indicada pelo Goldvarb X, nesta e na primeira rodada. Isso nos permite reforçar a afirmação que fizemos precedentemente de que as estratégias de relativização no

português popular fortalezense é um fenômeno declaradamente estrutural, isto é, condicionado sobretudo por variáveis de natureza linguística. Vejamos, na tabela 12 a seguir, a atuação da *faixa etária* sobre as orações relativas *copiadoras*.

Tabela 12 – Atuação da variável *faixa etária* sobre as relativas *copiadoras* (*copiadoras* vs. *padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Faixa II (26 a 49 anos)	24/49	49%	0.753
Faixa III (50 anos em diante)	13/48	27,1%	0.599
Faixa I (15 a 25 anos)	14/60	23,3%	0.226

Input 0,187

Significance 0,021

Fonte: Elaborada pelo autor.

Da tabela 12, depreendemos que as *faixas etárias II* (PR 0.753) e *III* (PR 0.599) são aliadas à estratégia *copiadora*, enquanto a *faixa etária I* (PR 0.226) a inibe. Constatamos que a ordem desses fatores favorecedores da variante *copiadora* é a mesma que o Goldvarb X indicou na primeira rodada para o favorecimento das relativas inovadoras (*cortadoras* + *copiadoras*), sendo que, na presente rodada, os PR favorecedores se mostram mais altos que na primeira rodada.

Já que a gradiência dos fatores é a mesma da rodada primeira, os resultados da tabela 12 levam-nos, mais uma vez, a confrontar a hipótese inicial de que, mesmo ocorrendo na fala de informantes de todas as faixas etárias, os mais jovens são aliados ao uso das variantes inovadoras (*cortadoras* e/ou *copiadoras*), enquanto os idosos privilegiam o uso da relativa *padrão*. Os nossos dados, na verdade, revelam o inverso dessa hipótese, pois os mais jovens (*faixa I*) comportam-se como inibidores da oração relativa *copiadora*, enquanto os adultos (*faixa II*) e os idosos (*faixa III*) a favorecem.

Reforçamos que encontramos justificativa para isso no fato de que os informantes das *faixas II* e *III* (adultos e idosos) são geralmente aquelas pessoas que, há um certo tempo, tinham se distanciado do meio escolar e, sobretudo as da *faixa etária III*, do universo do trabalho, realidades sociais que pressionam os indivíduos a empregarem formas linguísticas detentoras de maior prestígio. Em contrapartida, a *faixa I*, composta pela juventude fortalezense, ou frequentava o meio escolar ou o tinha deixado não há muito tempo, sofrendo a pressão normativa da escola, que influencia diretamente no comportamento linguístico dos alunos, em vista das práticas letradas sociais que exigem domínio de formas padronizadas da

língua, como vestibulares, entrevistas de emprego, preparação acadêmica, inserção no mercado de trabalho, entre outras.

Quanto ao estado da arte, identificamos que as pesquisas que realizaram esta mesma rodada (TARALLO, 1983; BURGOS, 2003; SILVA, 2011; RAMOS, 2015), estratégias de relativização *copiadora vs padrão*, não tiveram a variável *faixa etária* selecionada como relevante, o que não nos permite traçar cotejamento.

No que concerne ao enquadramento sociolinguístico do fenômeno das estratégias de relativização no falar popular de Fortaleza, os dados da tabela 12 apontam-nos um caso de *variação estável*. Reafirmamos isso pelo fato de os informantes mais jovens desfavorecerem o uso inovador da relativa *copiadora*, enquanto os adultos e os idosos lhe são aliados.

5.4.4 Traço semântico ± definido do antecedente

Para esta rodada, o grupo de fatores *traço semântico ± definido do antecedente* também foi apontado como relevante, agora para o favorecimento da estratégia de relativização *copiadora*. E um detalhe interessante é que, nesta e nas duas rodadas anteriores, esse grupo de fatores foi o quarto selecionado na ordem de prioridade da relevância. Observemos, na tabela 9 seguinte, a atuação dessa variável.

Tabela 13 – Atuação da variável *traço semântico ± definido do antecedente* sobre as relativas *copiadoras* (*copiadoras vs. padrão*)

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
– definido	25/38	65,8%	0.780
+ definido	26/119	21,8%	0.400

Input 0,187 *Significance 0,021*

Fonte: Elaborada pelo autor.

Assim como aconteceu em relação ao favorecimento das variantes *inovadoras* na primeira rodada e da variante *cortadora* separadamente na segunda, os dados tabelados para essa variável na presente rodada nos mostram que o traço semântico *–definido* (PR 0.780) do termo relativizado beneficia a estratégia *copiadora*, em detrimento do traço *+definido* (PR 0.400) que se alia à estratégia *padrão*. E nesta rodada, percebemos que o PR do fator favorecedor é maior do que nas outras rodadas. Isso se deve à própria aplicação da regra, pois foi a partir da natureza sintático-semântica da oração relativa *copiadora* que o trabalho de Mollica (1977) construiu a justificativa para o seu favorecimento por parte do traço *–definido*

(PR 0,780): o elemento correferencial ao antecedente (a cópia) tem o papel crucial na relativa de tornar clara a remissão a um termo que é impreciso, inespecífico e/ou indeterminado, propriedades semânticas que vêm marcadas em antecedentes com aspecto indefinido. Vejamos ocorrências de nossa amostra que materializam essa explicação:

(83) eram umas meninas lá ()... a:... a M. umas lá *que eu num conhecia muito direito o nome delas* que eram nomes assim difíceis (NORPOFOR, DID, 9)

(84) o concurso foi mais pesado pra ele até psicoteca teve pra nós num teve isso não só as quatro operações uns ditado umas pergunta lá um exame de sangue exame de tudo e eu quase num passo e quando eu fiz os exame aí tinha uma senhora lá *que o marido dela trabalhava lá* era perfurador fazer poço né? (NORPOFOR, DID, 95)

(85) e eu quero também trabalhar em uma loja de roupa *que o:meu cunhado trabalha lá né...* e:: eu quero entrar lá e eu pretendo assim sempre quando eu voltar a estudar né éh () vou fazer a faculdade ai sim eu pretendo fazer Ciências Biológicas lá na lá na UECE... (NORPOFOR, DID, 23)

Nos extratos de fala (83), (84) e (85), identificamos nitidamente orações relativas *copiadoras* cujos elementos cópias – respectivamente *delas*, *dela* e *lá* – remetem a antecedentes da oração relativa que carregam semanticamente traços indefinidos (*umas meninas*, *uma senhora* e *uma loja de roupa*). Logicamente, essa necessidade de clareza remissiva não ocorre quando os termos antecedentes são mais específicos, sendo dispensado o uso do elemento cópia na relativização.

Ressaltamos que nossa interpretação nos direciona à confirmação da hipótese inicial de que o aspecto semântico *–definido* privilegia a variante *copiadora*. Consequentemente, convergimos com os estudos que também corroboraram tal hipótese (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; BARROS, 2000; SANTOS, 2015).

Na próxima subseção, traçaremos a discussão dos resultados atinentes à última variável apontada como relevante para esta terceira rodada analítica.

5.4.5 Função sintática do pronome relativo

A *função sintática do pronome relativo*, variável amplamente controlada nos trabalhos variacionistas sobre relativização, foi selecionada como estatisticamente relevante também nesta rodada, sendo favorecedora da variante *copiadora*. Vejamos, na tabela 14 a seguir, a atuação desse grupo de fatores em nossa amostra para esta rodada.

Tabela 14 – Atuação da variável *função sintática do pronome relativo* sobre as relativas *copiadoras (copiadoras vs. padrão)*

FATORES	Aplica/total	Percentual	PR
Complemento circunstancial	17/51	33,3%	0.727
Complemento relativo	11/14	78,6%	0.673
Adjunto adverbial	10/79	12,7%	0.318

Input 0,187

Significance 0,021

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 14 explicita que a função de *complemento circunstancial* (PR 0.727) lidera o favorecimento da relativa *copiadora* no falar popular de Fortaleza, seguida da função de *complemento relativo* (PR 0.673), enquanto o *adjunto adverbial* (PR 0.318) é inibidor dessa variante. Para esta análise, identificamos que os dados referentes a essa variável tiveram semelhança e diferenças em comparação às rodadas anteriores. A semelhança é que o *complemento relativo* continuou a ser um fator favorecedor, independentemente de qual seja a aplicação da regra; as diferenças são que o *complemento circunstancial*, abaixo do ponto neutro nas duas rodadas anteriores, agora lidera o favorecimento da aplicação da regra, e que o *adjunto adverbial*, favorecedor do fator de aplicação nas mesmas rodadas, não é-lhe mais aliado na presente.

A continuidade do favorecimento por parte do *complemento relativo* leva-nos a atestar o seu caráter inédito para o nosso trabalho em todo o arcabouço analítico que traçamos. Em outros termos, o teor altamente significativo desse fator manifestou-se na primeira, segunda e terceira rodadas, cujas aplicações da regra foram, respectivamente, as relativas inovadoras (*cortadoras + copiadoras*), as *cortadoras* e as *copiadoras*. A justificativa para que o *complemento relativo* beneficie a estratégia *copiadora*, na presente rodada, é basicamente a mesma para o favorecimento da *cortadora* na rodada anterior: essa função sintática é cristalizada quando as estratégias de relativização são operadas sobretudo com os verbos *falar (de)* e *gostar (de)*. A peculiaridade para a estratégia *copiadora* é que essa cristalização é notória não no corte da preposição (como ocorre com a *cortadora*), mas na transposição desta para junto do elemento correferente ao termo relativizado, ou seja, para junto da *cópia*. Nesse ínterim, como o uso da preposição antes do pronome relativo demanda operações sintáticas nas quais se precisa reconhecer que o item prepositivo é requisitado por um verbo/nome distante na oração relativa (BISPO, 2018), o falante acaba simplificando esse processo, transpondo a preposição para próximo da *cópia*.

Notemos, a seguir, concretamente, essa peculiaridade, observando ocorrências retiradas de nossa amostra:

- (86) é uma menina *que eu... gosto muito dela* bichinha (NORPOFOR, DID, 39)
- (87) tem a:: tem a minha vó mãe do meu pai *que eu gostava muito dela* a gente era o meu vó ela faleceu antes deu nascer meu vó pai do meu pai né aí tinha essa minha vó que era vó por parte de pai que era mãe do meu pai... (NORPOFOR, DID, 47)
- (88) aí minha mãe ficou::... ela ficou com o terreno::... ficou com casa alugada::... mercearia muito boa::... e ela juntou-se lá com um homem *que todo mundo falava dele*::... então... ele conseguiu botar tudo que ela tinha no mato::... (NORPOFOR, DID, 128)

As ocorrências anteriores representam concretamente o comportamento linguístico mostrado pela tabela 14 em relação à significativa atuação da função de *complemento relativo* para o relativizador. Em (86) e (87), podemos notar que a preposição *de* requerida pelo verbo *gostar* não é cortada, mas transposta de sua posição original (antes do *que*, se fosse uma relativa canônica) para junto do pronome cópia, contraindo-se a ele e formando o correferente *dela*. O mesmo ocorre em (88), só que com o verbo *falar* e com o pronome cópia *dele*. Isso nos permite voltar ao capítulo em que tratamos da visão dos gramáticos acerca da relativização e concordar com o posicionamento de Bagno (2011), o qual afirma que, ao empregar a estratégia *copiadora*, o falante, na verdade, tenta seguir a ordem sintática natural de sua língua, que é *antecedente-preposição-consequente*, diferentemente da relativização *padrão*, que altera essa ordem. Não obstante o baixo número de relativas *copiadoras* em nossa amostra, o comportamento linguístico que percebemos foi esse.

Quanto ao *complemento circunstancial*, função sintática que mais atua significativamente sobre a estratégia *copiadora*, acreditamos que esse resultado também imprime tom original para nossa investigação, em decorrência de nossa opção metodológica por não agruparmos essa função com outras funções que, embora preposicionadas e parecidas, apresentam especificidades gramaticais distintas (conforme já explicamos no capítulo de metodologia). Um exemplo que já colocamos é o caso do *adjunto adverbial* e do *complemento circunstancial*: ambos têm valores adverbiais, porém o primeiro caracteriza-se pelo caráter de adjunção à sentença, sendo dispensável, e o segundo, por finalidades de complementação sentencial, sendo indispensável (ROCHA LIMA, 2011; CASTILHO, 2012). Em virtude dessas especificidades, não agrupamos esses fatores.

Em virtude de os trabalhos de nosso estado da arte não terem explorado como nós esses fatores, isto é, separadamente, damo-nos conta de que não encontraríamos as explicações para sua relevância na comparação com outros estudos, e sim voltando, mais uma vez, à nossa amostra e observando-a atentamente, atitude que deve ser constante em uma investigação sociolinguística, pois os resultados numéricos referem-se a especificidades da comunidade de fala que devem ser analisadas, e não a generalizações.

Após fazermos essa visita acurada às ocorrências, visualizamos um aspecto linguístico presente na comunidade de fala fortalezense que esclarece o favorecimento da oração relativa *copiadora* pela função sintática de *complemento circunstancial* assumida pelo pronome relativo. Trata-se da influência dos tópicos discursivos *moradia* e *passeio (saída)*, muito presentes no tipo de inquérito DID do NORPOFOR, os quais demandam, quando os falantes operam estratégias de relativização, construções com complementação circunstancial. Vejamos a seguir, excertos de fala que contêm orações relativas *copiadoras* nesse contexto.

- (89) ave Maria demais a [rua] Dona Leopoldina *que eu morei lá* quase quinze ano nin/tem pouca gente lá conhecido as casa tudo diferente tudo modificado (NORPOFOR, DID, 95)
- (90) hoje em dia () nesse canto *que eu moro aqui* tá... (desmanchei)... aí tinha uns amigos que disseram... nã::o você pode trabalhar... eu cheguei tarde... tava tudo desmanchado tava/ tava/ tava/ tava quase pronta... (NORPOFOR, DID, 19)
- (91) essa casa que eu morava nesse período *que eu morei lá* eu até na minha casa tinha... um terreno do lado assim dois lotes de terra como meu pai era agricultor e eu tinha experiência de plantador assim né? (NORPOFOR, DID, 148)
- (92) foi o seguinte... venderam o terreno *que nós morava lá* e era uma vilazinha né... entendeu?... e::: foi tipo (capião)... você... vendia a vila depois o dono deu uma parte do terreno pra nós né... então o dinheiro daquela época né... o meu pai pegou e gastou o dinheiro... e num tinha onde morar e foi o jeito (vir) pra cá... (NORPOFOR, DID, 81)
- (93) porque no tempo eu morava na na eu morava na aqui na rua da () na Tomé de Souza morava na casa da minha tia né ai eu comecei a andar:: conhecer ai eles né no tempo eles tinha um bar aqui *que eu comecei a andar lá* comecei a lavar copo comecei a ajudar né dar aquela parcela de ajuda então sempre eu fui assim (NORPOFOR, DID, 103)
- (94) aí toda vez quando eu chegava na casa da... do tio dele *que eu andava lá* aí nós nos desencontrávamos quando eu chegava ele tinha acabado de sair ou então quando ele tá ele já tinha acabado de ((Doc. parece fazer uhm-hum)) / tinha acabado de ir embora era assim... (NORPOFOR, DID, 17)

Nos fragmentos de transcrição de fala (89) a (92), podemos perceber que os informantes falam sobre o assunto *moradia*, manifestando o uso de estratégias de relativização *copiadoras*, cujos pronomes relativos assumem função de *complemento*

circunstancial, argumento exigido pelo verbo *morar* e reforçado anaforicamente pelas cópias *aqui* e *lá*, advérbios de valor locativo. O mesmo acontece nas ocorrências (93) e (94) com o verbo *andar* no sentido de *ir a passeio*, que também necessita de complementação circunstancial locativa, assumida pelo relativizador e correferenciada pelo *lá*.

Após essas considerações, finalizamos a análise dessa variável, afirmando que, assim como a função de *complemento relativo* para o relativizador no favorecimento da estratégia *cortadora*, a função de *complemento circunstancial* no beneficiamento da estratégia *copiadora* revelou-se uma particularidade do falar popular de Fortaleza, conferindo aspecto inovador ao nosso estudo quanto a esse ponto e, conseqüentemente, enriquecendo o estado da arte sobre a relativização.

Na próxima e última subseção, sumarizamos os resultados relativos a essa última rodada analítica.

5.4.6 Súmula dos resultados da rodada *copiadoras vs. padrão*

Nesta última rodada analítica, voltada para a concorrência variável entre estratégias de relativização *copiadoras vs. padrão*, o programa estatístico selecionou cinco grupos de fatores como favorecedores da aplicação da regra (a relativa *copiadora*) no falar popular fortalezense. O primeiro grupo selecionado foi o *traço ±humano do antecedente*, no qual a carga semântica *+humano* (PR 0.852 e 87,9%) revelou-se como aliada à aplicação da regra. A segunda variável elegida pelo Goldvarb X foi a *preposição regida pelo verbo/nome*, em que as requisições do *de* (PR 0.835 e 88,9%) e do *com* (PR 0.835 e 72,7%) lideraram o favorecimento da relativa *copiadora*. O terceiro grupo de fatores selecionado foi de natureza social, a *faixa etária*, em que as *faixas II* (0.753 e 49%) e *III* (0.599 e 27,1%) beneficiaram a variante de aplicação, apontando a relativização, quanto ao enquadramento sociolinguístico do fenômeno, como um caso de *variação estável*. A quarta variável independente indicada pelo programa estatístico foi o *traço ±definido do antecedente*, tendo o aspecto *-definido* (PR 0.780 e 65,8%) mostrado-se como aliado à estratégia *copiadora*. O quinto e último grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb X foi a *função sintática do pronome relativo*, cujos fatores *complemento circunstancial* (PR 0.727 e 33,3%) e *complemento relativo* (PR 0.673 e 78,6%) manifestaram-se como altamente favorecedores da relativa *copiadora*, indiciando um comportamento linguístico peculiar ao português popular fortalezense e conferindo à nossa investigação um tom inédito quanto a esse grupo, haja vista tais funções não terem sido exploradas separadamente nos estudos de nossa revisão de literatura.

Após traçarmos a discussão acerca dos resultados relativos à nossa última rodada analítica e tendo-a sumarizado quanto à atuação dos grupos de fatores elegidos como relevantes para a estratégia *copiadora* pelo programa computacional, rumemos para as nossas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente investigação, o nosso objetivo foi analisar, à luz dos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a influência dos condicionadores linguísticos e sociais sobre o fenômeno das estratégias de relativização de contexto posicionado no português popular de Fortaleza.

A título de rememoração, reproduzimos, a seguir, as questões de pesquisa a que buscamos responder para atingir o nosso objetivo investigativo:

- a) Quais variáveis linguísticas (*traços semânticos do antecedente* \pm *humano*, \pm *definido* e \pm *singular*, *função sintática do pronome relativo*, *distância entre o pronome relativo e o termo relativizado*, *estado de ativação do antecedente*, *preposição usada pelo antecedente e pelo pronome relativo*, *posição da relativa em relação à principal*, *tipo de oração relativa*, *preposição regida pelo verbo/nome*) condicionam as estratégias de relativização *padrão*, *cortadora* e *copiadora* no português popular fortalezense?
- b) Quais variáveis sociais (*sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*) condicionam as estratégias de relativização *padrão*, *cortadora* e *copiadora* no português popular fortalezense?
- c) O comportamento variável dessas estratégias recebe o enquadramento de uma possível mudança em curso ou de um processo de variação estável no português popular da comunidade de fala em análise?

Em resposta à primeira questão de pesquisa, os nossos resultados indicaram que as variáveis linguísticas condicionadoras do fenômeno em tela, no português popular fortalezense, foram *traço semântico* \pm *humano do antecedente*, *traço semântico* \pm *definido do antecedente*, *função sintática do pronome relativo*, *tipo de oração relativa*, *preposição regida pelo verbo/nome*. Os demais grupos de fatores linguísticos não foram selecionados como relevantes pelo programa estatístico.

Já em resposta à nossa segunda questão investigativa, os nossos resultados apontaram que a *faixa etária* foi a única variável independente de natureza social selecionada pelo Goldvarb X.

No quadro 10 seguinte, explanamos a influência das variáveis linguísticas e sociais nas três rodadas analíticas que discutimos.

Quadro 10 – Síntese dos fatores favorecedores de cada variante em nossa investigação

Rodada Binária/Aplicação da regra	Grupos de fatores relevantes por ordem de prioridade com favorecedores da aplicação sublinhados
<p>1ª Rodada</p> <p>Relativas não padrão (cortadoras + copiadoras)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Preposição regida pelo verbo/nome: <u>de, com, em</u>, em;</i> • <i>Tipo de oração relativa: <u>restritiva</u>, explicativa;</i> • <i>Função sintática do pronome relativo: <u>complemento relativo, adjunto adverbial</u>, complemento circunstancial;</i> • <i>Traço semântico ± definido do antecedente: +definido, <u>-definido</u>;</i> • <i>Faixa etária: faixa I (15-25 anos), <u>faixa II (26-49 anos), faixa III (50 anos em diante)</u>.</i>
<p>2ª Rodada</p> <p>Relativas cortadoras</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Função sintática do pronome relativo: <u>complemento relativo, adjunto adverbial</u>, complemento circunstancial;</i> • <i>Tipo de oração relativa: <u>restritiva</u>, explicativa;</i> • <i>Preposição regida pelo verbo/nome: <u>de, com, em</u>, em;</i> • <i>Traço semântico ± definido do antecedente: +definido, <u>-definido</u>.</i>
<p>3ª Rodada</p> <p>Relativas copiadoras</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Traço semântico ± humano do antecedente: <u>+humano</u>, – humano;</i> • <i>Preposição regida pelo verbo/nome: <u>de, com, em</u>, em;</i> • <i>Faixa etária: faixa I (15-25 anos), <u>faixa II (26-49 anos), faixa III (50 anos em diante)</u>;</i> • <i>Traço semântico ± definido do antecedente: +definido, <u>-definido</u>;</i> • <i>Função sintática do pronome relativo: <u>complemento relativo, adjunto adverbial, complemento circunstancial</u>.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da sistematização do quadro 10, podemos perceber que as estratégias de relativização no português popular de Fortaleza é um fenômeno variável proeminentemente condicionado por grupos de fatores de natureza linguística. Isso atesta, conforme já mencionamos, o caráter altamente sistêmico desse fenômeno, ou seja, sua variação é governada por aspectos linguísticos peculiares da comunidade de fala analisada.

E essa constatação ganha robustez ao observarmos que, nas três rodadas, as variáveis independentes selecionadas foram praticamente as mesmas, afora algumas especificidades, a saber: o *tipo de oração* foi selecionado apenas nas duas primeiras rodadas; o *traço semântico ±humano do antecedente*, apenas na terceira rodada; e a *faixa etária*, somente na primeira e terceira rodadas.

Para essa última variável de natureza social, única selecionada em nossos resultados, podemos perceber, a partir do quadro 10, que as faixas *intermediária* e *idosa* são

favorecedoras das variantes elegidas como aplicação da regra nas duas referidas rodadas. Isso nos apontou, portanto, em resposta à nossa última questão de pesquisa e, conforme já mencionamos em nossa análise, que as estratégias de relativização se enquadram sociolinguisticamente como um caso de *variação estável* na comunidade de fala investigada.

Cabe, ainda, elucidarmos a confirmação ou refutação de nossas hipóteses lançadas no início desta investigação. Quanto às três hipóteses gerais – as variáveis linguísticas condicionam mais a variação das estratégias relativas do que as variáveis sociais, as orações relativas *cortadoras* se sobrepõem às demais variantes e as estratégias de relativização enquadram-se como um caso de variação estável no falar popular fortalezense –, os nossos resultados confirmaram-nas. Já em relação aos grupos de fatores apontados como relevantes nas rodadas de nossa análise, julgamos conveniente construir o quadro 11, a seguir, que sistematiza sinteticamente a checagem das hipóteses iniciais.

Quadro 11 – Checagem das hipóteses iniciais sobre as variáveis relevantes nas 3 rodadas

(continua)

Variável Independente	Hipótese Inicial	1ª Rodada (<i>cortadoras</i> + <i>copiadoras</i>) vs <i>padrão</i>	2ª Rodada <i>cortadoras</i> vs <i>padrão</i>	3ª Rodada <i>copiadoras</i> vs <i>padrão</i>
<i>Tipo de oração relativa</i>	Orações adjetivas <i>explicativas</i> favorecem o uso da <i>copiadora</i> , enquanto as <i>restritivas</i> privilegiam o uso da <i>padrão</i> e da <i>cortadora</i> .	Hipótese parcialmente confirmada. A oração <i>restritiva</i> beneficia não só a <i>cortadora</i> , mas também a <i>copiadora</i> , enquanto a <i>explicativa</i> é aliada da relativa <i>padrão</i> .	Hipótese parcialmente confirmada. O tipo <i>restritiva</i> beneficia a <i>cortadora</i> , e o tipo <i>explicativa</i> é aliada da relativa <i>padrão</i> .	
<i>Preposição regida pelo verbo/nome</i>	As preposições requeridas que favorecem o emprego das <i>cortadoras</i> e <i>copiadoras</i> são <i>por</i> , <i>de</i> , <i>com</i> e <i>a</i> , enquanto <i>em</i> beneficia a <i>padrão</i> .	Hipótese confirmada. Das preposições controladas, <i>de</i> e <i>com</i> favoreceram as variantes <i>não padrão</i> , enquanto <i>em</i> mostrou-se aliada à <i>padrão</i> .	Hipótese confirmada. Das preposições controladas, <i>de</i> e <i>com</i> favoreceram a relativa <i>cortadora</i> , enquanto <i>em</i> mostrou-se aliada à <i>padrão</i> .	Hipótese confirmada. Das preposições controladas, <i>de</i> e <i>com</i> favoreceram a relativa <i>copiadora</i> , enquanto <i>em</i> mostrou-se aliada à <i>padrão</i> .

Quadro 11 – Checagem das hipóteses iniciais sobre as variáveis relevantes nas 3 rodadas

(conclusão)

Variável Independente	Hipótese Inicial	1ª Rodada (<i>cortadoras</i> + <i>copiadoras</i>) vs <i>padrão</i>	2ª Rodada <i>cortadoras</i> vs <i>padrão</i>	3ª Rodada <i>copiadoras</i> vs <i>padrão</i>
<i>Função sintática do pronome relativo</i>	O <i>objeto indireto</i> favorece o uso da <i>cortadora</i> , enquanto o <i>adjunto adverbial</i> privilegia o uso das variantes <i>padrão</i> e <i>copiadora</i> .	Hipótese não confirmada. O <i>objeto indireto</i> sofreu nocaute, e o <i>adjunto adverbial</i> é favorecedor das relativas <i>não padrão</i> (<i>cortadoras</i> e <i>copiadoras</i>).	Hipótese não confirmada. O <i>objeto indireto</i> sofreu nocaute, e o <i>adjunto adverbial</i> é favorecedor das relativas <i>cortadoras</i> . Essa variável apresentou resultado inédito em nosso estudo.	Hipótese parcialmente confirmada. O <i>objeto indireto</i> sofreu nocaute, e o <i>adjunto adverbial</i> é favorecedor das relativas <i>padrão</i> . Essa variável apresentou resultado inédito em nosso estudo.
<i>Traço semântico ± definido do antecedente</i>	O traço <i>+definido</i> , favorece o uso da <i>cortadora</i> , enquanto o traço <i>-definido</i> beneficia a <i>copiadora</i> .	Hipótese parcialmente confirmada. O traço semântico <i>-definido</i> é aliado das relativas <i>não padrão</i> em conjunto.	Hipótese não confirmada. O traço semântico <i>-definido</i> é aliado das relativas <i>cortadoras</i> .	Hipótese confirmada. O traço semântico <i>-definido</i> é aliado das relativas <i>copiadoras</i>
<i>Traço semântico ± humano do antecedente</i>	O traço <i>-humano</i> , favorece o uso da <i>cortadora</i> , enquanto o traço <i>+humano</i> beneficia a <i>copiadora</i> .	_____	_____	Hipótese confirmada. O traço <i>+humano</i> é aliado à variante <i>copiadora</i> .
<i>Faixa etária</i>	A <i>cortadora</i> ocorre na fala de informantes de todas as faixas, mas os mais jovens tendem a empregarem-na mais que adultos e idosos.	Hipótese não confirmada. Os mais jovens inibem o uso das relativas <i>não padrão</i> , enquanto adultos e idosos favorecem-no.	_____	Hipótese não confirmada. Os mais jovens inibem também o uso das relativas <i>copiadoras</i> , ao contrário dos adultos e idosos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos conferir no quadro 11, corroboramos (total ou parcialmente) ou não as hipóteses iniciais de nosso estudo. Queremos dar ênfase ao grupo de fatores *função sintática do pronome relativo*, cujos resultados conferiram à nossa investigação um tom inovador.

Consoante identificamos e discutimos na segunda rodada de nossa análise, a significativa atuação da função de *complemento relativo* assumida pelo relativizador é motivada pela existência de usos linguísticos cristalizados na comunidade de fala popular fortalezense, quando os falantes operam com a estratégia de relativização *cortadora* cujo pronome relativo assume função de *complemento relativo*, notadamente dos verbos *falar* e *gostar* (como nas ocorrências “...essa parte da respiração *que eu falei...*” e “...uma coisa *que eu já gostava né...*”, retiradas de nossa amostra). Com base nos números estatísticos e na acurada observação dos nossos dados, percebemos que, com construções de complementação relativa para o verbo *falar*, a anaforicidade do processo de relativização já vem bem marcada pela própria carga semântica desse verbo, ligando-o diretamente ao seu argumento (o *complemento relativo*), ainda que este seja de natureza preposicionada; assim, o falante fortalezense dispensa a preposição e faz uso da estratégia de relativização *cortadora*. Essa estratégia é empregada também nas construções de complementação relativa para o verbo *gostar*, que traz uma carga semântica emotiva/avaliativa, indicando o envolvimento do informante com o conteúdo discorrido e, conseqüentemente, a baixa atenção à própria fala, o que o leva a dispensar o uso da preposição antecedente ao argumento desse verbo (o *complemento relativo*, função aderida pelo pronome relativo).

Na terceira rodada, por seu turno, o *complemento relativo* continuou a ser favorecedor, mas, dessa vez, da relativa *copiadora*. Para essa estratégia, a atuação desse fator motivou-se também pelos usos cristalizados existentes nas construções das relativas com o verbo *gostar* e *falar*, usos esses que se deram não com o corte da preposição (como ocorre com a *cortadora*), mas na sua transposição para junto da cópia (como nas ocorrências “...uma menina *que eu gosto muito dela...*” e “...um homem *que todo mundo falava dele...*”, retiradas de nossa amostra). Nessa rodada analítica, ainda, a função sintática de *complemento circunstancial* assumida pelo pronome relativo também imprimiu caráter inovador ao nosso estudo, sobretudo nos contextos de fala cujos tópicos discursivos abordados pelos informantes eram *moradia* e *passeio (saída)*, muito presentes no tipo de inquérito DID do NORPOFOR.

Com efeito, esses resultados significativos referentes às funções sintáticas de *complemento relativo* e *complemento circunstancial* para o relativizador apontaram para peculiaridades do falar fortalezense atinentes às estratégias de relativização *cortadora* e

copiadora, o que não foi encontrado ou comentado pelos estudos anteriores que compuseram o nosso estado da arte.

Por meio desta investigação, que ora findamos, pudemos evidenciar o detalhamento sociolinguístico acerca de mais um fenômeno variável no português popular da capital cearense: as estratégias de relativização em contexto de sintagmas preposicionados. O comportamento variável desse fenômeno sintático revelou-se altamente sistêmico, ou seja, condicionado preponderantemente por fatores linguísticos, uma vez que a *faixa etária* foi o único grupo de fatores extralinguísticos sinalizado como estatisticamente relevante, indicando as relativas como um caso de *variação estável* no falar popular fortalezense. Isso nos reporta ao argumento convincente de Labov (1978), ao afirmar que a realização de estudos sociolinguísticos não implica a preocupação unilateral de averiguar apenas os condicionadores sociais dos fenômenos em variação, mas também a atenção aos fatores estruturais que governam essa variação, o que ocorreu em nosso estudo. Isso nos aponta que há fatores linguísticos peculiares a uma comunidade que condicionam o seu falar mais do que outros.

Estamos cientes de que as possibilidades para o estudo da relativização não foram de todo esgotadas, inclusive nos próprios falares de Fortaleza. Conforme já colocamos, Pinheiro (1998) investigou as estratégias de relativização de ambiência preposicionada na fala culta, com dados do PORCUFORT *Fase I*; nós empreendemos esta investigação com as relativas desse mesmo contexto nos dados do DID do NORPOFOR. Não obstante, o fenômeno falta ser explorado em outros tipos de registro do NORPOFOR, bem como nos dados do PORCUFORT *Fase II*, que se encontra em fase de constituição e abre possibilidades até mesmo a investigações variacionistas em tempo real com as estratégias de relativização. Tais lacunas mostram que os estudos acerca da relativização podem ser continuados na seara da linguística variacionista dos falares de Fortaleza, permitindo uma extensão do mapeamento sociolinguístico desse fenômeno no português brasileiro.

Não podemos deixar de considerar que nossa investigação também traz implicações para o ensino de língua portuguesa, fornecendo a este subsídios descritivos e analíticos, inclusive para a produção de materiais didáticos, uma vez que as orações relativas é um assunto bastante presente nas aulas dessa disciplina. Mostrar aos alunos que essas orações passam por variação e que isso se deve a padrões linguísticos e sociais permite-lhes um entendimento mais amplo de sua língua, que é heterogênea e dinâmica, e não um sistema rígido ou fechado em si mesmo.

Finalizamos nosso estudo com a certeza de que ele contribui para o conhecimento de especificidades variacionistas do português fortalezense, para a expansão dos mapeamentos sociolinguísticos do português brasileiro e para o ensino e produção de material didático de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. C. B. **Aquisição de orações relativas no português brasileiro**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ALKMIM, T. Sociolinguística – Parte I. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- AMORIM, M. B. **Orações adjetivas não-prototípicas do português: relações discursivas e gramaticais**. 2011. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/28512098-Universidade-federal-fluminense-monika-benttenmuller-amorim-oracoes-adjetivas-nao-prototipicas-do-portugues-relacoes-discursivas-e-gramaticais.html>. Acesso em: 22 out. 2019.
- ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, M. L. S. O banco de dados NORPOFOR. *In*: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, M. L. S. (org.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.
- ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova**, Universidad de Barcelona, v. VII, n. 146, p. 1-16, 2003. Disponível em: [http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146(030).htm). Acesso em: 10 jul. 2020.
- AVELHEDA, A. C. C. Estratégias de relativização na escrita culta padrão. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 93-121, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4027>. Acesso em: 22 out. 2019.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAGNO, M. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BARROS, A. L. **O uso da relativa cortadora na fala pessoense**. 2000. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 10, n. 1, p.163-186, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v10n1/06Edvaldo.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

BISPO, E. B. **Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino**: o caso das cortadoras. 2009.164 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16305/1/EdvaldoBB.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

BISPO, E. B. Estratégias de relativização no PB: motivações discursivo-interacionais e cognitivas. *In*: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 131-155. (Coleção Biblioteca).

BISPO, E. B. Relativa restritiva em perspectiva construcional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, set. 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1200>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BOMTEMPO, D. C. A dinâmica demográfica da Região Metropolitana de fortaleza no início do século XXI. *In*: COSTA, M. C. L.; PEQUENO, R. (ed.). **Fortaleza**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 142-184. Disponível em: https://observatoriodasmetroles.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/serie_ordemurbana_fortaleza.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 93-129.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BRAGA, M. L.; SILVA, G. M. O. Discurso e abordagens quantitativas. **Alfa**, São Paulo, n. 41 (especial), p. 41-55, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4031/3695>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. [dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais]. **Diário Oficial da União**: seção1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 mai. 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRIGHT, W. **Sociolinguistics**: Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference. The Hague Paris: Mouton & CO, 1971. Disponível em: https://trove.nla.gov.au/work/10657801?q&sort=holdings+desc&_=1571934744572&versionId=12432257. Acesso em: 6 out. 2019.

BURGOS, L. E. S. **Estratégias de uso das relativas em uma comunidade de fala afro-brasileira**. 2003, 122f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

BYBEE, J. **Language, usage, and cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.

CAMACHO, R. G. Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 179-214, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/76199>. Acesso em: 22 out. 2019.

CAMACHO, R. G. Regularização das relativas de lacuna: motivações em competição. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 131-161.

CÂMARA, A. L. **A oração relativa em português sob a perspectiva discursivo-funcional**: interface entre a descrição e o ensino. 2015. 177 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127788/000845661.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 out. 2019.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOMSKY, N. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). **Formal syntax**. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

COAN, M.; CARVALHO, A. P. L. Relativização na escrita jurídica. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 17, n. 37, p. 3-18, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12675>. Acesso em: 22 out. 2019.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística).

CORRÊA, V. R. **Oração relativa**: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269159/1/Correa_VilmaReche_D.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

COSTA, M. C. L.; AMORA, Z. B. Fortaleza na rede urbana brasileira: de cidade à metrópole. In: COSTA, M. C. L.; PEQUENO, R. (ed.). **Fortaleza**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 31-76. Disponível em: https://observatoriodasmetropoles.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/serie_ordemurbana_fortaleza.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DANTAS, E. W. C. O centro de Fortaleza na contemporaneidade. *In*: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. (org.). **De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 187-227.

DUARTE, M. E.; PAIVA, M. C. A variação linguística e papel dos fatores linguísticos. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, n. especial, p. 91-120, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/viewFile/32347/20547>. Acesso em: 6 nov. 2019.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. *In*: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 9-29.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, New York, n. 14, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidade e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.

GIRÃO, R.; MARTINS FILHO, A. **O Ceará**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

GUY, G. R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões da variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194>. Acesso em 28 out. 2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HYMES, D. Acerca de la Competencia Comunicativa. *In*: Llobera, M. *et al.* **Competencia comunicativa: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras**. Madrid: Edelsa, 1995.

ILARI, R. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. **English Transformational Grammar**. London: Ginn and Company Ltd, 1970.

KATO, M. A. *et al.* Construções-Q na gramática do português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. *In*: KOCH, I. G. V. (ed.). **Gramática do português falado**. v. 6: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 309-374.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. (Coleção Repertórios)

KATO, M. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. Estudos linguísticos, SEMINÁRIOS DO GEL, 5, São Paulo, 1981. **Anais...** São Paulo, 1981. p. 1-16.

KENEDY, E. As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de pied-piping. **Veredas – Psicolinguística**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 92-111, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo07.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

KENEDY, E. Estruturas sintáticas de orações relativas. *In*: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014. (Coleção Biblioteca). p. 11-46.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento?: não basta ensinar a ler e a escrever?** [S.l.]: Cefiel/IEL/Unicamp/MEC, 2005. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. v. 2. Madrid: Gredos, 1994.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. 2 ed. Cambridge: University Press, 2006.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop?: A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistics Working Paper**, Texas, n. 44, p. 1-16, 1978. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, London, n. 7, p. 171-183, 1978. Disponível em: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=2923932>. Acesso em: 28 out. 2019.

LEES, R. B. **The Grammar of english nominalizations**. The Hague: Mouton & Co, 1966.

LESSA DE OLIVEIRA, A. S. C. **As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. 2008. 188 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269091>. Acesso em: 22 out. 2019.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LONGO, B. N. O.; SOUZA, L. R. F.; MICHELIN, R. C. A relativização no português culto. **Alfa**, São Paulo, v. 38, p. 165-179, 1994. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3962>. Acesso em: 22 out. 2019.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52637/32355>. Acesso em: 24 out. 2019.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MACHADO, V. B. **As orações relativas nas atas de audiência pública da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG): uma abordagem sociolinguística**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5929/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Ora%C3%A7%C3%B5esRelativasAtas.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C. Relativas livres. *In*: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014. (Coleção Biblioteca). p. 47-73.

MATTA, S. S. **Um estudo sobre a compreensão de orações relativas com crianças em idade escolar**. 1999. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24561/D%20-%20MATTA,%20SOZANGELA%20SCHEMIM%20DA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 out. 2019.

MAY, G. H. **Labov e o fato social**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. London & NY: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C. **(De) que falamos?**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

MOLLICA, M. C. **O estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 27-31.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.
- PAIVA, M. C. Transcrição de dados linguísticos. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-146.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. *In*: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-149.
- PEQUENO, R. Mudanças na estrutura socioespacial da metrópole: Fortaleza entre 2000 e 2010. *In*: COSTA, M. C. L.; PEQUENO, R. (ed.). **Fortaleza**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 187-237. Disponível em: https://observatoriodasmetrosoles.net.br/arquivos/biblioteca/abook_file/serie_ordemurbana_fortaleza.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.
- PEREIRA, Maria Angela Botelho. **Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no Português Contemporâneo**. 1974. 265 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- PERRONI, M. C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 59-79, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v17n1/a03v17n1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- PINHEIRO, C. L. **A relativização no português oral culto de Fortaleza**. 1998. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.
- PINHEIRO, C. L.; ARAÚJO, A. A. Variação, mudança e tradição dos textos: um estudo com orações relativas. *In*: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói: Editora da UFF, 2014. (Coleção Biblioteca). p. 75-94.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

- RAMOS, J. O. **Descrição das estratégias de relativização no português de Belo Horizonte**: uma abordagem variacionista. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170623140324.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.
- RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (coord.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- RIBEIRO, I.; FIGUEIREDO, C. Relativas. *In*: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 208-240. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/48/pdf/lobo-9788523208882-07.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 10 jun. 2019.
- SANTOS, J. C. **O comportamento das estratégias de relativização na escrita culta jornalística brasileira**. 2015. 185 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letas.ufrj.br/images/Posvernaculas/3-mestrado/dissertacoes/2015/11-SantosJC.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007. p. 197-198.
- SILVA, J. C. **As orações relativas no português falado em Feira de Santana-BA**. 2018. 219 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/691>. Acesso em: 23 out. 2019.
- SILVA, J. C.; FIGUEIREDO, C.; ARAÚJO, S. S. F. As orações relativas no falar feirense: uma descrição preliminar. **A Cor das Letras**, v. 17, n. 1, 2016, p. 31-45. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1444>. Acesso em: 22 out. 2019.
- SILVA, R. V. O. **Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte**: uma abordagem variacionista. 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaRV_1.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-43. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.

SOUZA, C. R. **Relativa cortadora: movimento ou apagamento?** 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12509>. Acesso em: 22 out. 2019.

SOUZA, E. S. A. C. **A interpretação das cláusulas relativas no Português do Brasil: um estudo funcional**. 2009. 262 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://files.combinacaodeclausulas.webnode.com.br/2000000003-6f57d70520/A%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20das%20cl%C3%A1usulas%20relativas%20no%20portugu%C3%AAs%20do%20Brasil%20um%20estudo%20funcional.PDF>. Acesso em: 22 out. 2019.

SOUZA, E. S. A. C.; RODRIGUES, V. V. As orações com que tenho mais dificuldade são as relativas? Ou as orações que tenho mais dificuldade (com elas) são as relativas? *In*: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014. (Coleção Biblioteca). p. 95-129.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273f. Ph.D. dissertation (degree of Doctor in Linguist) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

VIEIRA, S. R. Sociolinguística e ensino de português: para uma pedagogia da variação linguística. *In*: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa**. Natal: EDUFRN, 2013. (Coleção ciências da linguagem aplicadas ao ensino). p. 55-90.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, v. 19, n. 1, [1978] 1983. Disponível em: <http://idiom.ucsd.edu/~rlevy/lign251/fall2007/cedergren-labov-1983.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A – CHAVE DE CODIFICAÇÃO PARA AS ORAÇÕES RELATIVAS NO NORPOFOR

(continua)

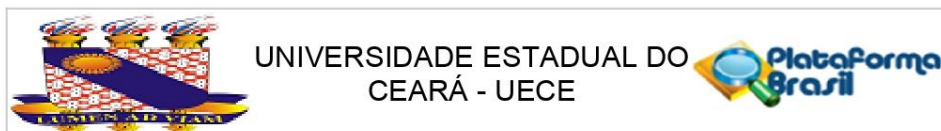
VARIÁVEL DEPENDENTE	CÓDIGOS
Relativa Padrão	p
Relativa Cortadora	c
Relativa Copiadora (resumptiva)	r
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
Sexo	CÓDIGOS
Masculino	+
Feminino	-
Faixa etária	CÓDIGOS
I. 15 a 25 anos	1
II. 26 a 49 anos	2
III. 50 anos em diante	3
Escolaridade	CÓDIGOS
A. 0-4 anos	A
B. 5-8 anos	B
C. 9-11 anos	C
Traço ± humano do antecedente	CÓDIGOS
+ humano	4
- humano	5
Traço ± definido do antecedente	CÓDIGOS
+ definido	6
- definido	7
Traço ± singular do antecedente	CÓDIGOS
+ singular	8
- singular	9
Função sintática do pronome relativo	CÓDIGOS
Objeto indireto	E
Complemento nominal	F
Complemento relativo	G
Complemento circunstancial	H
Adjunto adnominal	I
Adjunto adverbial	J
Distância entre PR e termo relativizado	CÓDIGOS
Presença de material interveniente	t
Ausência de material interveniente	a
Status informacional do antecedente	CÓDIGOS
Informação dada	d
Informação nova	n
Preposições usadas pelo TR e o PR	CÓDIGOS
Iguais	=
Diferentes	#
Não requerimento	!
Posição da relativa em relação à OP	CÓDIGOS
À direita	D
Encaixada	M

(conclusão)

Tipo de oração relativa	CÓDIGOS
Restritiva	s
Explicativa	v
Preposição regida pelo verbo/nome	CÓDIGOS
a	w
em	x
de	y
para	z
com	k
por	l

Fonte: Elaborada pelo autor.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UECE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA-CE

Pesquisador: VINICIUS DA SILVA VIEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 27136819.6.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.798.019

Apresentação do Projeto:

Nossa pesquisa, que analisará a variação linguística das estratégias de relativização (orações relativas), é de teor descritivo e quantitativo e será desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica de estudos gerados a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística preconizada por Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006), e por meio da análise de dados de fala a partir da Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista. Nosso corpus de pesquisa partirá de amostra do bancos de dados NORPOFOR (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). Dessa forma, nossa amostra será baseada na análise estratificada e composta da seguinte forma: Faixa Etária: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos) e III (50 anos em diante); Sexo: masculino e feminino; Escolaridade: A (0 a 4 anos), B (5 a 8 anos), C (9 a 11 anos). A partir disso, nossa amostra será composta por 72 inquéritos do Tipo DID (Documentador-Informante-Documentador) do NORPOFOR. Os dados serão coletados a partir da audição integral dos inquéritos selecionados em nossa amostra juntamente à busca das estratégias de relativização (orações relativas) preposicionadas (padrão, cortadora e copiadora) por meio da ferramenta 'localizar' do programa Microsoft Word. Após a codificação de todos os dados coletados, seguiremos com a análise estatística a partir do programa computacional GoldVarb X. Em nosso caso, utilizaremos a última versão do pacote Varbrul, o GoldVarb X (SANKOF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

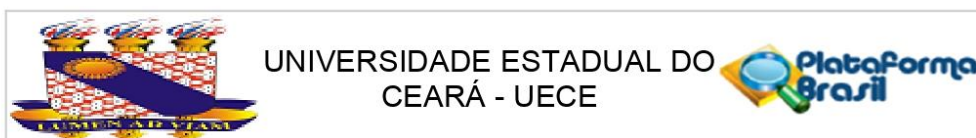
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 3.798.019

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estudar a variação das estratégias de relativização no português popular de Fortaleza.

Objetivo Secundário:

- Investigar a influência que as variáveis linguísticas exercem sobre a variação nas estratégias de relativização em amostra do NORPOFOR.
- Analisar a influência que as variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) exercem sobre a variação nas estratégias de relativização em amostra do NORPOFOR.
- Averiguar se a variação nas estratégias de relativização na comunidade de fala popular fortalezense enquadra-se como uma possível mudança em curso ou como um processo de variação estável.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Vazamento de identidades dos informantes.

Benefícios:

Benefícios:

Descrição da variação das estratégias de relativização (orações relativas) no português oral popular de Fortaleza-CE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a descrição sobre como os falantes do português popular de Fortaleza realizam suas estratégias de construção de recursos linguísticos de relativização. O projeto apresenta um quadro teórico-metodológico bem desenhado com critérios bem definidos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

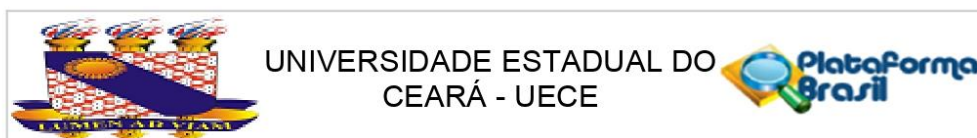
O único documento exigido para a aprovação deste projeto é o Termo de Fiel Depositário, posto que o pesquisador irá analisar os dados de um corpus já compilado. O documento encontra-se adequado.

Recomendações:

Indicar como poderá evitar o risco de vazamento de informação dos informantes.

Apresentar relatório final de pesquisa ao seu término.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br



Continuação do Parecer: 3.798.019

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1489097.pdf	17/12/2019 08:30:17		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	17/12/2019 08:22:18	VINICIUS DA SILVA VIEIRA	Aceito
Outros	Termo_fiel_depositario.pdf	11/12/2019 21:27:28	VINICIUS DA SILVA VIEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Vinicius.pdf	11/12/2019 21:19:36	VINICIUS DA SILVA VIEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 10 de Janeiro de 2020

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
Bairro: Itaperi **CEP:** 60.714-903
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3101-9890 **Fax:** (85)3101-9906 **E-mail:** cep@uece.br